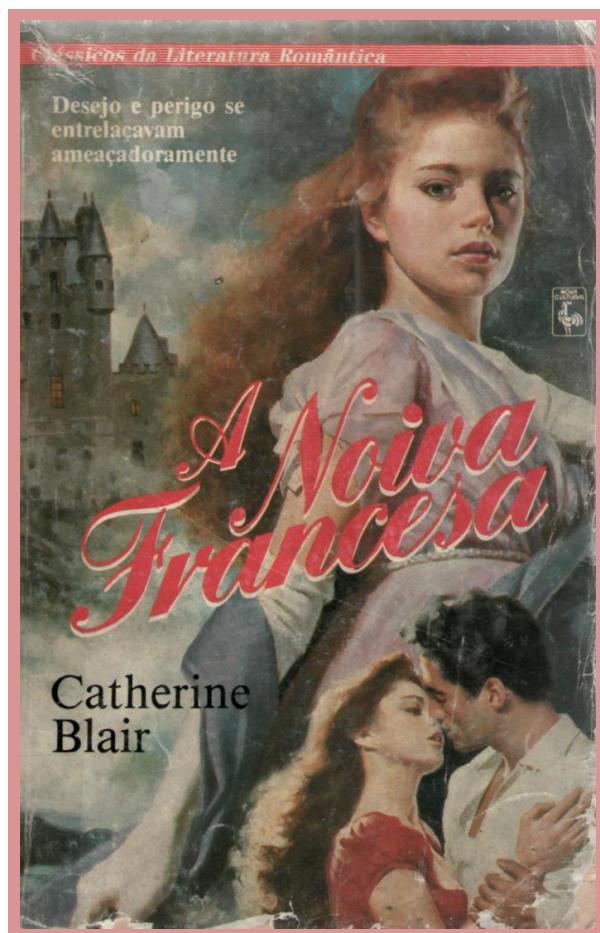




Desejo e perigo se entrelaçam ameaçadoramente

No alto dos escuros penhascos, dominando o mar revolto, o castelo de Escarpa Negra se erguia sombrio e silencioso. Seu novo lar, pensou Christine, cheia de apreensão. Pressentia algo de muito estranho naquele lugar, algo impalpável, perigoso.

Só agora conheceria o marido, lord Devlin, que com certeza estava tão infeliz quanto ela com o casamento arranjado e assinado à distância. Por quê ele havia concordado com aquela farsa: era apertas um entre tantos mistérios que Christine teria de desvendar. E ela seria levada às raias da loucura quando o belo e enigmático senhor do Castelo lhe despertasse uma tórrida e avassaladora paixão e insistisse em não consumir o casamento!



Digitalização: Marina

Revisão: Marlene

Formatação: Alê M



Copyright © 1991 by Gordia Byers

Publicado originalmente em 1991 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Título original: Devil Wind

Tradução: Flora Sellers

Copyright para a língua portuguesa: 1992

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

PRÓLOGO

A fisionomia de Gareth estava carregada quando seus olhos sombrios percorreram sem ver o jardim bem cuidado. Mais além, viam-se as margens das negras escarpas que delimitavam os domínios do castelo senhoril, construído havia mais de duzentos anos por seus antepassados. Gerações de Devlins haviam se postado naquela mesma janela para apreciar o espetáculo

das ramagens das árvores que se vergavam à fúria do vento marinho.

O eterno uivo do vento ressoava nas altas torres, ecoando incessantemente contra as pedras, envolvendo-os com seu canto a um tempo sinistro e doce. Mesmo em dias claros como aquele, em que o sol brilhava entre as ameias, envolvendo-as em tons de dourado esmaecido, o uivo do vento prosseguia com seu canto de sereia e jamais cessava. Era constante como a mudança de estação, variando apenas na intensidade. Às vezes era suave como as manhãs de primavera, enchendo o castelo de alegres risadas; noutras, tornava-se cruel como tempestade de inverno e açoitava impiedosamente as torres escuras, silvando e bramindo com ferocidade. Ventos Satânicos — esse fora o nome do castelo durante muitos anos. Mas o avô de Gareth, por achá-lo de maus eflúvios, trocara-o para Escarpa Negra.

— Então, meu velho — falou Robert Sinclair, batendo a cinza do cachimbo —, qual será sua resposta ao marquês?

Gareth olhou para a carta que amassara inconscientemente entre os dedos. Seu maior desejo seria negar-se a atender ao marquês, mas achava-se de pés e mãos atados; a honra da família obrigava-o a concordar. Virou-se devagar para o loiro primo, que o fitava com olhos azuis e aguados, lembrando-lhe vagamente a mãe. Robert puxara o lado dos Charmonts, enquanto Gareth era um puro Devlin, de tez trigueira e olhos tão negros quanto os cabelos.

— Diacho, Robert! Eu nunca tive a menor intenção de me casar! Essa agora! Mas o que eu posso fazer? Que escolha tenho? Não posso me recusar a cumprir uma promessa feita por meu pai, ainda que seja uma velha promessa.

— Você podia tentar explicar ao marquês. Talvez ele entenda sua posição.

— Beauvais? Duvido. Para começar, eu sou o primeiro a não entender como é que ele quer que sua única filha se case com alguém que ele nem conhece. Um homem desses jamais entenderia qualquer explicação que eu tentasse lhe dar. Pior ainda: não tenho uma boa razão para fugir do compromisso. Sou livre e desimpedido, e Bauvais sabe muito bem disso.

— Então vai dizer que sim? Vai se casar com a menina?

Gareth gemeu desgostoso.

— Não tenho alternativa, tenho? O marquês salvou a vida de papai, e agora cabe a mim fazer o mesmo pela filha dele. Ou seja: casando-se comigo, a moça estará sob minha proteção. Com isso, escapará da guilhotina. O marquês foi claro, primo. Como posso me negar?

— Bem, o remédio é encarar a coisa pelo lado bom. A garota pode dar uma ótima mulher, e, afinal, já estava na hora de você pensar em estabelecer família. Escarpa Negra precisa de herdeiros, meu velho.

As palavras de Robert deixaram Gareth mais sombrio ainda.

— Robert, você me surpreende. Sabe melhor do que eu que isso está totalmente fora de questão. Não quero saber de gerar crianças, para depois vê-las sofrer por causa do sangue que trazem nas veias.

— Pois é você que me surpreende, Gareth. Como é que ainda não tirou essa bobagem da cabeça? É um homem inteligente, pelo menos tem a aparência de um... Olhe à sua volta, primo. Este é seu castelo, sua herança de família. Não pode perder tudo só porque acredita nessa superstição.

A boca de Gareth curvou-se num simulacro de sorriso.

— Eu não chamaria a maldição dos Devlins de superstição. Nem você, se tivesse crescido e vivido à sombra dela, como eu. Essa maldição me envenena desde que nasci, e não pretendo deixá-la como herança para ninguém. Só há uma maneira de proteger meus descendentes, Robert. E essa maneira é, muito simplesmente, não ter descendentes. Os Devlins... a família Devlin terminará comigo.

Robert rolou os olhos para cima, como que para pedir ajuda divina, suspirando.

— Posso fazer uma pergunta bem breve?

— Uma só — retorquiu o castelão, sorrindo.

Gareth sentia-se incapaz de ficar irritado por muito tempo com o primo. Mesmo nos momentos mais difíceis, Robert sempre se mostrara generoso e útil; além disso, tinha temperamento alegre e brincalhão.

— Como vai aceitar a proposta do marquês e manter essa idéia

estapafúrdia de não ter filhos? Respeito sua força e capacidade, Gareth. Mas, ao que eu saiba, ainda não tem o poder de controlar a natureza.

— A natureza não. Mas posso controlar o modo como viverei com minha mulher.

Robert refreou a pergunta que quase lhe escapava da língua. Tinha a impressão de que o primo planejava não consumir o matrimônio, mas achou que os problemas conjugais de Gareth não eram de sua conta.

— E quando planeja partir para a França?

— Esse é outro ponto difícil — respondeu Gareth, dirigindo-se para a mesinha de centro.

Despejou um pouco de conhaque em dois copos de cristal e entregou o mais cheio ao primo, enquanto continuava, em tom levemente divertido:

— Não posso viajar no momento.

Robert aceitou o copo, encarando-o.

— Não estou gostando de sua cara. Diga-me, o que está tramando?

Gareth instalou-se na poltrona e riu baixinho.

— Já que o marquês insiste que o casamento seja feito sem demora, pensei que talvez você pudesse me conceder a honra de ir e ser meu representante legal.

Robert encarou-o, perplexo.

— Como é que é?!

— Preciso de sua ajuda, meu velho. O rei quer fazer uso de meus navios, e por essa razão devo partir para Londres o quanto antes.

— O rei George? Mas isso não faz sentido. Ele tem toda a esquadra britânica à disposição!

— Há coisas que não posso explicar, nem mesmo a você, primo.

O rei fizera-o prometer segredo a respeito da carga que estava para ser levada à Turquia, para auxiliar na luta contra a Rússia. Essa carga seria transportada às escondidas, em navios ostensivamente particulares, e não da esquadra inglesa.

— Eu não tinha intenção de bisbilhotar, Gareth — volveu Robert, ofendido. — E, honestamente, não sei como responder a esse estranho

pedido.

— É fácil. Basta dizer: Sim, Gareth, serei seu representante.

O outro suspirou, erguendo as mãos para o céu, dramático.

— Seja, então. Sim, Gareth, serei seu representante. E que Deus me perdoe!

Lord Devlin apertou vigorosamente a mão de Robert.

— Assim se diz, meu velho. Você tem sido um ótimo amigo. E primo.

— Do mesmo modo que você — tornou Robert, afetuoso. Gostava do primo mesmo quando este se encontrava no mais terrível mau humor, e conhecia o verdadeiro homem que se escondia sob uma capa de gélida indiferença, que valera ao sombrio dono de Escarpa Negra a fama de misterioso e estranho.

CAPÍTULO I

— Não, papai! E faça-me o grande favor de mandar embora *monsieur* Sinclair. Nem quero mais ouvir falar nesse assunto!

Christine dardejou o pobre e indefeso inglês com um olhar fuzilante.

— Minha filha — tornou o marquês de Beauvais, com calma paciência — em toda a minha vida cuidei para satisfazer sua vontade. Desta vez, porém, estou decidido, e você terá de me obedecer, queira ou não.

Christine lançou um novo olhar mortal contra Robert Sinclair, que se mexeu na cadeira, desconfortável.

Esse inglês intrometido era o grande culpado de tudo. Se não tivesse vindo à França, a fim de representar o primo naquele negócio sujo, nada disso teria acontecido. Agora, via-se na insustentável posição de enfrentar o pai pela primeira vez.

Perturbado por ter de testemunhar aquela briga familiar entre o marquês e aquela moça que parecia cheia de fogo e fúria, Robert Sinclair não achava posição na cadeira. Para se livrar dos olhos de esmeralda que o fitavam com brilho ameaçador, virou-se para a janela, concentrando-se nas flores do

jardim.

"Que chateação!", pensava, enquanto um sorriso irônico se desenhava em seus lábios. "Poderia até ser divertido, caso não se tratasse da felicidade de uma... não, duas pessoas."

— *Monsieur* Sinclair — chamou o marquês, forçando-o a voltar para o cenário da briga. — Peço-lhe desculpas pela impertinência de minha filha, mas asseguro-lhe que o casamento será realizado da maneira que combinamos.

Robert arriscou uma olhadela furtiva para a "impertinente", e não pôde deixar de sentir inveja do primo. Nem um pouco amedrontada diante das ameaças paternas, ela se mantinha altiva e ereta, o queixo petulantemente erguido. Os seios, fartos, forçavam o decote quadrado do elegante vestido. O sol, filtrando-se pelas vidraças sextavadas, parecia brincar de esconde-esconde na massa exuberante de cabelos castanhos claros, dando-lhe laivos de luminoso outono. Aos olhos de Robert Sinclair, era um quadro irresistível.

Observando a força de caráter da jovem pantera, contudo, Robert teve a súbita convicção de que ela seria capaz de se igualar a qualquer homem em coragem e inteligência. Qualquer um, até mesmo o taciturno senhor de Escarpa Negra. E a inveja começou a se esvaír, cedendo lugar à esperança de que, afinal, tudo poderia dar certo. Christine ainda era nova e inexperiente, mas Robert não tinha dúvida de que ela se tornaria uma mulher e tanto — exatamente sob medida para o primo. Para si próprio, preferiria uma moça menos fogosa, menos complicada. Alguém que o fitasse com amor, não com rebeldia.

Quando se apercebeu de que não tirava os olhos de Christine havia alguns minutos, Robert ficou desconcertado. Disfarçou, limpou a garganta e fez um largo gesto com a mão.

— Por favor, nada de desculpas. De qualquer modo, é uma pena que *mademoiselle* não compartilhe suas idéias sobre esse casamento. Mas creio que, uma vez instalada em Escarpa Negra, ela acabará concordando com você.

— Nunca! — explodiu ela, furiosa. — Vocês dois aí ficam falando como se eu fosse uma... um bibelô francês à venda! Sou de carne e osso, sabiam? E

estou sendo enviada para longe, a fim de bancar a mulher de um grosseirão que nem sequer teve a cortesia de vir se casar pessoalmente! É demais!

A cada palavra que Christine cuspiu, brandindo os punhos, Robert piscava.

— Minha criança, eu já expliquei tudo à exaustão. *Lord* Devlin tinha negócios urgentes para tratar, por isso não pôde vir.

— Então sugiro que adiemos esse... esse casamento de araque até que — aqui Christine caprichou no sotaque inglês, com suprema ironia — até que *lord* Devlin possa dispor de seu precioso tempo para coisa tão insignificante.

— Não. O casamento será amanhã cedo, como o planejado. Tudo já está preparado; o padre deverá chegar aqui esta tarde.

Christine teve vontade de gritar. A vergonha e a frustração que sentia eram insuportáveis, trazendo-lhe lágrimas aos olhos. Teve que lutar para não bater o pé e se atirar ao chão, como fazia quando era pequena. Todavia, um acesso desse tipo seria contraproducente no momento. Seu pai era tão teimoso quanto ela; a única esperança de não estar casada no dia seguinte seria tentar convencê-lo com palavras carinhosas.

— Papai, não compreende meus sentimentos? Não faço objeção quanto a você escolher meu marido; sei que esse é o costume. Mas não tolero o fato de ele ser estrangeiro, com isso não posso concordar! Por que tenho de viver longe de minha casa, de minha família? Prefiro me casar com um filho da França!

A esperança cresceu quando Christine divisou um traço de angústia na expressão do pai.

— Não, filha. Já tomei minha decisão e você vai se conformar com ela. E considero esse assunto resolvido, de uma vez por todas.

Incapaz de conter as lágrimas por mais tempo, Christine fugiu da sala e voou escada acima, em busca do refúgio de seu quarto. O estrondo violento da porta ecoou pelas paredes do castelo, como que num protesto impotente contra o marquês.

Este sacudiu a cabeça com tristeza, deixando-se cair de volta nas almofadas bordadas da poltrona.

— Fiz o que tinha de fazer para protegê-la, Robert. Mas sei que ela nunca me perdoará quando souber a verdadeira razão de eu mandá-la para a Inglaterra.

— Tudo o que interessa é o bem-estar de Christine. Quando eu estava em Londres, ouvia rumores sobre os tumultos daqui, e pensava que eram exagerados. Mas agora que vi com meus próprios olhos as barricadas, as pessoas brandindo armas e foices... O marquês devia fugir daqui também, juntamente com a marquesa.

Beauvais se ergueu e apontou para a janela.

— Veja, Robert. Essas são as minhas vinhas, que se estendem a perder de vista. Com elas minha família abasteceu as adegas reais durante séculos. Fugir daqui, como? Este é meu país, e é aqui que pretendo morrer. Talvez um dia essa loucura acabe. E então minha filha poderá voltar e reivindicar a posse destas terras... Talvez.

— As coisas estão pretas — insistiu Robert, num esforço para fazer o marquês compreender a gravidade da situação. — O rei Luís está preso, e os jacobinos já se apossaram das províncias. O regime que o senhor conheceu não existe mais, segundo a nova constituição.

— Já tivemos problemas antes, e a monarquia conseguiu superá-los com facilidade. Meus netos ainda hão de ver um rei no trono da França.

Robert preferiu calar-se. Depois do que vira e ouvira quando chegara à França, tinha quase certeza de que o sonho do marquês não se realizaria. O calor avassalador daquele verão havia posto mais fogo no ânimo dos partidos dissidentes. Ratos, moscas e falta de comida foram o estopim que faltava para transformar o povo faminto em hordas insanas, prontas a aceitar as promessas de Robespierre e Marat — homens determinados a esmagar a nobreza, que, por outro lado, achava-se inegavelmente decadente. Sinclair duvidava que a França voltasse a ser o que era; ao contrário, o país parecia seguir um caminho inexorável, rumo à destruição de tudo o que o marquês representava.

— Agora, *monsieur*, se me permite, gostaria de conversar um pouco com minha filha.

— Com certeza. Mas não seria mais simples se contasse a ela a razão de sua decisão? Christine é nova ainda, mas tem inteligência suficiente para compreender.

— Não. Se ela souber da verdade, homem nenhum deste mundo teria forças para arrancá-la daqui. Você viu apenas uma pequena amostra da teimosia de Christine; ela é capaz de lutar até a morte para defender o que ama. E minha filha adora Beauvais.

— Muito bem, então não insistirei mais. E guardarei o segredo comigo.

— Obrigado, *monsieur* Sinclair. Entenda, estou dando um passo que aflige meu coração de pai.

— Sim, é claro. Deve ser difícil para o senhor.

— Gosto demais de minha filha, e quero que ela viva. Além do mais, ela é o futuro da linhagem Beauvais; se alguma coisa lhe acontecer, minha família acabará. Isso eu tenho de preservar a todo o custo!

— Compreendo, marquês. Vou deixá-lo agora, para que possa conversar em paz com Christine. Espero que consiga convencê-la de que o casamento com meu primo não será tão ruim quanto ela pensa. Gareth é rico, saudável e bonito, se é que fica bem dizer isso de um homem... E me parece que ambos formarão um belo par.

— Deus o ouça, meu amigo.

Um vento mormacento tornava a tarde mais quente ainda, e penteava suavemente a grama com seu bafo morno. Margaridas e papoulas erguiam as corolas em inútil busca de vento fresco, balançando-se preguiçosas nos caules esguios. Borboletas e abelhas dançavam enlouquecidas de calor, enchendo o ar do crepúsculo de cores e zumbidos.

Apesar da beleza do dia, para Christine o horizonte se afigurava negro e ameaçador. Alheia ao alegre canto dos pássaros, passeava pensativamente pelo jardim, desfolhando distraída uma margarida. Contemplando os vinhedos, tão queridos para ela, convencia-se cada vez mais que seria impossível aceitar o destino que seu pai planejava. Era-lhe inconcebível que ele a mandasse para um país estranho, para ficar longe de tudo o que amava.

Voltou a vista para o belo castelo de Beauvais e seu coração se

confrangeu. Fincado sobre uma pequena elevação, Beauvais parecia uma jóia incrustada em veludo verde, os vitrais refulgindo em pequenos diamantes sob os raios do sol poente.

A visão do castelo borrou-se, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Irritada, atirou longe a margarida e limpou o rosto com as costas da mão. Desde a última semana não fazia outra coisa senão chorar, e isso a desgostava profundamente. Tinha orgulho de seu temperamento vigoroso, e olhava com desdém para as amigas, que se desmanchavam em lágrimas e soluços ao menor motivo. E agora se portava como a mais mimada delas!

O marquês passara a vida se gabando de que a filha herdara a coragem leonina dos antepassados, e não perdia ocasião de dizer o quanto isso o orgulhava. E agora, tinha a desfaçatez de impor-lhe o casamento com um estrangeiro, sem sequer consultá-la. Isso não fazia o menor sentido!

Uma rajada quente fez o leve vestido ondular. Os olhos verdes ganharam um tom mais escuro quando percorreram os milhares de hectares cobertos de vinhas. As parreiras ostentavam as gavinhas enroladas, como colares de jade. As uvas brancas, que fizeram a fama da região, pareciam-lhe tão preciosas quanto topázios orientais.

Christine curvou-se e apanhou um punhado de terra úmida. Devagar, deixou-o escorrer por entre os dedos, observando os grãos que se espalhavam ao vento. Essa era sua vida, esse era o solo fértil da França. Com ele, gerações de Beauvais haviam-se sustentado e feito fortuna. Uma vez que era forçada a deixá-lo, prometeu-se que um dia voltaria e tomaria posse dele. Seus filhos sentiriam o mesmo orgulho quando vissem a terra ancestral, quando pisassem aquele pedacinho de solo e soubessem que gerações de Beauvais haviam feito dele um recanto de prosperidade.

— Não posso! — gemeu baixinho, sentindo o coração partir-se em pedaços.

Seu sonho era simples e despretensioso: passar p resto da vida em Beauvais. Agora, mesmo esse pequeno desejo lhe era negado. Teria de se casar com um inglês — um inglês! — que, muito provavelmente, se sentira atraído pelo generoso dote que a acompanharia. Christine sabia muito bem

que o marquês havia passado mais da metade de Beauvais para o nome de seu futuro genro, além de ter-lhe enviado uma verdadeira fortuna em ouro e jóias. Quem resistiria a um dote desses? Certamente, não um cobiçoso e grosseiro inglês, que mal saberia distinguir uvas verdes de maduras. Suspeitava que o tal lorde abominava esse casamento tanto quanto ela; aceitara-a por pura ganância.

Essa idéia torturava-a. O inglês poderia dar a desculpa que quisesse, mas Christine não se enganava. Mesmo sem nunca ter visto *lord* Devlin, já podia enxergar através dele — um homem egoísta, só pensando em si mesmo.

Christine aspirou o ar da tarde em largos haustos. Suas narinas freMIam de indignação e desdém. Certo, não tinha poder suficiente para impedir aquele casamento indecente; mas no futuro nunca mais se deixaria tratar como marionete na ponta de uma corda. Se o inglês pensava que tinha ganhado uma mulher dócil e obediente, enganava-se redondamente. Uma vez casada, trataria de mostrar a todos — inclusive ao marido — que não era um bichinho de estimação, mas uma mulher de carne e osso, cheia de orgulho e determinação. Que esperassem para ver do que era capaz!

Da janela, o marquês observava a filha querida de cenho franzido. Christine fora abençoada com inúmeros dotes, incluindo força de caráter. Naquele instante, porém, não tinha dúvida de que ela o julgava insensível e traidor, e isso lhe amargava a alma.

Embora soubesse que se arriscava a mais uma discussão desagradável, o marquês sentiu imperiosa necessidade de obter ao menos a compreensão da moça. Assim, desceu e atravessou o extenso gramado, imaginando como abordaria a questão. Aproximando-se, colocou a mão sobre o ombro de Christine, que não se virou.

Sem desviar a vista dos vinhedos, ela murmurou, misturando sua voz ao vento:

— Papai, imploro-lhe mais uma vez: não me force a esse casamento. Quero ficar aqui, no meu país.

— Minha filhinha — respondeu o marquês, com voz embargada —, não há mais como voltar atrás. É... doloroso para mim também, acredite.

Ela se voltou para abraçá-lo com fervor. Gentilmente, o marquês afagou-lhe o rosto, afastando da testa um cacho de cobre brilhante.

— Compreendo como se sente, Christine. Mas ouça, por favor. O homem que escolhi tem uma propriedade maior que esta, além de ser armador e dono de inúmeros navios. Poucos casamentos são feitos por amor, mas acredito firmemente que este poderá ser um — como aconteceu comigo. Nossa união também foi arranjada por nossos pais, sabia? Eu nem sequer conhecia sua mãe. E veja, fomos felizes como nunca acreditei ser possível.

— Mas ambos eram franceses, tinham a mesma cultura... *Lord Devlin* é um estrangeiro! Nunca poderemos nos amar!

— É uma criança ainda, minha querida. Nem sabe que o amor não é uma coisa que chega de repente, apesar de os livros dizerem diferente... O amor precisa ser semeado e regado, para florescer e dar frutos. Só então poderá ser colhido, minha Christine. Exatamente como essas uvas que você estava admirando há pouco.

— Mas...

O marquês colocou um dedo na boca da filha, sorrindo com doçura.

— Sei que um dia você vai entender o que estou dizendo. E vai saber que estou agindo apenas para o seu bem. Tudo o que quero é sua felicidade, filhinha.

Lágrimas silenciosas tremularam nos cílios espessos e desceram pelas faces coradas de Christine, enquanto ela o fitava em muda reprovação. Mas os olhos do marquês exprimiam uma amargura tão grande quanto a dela própria; Christine teve a intuição de que ele tomara aquela decisão à custa de duras penas. Não tinha dúvida sobre o amor carinhoso que o pai lhe devotava, e, embora não compreendesse seu gesto autoritário, sabia que ele dizia a verdade.

— Gosto de você, paizinho — falou, abraçando-o. — Vou fazer o possível para compreendê-lo.

— Tudo o que quero é sua felicidade — repetiu ele, envolvendo-a ternamente.

Seus olhos cansados voltaram-se para o céu, numa prece muda. Pedia a

Deus que protegesse o precioso tesouro que recebera havia dezoito anos, no dia em que Ele lhe dera Christine.

CAPÍTULO II

Christine comprimia os lábios, agora reduzidos a uma fina linha nacarada, que mal se sobressaía no rosto pálido. Suas mãos crispavam-se nas correias de segurança, numa defesa instintiva contra os solavancos da carruagem. Sentia-se nauseada, doida para se estirar numa cama, após uma viagem extenuante que durara dias.

Através da vidraça, divisava as linhas escuras do novo lar, embaçadas pela neblina. Escarpa Negra parecia reinar altaneiro e sombrio no horizonte, o vulto agourento furando com prepotência as nuvens que se acumulavam em volta do alto penhasco. Grandes gárgulas adornavam as torres de granito preto, e suas bocas ameaçadoras, escancaradas em esgares de sorriso escarninho, pareciam avisar ao viajante incauto que não se atrevesse a atravessar os portais. Ao vê-las, Christine estremeceu involuntariamente, atemorizada.

As histórias de fantasmas e duendes que costumava escutar quando pequena atropelavam-se em sua mente. Um calafrio desagradável fez seus pêlos se eriçarem, e ela se aconchegou um pouco mais no xale, lançando um olhar de través para o calmo acompanhante. Engoliu com dificuldade o nó que se formara na garganta. Escarpa Negra, escuro e sinistro, parecia-lhe mais a boca de entrada do inferno.

O rugido das ondas batendo contra os penhascos abafava todos os outros sons, quando finalmente o cocheiro abriu a portinhola da carruagem e ajeitou os degraus para Robert e Christine apearem. A chuva fustigava a fachada do castelo, que parecia gemer e se lamentar contra a fúria dos céus.

— Vamos depressa! — gritou ele, por sobre o ruído ensurdecedor das

ondas. — Apóie-se em mim. Se você ficar doente logo no primeiro dia, Gareth não vai me perdoar!

Christine fulminou-o com o olhar, deixando mais que claro que sabia muito bem que o marido pouco se interessava pelo seu bem estar.

Minutos depois, os dois atravessavam o imponente portal de ferro e adentravam o saguão do castelo. Era enorme, de paredes guarnecidas de lambril escuro que contrastava com o chão de mármore. No alto, um magnífico lustre de ouro e cristal iluminava as vigas entalhadas em madeira. Uma fileira de criados aguardava, alinhada ao longo da grande e luxuosa escadaria de madeira entalhada.

Algo surpreendida com o contraste entre a sombria fachada e a opulência interior, Christine recebeu as boas-vindas com gentileza e atenção. Uma mulher de seus trinta anos, que parecia ser a governanta, adiantou-se. Trajada num severo uniforme preto, colarinho imaculadamente branco e engomado, os cabelos esticados num coque preso na nuca, apresentava uma postura amigável e solícita. Contudo, o instinto de Christine fez seus cabelos se eriçarem diante da assustadora frieza nos olhos da mulher.

— Seja bem-vinda a Escarpa Negra, senhora. Sou Hilda Bronson, governanta do castelo de *lord* Devlin.

— Obrigada, Hilda. E aos outros, que tiveram a delicadeza de vir me receber.

— Seu quarto já está preparado. Assim que a bagagem chegar, pedirei a Alice que desfaça as malas. Ela cuidará da senhora por enquanto, até encontrarmos uma criada de quarto que seja de seu inteiro agrado.

— É muito amável, Hilda, mas não será preciso. Trouxe minha própria criada da França, e ela deverá chegar daqui a pouco, na carruagem com minhas malas.

— Como queira, senhora — respondeu Hilda, mordendo os lábios involuntariamente. — Em todo o caso, estamos à sua disposição para o que for necessário. Tenho ordens de *lord* Devlin para deixá-la o mais confortável possível.

Robert tirou a capa molhada, que entregou a Hilda com um sorriso

galante.

— Você terá muito tempo para provar sua eficiência a *lady* Devlin, Hilda. Por ora, tudo o que ela vai querer é uma boa xícara de chá quentinho, para espantar a friagem. Que dia pavoroso, céus! Quer cuidar disso para nossa recém-chegada?

— Certamente — replicou Hilda, fazendo um sinal para os outros criados se dispersarem. — Providenciarei biscoitos e geléia também.

Robert virou-se para Christine.

— Sei que deve estar exausta, mas Hilda faz um chá absolutamente especial. Ele a ajudará a relaxar enquanto espera a chegada da bagagem. Enquanto isso, vamos esperar na sala.

— Como é esse chá? — perguntou ela, aceitando o braço que Robert lhe oferecia.

— Nossa Hilda entende de ervas. É ela que prepara ungüentos e xaropes, quando é preciso. Não sei o que ela põe no chá, mas a verdade é que ele faz com que a situação mais negra do mundo se transforme num pedaço de bolo açucarado.

— Duvido que o chá de Hilda opere esse milagre comigo — replicou Christine, correndo os olhos pela sala.

Também ali as paredes eram recobertas por lambris escuros, que proporcionavam extraordinária sensação de aconchego. Candelabros de prata repousavam sobre a enorme lareira, encimada por um espelho veneziano. Móveis e tapetes combinavam com perfeição, demonstrando o inegável bom gosto do dono do castelo.

Observando a recém-chegada com o rabo dos olhos, Robert teve a sensação de que o castelo começava a operar um pequeno, quase imperceptível milagre sobre ela. Escarpa Negra sempre produzia esse efeito nos visitantes; depois de ver a fachada escura e quase tenebrosa, todos se extasiavam ante o luxo discreto do interior. Na verdade, o castelo era constantemente citado como exemplo perfeito de decoração britânica.

— Espero que não esteja desapontada, Christine.

— Céus, não! — respondeu ela, pousando os olhos intrigados num

retrato que ainda não vira.

— Esse é Gareth. Foi pintado por *sir* Joshua Reynolds quando ele fez vinte e um anos.

A curiosidade de Christine espicçou-a. Havia um quê de impressionante no rosto quadrado, nos olhos escuros, na linha dos lábios que pareciam disfarçar um sorriso amargo.

Christine ergueu o queixo, reprovando-se. Aquele homem, apesar de bonito, era cruel e insensível. Não se importara de vender o próprio corpo em troca de um generoso dote!

— Bem, pelo menos agora posso reconhecer meu marido — comentou, caprichando no sarcasmo. — Uma vez que ele nem se deu ao trabalho de enviar sequer uma miniatura para mim, confesso que tive algumas dúvidas. Já começava a pensar que *lord* Devlin tinha duas cabeças, ou quatro braços, ou qualquer outra coisa do gênero. Enfim, agora que vi como ele é, tenho absoluta certeza de que está feliz com o casamento tanto quanto eu.

Em vão Robert tentou achar uma boa resposta. No fim das contas, a moça estava com a razão. Sem saber o que dizer, soltou um risinho forçado.

Alice o salvou, entrando com uma reluzente bandeja de prata.

— Ah, bravos! Um bom chá calmante, uma boa noite de sono e estarei novo em folha para voltar a Londres.

Com um floreio, depositou uma chávena nas mãos de Christine, não sem antes admirar sua brancura. Aquele demoninho de olhos verdes era mesmo uma beleza!

Bem, mas não era para seu bico; aliás, nem a queria para si. Cumprira sua missão com razoável êxito; durante todo o trajeto evitara com cuidado que Christine tomasse conhecimento do que acontecia na França, e nisso fora bem sucedido. Agora, estava ansioso para deixar o demoninho nas mãos do primo e livrar-se dele de uma vez por todas.

— Cruzes, *mademoiselle* — dizia Babette, enquanto escovava os cabelos de Christine —, este lugar me dá calafrios. Ouço ruídos estranhos o tempo todo, principalmente à noite.

Christine lançou-lhe um sorriso tranquilizador através do espelho,

divertida com a expressão assustada da aia.

— Você está com cara de quem viu fantasma, Babette. E são só dez da manhã! Fantasmas aparecem à noite, não sabia?

— Justamente, justamente! Ouvi barulhos estranhos a noite toda!

— Deixe de bobagens, vamos! É o vento, querida.

— Não, *mademoiselle*. Desde que chegamos, todas as noites eu ouço barulhos esquisitos. Eu lhe digo, este castelo tem assombrações!

Christine conhecia bem a facilidade com que Babette costumava se entregar a fantasias, e soltou um suspiro de inveja. Ela mesma não podia dar rédeas à própria imaginação... Porque a realidade estava ali mesmo, esmagadora. *Lord* Devlin enviara um telegrama, avisando que chegaria logo, e a idéia de se encontrar com o marido era bem pior do que enfrentar as almas e assombrações de Babette.

— Pare com isso. Não existem fantasmas! Não é a primeira vez que me diz essas tolices, e eu venho aturando suas lamentações com paciência. Mas agora chega. De uma vez por todas, Babette, não há fantasmas em Escarpa Negra.

— Está enganada, *mademoiselle* — teimou a outra, com a franqueza que lhe era habitual. — Eu vi com estes olhos que a terra há de comer... Eles vagam por aí, metidos em capas pretas que parecem asas de morcego. Saem das tocas quando pensam que todo o mundo está dormindo.

— Pura imaginação — retorquiu Christine, paciente. — É que tudo por aqui é novo para você. É natural que se assuste um pouco. Mas não quero mais que você toque nesse assunto, que me aborrece bastante. Se insistir nessa bobagem, mando você de volta para a França!

Sabia, contudo, que jamais faria isso; nem queria imaginar o que faria sem Babette; o único e tênue elo que ainda a ligava à sua família.

Levantando-se, apanhou de sobre a cama um elegante xale de seda franjado de fios dourados. Jogou-o nos ombros e falou:

— Depois de tomar o café, pretendo dar uma volta lá fora. É o primeiro dia de sol, desde nossa chegada, e eu me sinto toda enferrujada.

— Quer que eu vá também? — indagou Babette, esperançosa.

— Não. Pode tirar a manhã para fazer o que quiser.

— Mas, *mademoiselle* não deve ir sozinha! Pode ser perigoso!

Christine soltou uma risada alegre.

— Duvido, querida Babette, que um simples passeio nos jardins possa oferecer qualquer tipo de perigo! Agora, trate de aproveitar esta linda manhã, como eu pretendo fazer.

E antes que a solícita aia retrucasse, Christine saiu depressa do quarto.

Detendo-se no alto da escadaria, percorreu com a vista as paredes cobertas de ricas tapeçarias e o teto abobadado. *Lord* Devlin fizera um belo trabalho de decoração, mas não conseguira esconder o fato de que Escarpa Negra fora uma fortaleza. Muitas batalhas, com certeza, haviam se realizado ali. E muito sangue correrá.

Sentiu um arrepio na espinha e aconchegou-se mais ao xale.

"Pare com isso, Christine. Você está se revelando pior que Babette!"

Todavia, o arrepio cresceu e tomou conta de toda a sua pele, percorrendo-a como finas agulhas de gelo. Tinha a nítida impressão de que um par de olhos a vigiava de perto, muito perto. Girou o corpo depressa, na esperança de apanhar o invisível bisbilhoteiro em flagrante. Seus olhos perscrutaram as sombras do corredor que dava para a ala leste, mas nada viram.

Irritada, desceu resolutamente as escadas. Que inferno, deixara-se influenciar pela imaginação de Babette! Bem, aquele era o primeiro dia de sol, e o céu lhe parecera convidativo. Não iria estragá-lo com superstições bobocas!

Inalou profundamente o ar marinho, sentindo-se quase bem. O vento brincava com seus cabelos, enrolando-o em pequenos cachinhos na testa. Virou-se para olhar o castelo, erguendo a cabeça.

Robert tinha razão quando o descrevera. O sol varrera seu aspecto sinistro, dando-lhe a imponência e o brilho de uma rainha assentada num trono de granito.

Um movimento chamou-lhe a atenção. Era no terceiro andar, numa das janelas da ala leste. Firmando a vista, Christine mal conteve uma exclamação

abafada, mesclada de medo e espanto, enquanto seus pés se imobilizavam, pregados ao chão. Havia um homem na janela, e embora não pudesse divisar-lhe o rosto, sabia que ele a perscrutava com seus olhos sombrios. Sentiu um aperto na boca do estômago, que se contorceu em náusea. O homem tinha todo o jeito de seu marido, tal como o vira pintado no retrato da sala.

Fechou os olhos, apertando-os, como que para fugir daquela visão indesejável, e exalou profundamente. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de enfrentar *lord* Devlin; não havia escolha, uma vez que era sua mulher. Contudo, tinha esperança que ele se demorasse um pouco mais em Londres. Abriu os olhos e forçou-se a virar a cabeça para a janela. Mas ela estava vazia. Do dono de Escarpa Negra, nem sinal.

Christine piscou várias vezes, entre aliviada e assustada. Depois pôs-se a rir baixinho. Que loucura, meu Deus! Tudo* o que fizera fora conjurar a imagem do marido na vidraça de uma janela! Não havia ninguém, e *lord* Devlin ainda não voltara. Ainda não conseguira se livrar da influência de Babette...

Encorajada pela experiência, que julgou definitivamente infantil, Christine se dispôs a conhecer o salão de bailes e a galeria dos ancestrais. Esta, por sinal, fora cuidadosamente evitada por ela desde o primeiro dia em que chegara. Mas agora seus temores deram lugar à simples curiosidade. Era hora de encarar o futuro de frente. Se aceitara morar em Escarpa Negra, devia também aceitar o casamento como fato consumado e irreversível.

Ao atravessar a soleira do grande salão de festas, contudo, Christine experimentou de novo a desagradável sensação de estar sendo observada. Dessa vez, fingiu nada perceber e continuou andando, cantarolando. De repente, virou-se depressa, ainda a tempo de entrever um vulto de homem mergulhando por entre as pesadas cortinas de damasco. Então era verdade! Sua imaginação não lhe pregara uma peça; o marido tinha mesmo voltado a Escarpa Negra.

Corada de raiva, Christine cruzou os braços e bateu o pé.

— Como se atreve a me espionar desse jeito? — gritou.

Mas o cortinado não se mexeu.

Que tipo de homem é esse, que entra como ladrão na própria casa e fica espiando a mulher às escondidas? E que raio de brincadeira sem graça era essa? Seu marido voltara, mas obviamente não quisera que ela soubesse. Pensando bem, teria ele viajado mesmo? As perguntas se atropelavam na mente de Christine, que franziu a testa. Os barulhos que Babette ouvia... talvez aí estivesse a explicação. Então os fantasmas de Babette eram um só: seu marido, Gareth Devlin.

— Mas por quê, santo Deus? — murmurou ela. — Que razão tem para se esconder de mim, *lord* Devlin? Mesmo que me odeie, vai ter que me enfrentar um dia!

Súbito, um pensamento a fez prender a respiração. Gareth Devlin queria que ela pensasse que estava louca, vendo coisas. Certamente planejava isso desde o começo. Com a desculpa de que tinha se casado com uma demente, poderia trancá-la em algum quarto do castelo, e depois se regalar sozinho com o vultoso dote. Já ouvira muitas histórias semelhantes; até reis haviam se servido desse mesmo expediente a fim de se livrar de uma esposa indesejável.

Momentos depois, outro pensamento muito pior causou-lhe um frio na nuca. Sabia que *lord* Devlin era cruel e insensível; não estaria ele planejando um meio de matá-la?

— Pare com isso agora mesmo, Christine de Beauvais! — exclamou alto, batendo com força o pé no chão. — E trate de se acalmar!

Não sabia quais eram as intenções do marido, mas não iria começar a enlouquecer tentando adivinhá-las. Era exatamente isso que ele queria!

— Não sou uma inglesa aguada e dócil! — bradou ela para o cortinado. — Sou uma Beauvais, e pertenço a uma linhagem de guerreiros corajosos, desde os tempos de Charlemagne. E não foi à toa que ganhamos a comenda do Leão Francês, meu caro marido!

— *Milady*, quer o almoço no salão ou na biblioteca?

Christine virou-se num sobressalto e topou com a governanta.

— Desculpe se a assustei. Como a senhora falava alto, pensei que

soubesse de minha presença.

— Desculpe, Hilda. Eu estava com a cabeça em outro lugar. Que foi que perguntou?

— Se quer seu almoço no salão ou na biblioteca.

— Onde meu marido vai comer? — indagou de chofre, observando atenta a fisionomia de Hilda.

Os olhos desta tornaram-se frios e distantes.

— Infelizmente, não faço idéia. Em Londres, provavelmente.

— Pare de fingir, Hilda. Eu o vi com meus próprios olhos, há menos de cinco minutos. Portanto, faça-me a gentileza de informá-lo de que quero falar com ele o mais depressa possível.

— Minha senhora — falou a governanta, visivelmente embaraçada —, asseguro-lhe que *lord* Devlin ainda não voltou de Londres.

— Então quem foi que eu vi aqui? E antes, no terceiro andar?

— Só pode ter sido um dos criados, *milady*. São uns preguiçosos! Tudo o que fazem é espionar e fofocar. Sinto muito...

— Que criado nem meio criado coisa nenhuma! — interrompeu Christine, batendo o pé com impaciência. — Acha que não sei distinguir gato de lebre? Exijo que vá ter com meu marido agora. E diga-lhe que estou à sua espera.

— *Lady* Devlin, fui instruída para satisfazer seus menores caprichos, e tenho a firme intenção de obedecer. Mas não posso operar milagres! *Lord* Devlin não está em Escarpa Negra, e não há nada que eu possa fazer a respeito.

Christine observou a expressão de fria dignidade da governanta, que mantinha as mãos impassivelmente cruzadas sobre a saia. Por baixo daquela frieza, porém, Christine adivinhava um tumulto de emoções estranhas. Hilda não estava nem um pouco calma, tinha certeza disso.

— *Madame* queria me ver? — ouviu-se uma voz quente, quase acariciante.

As duas mulheres viraram-se, assustadas.

— *Lord* Devlin! — murmurou Hilda, inclinando-se. — Não sabia que

havia chegado! Não ouvimos nada!

— Não é de admirar — retrucou o inglês, fixando o olhar na jovem que agora era sua mulher. — Com o tom da conversa "amigável" que as duas estavam mantendo, seria difícil mesmo ouvir chegar alguém.

Hilda lançou um olhar embaraçado para Christine.

— Eu... peço desculpas, *milord*. Estava apenas tentando explicar a *milady* Devlin que o senhor ainda estava em Londres.

— Sim, é claro — respondeu ele, descalçando as luvas de fina pelica cinzenta.

Sua voz se fizera ligeiramente rouca, devido à explosão de sensações estranhas que se avolumava em seu peito. Não conseguia tirar a vista daquela mocinha que o fitava sem traço de medo no rosto. Os olhos verdes continham ainda vestígios de raiva recente; o queixo erguido parecia desafiar a Inglaterra inteira. Era um quadro delicioso de contemplar, e Gareth de repente se viu esquecido de suas intenções de manter-se a distância da mulher.

Depois de um silêncio desconcertante e longo, Gareth conseguiu desviar a atenção para Hilda:

— É tudo por enquanto, Hilda. Por favor, mande servir o almoço imediatamente; estou com uma fome de leão!

— Pois não, *milord* — falou a governante, dirigindo um breve olhar de desdém para Christine.

No silêncio que se seguiu, ela precisou reunir toda a coragem para sustentar o olhar do marido, que a contemplava como quem contempla uma égua de primeira linha.

Sentiu-se enrubescer, o que a deixou mais furiosa ainda. Mas manteve-se ereta, embora fervesse por dentro. O demônio, ainda por cima, fingia que nunca a tinha visto antes!

Gareth, por sua vez, tratou de se pôr mais à vontade. Se pretendia levar avante seu plano de não consumir o casamento, o único jeito seria manter distância daquela moça estonteante. E para isso, precisava achar um modo de despertar raiva e antipatia nela — embora, de repente, essa idéia não lhe

parecesse mais tão boa quanto julgara.

Cruzou os braços e encostou-se na porta.

— Então, *madame*! Quando eu cheguei, tive a impressão de que queria falar comigo com urgência. Como é, perdeu a língua?

— Oh! — exclamou ela, fazendo um gesto irritado.

— Você é exatamente como eu pensava!

Ele arqueou uma sobrancelha e presenteou-a com um sorriso irônico. Foi o quanto bastou para Christine perder o último resquício de autocontrole. Já tolerara demais daquele presunçoso.

— Direitinho como imaginei! — explodiu ela, fumegando de raiva. — Arrogante, insensível e fingido! Está cansado de saber a razão de eu querer falar com você!

— Minha senhora, quero crer que seja minha mulher, uma vez que Hilda a chamou de *lady* Devlin... Mas asseguro-lhe que não sei mais nada.

— Não brinque comigo, *lord* Devlin.

— Como assim, *madame*?

— Não estou disposta a brincar de esconde-esconde com ninguém, muito menos com meu marido. Advirto-lhe que não gosto de ser espionada!

— Escute, eu nem sequer a conheço ainda. Como poderia estar brincando, se nem tive ocasião de trocar duas palavras com você?

— Não se faça de desentendido, Gareth Devlin! Eu o vi ainda há pouco

Ele sentiu um frio no estômago, enquanto seus músculos se tensionavam dolorosamente. As palavras de Christine indicavam que suas ordens não haviam sido obedecidas à risca.

— *Madame*, eu não tenho razão para mentir. Agora, se me der licença, vou deixá-la para que se acalme um pouco. Se quiser almoçar em minha companhia, será bem-vinda.

Christine agarrou-o pela manga.

— Aonde pensa que vai? Quer que eu fique louca? Quer que eu pense que ando imaginando coisas? Eu vi, Gareth. Você estava me espionando, não negue!

Gareth virou-se vagarosamente para ela. Não estava zangado com a

mulher, mas com Hilda; contudo, sua expressão era fria e tenebrosa quando falou:

— Não sei do que está falando. Antes de entrar nesta sala, nunca havia posto os olhos em você.

— Pode mentir o quanto quiser, nada posso fazer. Mas fique sabendo que eu o vi me observando daquela janela do terceiro andar. E há pouco tempo você tentou se esconder de mim naquelas cortinas de damasco.

— Sugiro então que pergunte ao cocheiro que acaba de me trazer de Londres. Ele está na cozinha, almoçando — coisa que, aliás, pretendo fazer neste momento.

Christine largou a manga do marido, desconcertada.

— Isso não vai provar nada. O cocheiro é seu empregado e dirá o que você quiser.

— Para sua informação, a carruagem não é minha. Aluguei uma em Londres, e nunca tinha visto esse cocheiro em minha vida. De qualquer modo, não lhe devo explicação nenhuma. Você pode ser minha mulher, mas não tem o direito de duvidar de minha palavra. Se não quer acreditar no que digo, então faça bom proveito de sua imaginação. Com licença, agora vou almoçar.

Dizendo isso, Gareth se curvou e deixou Christine sozinha e frustrada, curtindo uma inesperada sensação de culpa.

— Eu não me enganei, *lord* Devlin — murmurou, enquanto engolia o nó que se formava em sua garganta. — Sei muito bem o que vi e pretendo provar que não estou errada. E quando conseguir as provas, quero ver se não vai admitir que mentiu!

Assim pensando, foi falar com o cocheiro. Pouco tempo depois, uma embaraçada Christine entrava na saleta onde o castelão almoçava tranqüilamente.

— *Madame* — disse Gareth, levantando-se de imediato.

Mortificada, corando até a raiz dos cabelos, Christine olhou para o marido, cujos olhos frios nada transmitiam. Limpou a garganta e passou a língua pelos lábios, sem saber como começar. Fizera papel de boba, e agora

teria de pagar por isso.

— *Milord* — ensaiou sem jeito. Eu... sei que nenhum de nós dois queria esse casamento, mas tinha esperança de podermos viver ao menos com um pouco de amizade. Acho que... que minha atitude de há pouco... hã... não foi um bom começo. Vim pedir desculpas por não ter acreditado em sua palavra e por tê-lo chamado de mentiroso.

As últimas palavras saíram num jato, e Christine respirou fundo.

Gareth encarou a jovem com admiração, ao mesmo tempo que sentia uma punhalada de culpa no coração. Ele fora duro demais com a mulher, que não merecia aquele tratamento. Contudo, não podia explicar nada. Limitou-se a abrir um sorriso que pareceu iluminar a sala:

— Não há de que se desculpar. Também alimento esperanças de virmos a ser amigos. Vamos pôr uma pedra nisso tudo, está bem?

Ela dirigiu-lhe um tímido sorriso de agradecimento, e de repente viu-se presa do olhar que a fitava com intensidade. Por um longo momento, foi como se veludo negro acariciasse sua pele, provocando-lhe uma sensação estranha, um sentimento doce e perturbador. Assustada, Christine baixou a cabeça.

— Aceita almoçar comigo? — perguntou ele, oferecendo-lhe uma cadeira.

Quando ela se sentou, Gareth sentiu o perfume dos cabelos da mulher e não pôde deixar de admirar a curva delicada do pescoço, o colo branco e a cintura incrivelmente fina. Nem pôde se furtar ao desejo de espiar por cima do decote, aberto o suficiente para deixá-lo entrever a curva dos seios, onde uma veiazinha azul fazia contraste com a alvura da pele. Gareth sentiu seu pulso se acelerar perigosamente.

Endireitou-se e voltou para seu assento, concentrando-se no prato que tinha diante de si. Christine de Beauvais era sua mulher, de fato e de direito, mas o casamento não se consumaria. Estava convencido quanto a isso, mesmo que lhe custasse a tortura de viver em companhia de alguém que lhe despertava todos os sentidos de vida. Que jamais poderiam ser satisfeitos.

CAPITULO III

Gareth admirou de longe a figura esguia de sua mulher, que subia as escadas e logo depois saía de seu ângulo de visão. O almoço fora menos que satisfatório, mas bem melhor que o primeiro encontro. Ela comera pouco e falara menos ainda, mas pelo menos um não tinha tentado esganar o outro. O que já era muito, ao que parecia.

Passando a mão nos cabelos, Gareth foi para seu escritório. Depois de se servir de vinho, puxou o cordão da campainha.

Momentos se passaram, até que Alice apareceu.

— Deseja alguma coisa, *milord*?

— Quero falar com Hilda. Já!

Alice desapareceu no mesmo instante, tão silenciosamente quanto viera.

Gareth estudou o copo que tinha nas mãos. Tomou um gole generoso, sentindo o líquido descer suave e quente. Era vinho francês, de excelente qualidade, contrabandeado havia pouco. Gareth ergueu o copo, para apreciar a rica cor de rubi contra a luz. A lei inglesa proibira a importação de artigos franceses, mas isso só servira para incrementar o contrabando, que agora era praticado com muito mais freqüência.

— O rei não ficaria muito satisfeito comigo, se soubesse que estou envolvido em contrabando — disse baixinho, sorrindo.

Tomou outro gole, saboreando-o com delícia, e estirou-se na poltrona, colocando os pés na escrivaninha. Gostava daquela hora sossegada, quando costumava se refugiar entre seus livros.

— Com licença, *milord* — falou Hilda, entrando.

— Entre, Hilda, e feche a porta.

A expressão de Gareth, novamente carrancuda, nada tinha de amigável. Ele fincou os cotovelos na superfície polida da escrivaninha, observando-a

com severidade.

A governante obedeceu, aparentando calma. Mas Gareth conhecia-a muito bem, e sabia que ela devia estar transpirando nas palmas das mãos. Como que para confirmar, Hilda limpou as mãos na saia e aguardou de pé.

— Se entendi bem o que minha mulher disse hoje, então é porque você falhou e não me obedeceu como devia. Deixei ordens expressas antes de sair para Londres, e quero saber por que razão não fui obedecido.

— Fiz o que pude, meu senhor. Mas as coisas estão um pouco fora do meu controle desde que *lady* Devlin chegou. A presença dela causa um pouco de... de perturbação. Eu bem que tentei avisá-lo, mas o senhor...

— Você é a governanta daqui e tem total autoridade na minha ausência. Dessa maneira, sua responsabilidade era providenciar que as coisas saíssem conforme o planejado. Se dá valor a seu emprego, cuide para que tal incidente nunca mais se repita. Entendido?

— Sim, *milord* — respondeu Hilda, cujas faces estavam agora tingidas de escarlate. — Pode ir agora à ala norte? Creio que será uma boa idéia.

Gareth soltou um longo suspiro. A velha apreensão aninhou-se em seu corpo, como uma serpente pronta para o bote.

— Está bem, vou subir agora. Na verdade, não deveria ter ficado tanto tempo fora.

Com relutância, pôs-se de pé, a fisionomia subitamente envelhecida e cansada.

— Cuide para que ninguém me siga, Hilda.

— Sim, senhor.

— E as outras instruções que deixei?

— Todas foram cumpridas, *milord*. Nenhuma palavra indiscreta foi dita. *Lady* Devlin dormiu como bebê todas as noites. Minha única preocupação é a criada francesa; ela é muito bisbilhoteira. Vive afirmando que vê fantasmas vagando no castelo todas as noites.

Gareth sorriu.

— Talvez ela também precise de uma dose de seu chá antes de dormir. Isso resolverá seu problema.

Hilda concordou em silêncio. Sim, ao menos esse problema estaria resolvido. E, com tempo e paciência, talvez os outros também se resolvessem.

Gareth seguiu sem pressa, absorto em pensamentos. Quando chegou defronte à pesada porta de ferro que separava a ala norte das demais dependências do castelo, tirou um molho de chaves do bolso e abriu-a. A decoração daquela ala era diferente, mais pesada e triste. As paredes e os corredores eram protegidos com madeira e tapetes espessos, de forma a abafar os ruídos o mais possível.

No fim do corredor, Gareth parou em frente a outra porta, e exalou o ar, uma, duas vezes. Finalmente, abriu-a e entrou.

Como esperava, o quarto estava um verdadeiro caos. Mesas viradas, cadeiras quebradas; livros se espalhavam abertos, as páginas semi-arrancadas, algumas amassadas, outras rasgadas. Travesseiros haviam sido estripados, e as penas se juntavam à confusão. Gareth fechou os olhos, balançando a cabeça. Depois abriu-os, em busca do causador daquele terremoto.

— Ah, você está aí... Ainda bem que resolveu voltar para me soltar desta prisão imunda!

Gareth se virou e encontrou-se face a face com sua própria imagem. Apenas os olhos eram diferentes — não na cor, mas na expressão. Os olhos do outro eram vítreos, e carregavam consigo a terrível maldição de que todo Devlin nascido teria um gêmeo louco. Eram os olhos de um louco.

— Como está, Adam? — perguntou Gareth, alheio à observação do irmão.

— E como acha que estou? Como se sentiria você, se ficasse preso num quarto dias e dias, sem uma trégua sequer?

— Pelo que ouvi hoje de minha mulher, você conseguiu alguns minutos de liberdade.

Adam soltou um risinho agudo.

— Você é sortudo, maninho... A moça é uma beleza! Uma pena que não queira dar a seu corpo os prazeres de senti-la na cama. Aqueles peitos, puxa vida! Olhe, cada um deles cabe na minha mão!

Os olhos de Gareth lampejaram.

— Basta, Adam. Sabe tão bem quanto eu que meu casamento existe apenas no papel. E conhece a razão de minha decisão.

— Claro que conheço, irmão. Porque eu sou a causa principal!

Dizendo isso, Adam soltou uma gargalhada.

— Engana-se, Adam. Você nada tem que ver com minha decisão. Esteve doente por muito tempo, mas não é louco. Procure melhorar, como tem feito nos últimos meses. Breve poderá deixar esta ala e se juntar ao resto da família.

Adam sacudiu a cabeça, os olhos vítreos cheios de medo.

— Tenho horror a gente. Não gosto que ninguém me veja. Não gosto de ser observado! As pessoas ficam me encarando...

— Ninguém vai encarar ninguém, Adam.

— Mentira! — gritou Adam. — Todos me encaram, eles sempre me encaram! É por isso que gosto de sair à noite. Ninguém me vê... e eu me sinto bem.

— E, mas você saiu hoje de manhã também. Adam virou-se, a fim de esconder do irmão a cólera que sentia. Olhou para fora, para além do jardim bem cuidado. O bramido do mar batendo-se com fúria contra os penhascos refletia os sentimentos que nutria, e que se empenhava em esconder bem fundo. Ao longo dos anos, tornara-se um perito em ocultar seu íntimo por trás da máscara da loucura. Apertou os lábios, estreitando os olhos até se tornarem duas fendas. Perdera a primogenitura por dois minutos — que ironia! Mas um dia tudo aquilo iria mudar. Adam sabia manipular a maldição de forma a ajudá-lo.

Recompondo um rosto calmo e humilde, voltou-se para Gareth.

— Não fiz nada de mais, maninho. Fiquei curioso para conhecer sua mulher, eis tudo. Sei que nunca poderei me casar por causa de meus nervos, mas isso não me impede de ter os mesmos desejos de qualquer homem sadio.

Gareth sentiu o coração confranger-se de pena. Atravessando a sala, abraçou o irmão afetuosamente. A mentira saiu facilmente de seus lábios, pois faria tudo para amenizar a dor que vira nos olhos de Adam:

— Um dia, Adam, você vai estar bem o suficiente para se casar.

— Espero que sim.

Afastando-se um pouco de Gareth, Adam inclinou a cabeça, apoiando o queixo nos dedos, pensativo.

— Acha que o velho rei George poderia me dar uma de suas filhas em casamento? Afinal, só um louco aceitaria uma daquelas medonhas como mulher...

Gareth não pôde deixar de rir. Adam era assim; ora sombrio, ora brincalhão. Mudava de disposição e de personalidade com facilidade incrível.

— Ora, ele ficará bastante honrado!

— Então preciso seguir para Londres sem demora. Chame Hilda para arrumar minhas malas — replicou Adam, rindo.

— Hum, não sei se é uma boa idéia. O rei não está a fim de encontrar nenhum Devlin pela frente. Já está bastante aborrecido comigo; e agora, você vai para lhe roubar uma filha... sei não, sei não!

— George está aborrecido? Que foi que você lhe fez?

— Recusei-me a partir para a Turquia, por causa de meu casamento.

— Que é que há de importante na Turquia?

— Há o perigo de o país cair nas mãos da czarina russa, sem o auxílio da esquadra inglesa. E se isso acontecer, a Rússia ficará poderosa demais no Mediterrâneo.

— Ué, e o que é que você tem de ver com isso?

Adam fervia de curiosidade e inveja do irmão, mas procurava dissimular da melhor maneira possível. Talvez obtivesse informações que poderiam ser preciosas no futuro.

— Meus navios transportam armas para a Turquia, Adam. Uma vez que a França parou de ajudá-la, a Turquia só pode contar com a Inglaterra.

— Entendo — fez Adam, guardando cuidadosamente a informação num canto do cérebro.

Agora que tinha as informações, estava na hora de voltar ao velho papel de demente. Virou-se para Gareth, os olhos flamejantes de raiva, e bateu o pé no chão.

— Você fez de propósito! Recusou-se a ajudar o rei só para eu não conseguir me casar com a filha... Você é mau, Gareth! Não quer me ver feliz!

— Calma, Adam. Você está muito agitado!

— Saia de minha frente, já! Você tem ciúmes de mim, porque a filha do rei quer se casar comigo! Vá embora, vá embora!

Assim gritando, Adam começou a chutar os móveis.

— Está bem, eu vou. Trate de se acalmar. Vou pedir a Hilda que lhe traga chá.

— Saia daqui, estou dizendo! — bradou Adam, os olhos esbugalhados.

Gareth lançou um último olhar torturado para o irmão. Depois, em silêncio, deixou o quarto, trancando-o. Hilda esperava na entrada da ala norte.

— Vá falar com ele, Hilda. E leve um pouco de chá.

Sem esperar resposta, arrastou-se vagarosamente em direção ao seu quarto, os ombros curvados de tristeza.

Tirou a elegante jaqueta de veludo, afrouxou o colarinho e começou a massagear a nuca, que doía de tensão. Pôs-se em frente da janela e contemplou distraidamente o horizonte, perguntando-se se não teria sido melhor ir à Turquia.

Um movimento no jardim chamou-lhe a atenção. Uma mecha de cabelos acobreados brilhou sob o sol, e Gareth imediatamente reconheceu sua mulher. Ela caminhava devagar, uma cesta cheia de flores na mão. O leve vestido de gaze ondulava ao vento, moldando-lhe o corpo, desvendando-lhe as formas esculturais. Era um quadro de tirar o fôlego de qualquer homem, e Gareth não constituía exceção. Numa coisa Adam tinha razão: sua mulher era mesmo uma beleza.

— Bonita demais para meu sossego — murmurou ele.

Abrupto, deu as costas para a janela. O quarto lhe pareceu vazio e sem graça. A isto estava reduzida sua vida: esconder-se no quarto para não ver as alegrias que o mundo lhe oferecia.

Olhando distraído para as cinzas frias da lareira, Gareth se perguntou se não devia, ele também, se trancar num quarto para sempre. Havia jurado a si

mesmo que manteria distância de Christine, e agora estava ali, sonhando acordado com ela. Como faria qualquer lunático.

Esticou-se na poltrona, descansando os pés num tamborete. Não sentia a menor disposição de trabalhar; sua mente voltava-se obsessivamente para a imagem diáfana que caminhava suavemente sobre a relva, tão suavemente que mal a tocava.

E se não conseguisse ceder à tentação de possuir sua própria mulher?

Nesse caso, a única saída seria contar para ela seu terrível segredo, a maldição que acompanhava sua família. Contaria também a respeito de Adam.

E Christine partiria imediatamente para a França.

Gareth sabia que isso não poderia acontecer; seria o mesmo que trair o marquês de Beauvais. O mesmo que desonrar a própria palavra.

E a situação piorava a cada dia na França. Trabalhadores ensandecidos matavam e pilhavam a torto e a direito; a nobreza era obrigada a se esconder ou a fugir, deixando tudo para trás.

Sim, o pobre marquês tivera um pressentimento mais que acertado ao enviar a filha para a Inglaterra. Confiara seu bem mais precioso a Gareth, e este não tinha a menor intenção de desapontá-lo. Decididamente, Christine não poderia saber sobre a maldição.

Gareth fechou os olhos, cansado. Tinha pela frente mais um problema de difícil solução. Sempre fora assim, nos seus trinta e dois anos de vida.

Adam comia com os olhos a graciosa figura que se curvava para apanhar flores. Um sorriso torturado nasceu no canto de sua boca, curvando-a para cima. Nunca pusera os olhos em tão linda mulher. Seu corpo tremia de excitação ao imaginar a jovem cunhada nua, deitada, abrindo-se para ele. Com certeza era ainda virgem, e isso atiçava mais sua imaginação doentia. Como seria bom ensinar a ela as artes e o segredo do amor! Além do mais, pela primeira vez na vida Gareth seria obrigado a servir-se dos restos deixados por Adam.

A idéia parecia-lhe cada vez melhor.

— Logo, meu querido irmão, ela será minha — disse baixinho.

— Adam! — Hilda repreendia-o brandamente, enquanto amontoava os lençóis rasgados. — Por que destrói tudo o que encontra pelo caminho? Só para reforçar em Gareth a impressão de que é louco?

— Exatamente — respondeu ele, virando-se para a criada com um sorriso cativante. — Preciso dar a impressão de que estou louco varrido, senão nossos planos irão por água abaixo.

Adam esticou os braços para ela, ainda sorrindo.

— Venha cá, doçura.

Os lençóis voltaram para o chão, e Hilda correu para os braços de Adam. Colou seu corpo ao dele e repousou a cabeça nos ombros fortes, enlaçando-o pela cintura.

— Estou farta desse jogo. Hoje ele me ameaçou, sabia? Disse que me despediria se eu não ficasse de olho em você.

— A hora dele está chegando, tenha calma.

— Que seja logo, então. Não agüento mais tanta tensão e vigilância em cima de mim.

— Não se aflija, doçura. Assim que Christine estiver plenamente convencida, o plano seguirá seu curso por si só. Já começou a enfraquecer o chá dela?

— Não, ainda não. Achei que seria melhor esperar a chegada de Gareth.

— Sim, acho que foi esperto de sua parte. Agora que ele voltou, você já pode começar hoje à noite. Deixe-a meio grogue, e eu faço o resto.

Adam parecia animado demais, e Hilda sentiu uma ponta de ciúmes. Voltou os olhos suplicantes para ele:

— Você... não está apaixonado por ela?

— Eu? Tendo você só para mim? Não seja ridícula, minha bobinha. Meu objetivo em relação a Christine é um só.

Hilda achegou-se mais.

— Acho que ficaria louca se você olhasse para outra mulher.

Adam acariciou-lhe as costas, o pescoço, e logo suas mãos já passeavam pelos seios da Hilda.

— Querida e doce Hilda, você é a única mulher que existe para mim. O

que pretendo fazer com minha cunhada servirá apenas como parte de nosso plano. Escarpa Negra será nosso, não se esqueça. Agora, quero que me prove o quanto me ama!

Hilda ergueu-se na ponta dos pés, oferecendo os lábios com volúpia e sofreguidão. Ambos caíram sobre o colchão nu, rolando entre gemidos e espasmos agitados. Espojaram-se como animais no cio, gritando de excitação e prazer.

Quando terminaram, Adam rolou na cama e se levantou, ajeitando a braguilha. Armado de um sorriso irresistível, atirou-lhe a saia ao colo.

Ainda trêmula, Hilda apanhou-a e sentou-se na cama, olhando-o com adoração. Alguns fios de cabelo haviam escapado do apertado coque, e agora pendiam em tufo lisos sobre seus ombros ossudos.

— É hora de voltar ao trabalho, Hilda, senão meu irmão pode desconfiar de sua demora. E eu vou tratar de planejar como será minha saída de hoje à noite.

Sentindo-se dispensada, Hilda obedeceu com relutância, e deixou o quarto, trancando a porta conforme as instruções de Gareth. Isso era de menor importância, uma vez que Adam possuía uma cópia da chave, fornecida por ela mesma.

Deixando a ala norte, rumou para seu quarto, cuidando para não ser vista. Ao chegar, desabou na cama como sempre fazia. E, como sempre, deu livre curso a lágrimas de frustração.

O sonho começou com uma carícia delicada. Christine sorriu e se achegou à fonte de calor que sentia ao seu lado. Mais uma vez percebeu que lhe acariciavam o queixo, e dessa vez seu espírito se fez mais alerta. Vagarosamente, piscando repetidas vezes, abriu os olhos na penumbra do quarto, iluminada apenas pelas brasas ambarinas que dormiam na lareira. Virou o rosto e viu um vulto de homem sentado na beira da cama. Embora as feições dele estivessem mergulhadas em sombra, foi-lhe fácil reconhecer o marido. Estranhamente, Christine não sentiu nem um pouco de medo ao vê-lo em seu quarto. Espreguiçou-se e bocejou, escondendo a boca atrás da mão.

— Que está fazendo aqui? — murmurou, semiadormecida. Queria

despertar para entender melhor o que se passava, mas não conseguia.

— Você é minha mulher, Christine. Onde mais eu poderia estar?

A voz estava rouca, cheia de desejo. Estonteada, Christine aceitou a explicação sem discutir e sorriu para o homem.

— Pensei que não gostasse de mim.

— *Non, ma petite*. Você é bonita demais... desejável demais.

As mãos dele acariciaram-lhe o pescoço. Christine soltou um suspiro de prazer, gostando do agrado, feliz porque seu marido não a detestava como acreditara. Embora tivesse execrado aquele casamento, ultimamente Christine vinha alimentando uma tênue esperança de que, afinal de contas, ele pudesse dar certo.

— É a mulher mais bonita que já vi.

Presa de excitação e encantamento, ela não pôde responder. Uma estranha onda de calor percorria-a de alto a baixo, deixando-a tonta e ofegante. As palavras ternas do marido despertavam nela as mesmas emoções que experimentara naquela tarde, quando sentira os olhos de veludo negro mergulhados nos dela. Umedeceu os lábios com a língua, entreabrindo-os enquanto seu sangue pulsava em ritmo acelerado.

— Você é minha, Christine, e logo virá a conhecer o verdadeiro dono de Escarpa Negra.

Em meio à tontura e à excitação, Christine fez que sim com a cabeça, sorrindo fracamente. Oh, por que não conseguia despertar direito?

— Agora, minha linda noiva, feche os olhos.

Ela obedeceu. Uma última e leve carícia no pescoço a fez deslizar de volta para as trevas do desconhecido. Christine lutou como pôde para se manter acordada, mas parecia que havia areia sobre suas pálpebras. Finalmente, com esforço, conseguiu soerguer o corpo, apoiando-o sobre um cotovelo.

O quarto estava vazio.

Frustrada, sentindo que algo de muito precioso lhe havia sido roubado, perscrutou as sombras do quarto, na esperança de vê-lo ainda escondido. Nada encontrando, enrodilhou-se na cama como uma criança abandonada, os

olhos fixos nas brasas ainda incandescentes. Por que Gareth a procurara em seu quarto?

Súbito, a resposta veio com clareza insuportável: tudo não passara de um sonho. Ainda podia sentir as carícias suaves de Gareth, como se tivessem sido reais; contudo; sonolenta como se achava, provavelmente sonhara com a visita do marido. Para ter absoluta certeza, restava-lhe perguntar a Gareth se ele realmente viera ao quarto. Sim, perguntaria no dia seguinte quando o encontrasse, talvez na hora do jantar...

E voltou a rolar para o inconsciente, sob os efeitos do poderoso chá de Hilda.

CAPÍTULO IV

O trovão estrondou num rugido de fera acuada, sacudindo o castelo de alto a baixo. Christine, que cochilava na cadeira, acordou num sobressalto. O pesado volume que repousava no colo escorregou e caiu, batendo com força no seu tornozelo. Acordada pelo barulho e pela dor, olhou com desgosto para a janela. A chuva continuava a cair incessantemente, formando densa cortina cinzenta por trás dos quadradinhos coloridos do vitral. A noite estava tenebrosa, da mesma forma que seus nervos.

— Droga de tempo! — resmungou, esfregando o tornozelo machucado.

— Esse céu daqui não sabe fazer outra coisa. É só chover, chover, chover!

Recolheu o livro do chão e abriu-o, impaciente. Não tivera a intenção de cochilar, mas a pasmaceira do dia, somada à pasmaceira do livro, haviam agido como soporífero infalível.

— Como se eu precisasse de calmantes para dormir! — queixou-se, sem ânimo para ler mais. — Esta vida dá sono a qualquer um!

De fato, Christine se via presa à mais cansativa mesmice do mundo. Cada dia era espelho vivo do dia anterior; levantar, tomar o café sozinha no

quarto, bordar um pouco, ler um pouco, almoçar... Dia após dia era a mesma agonia. Inventava mil ardis para escamotear o tédio; arrumava as gavetas, vagava pelos salões vazios, estudava em livros.

Ultimamente, passara a depender dos livros que encontrara no escritório de Gareth. Lera uma porção, um atrás do outro, a tal ponto que estava se tornando entendida em literatura inglesa. Mesmo assim, sua vida tornava-se cada vez mais monótona.

Por sorte, eram raras as vezes em que via o marido, exceto na hora do jantar. E todas as noites a história se repetia. Depois de algumas perguntas educadas e respostas dadas com igual polidez, a refeição continuava em absoluto silêncio. Quando terminava, Gareth desejava-lhe boa noite e ia se trancar no escritório.

Não era fácil fazer de conta que tudo ia correndo de maneira satisfatória. Decididamente, não! Desde o dia em que pedira desculpas ao marido, uma espécie de trégua tácita havia se instalado entre eles. Repugnava-lhe a idéia de rompê-la, e por isso preferia não reclamar contra sua forçada inatividade. Assim, gastava os dias lendo ou bordando.

Por outro lado, Christine não ignorava que esse tédio estava lhe dando nos nervos. Por mais de uma vez pilhou-se gritando com Babette pelos motivos mais mesquinhos. Seu apetite diminuía, fazendo-a emagrecer. Mas o que mais a preocupava era algo que escapava ao seu controle: os estranhos sonhos que costumava ter. Todas as noites sonhava com o marido, e às vezes eles lhe pareciam dolorosamente reais. Toda a vez era a mesma coisa. Gareth aparecia e tomava-a nos braços, dizendo-lhe coisas ternas e apaixonadas. Pela manhã, podia ainda sentir a barba dele roçando contra seu rosto, podia ainda sentir o aroma do hálito quente e apaixonado.

Logo na primeira noite, tomara a decisão de questionar Gareth, mas uma espécie de pudor impedira-a. A atitude do marido no jantar fizera-a não ter a menor sombra de dúvida de que sonhara, efetivamente. Gareth mantivera-se frio e distante, como sempre. Ora, Christine não era médica, mas a intuição lhe dizia que homem nenhum do mundo poderia agir de modo tão diferente à noite e de dia.

"Estou ficando pior que Babette a cada dia que passa", matutou com seus botões. "Preciso parar de pensar nisso, ou acabo maluca."

Jogou o livro de lado e ergueu-se, resoluta. Devia haver um modo melhor de passar o tempo, que inferno! Chega de ficar sonhando de olhos abertos com homens inacessíveis!

— Ele vai ver só com quem se casou! — murmurou, entre dentes.

Afinal de contas, era ou não era a castelã naquele lugar? Então tomaria a si os afazeres da casa, pronto. Mesmo que tivesse de enfrentar a ira de Gareth e o mau humor da irritadiça governanta, seria alguma coisa de novo para fazer. Sim, era uma ótima idéia. Mas primeiro teria de comunicar sua decisão ao marido.

— Vamos, Christine — disse alto, tentando se animar. — Vamos enfrentar a fera!

Ao encostar a mão na maçaneta, porém, um grito lancinante e prolongado levantou-se no corredor. O estômago pareceu vir parar à sua boca, que imediatamente ganhou um gosto ruim de fel. Com mãos trêmulas, aventurou-se a abrir a porta e a colocar a cabeça para fora. Como não visse nada, saiu para o corredor, mais confiante.

No topo da escada, deparou com o corpo desmaiado de Babette, tendo ao lado um homem alto de capa preta. Sentiu outro baque no estômago — até que reconheceu o marido.

— Meu Deus! O que você fez com ela? — gritou acusadora, correndo para Babette.

— Nada, madame. Ela me viu, ficou histérica e desmaiou, eis tudo o que sei. Não sabia que eu tinha o dom de assustar gente desse modo. Afinal, não sou tão feio assim, não acha?

E Gareth sorriu com ironia, abrindo os braços.

Mas Christine não viu motivo de riso; antes, dardejou-o com um olhar que intimidaria qualquer homem um pouco mais fraco que ele, e ajoelhou-se ao lado da aia.

— Babette? — falou com doçura, dando tapinhas nas bochechas pálidas.

— Vamos, acorde!

Devagar, Babette abriu os olhos, fixando-os na patroa. Ainda desorientada, levou as mãos à cabeça e sentou-se no chão, amparada por Christine. Súbito seus olhos se alargaram desmesuradamente.

— O fantasma, *mademoiselle*... O fantasma! Ele veio em minha direção... e tinha asas de morcego!

Lord Gareth soltou um riso baixo.

— Sinto muito desapontá-la, Babette, mas tudo o que você viu fui eu!

A criada virou-se para ele e, teimosa, sacudiu a cabeça.

— Não. Eu vi o fantasma... É o mesmo que vaga por aí todas as noites!

— Ora vamos, minha Babette! De novo com sua imaginação fértil, hein? Venha, querida, vamos até meu quarto. Você descansará um pouco lá.

A aia obedeceu e se pôs de pé. Sacudiu o vestido e olhou com a habitual franqueza para *lord* Devlin:

— Eu sei muito bem o que vi. Não foi *milord*.

— Mas nós já explicamos o que aconteceu, Babette! — interveio Gareth, cujo sorriso desaparecera. — Sugiro que faça o que *lady* Devlin quer e deixe de lado essas histerias. Elas são intoleráveis neste castelo.

Babette ficou vermelha como um pimentão.

— Não precisa me insultar!

— Babette! — repreendeu Christine.

— Não, *mademoiselle*, sinto muito. Digam o que quiserem, mas estou afirmando que vi o fantasma. Não fico mais nem um dia neste amontoado de pedras velhas, que vocês chamam de castelo... Hoje mesmo vou-me embora.

— Não! — gemeu Christine, apertando as mãos. — Você está cansada, ficou agitada com o susto! Não pode me deixar sozinha!

— Desculpe, *mademoiselle*. Gosto muito da senhora, mas se passar mais uma só noite aqui, acabo enlouquecendo.

Grossas lágrimas rolaram dos olhos da criada, que tremia incontrolavelmente. Christine lançou um olhar angustiado ao marido.

— Babette, acho que minha mulher gostaria que você ficasse. Ela precisa de você.

— Não, *milord*, eu vou embora — respondeu a moça, encarando-o sem

medo. — O marquês prometeu que eu poderia voltar a Beauvais quando quisesse, caso não gostasse daqui.

— Você não pode me deixar sozinha, por favor! — exclamou Christine, segurando-lhe a mão.

Babette hesitou ante a tristeza sincera da patroa. Sentindo seu coração dilacerado, engasgada de pranto e vergonha, ajoelhou-se e beijou a mão de Christine.

— Desculpe, *mademoiselle*, desculpe... Eu não posso, não consigo!

E, levantando-se de um salto, desabalou escada abaixo. Nem que quisesse, sabia agora que não mais conseguiria passar uma única noite ali. Arrumaria suas coisas em dois minutos, e rumaria para a cidade mais próxima. Depois disso... adeus, amontoado de pedras velhas! Adeus, fantasmas malditos!

Christine cobriu a boca com uma mão trêmula, observando a aia sumir de vista. Não, isso não podia ser verdade! Babette a deixara sozinha no meio de estranhos, num país hostil... Na certa ela voltaria e pediria desculpas!

Gareth acompanhou o olhar triste da esposa, reprovando-se intimamente. No afã de evitar Christine, no esforço quase hercúleo que vinha fazendo para não sucumbir à atração física que ela lhe despertava, esquecerase dos sentimentos da esposa. Era uma mulher sensível e inteligente; certamente se ressentia de viver sozinha. Em seu egoísmo, não lhe fizera companhia sequer uma vez.

— Sinto muito, Christine — falou, colocando a mão no ombro frágil e encurvado da mulher. — Sei que sentirá falta dela.

Ela se voltou, os olhos parecendo duas folhas orvalhadas numa manhã triste de primavera.

— Ela é... é tudo o que eu tinha. É meu único elo com minha família. Se Babette se for, ficarei sem ninguém com quem conversar!

Gareth sentiu um aperto indizível no coração. Abraçou-a suavemente, dizendo:

— Sua casa agora é esta, Christine. E sua família também.

Infeliz e carente, ela retribuiu o abraço, enterrando o rosto no peito do

marido, molhando-lhe a capa de lágrimas.

Delicadamente, Gareth afastou os cachos acobreados do rosto de Christine, murmurando palavras ternas de conforto. Os cabelos dela escorregavam como seda entre os dedos, e tinham um perfume delicioso de rosas.

— Shh, Christine, calma agora. Tudo ficará bem, vai ver. Alice será uma ótima criada de quarto para você. Ela é muito eficiente.

— Não, você não entende! Nada mais dá certo, desde o dia em que papai decidiu meu... nosso casamento. E agora até Babette desertou... Eu me sinto perdida!

— Sei que as coisas não têm sido fáceis para você, Christine. Acredite, para mim também não, talvez até pior. Mas precisamos aceitar o fato de que estamos casados. Você agora é *lady* Devlin, castelã de Escarpa Negra.

— Casados! — repetiu Christine, com amarga ironia. — O padre vem, declara que somos marido e mulher, assinamos uma papelada enorme... e daí? Não somos casados coisa nenhuma! Não passamos de estranhos um ao outro. Vivemos sob o mesmo teto mas não compartilhamos nada, nada... nem mesmo uma conversa civilizada na hora do jantar! Gareth ficou imóvel, incapaz de responder. Tudo o que ela dizia era a expressão da verdade. Bem, teria de rever sua posição — ao menos em alguns pontos.

— Concordo. As coisas entre nós não têm andado muito bem. Proponho então que tentemos agir como marido e mulher. Vamos experimentar?

Christine entendeu mal as palavras de Gareth e sacudiu a cabeça veementemente. Não pretendia deitar-se com aquele homem, por mais que ele a atraísse.

— Espere, Christine, você não compreendeu. Não será preciso... hã, agir como marido e mulher de *todos* os modos. Estou querendo dizer que talvez possamos nos tornar amigos. Bons amigos, Christine.

— A... amigos? — repetiu ela bobamente, entre aliviada e espantada.

Ora, aí estava uma novidade engraçada. Travar amizade com o próprio marido... Sim, até que podia ser.

— Isso mesmo. Creio que nossa vida em comum ficaria muito mais fácil.

E se abrirmos espaço suficiente, estou certo de que vamos apreciar bastante a companhia um do outro. Nenhum de nós queria esse casamento, mas uma vez que ele é uma realidade, vamos tentar tirar o melhor do pior. Que acha?

— Então... então eu posso cuidar do castelo?

— Mas é claro! — exclamou Gareth, surpreso com a pergunta. — Está no seu direito cuidar dele.

O rosto dela se iluminou. Era uma garotinha ganhando um doce cor-de-rosa.

— Então posso cuidar dos criados, dos móveis, da comida?

— Ei, calma! — volveu Gareth, sorrindo diante da alegria quase infantil de Christine. — Pode fazer tudo isso, dentro de certos limites, é claro. Por exemplo, se decidir renovar a criadagem, espero que me comunique antes. Também não quero ficar totalmente alheio de suas decisões. Feito?

— *Milord*, não sei como lhe agradecer! — exclamou ela, os olhos cheios de alegria.

Era, na verdade, a primeira vez que Christine sentia alguma emoção diferente de tédio ou tristeza.

— Não tem porque me agradecer, *madame*. Você é a castelã, e tem toda a autoridade para fazer o que bem entender. Se encontrar alguma dificuldade, pode vir falar comigo.

— Engana-se, eu tenho muito que agradecer. Nem pode imaginar o quanto isso significa para mim, *milord*. Veja, nos últimos dias eu pensei que fosse morrer de tédio... Só fazia ler e passear, e assim mesmo quando não chovia. Bordava, comia, dormia. Sentia-me sufocada, para dizer a verdade. Agora não, terei um objetivo. E saberei cuidar muito bem do seu castelo, fique descansado.

— Nosso castelo, Christine.

— Seja, nosso.

Involuntariamente, Gareth acariciou o queixo petulante, mergulhando naquele mar de verde infinito que eram os olhos de Christine.

— Foi culpa minha, desculpe — murmurou, com voz quente. — Devia ter pensado nisso antes. É lógico que você se aborreceria se não tivesse uma

ocupação decente para seu tempo.

Um pigarro discreto fez com que Gareth baixasse a mão e se afastasse de Christine.

— Vejo que Hilda já trouxe seu chá. É hora, então, de lhe desejar boa-noite.

O castelão hesitou um pouco, e em seguida continuou:

— Hilda, minha mulher e eu estivemos discutindo sobre o castelo. Acho que é hora de ela assumir as responsabilidades aqui dentro, e começar a dar as ordens aos criados. Você, é claro, vai fazer o grande favor de ajudá-la no que for preciso. Posso contar com você, não é?

A governanta baixou a cabeça, submissa.

— Farei o possível para servir *lady* Devlin da melhor maneira, *milord*.

— Muito bom, muito bom. Então, boa noite para as duas.

Gareth começou a descer as escadas, mas deteve-se.

— Ah, sim, quase ia me esquecendo. Babette está voltando para a França, Hilda. Substitua-a por Alice o quanto antes.

— Perfeitamente, *milord*.

Gareth desceu depressa, ansioso por se livrar do olhar incandescente de Christine. Mais alguns instantes a sós com ela e... Ainda bem que Hilda chegara! Agora, um passeio na friagem da noite acalmaria seu sangue fervente.

Sorrindo feliz pelo êxito obtido com relação à abelhuda aia francesa, Hilda seguiu a patroa em silêncio até o quarto.

— Uma vez que Babette não está, *milady*, gostaria que eu a ajudasse a se despir?

— Não, não será necessário. É muito gentil, mas acho que vou saber me virar sozinha. Mas que noite pavorosa, santo Deus!

Christine dirigiu-se para a janela, fustigada pela chuva incessante. Olhando para baixo, viu o marido dirigindo-se a largos passos para o jardim. Intrigada, perguntou-se o que ele fazia lá fora, num tempo feio como aquele.

— A senhora vai se acostumar. Tempestades como essa são comuns por aqui — informou Hilda, colocando a bandeja sobre o criado-mudo.

Despejou o líquido dourado e fumegante na xícara e ofereceu-a à castelã.

— Seu chá, *milady*.

— Obrigada, Hilda, deixe em cima da mesa. Por enquanto não estou com vontade de tomar chá.

— A senhora precisa dele, para dormir bem.

Christine encarou-a, irritada com a insistência.

— Meu chá vai ajudá-la a relaxar e descansar. Principalmente hoje, que Babette não está aqui. Beba, *milady*, por favor.

— Estou dizendo que não quero, Hilda. Por favor, leve a bandeja de volta.

A governanta mordeu os lábios, disfarçando como podia a contrariedade. Dando-lhe as costas, depositou a xícara sobre uma mesinha.

— É por ordem de *lord* Devlin que lhe trago chá todas as noites, *milady*. Ele quer que a senhora o tome; não faço mais que obedecer.

— Como é que é? — Christine exclamou espantada. — Meu marido quer que eu tome esse chá? Mas por quê?

— Porque é um ótimo relaxante, creio.

Christine se lembrou da maneira carinhosa como Gareth havia falado com ela. Rememorou a generosidade com que lhe confiara as responsabilidades do castelo, e achou que o mínimo que poderia fazer para retribuir era beber uma inofensiva xícara de chá.

— Bem, nesse caso...

Solícita, Hilda estendeu-lhe de novo a xícara, que Christine aceitou sem questionar mais. Sorveu um gole, mas estranhou o gosto. Experimentou mais um pouco, e franziu a testa.

— Acho que, por hoje chega, Hilda. Minha boca não está combinando com seu chá, não sei por quê.

— *Lord* Devlin insiste, *milady*. A senhora deve beber tudo.

A castelã suspirou. Se não obedecesse, aquela mulher aborrecida e eficiente seria capaz de passar a noite em seu quarto, só para ver as ordens do patrão atendidas. Fazendo uma careta, engoliu como pôde mais um pouco.

A sombra de um sorriso perpassou os olhos frios da governanta. Por

pouco a francesa não punha tudo a perder! Estava mais que na hora de fazer com que aqueles dois se tornassem marido e mulher, de uma vez por todas. As ervas que adicionara hoje à bebida cuidariam de Christine. Hilda não era tola, e sabia que *lord* Devlin tinha seus encantos aos olhos da castelã. Quando as ervas fizessem efeito, ninguém poderia deter a francesa.

A governanta vibrava, triunfante. Uma vez consumado o casamento, suas preocupações terminariam. Adam deixaria de se interessar por aquela sirigaita, logo que soubesse que o irmão havia dormido com ela. Conhecia-o o suficiente para saber que não aceitaria restos do banquete de Gareth.

Adam pensava que a enganava com carinhos e agrados, mas ela, Hilda Bronson, estava longe de ser burra. Percebera que o amante se tornava cada vez mais obcecado pela idéia de possuir a cunhada virgem. Era, pois, hora de fazer com que aquele casamento se consumasse de uma vez. E teria então Adam de volta, como antes, terno e carinhoso.

— Pode ir, Hilda. Tomarei o resto do chá mais tarde, antes de me deitar.

— Desculpe, *milady*, mas devo esperar que tome tudo. Tenho ordens estritas quanto a isso.

Christine considerou a possibilidade de se recusar a tomar o resto da mistura, que hoje lhe parecia intolerável. Decidiu, porém, que seria melhor não atrapalhar aquele começo de amizade com o marido, ainda nos primeiros ensaios. Tinha sua vida atada à de Gareth Devlin, e o melhor a fazer seria cultivar o mútuo entendimento.

Virou de uma vez o conteúdo da xícara, entregando-a vazia a Hilda.

— Pronto, está satisfeita? Pode ir contar ao patrão que eu bebi tudo e vou para minha cama como menina bem comportada...

A governanta se permitiu um breve sorriso.

— Boa noite, minha senhora. Durma bem.

— Boa noite. Feche a porta ao sair, por favor.

Soltando um suspiro de alívio ao se ver sozinha, Christine começou a tirar a roupa. Não estava acostumada a fazer isso, e seus dedos se machucavam, perdidos entre colchetes e tachinhas. Mas estava disposta a qualquer sacrifício para se ver livre de Hilda.

Esta havia colocado em cima da cama sua melhor camisola, um pedacinho de nuvem azul debruado de arminho. A princípio, teve dó de usá-la naquela noite cinzenta e chuvosa, mas depois pensou melhor. Por que não? Afinal, teria de usá-la algum dia.

Enfiou-se na camisola com um suspiro de satisfação. Era macia, fina e fofa, amoldando-se como luva em seu corpo. Olhou-se no espelho e ficou contente com o que viu. Soltoou os cabelos e começou a escová-los.

Cantarolando, foi até o banheiro e fez uma relaxante toaleta, que lhe tomou uma meia hora.

Ao voltar ao quarto, porém, uma ansiedade estranha, uma quentura gostosa, pareceu percorrer seu corpo de alto a baixo. Era um calor agradável, mas assustador, e totalmente desconhecido para ela. Amedrontada, olhou para a imagem refletida no espelho. Seus olhos pareciam grandes, muito maiores, mais brilhantes. E aquelas ondas de calor...

— Que é que há comigo? — murmurou baixinho, passando os dedos pelas faces afogueadas.

Involuntariamente, pôs-se a pensar nos sonhos que vinha tendo. Passou um dedo nos lábios, acariciando-os voluptuosamente, imaginando que a carícia não era dela, e sim de Gareth. Mesmo em sonhos, ele jamais a beijara; contudo, nesse momento, Christine não conseguia tirar da cabeça que seria bom, muito bom, beijar aqueles lábios carnudos, que sabiam ser tão carinhosos e dizer tanta coisa bonita de ouvir... Um beijo! O calor ia e voltava em ondas, carregando-a por trilhas novas e desconhecidas. Notou que tinha a respiração mais curta e ofegante, enquanto suas mãos tremiam levemente. Seu pensamento voou de volta para Gareth. Como fora bom e gostoso na hora em que ele a abraçara... E como ansiava por estar em seus braços de novo!

Sem analisar o que fazia, Christine se levantou. Como autômata, atravessou o quarto, abriu a porta e ganhou o corredor, sem olhar para trás. Ao chegar em frente ao quarto do marido, não bateu. Entrou, simplesmente.

Às velas estavam apagadas, mas o fogo da lareira era o suficiente para iluminar o vulto que dormia na grande cama de madeira entalhada. Gareth

estava deitado de lado, a cabeça pousada sobre um braço moreno e musculoso. Coberto pelo lençol até a cintura, exibia o tórax em toda a magnífica nudez. Christine prendeu a respiração, extasiada. Não conseguia tirar os olhos daquele corpo bem torneado, que lhe lembrava Apoio adormecido.

Suas mãos ardiam em fogo, pedindo para tocar a pele morena. Adiantou-se devagarinho, as mãos estendidas. Uma tábua estalou sob seus pés, mas não lhe deu atenção. Nem percebeu que Gareth despertara, e agora a observava de pálpebras semicerradas.

Pasmo e atônito, incapaz de acreditar no que via, o castelão observava a esposa se aproximar cautelosamente, com graça felina e audaciosa. Gareth manteve-se imóvel, cada músculo do corpo tenso, a boca seca, as palmas das mãos úmidas. Cuidando para não ser ouvido, exalou e inalou fundo, numa vã tentativa de amainar as furiosas batidas do coração. Christine estava agora muito próxima, e o olhar de Gareth, esgazeado, fixou-se nas curvas que se delineavam através da musselina transparente, iluminada pela lareira. Foi com muito esforço que conteve um gemido de adoração e capitulação. Seu corpo se recusava a obedecer as ordens insistentes que recebia do cérebro perturbado.

Christine estendeu a mão, branca, suave... Gareth prendeu a respiração. Céus, como seria bom sentir aquelas mãos de cetim sobre o corpo nu!

Mais uma vez, Gareth sufocou um gemido de êxtase. A mão de Christine acariciava-o docemente, acompanhando as curvas de seu abdome, dos braços. Detinha-se de quando em quando, como se ela quisesse saborear sua pele. E retomava o caminho, explorando, sempre explorando. A mão de cetim afagou-lhe o pescoço, os pêlos do peito, a cintura. Gareth trincou os dentes, desesperado para deitar sua mulher na cama e pôr um fim a seus tormentos ali mesmo. Não sabia mais o quanto poderia suportar; era um sacrifício desvairado.

Agora Christine passava um dedo úmido e quente num mamilo, provocando-o até senti-lo duro; depois, passou para o outro. Devagarinho, muito devagarinho, a mão aveludada começou a descer mais e mais rumo à penugem escura que se escondia sob o lençol.

Quando não teve mais dúvida quanto às intenções da mulher, Gareth abriu os olhos, fitando-a com intensidade. Agilmente prendeu-lhe a mão, antes que ela conseguisse atingir seu objetivo.

— Acabou-se a brincadeira, Christine. Volte para seu quarto.

— Não, eu quero tocá-lo! — implorou ela, a voz enrouquecida, todo o pudor subjugado e derrotado pelo efeito poderoso do chá.

— Volte, já disse. Aqui não é seu lugar.

Gareth lutava desesperadamente contra o desejo que se avolumava em seu ventre. Se ela não obedecesse depressa, não seria mais senhor da situação.

Christine ergueu um joelho e colocou-o no colchão, avançando como gata, os olhos brilhando como tochas.

— Sou sua mulher e quero ficar aqui.

— Não, não quer. Você não sabe o que quer. Nem mesmo gosta de mim!

A voz de Gareth, algo trêmula, traía a batalha que travava consigo mesmo.

Christine pegou o rosto do marido com as duas as mãos, mergulhando os olhos cheios de promessas nos dele.

— Sei muito bem o que quero. Sua pele é macia... Parece cetim.

— Você está bêbada? — perguntou ele, sem saber mais o que pensar.

Ela riu baixinho e se pôs novamente de gatinhas no colchão, enquanto ele a contemplava desconcertado.

— Christine! O que quer agora...?

Ela desceu da cama, os movimentos ondulantes e preguiçosos, sem tirar os olhos dele. E, com um gesto selvagem, arrancou os lençóis que cobriam a nudez do marido.

Gareth inspirou profundamente, batalhando ferozmente para vencer o desejo que o deixava quase maluco. Tentava enfiar na cabeça, a marteladas, que fizera uma promessa, um juramento, de que nunca tocaria em sua mulher. Mas só conseguia olhar para aquele corpo escultural e sentir o desejo crescer.

— Pelo amor de Deus, Christine, pare com isso! — exclamou, saltando da cama e puxando o lençol para nele se enrolar. — Que é que deu em você, com

todos os demônios? Escute, não sei o que pretendia comigo, mas sugiro-lhe que espere ser convidada antes de fazer esse tipo de visita. E agora, por favor, volte para o quarto.

Ela apenas sorriu. E avançou, o corpo ondulando sob a nuvem azul da camisola.

— Não, Christine... — falou ele, recuando precipitadamente.

Na afobação, tropeçou no lençol e tentou se equilibrar, mas não conseguiu. Desabou sobre o tapete, enquanto o lençol escapava e deixava-o inteiramente nu diante da mulher. Meio aéreo, Gareth imaginou que Christine se assustaria com o tamanho de sua ereção. Mas nada mais podia fazer; ela já a vira. Esperou, ofegante, que sua mulher desse um gritinho e corresse porta afora.

Contudo, a reação foi diferente e inesperada. Incrédulo, Gareth viu-a livrar-se da camisola azul como num passe de mágica. O corpo nu, banhado pela luz bruxuleante da lareira, ganhava contornos ambarinos, de ouro e fogo. Os cabelos, soltos e livres, emolduravam-na dos pés à cintura em reflexos cambiantes de cobre.

Subjugado, Gareth entregou os pontos. A longa batalha terminara. Não havia mais como fugir. E mesmo que tentasse, seu coração não mais o permitiria.

Lentamente, estendeu os braços para sua mulher.

Christine abaixou-se e aninhou-se em seu colo, abraçando-o com paixão. Os lábios dela capturaram os de Gareth, e ambos se entregaram a um beijo profundo, longo, quente. O corpo dele rolou sobre o de Christine, que gemeu docemente, pedindo mais, mais, mais. A língua dele tornou-se quente e exigente, transmitindo fogo para as entranhas de Christine.

Gareth soergueu o corpo, admirando as linhas puras e macias da esposa.

Em seus olhos brilhou um rápido lampejo de indecisão.

— Que Deus me perdoe! — murmurou baixinho, enquanto Christine o puxava para baixo.

Com um gemido rouco, mesclado de prazer e dor, mergulhou finalmente no gozo indescritível de possuir e ser possuído.

À primeira investida, Christine sentiu-se rasgar por dentro. Mas o chá fora habilmente preparado; a dor logo passou, cedendo lugar a um intenso e incoercível desejo.

Ela ajeitou o corpo, moldando-o ao de Gareth, e envolveu-lhe a cintura com as pernas, a fim de senti-lo no âmago do ventre.

Os movimentos se tornaram mais rápidos e vertiginosos, levando Christine para um mundo desconhecido e maravilhoso. Sentia Gareth mergulhar e subir, mergulhar e subir, e seu êxtase ia num crescendo de gozo, quase intolerável, até que arqueou o corpo para cima, soltando um grito de prazer. Nesse momento, sentiu que algo se desprendia do corpo do marido e a inundava por dentro.

Ofegantes, respirando entrecortadamente, os dois se deixaram ficar sobre o tapete, as pernas ainda preguiçosamente enlaçadas.

Aspirando o perfume de Christine, Gareth foi entrando de volta na terrível realidade. Puxou a mulher para si, embalando-a. O coração batia rápido, mas não mais de paixão insatisfeita. Fechou os olhos, desesperado. Quebrara seu juramento, esse era um fato irreversível. Sua única esperança agora era que Christine não concebesse um filho. Deus haveria de ajudá-lo.

— Christine? — chamou baixinho.

Mas não houve resposta; ela dormia como uma criancinha, as feições calmas, os longos cílios repousados placidamente no rosto de porcelana.

Cuidando para não perturbá-la, Gareth se soltou e pôs-se de pé. Vestiu depressa o roupão, cobriu o corpo nu de Christine com um lençol e ergueu-a nos braços, fitando o rosto querido banhado pela luz leitosa da lua.

— Você é uma mulher de fogo, Christine — sussurrou, com os olhos cheios de angústia. — Não fosse o medo de torná-la infeliz, ou o medo de desgraçar nosso filho, eu a amaria do modo como meu coração pede.

Silenciosamente, levou a mulher para o quarto dela.

Colocou-a na cama, cheio de mil cuidados carinhosos, e deixou-se ficar um pouco, contemplando-a. Como era bela, a sua Christine!

Na manhã seguinte, tentaria convencê-la de que o que se passara entre eles fora uma loucura. Que nunca mais poderia ser repetida.

Soltando um suspiro de remorso, beijou a testa da mulher e acariciou-a de leve na curva suave do pescoço.

Não ignorava que, embora estivesse saciado no momento, precisaria manter-se longe de Christine a qualquer custo. Porque, agora que provara daquele corpo estonteante, sabia que sua alma nunca mais teria sossego, e acabaria por exigir mais uma vez, e outra, e outra.

Seus ombros se curvaram sob o peso da tristeza. Gareth deixou o quarto sem olhar de volta para a mulher que viera a amar com desespero, em curto espaço de tempo.

Os olhos de Adam tornaram-se dois poços negros cheios de ódio, ao ver Gareth sair do quarto de Christine e encaminhar-se para sua porta. Fechou os punho e apertou os lábios num esgar de ira.

— Maldito seja! — praguejou, sentindo a raiva crescer. Gareth sempre fora o primeiro em tudo, até na hora de nascer. E agora, outra vez, fora o primeiro a possuir a mulher que ele, Adam, havia elegido para ser sua!

Virou-se para Hilda, que, como ele, se achava mergulhada nas sombras do corredor. Ela recuou instintivamente. Adam era um homem bonito, tão bonito quanto o irmão; mas agora sua fisionomia achava-se transfigurada, quase irreconhecível. Ele avançou e agarrou-a pelo pulso, torcendo-o sem piedade.

— Sua imbecil! — vociferou, a boca espumando nos cantos. — Como é que foi deixar acontecer uma coisa dessas?

— Está me machucando, Adam. Você não pode me culpar pelo que aconteceu. Eu segui suas ordens, e deixei o chá mais fraco. Ela quis entrar no quarto do marido e entrou; nada tive com isso. Solte-me agora.

— Isso vai mudar tudo! — grunhiu ele entre dentes. "Ah, vai mesmo", pensou Hilda. "Agora não preciso mais ter medo de ser trocada por ela".

— Fiz mal em ir chamá-lo, estou vendo. Não sabia que você ia ficar tão aborrecido. Solte-me, Adam.

Ele a largou, olhando-a com desdém.

— Lógico que estou aborrecido, estúpida. Nosso plano pode se arruinar se esses dois se juntarem. Temos de mantê-los separados, não vê?

— Isso é fácil. Basta eu mudar a receita do chá. Algumas ervas bem escolhidas a deixarão sem condições de voltar para o quarto do marido.

A governanta pensou nas folhas secas que mantinha escondidas. Nem Adam sabia delas. Um punhado delas seria suficiente para que a francesa dormisse para o resto da eternidade.

— Sim, doçura — disse ele, com fala macia. — Talvez seja uma boa saída. Nem tudo está perdido, meu bem.

— Eu só fiz o que você me pediu, meu querido. Você é tudo para mim, é a minha vida!

Enlaçando-o pelo pescoço, Hilda esfregou o rosto seco contra a barba macia e bem escanhoada de Adam. Ele jamais saberia que Christine recebera uma dose diferente naquela noite.

— Bem, mas acho que precisamos andar um pouco mais depressa. Gareth é um garanhão, o maldito. Não conseguirá ficar muito tempo longe da mulher, porque a danada é tentadora demais.

— Que quer dizer com isso? Há outra razão para querer mantê-la longe de Gareth?

Os olhos escuros de Adam ganharam a dureza do aço, enquanto ele se desvencilhava com fria polidez.

— Não me faça mais perguntas. Tenho cá minhas razões.

— Você não pode querer dormir com ela! Ela é... é sobra de Gareth agora!

Adam segurou a língua. Não era hora de brigar com Hilda; precisava dela para levar a cabo seu plano.

— Você me conhece bem, doçura. Realmente, as sobras de meu irmão pouco me interessam.

Hilda deu um suspiro de alívio.

— Desculpe, Adam. Eu não quero aborrecê-lo.

Ele lhe deu um tapinha no rosto, armando um sorriso sedutor... e dissimulado.

— Meus sentimentos por você não mudaram, Hilda. Nunca mudarão, esteja certa.

Ela sorriu, agradecida. Adam a amava, e isso era tudo o que interessava no mundo.

CAPÍTULO V

Durante a noite o tempo amainara, e agora os raios brilhantes do sol vieram acordar Christine, fazendo jogos de tons em seus cabelos, aquecendo-lhe o rosto. Piscando e bocejando, ela se espreguiçou e virou de lado, cobrindo o rosto com o travesseiro. Era cedo ainda, podia ficar mais um pouquinho só na cama, só um pouquinho...

De repente, a lembrança. Abriu muito os olhos, inteiramente desperta. E um sorriso malicioso desenhou-se em seu rosto, à medida que revivia o sonho da véspera. O que diria Gareth, se soubesse que era o personagem principal de noites e noites de sonhos delirantes? Na certa, pouco se importaria; pelo que depreendera até agora, para Gareth nada que dissesse respeito à esposa lhe interessaria. O breve minuto de atenção que ele lhe concedera na hora do incidente com Babette fora a primeira vez em que a tratara como alguém pouco mais importante que uma carga pesada e enfadonha.

Deixou escapar um suspiro, enquanto enrolava nos dedos um cacho de cabelo. Enfim, as coisas poderiam ser muito piores. Gareth era discreto e não tentara se aproximar dela para fazer sexo; na realidade, Christine temia um pouco que isso acontecesse. Embora o marido a atraísse, não tinha muita certeza se gostaria de se deitar com ele.

Rolou a cabeça no travesseiro e espiou o céu pela vidraça. Estava azul e límpido, com pequenos tufo de algodão na linha do horizonte. Ouviu o grito alegre de gaivotas e o brando murmúrio do mar, que agora descansava depois da noite tempestuosa.

Súbito, tomou a decisão de não se deixar abater pela deserção de Babette, nem pela fria polidez do marido. O dia estava lindo, e pretendia aproveitá-lo da melhor maneira possível. Planejou descer a encosta e passar a manhã na praia, que ainda não tivera oportunidade de conhecer. Vezes sem conta

pedira a Babette que a acompanhasse, mas a teimosa aia se recusara, dizendo que tinha medo de se afogar. Pobre Babette, tão simples, tão cheia de crendices! Em vão explicara que só se afogava quem entrava na água; na areia ela ficaria a salvo.

— Não, essas ondas são muito altas, *mademoiselle*. Elas vêm e arrastam a gente para o fundo. E quando a gente menos espera... adeus. A gente vira mingau de peixe.

Christine sorriu, com saudade e melancolia. Babette não tinha culpa nenhuma; fora criada no campo e nunca na vida havia visto o mar.

Jogando longe as cobertas, pôs-se de pé, cheia de energia renovada. De repente, arregalou os olhos de susto. Devagar, não querendo acreditar no que via, baixou a cabeça e fitou, atônita, o corpo completamente nu. Por todos os deuses...como tirara a camisola? A lembrança do sonho voltou, mais vivida que nunca, criando uma moleza gostosa.

Levou a mão à boca, abafando um grito assustado, e correu para o espelho. Aparentemente nada mudara; contudo, bem no fundo, Christine sabia que algo acontecera. Sentia-se diferente...

— Meu Deus! O que eu fui fazer...?! —murmurou, enrubescendo até a raiz dos cabelos.

Deixou-se cair na cama, tentando recolher as idéias esparsas, que mais pareciam um quebra-cabeças onde faltavam as peças principais. Tinha agora certeza: fora ao quarto de Gareth, sem ter sido convidada! Nunca mais teria coragem de encará-lo. Deus do céu, que vergonha sentia!

Uma batida na porta a fez pular, sobressaltada. Ainda sem compreender o que se passara, agarrou o penhoar, vestiu-o e enfiou-se na cama, puxando o, lençol até o queixo. Rezando para que não fosse o marido, conseguiu esganiçar, depois de algumas tentativas:

— Entre!

O rosto redondo de Alice, emoldurado pela touca engomada, surgiu na porta.

— *Milady*, tenho ordens de vir atendê-la — gaguejou ela, timidamente.

— Sim. A primeira coisa que deve fazer é preparar um banho para mim.

— Num instante, senhora. Já imaginava que pediria um banho, por isso trouxe comigo uma tina de água quente. Está no corredor; em dois minutos seu banho ficará pronto.

Christine desanimou. Queria ficar sozinha para pensar melhor, mas a eficiência da nova aia viera estragar-lhe o plano.

Num piscar de olhos a tina fumegava na saleta contígua ao quarto..

— Está tudo pronto, *milady* — falou Alice, enxugando as mãos no avental. — Se quiser, posso esfregar suas costas.

— Não, Alice, costumo tomar banho sozinha — mentiu Christine. — Mas antes de sair daqui, deixe meu vestido verde preparado. Pretendo dar um passeio na praia, e se você não estiver muito ocupada, gostaria que me acompanhasse. Sabe, não conheço bem os arredores de Escarpa Negra, e prefiro não descer sozinha a encosta.

— Será uma honra para mim, *lady* Devlin — retorquiu Alice, os olhos azuis dançando no rosto sardento.

A jovem jamais imaginara que um dia serviria a castelã de Escarpa Negra, o que lhe parecia o cargo mais importante do mundo. Sua família ficaria orgulhosa quando soubesse como ela subira depressa na vida! De pastora de ovelhas, passara a camareira do castelo mais importante da região... O pai era taverneiro, e o pouco que ganhava mal dava para sustentar a família. Agora, Alice poderia aumentar bem a quantia que costumava mandar para ele. De qualquer maneira, fora uma sorte a fuga precipitada de Babette!

Pressurosamente, ajeitou o vestido pedido sobre a cama, alisou-o com cuidado, fez uma reverência e saiu com o máximo de discrição.

Christine mergulhou no banho com prazer, enfiando-se até o pescoço. Sentia uma espécie de moleza, uma languidez indefinível. Sim, alguma coisa mudara nela, da véspera para este dia. Enrugou a testa, procurando lembrar-se de tudo o que fizera durante o tal do sonho que não era sonho. Lembrava-se de ter entrado no quarto de Gareth, da lareira... e... Mas como fora fazer aquilo, santos céus? Parecia que tinha perdido por completo o bom senso e o pudor. Rememorou os olhos sofridos do marido, suas recusas, a tentativa de

não possuí-la. Mas ela, como gata no cio, não sossegara enquanto não o vira sucumbido. Agira como rameira, embora, até a véspera, nem fizesse idéia de como se consumia o ato sexual.

Na verdade, as lembranças eram vividas, mas como que envoltas num véu. Afinal de contas, pareciam mesmo um sonho, e seria capaz de acreditar nisso para o resto da vida, não fosse ter acordado nua e com uma dorzinha estranha. A última lembrança realmente clara era a de Hilda, com a xícara de chá na mão.

Súbito, seus olhos se arregalaram e fitaram o vazio, esgazeados. O chá! Hilda insistira demais para que ela o tomasse todo, alegando que seguia ordens... Que papel de boba fizera! Agora tudo se encaixava. Gareth planejava tudo, desde o começo. E Hilda o ajudara, como governanta dedicada.

Levantou-se num ímpeto, espadanando água e espuma para todos os lados. Enxugou-se depressa, ignorou o vestido esticado sobre a cama, correu para o armário e passou a mão no primeiro traje que encontrou.

Estava furiosa, e queria aproveitar essa raiva para despejar todo o desdém e aborrecimento em cima do marido o quanto antes, e da maneira mais ácida possível. Nada mais convincente que um bom e sincero acesso de raiva.

Mal penteou os cabelos e nem se deu ao trabalho de colocar meias, muito menos sapatos. Marchou descalça pelo corredor até a porta de Gareth. E, repetindo o gesto da véspera, entrou sem bater.

Uma criada assustada e franzina fazia a cama, cantarolando baixinho. Ao ver a castelã, soltou um gritinho aflito e se endireitou, fazendo uma reverência desajeitada.

— Onde está *lord* Devlin?

— S... saiu, *milady* — explicou a outra, recuando ante a expressão terrível da patroa.

— Aonde foi ele?

— Eu... não sei. *Milord* saiu cedo. Deve ter ido à cidade... não sei, desculpe.

Christine soltou uma exclamação irritada, deu-lhe as costas e retomou o

caminho de seu quarto. Agora seria obrigada a esperar a volta de Gareth, o que era uma pena. Já tinha preparado um belo sermão, daqueles arrasadores, que agora lhe queimava a língua. Ah, mas se aquele maníaco emproado achava que ela ficaria documente tomando drogas para satisfazer-lhe as fantasias sexuais, estava redondamente enganado.

— Não vou esperar coisa nenhuma! — gritou, batendo a porta com força.

— Vou buscá-lo até o fim do inferno, se for preciso!

Uma assustada Alice, que a esperava no quarto com o vestido verde nas mãos, olhou-a amedrontada e nervosa.

— *Milady!*

— Mudei de idéia, Alice — falou Christine, sem notar o espanto da aia.

— Vamos à cidade, em vez de irmos à praia.

A jovem achou melhor não fazer perguntas, diante do estado de excitação da ama. Mas ficara intrigada com a desordem e a água esparramada, que ensopara o belo tapete da saleta. Enfim, aquilo não era de sua conta. O que interessava é que iria fazer um passeio à cidade, e isso era sempre uma festa para ela. Talvez até conseguisse levar a patroa para conhecer a taverna de seu pai... Que glória para ela! Todos morreriam de inveja: as amigas, os irmãos, aquele espevitado do Danny, que só fazia contar vantagem sobre o patrão, um baronete avarento que sempre atrasava seu pagamento...

Fremente de expectativa, Alice começou a vestir a patroa, planejando caprichar bastante na hora de penteá-la.

Sentindo as pálpebras inchadas e pesadas por causa da noite maldormida, Gareth puxou as rédeas e fez o cavalo parar. Apeou e afagou distraidamente o animal, que espumava de cansaço por causa das inúmeras e vertiginosas corridas a que o dono o submetera.

Gareth, por sua vez, achava-se tão cansado quanto sua montaria. Desde o momento em que deixara Christine, passara a viver num inferno particular, cuja saída não conseguia encontrar.

Deitou um olhar indiferente no horizonte, sem se comover com a beleza agreste da paisagem marinha. As águas do Atlântico, pintalgadas de sol,

brilhavam em sedas macias. A melancolia tomou conta do inglês, ensombrecendo-lhe os olhos de crepúsculo. O destino pregara-lhe mais uma peça, como sempre. Estava apaixonado, e não tinha como deixar escapar o amor da jaula onde se debatia, ansiando por liberdade.

Sabia que a felicidade nunca abriria suas asas protetoras para acolhê-lo. Sua triste sina fora gravada a ferro e fogo, e não havia como fugir dela. Tudo por causa da luxúria de Gwenn Devlin, maldito fosse! A sombra desse ancestral pairava havia mais de um século sobre a família, como um morcego sinistro. Em sua busca insaciável de prazeres carnavais, Gwenn havia engravidado uma rapariga da aldeia, que dera à luz um par de gêmeos e morrera em seguida. Em vez de acolher e adotar os bastardos, porém, Gwenn preferira ignorá-los. Voltara as costas para a carne de sua carne, negando-se a reconhecê-los. E os dois gêmeozinhos inocentes haviam perecido de fome, frio e falta de cuidados. A avó, conhecida como feiticeira, lançara então sua terrível e insidiosa maldição sobre Gwenn e todos os seus descendentes. A filha e os netos haviam vivido pouco? Pois Gwenn viveria o bastante para purgar os pecados e conhecer de perto os efeitos da tenebrosa maldição. A velha feiticeira fora esperta o suficiente para saber que a simples morte de Gwenn não seria castigo satisfatório para o mal que praticara.

Gareth deu as costas para o mar. Por mais que amasse a esposa, por mais que a desejasse, por mais que ela soubesse despertar nele os mais belos anseios de vida, ainda assim não mais poderia sucumbir a seus encantos, como fizera na véspera.

O vento açoitou-lhe o rosto, penteando seus cabelos para trás da nuca, e depois desordenando-os contra o rosto quando ele se voltou para contemplar Escarpa Negra. A rocha fria, dura e preta, pareceu-lhe estranhamente semelhante à sua própria alma torturada.

O cavalo de Christine avançava devagar, amolecido de preguiça sob o sol do meio-dia. Ela, por sua vez, perdia-se em pensamentos desencontrados, a raiva arrefecendo à medida que o calor aumentava. Começava a suspeitar seriamente que cedera a um impulso irrefletido; talvez devesse ter esperado a volta de Gareth. E se estivesse fazendo papel de boba novamente? Seu

espírito ainda se enchia de vergonha quando se lembrava do dia em que tivera de pedir desculpas ao marido, depois de acusá-lo de mentiroso. Agora, enquanto a raiva esfriava, perguntava-se se não o havia julgado mal mais uma vez. Gareth sempre se mostrara cortês e nunca dera a entender que a desejava sexualmente. Não havia prova de que o chá fora drogado. Contudo, a lembrança da véspera deixava-a doente.

— Meu Deus, que foi que fiz? Tornei tudo mais difícil para nós dois!

— Perdão, *milady*? — perguntou Alice, a voz esganiçada pelo medo de cair do cavalo e quebrar o pescoço.

A pobre criada estava pálida como um cadáver; era evidente que jamais havia montado.

— Disse que talvez fosse melhor voltarmos, Alice. Ainda temos tempo de explorar a praia.

— Oh, minha senhora, que pena! Eu tinha feito tantos planos...

— Que planos?

— Bem, meu pai e minha mãe possuem uma pequena taverna na cidade. Pensei em levar a senhora para conhecê-los. Que festa seria para eles! E eu ficaria tão orgulhosa de contar que agora sou sua camareira...

Christine considerou os olhos súplices da criada por uns instantes.

— Pois muito bem, Alice. Vamos em frente, então! Acha que poderá agüentar aí em cima mais algum tempo?

— Claro que posso, senhora! — exclamou Alice, o rosto novamente iluminado.

— Como se chama a taverna de seu pai?

— Bontrago.

— Bom Trago?

— Não, é uma palavra só. Meu pai fez um trocadilho, e o nome pegou.

— Pois é um nome muito bem achado. Ao Bontrago, então!

Em menos de uma hora, Christine encontrou-se instalada numa mesa — que foi limpa e ganhou uma toalha estalando de nova num abrir e fechar de olhos — tendo diante de si uma chávena fumegante e um prato de apetitosos biscoitos. Alice matraqueava excitada, apresentando Christine para quem

quer que aparecesse na taverna.

Divertida com a exuberância de Alice, a castelã deixava-se exibir como se fosse uma exótica ave rara, e retribuía os cumprimentos com a graça e a delicadeza dela esperadas.

Podia compreender bem o orgulho da criada ao se apresentar pomposamente como a nova camareira da castelã de Escarpa Negra. Aquela taverna, que um dia fora o lar de Alice, era minúscula, pouco maior que um telheiro, com mesas de tábua nua e paredes rudemente caiadas.

Súbito, sua atenção foi atraída por um camponês forte e atarracado, que deu um murro na mesa e pôs-se a gritar com o companheiro.

— Demônios, Harry! Estou lhe dizendo que tudo por lá está desmoronando! Todo o mundo mata todo o mundo por lá, ninguém mais se entende. Até o rei Luís está a caminho da guilhotina!

— Está bem, não precisa gritar, homem de Deus!

— Como, se você é surdo como uma porta? — resmungou o outro.

— Hein? Que foi que disse?

— Raios, Harry! É impossível conversar com você assim! Por que não trouxe sua cometa de escuta?

— Tem razão, Ben, a nobreza francesa está nas últimas. Até o velho rei George anda preocupado que aconteça o mesmo na Inglaterra.

O outro ergueu as mãos para o céu, exasperado.

— Não foi isso que eu disse! — bradou.

— É, também acho. Não vai sobrar nem um barão para contar a história.

Christine empalideceu. Sua mão tremeu e o chá respingou nas bordas da xícara. A França? Sua França? Não podia ser verdade, era engano!

Fechou os olhos, segurando a xícara com as duas mãos. Seria outro sonho? Outra alucinação?

— Christine! Que está fazendo aqui?

Dessa vez a pobre xícara se espatifou na toalha novinha.

— Gareth! — murmurou sem saber se cuidava da toalha ou do marido que, de pé, olhava espantado para ela.

— Pode deixar, *milady* — correu um irmão de Alice, juntando os cacos.

— Eu cuido disso.

— Você sabia que a França está em plena revolução, não sabia? Já sabia quando concordou em se casar comigo, não é?

A pergunta apanhou Gareth desprevenido. Ele hesitou por um breve instante.

— De que está falando?

— Chega desses joguinhos, Gareth! Não sou mais uma menina em busca de proteção paterna!

— Christine, vamos sair daqui. É hora de voltarmos para Escarpa Negra.

— Não vou enquanto não me disser a verdade. Ah, como fui cega! Meu pai sabia que eu corria perigo se permanecesse em Beauvais, e arranhou meu casamento com um estrangeiro para que eu ficasse em segurança. Certo?

Gareth relanceou os olhos pela taverna barulhenta e enfumaçada.

— Não é hora nem lugar apropriados para discutirmos esse assunto. Poderemos conversar em Escarpa Negra. Lá eu lhe direi a verdade.

— Como posso confiar em você, depois de ter mentido durante tanto tempo? Pensa que não tenho sentimentos? É um insensível, Gareth! Meu país... está em perigo!

Ela mal conseguiu articular a última frase, tomada de tristeza e ressentimento. Aquele homem, a quem dera seu corpo, não tivera escrúpulos em traí-la.

Gareth achou melhor forçar a situação, e agarrou-a pelo braço. Apesar da resistência surpreendente que a frágil Christine oferecia, puxou-a com firmeza para fora da taverna e conduziu-a até onde Alice havia amarrado os cavalos. Sem se desculpar pelos modos bruscos, suspendeu-a pela cintura e plantou-a na sela, entregando-lhe as rédeas em silêncio. Em seguida, montou no seu magnífico garanhão emparelhou-se com Christine.

Cavalgaram todo o tempo sem trocar palavra, lado a lado, e foi ainda numa atmosfera de pesado silêncio que ambos entraram no escritório de Gareth. Assim que ele fecho a porta, Christine soltou os freios da língua.

— Como ousa me tratar desse modo? Nenhum de nós queria esse casamento, mas já que ele existe, o mínimo que posso exigir é que você me

trate com respeito em público!

— Sim, desde que se comporte como adulta — replicou ele, com voz ameaçadora. — Para começar, se não quiser levar umas palmadas nesse belo traseiro, sente-se e ouça o que tenho a lhe dizer.

Christine abriu a boca para responder.

— Sente-se! — rugiu ele.

Ela piscou. E obedeceu.

— Sei que está preocupada — começou Gareth, encostando-se contra a escrivaninha — e com razão. Porém, nem você nem eu podemos fazer nada para ajudar seu país, pelo menos por enquanto.

Christine lançou-lhe um olhar flamejante de raiva impotente.

— Vocês todos conspiraram para que eu não soubesse de nada! É verdade ou não é?

— É — aquiesceu ele com simplicidade. — Seu pai me pediu que mantivesse segredo pelo tempo mais longo que pudesse.

— Mas eu tinha todo o direito de saber!

— De acordo. Porém, a decisão não foi minha, e sim de seu pai.

Christine baixou a vista. Por menos que quisesse, a razão estava com o marido.

— Posso compreender as razões de papai. Mas isso não quer dizer que ele tenha agido bem. Eu sou francesa!

— Concordo de novo. Só que é tarde para mudar qualquer coisa, Christine. Você agora é *lady* Devlin, e seu lar é aqui.

Ela se ergueu.

— Preciso voltar para a França imediatamente.

— Isso está fora de discussão, sinto muito.

— Mas meus pais correm perigo!

Apesar de lutar bravamente contra as lágrimas, seus olhos se encheram de água.

— Como eu já disse, não há nada que você possa fazer para ajudar a França. Nem você, nem ninguém.

— Mas tenho de tentar! Não posso ficar aqui e deixar que as coisas

simplesmente aconteçam! Eu ouvi muito bem quando o homem disse que todos os nobres estavam sendo guilhotinados...

— Exato. E *você* faz parte deles. Por isso, nem sonhe em partir para a França. Jurei a seu pai que a protegeria, e pretendo manter minha palavra.

Christine se aproximou e encarou-o sem pestanejar, os olhos secos. Ajoelhou-se e tomou-lhe a mão, pousando seus olhos verdes nos dele.

— Eu lhe imploro, Gareth. Leve-me para a França, por tudo que há de mais caro em sua vida.

A orgulhosa Christine humilhando-se a seus pés era um quadro enternecedor e, ao mesmo tempo, bastante convincente. Devlin quase cedeu, nesse momento. Mas a idéia de ver aquela cabecinha adorada em perigo levou-o a recuar.

— Desculpe, Christine, mas a resposta é não.

Ela curvou a cabeça. Os cachos deslizaram para a frente, cobrindo-lhe o rosto. Quando falou, Gareth precisou se inclinar para entender o que era sussurrado com voz rouca e gutural:

— Odeio você, Gareth Devlin. E fique sabendo que, com sua permissão ou sem ela, eu partirei para a França.

Ele sentiu cada palavra trespassar-lhe o peito como punhais envenenados, mas forçou-se a rir.

— Não duvido de sua palavra. Agora, sugiro que se retire e vá para o quarto para pensar melhor no que disse. Tenho certeza que mudará de idéia, porque está cansada. Teve um dia longo hoje, e a notícia deixou-a transtornada.

Ela se levantou devagar. Fitou-o com olhos cheios de desdém e frieza, arrepanhou a saia e saiu sem olhar para trás.

Gareth acompanhou-a com os olhos, sentindo-se incapaz de consolá-la. Compreendia os sentimentos de Christine; ele próprio, se soubesse que alguém de sua família estava em perigo, moveria céus e terras para ajudá-lo.

Quando ela sumiu de vista, deixou-se cair pesadamente na poltrona em frente à escrivaninha. Ficou pensativo por um longo tempo, a mente trabalhando febrilmente. Por fim, apanhou um papel e mergulhou a pena no

tinteiro. Escreveria ao seu amigo, *lord* Chamberlain, pedindo-lhe que ajudasse o marquês de Beauvais a fugir da França com a mulher, enquanto fosse tempo. De acordo com relatórios confidenciais que recebera recentemente, a revolução se alastrara pelo país todo, e ninguém mais estava livre da guilhotina.

Christine caminhava de cá para lá no quarto. Praguejava, chutava o que via pela frente, brandia os punhos, furiosa com o homem que se recusara a ajudá-la. E ele ainda tinha a audácia de dizer que estava tentando protegê-la! Pois sim! Que fosse tapear outra pessoa, que a ela não enganava!

— Não, Gareth Devlin, você não vai conseguir me deter! Eu vou voltar a Beauvais, de um modo ou de outro!

Dizendo isso, sentou-se diante do espelho, os olhos cheios de fria determinação. Ainda não sabia como faria, mas fugiria de Escarpa Negra.

Alguém bateu à porta, e logo depois Alice entrava, esbaforida.

— *Milady*, o que aconteceu? Quando fui procurá-la, já havia partido com *milord*... Oh, meu Deus, ele vai me passar um sermão daquele tamanho, porque deixei a senhora sozinha na mesa...

Christine, com a cabeça ainda cheia de franceses e familiares, custou a entender o que a criada dizia. Finalmente deu-lhe um sorriso apagado:

— Sossegue, você não será despedida por isso. Se *lord* Devlin me perguntar por que eu estava sozinha, direi que eu lhe havia dado permissão para ir conversar com seus irmãos.

— Ah, *milady*, Deus lhe pague! Sabe, eu não posso perder este emprego. Costumo mandar dinheiro para mamãe todos os meses... Mesmo agora, que papai está ganhando um pouco mais com a venda de vinhos franceses, ainda assim não dá para todo o mundo.

O interesse de Christine foi despertado de imediato.

— Como assim, Alice? Quer dizer que seu pai está envolvido em contrabando?

A jovem levou a mão à boca, assustada. Falara demais, como sempre!

— Alice, eu lhe fiz uma pergunta. Sua família está envolvida com contrabandistas?

A aia engoliu em seco e se ajoelhou ao lado da patroa.

— Pelo amor de Deus, *milady*, não conte para ninguém!

— Sossegue, menina. Esse será nosso segredo agora.

Alice beijou-lhe as mãos com fervor.

— Obrigada, muito obrigada! A senhora é boa...

— Agora, deixe-me sozinha. Quero dormir um pouco.

Quando Alice se foi, Christine voltou-se para o espelho com um sorriso de triunfo.

— Quem tem de agradecer sou eu, Alice — murmurou. — Graças a você, talvez ache um modo de voltar para a França sem a ajuda de meu marido.

CAPÍTULO VI

Depois de rolar insone na cama, Christine desistiu de tentar dormir. Levantou-se e foi à janela, afastando as pesadas cortinas. O relógio de porcelana tiquetaqueava no silêncio da noite, acompanhando o passo vagaroso da lua no céu estrelado. Aos pés da escarpa, o mar refletia seus raios em jorros prateados.

Mas Christine olhava a beleza da paisagem sem ver, perdida em melancólica reflexão. Duas semanas haviam se escoado desde a última discussão, e desde então ambos tinham evitado um novo confronto. Viviam como estranhos e poucas vezes conversavam; quando eram forçados a estar juntos, mantinham silêncio tão frio quanto o de uma manhã de inverno.

Apesar da evidente má vontade de Hilda, Christine assumira o papel de castelã definitivamente. Ocupava-se da despensa e dos criados com desenvoltura; o marido, com isso, dera-se por satisfeito e julgava que ela aceitara, afinal, a proibição de partir para Beauvais.

Contudo, embora não pudesse afirmá-lo com certeza, tinha a impressão de que Gareth a vigiava de longe. Suspeitava, inclusive, que dera instruções aos criados nesse sentido, pois sempre que ela saía a passeio encontrava um ou dois no caminho, como que por acaso.

Impaciente, chegou-se melhor no penhoar. A primavera transmudara-se quietamente em verão, e Christine tinha a impressão de que o momento de abandonar sua prisão de granito preto jamais chegaria. Acordava todas as manhãs com um frêmito de esperança, mas nada acontecia. Não conseguia localizar os contrabandistas, apesar dos esforços discretos que fazia. Sua intuição dizia-lhe que sem a ajuda de Alice nada conseguiria, mas relutava em se servir da criada. Achava que talvez obtivesse bons resultados trabalhando sozinha; a idéia de ser obrigada a contar seu segredo deixava-a insegura.

Voltou-se para fixar os olhos na cama, cujo dossel lembrava-lhe os sonhos, únicas novidades acrescentadas à monotonia dos dias. Desde aquela noite abrasiva, recusara-se a aceitar o chá de Hilda. Não conseguia mais dormir bem; rolava horas entre os lençóis e quando finalmente adormecia, acabava sonhando com o homem que jurara odiar para o resto da vida.

Mesmo de dia esses sonhos vinham-na afetando. Muitas vezes pilhara-se observando Gareth, e isso quase se tornara uma obsessão. Todas as noites o marido costumava sair ao jardim, e nessas horas ela dava um jeito de ficar na pequena saleta, cujas janelas proporcionavam uma visão panorâmica do gramado. Sentava-se próximo à janela e observava-o caminhar entre os rosais, com os ombros curvados como se carregassem todo o peso do mundo.

Por mais que fizesse, não tirava da cabeça a noite deliciosa — e fatídica — em que o seduzira. Contudo, desde que ele se recusara a ajudá-la, Christine passara a fugir dele metodicamente. Sua única companhia agora era Alice.

— Não posso mais esperar — disse alto, seguindo um hábito que adquirira para não se sentir muito só. — Amanhã pedirei ajuda a Alice.

Sim, logo estaria em Beauvais, bem longe daquele castelo.

Suspirando, deslizou para fora do rico penhoar e colocou-o no espaldar da delicada poltrona Luiz XV. Uma vez que tomara a decisão de falar com Alice, o sono chegou de mansinho. Minutos depois adormecia.

Um uivo raivoso ecoou pelas paredes e corredores da ala norte. Uma cadeira voou pelos ares e espatifou-se com estrondo no chão, enquanto outro

rugido feria os ouvidos de Gareth.

— Calma, Adam. Assim você vai acordar todo o mundo.

O acesso do irmão era um dos piores que presenciara. Temia vê-lo machucar-se.

— É esse o seu medo, hein!? Não quer que ninguém saiba de minha existência, não é, meu caro?

— Já passa da meia-noite, e há gente que não gosta de trocar o dia pela noite. Gente que trabalha, Adam.

Gareth estava perdendo a paciência; aliás, havia duas semanas que se negava o prazer de estar com Christine, e isso lhe dava nos nervos, tirando-lhe a boa vontade habitual.

— Conheço-o bem demais, irmãozinho. Morre de medo de que sua mulher saiba de mim! Prefere levar as coisas desse jeito, claro. É muito mais simples manter-me trancado!

— Chega. Está cansado de saber que este é o melhor lugar para acalmar seus nervos.

— Verdade. Isto aqui é tão bem escondido, que só alguns criados sabem de minha existência... De que tem medo, afinal? Acha que eu vou reivindicar direitos sobre você? Ora, eu sempre soube que nasci depois, logo os direitos são todos seus.

— Por Deus, Adam, por que se atormenta assim? Somos irmãos, mas você age como se fôssemos inimigos!

— Talvez sejamos mesmo. Você é o arcanjo que só faz o bem, e eu sou seu contrário. Satanás. Você é o poderoso senhor de Escarpa Negra, enquanto eu fico neste inferno escuro.

— Não sabe o que está dizendo, Adam!

— Lógico que sei. Sou eu o amaldiçoado, sou eu o condenado, não você! Gareth soltou um suspiro cansado.

— Adam, você é meu irmão. Gosto de você.

O outro deu-lhe as costas para esconder o sorriso mau que se desenhava em sua boca.

— E eu de você.

— Ótimo, Adam. É tudo o que interessa.

— Tem razão, nada mais tem importância. Agora quero ficar sozinho.

— Precisa de mais alguma coisa?

Ante o obstinado silêncio do irmão, Gareth desistiu. A loucura de Adam piorava a olhos vistos.

— Boa noite, então.

Quando a porta se fechou por trás dele, Adam jogou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada. Depois uivou novamente, um uivo inumano, que reboou pelos corredores e fez Gareth estremecer, seguiu seu caminho e foi se juntar ao uivo do vento que fustigava as torres de Escarpa Negra.

Christine pulou na cama, os olhos muito abertos, a testa prelada de suor frio. Passeou os olhos pelas sombras do quarto, em busca do que a havia feito acordar tão assustada. Momentos depois ouviu, misturado ao som sibilante do vento, um grito arrepiante. Estremecendo, puxou o lençol até o nariz. As histórias de Babette chegaram-lhe à mente aos borbotões.

— Não seja boba, Christine! — gritou, imperiosamente. Esperou ainda alguns minutos, e depois, resoluta, ergueu o queixo voluntarioso e jogou longe as cobertas. Desceu da cama e apanhou um pequeno candeeiro, que acendeu com mão trêmula.

— Vamos ver, senhor fantasma, quem tem medo de quem aqui. Sou Christine de Beauvais, portanto tome muito cuidado comigo!

Colou o ouvido na porta; o silêncio era total, exceto pelo eterno choro do vento. Num repelão, abriu a porta e saiu no corredor.

Mas sua coragem se evaporou no mesmo instante. Um vulto escuro se aproximava, a capa esvoaçando como um par de asas. Christine soltou um gemido, cambaleou e derrubou a candeia, que se apagou.

O vulto correu e amparou-a nos braços.

— Christine! Que aconteceu? — perguntou Gareth, aflito, carregando-a de volta para a cama.

Deitou-a carinhosamente, ajeitando o lençol e o travesseiro.

— Você está bem?

Envergonhada, Christine mal conseguiu concordar com um gesto de

cabeça. Toda a vez que fazia papel de boba, o marido estava por perto para presenciar o triste espetáculo! Maldito fosse ele!

— Estou, obrigada. Você me assustou, foi só isso. Não esperava encontrar ninguém aí fora, a esta hora.

Incapaz de se controlar, Gareth acariciou de leve a curva suave do pescoço da mulher.

— Tem certeza?

— Tenho, claro — respondeu ela, fitando-o. Adivinhou, mais que viu, o calor de paixão que o assaltava, e seu pulso se acelerou.

— Desculpe pelo susto. Ouvi um movimento em seu quarto e vim ver o que era — mentiu Gareth, que viera para se certificar que Christine não ouvira os gritos de Adam. — Quer que eu peça a Hilda que venha lhe trazer chá?

Perdida no transe dos olhos escuros do marido, ela sacudiu a cabeça.

Gareth sentou-se na cabeceira, esquecendo o irmão. Não tivera a intenção de entrar, mas todos os seus bons propósitos desapareceram. Os cabelos de cobre brilhavam sob a luz da lua, convidando-o. Apanhou delicadamente um cacho, enrolando-o entre os dedos.

— Você é a mulher mais linda que vi em toda a minha vida, Christine.

A voz rouca e quente provocou um frêmito no corpo da esposa, que se soergueu, apoiando-se num cotovelo. O sangue transformou-se em fogo selvagem nas veias quando ela percebeu que Gareth se inclinava devagar, em busca de seus lábios. E quando veio o beijo, Christine deixou-se levitar num mundo de sensações maravilhosas. Sentiu que havia ternura e tormento na alma do marido, algo que ela tinha o poder de confortar e aplacar. Sem pensar mais, enlaçou-o pelo pescoço e puxou-o docemente. Vira-o vagar no jardim pouco antes, e sabia que ele ainda se achava torturado por alguma razão que não conseguia alcançar.

Gareth deixou escapar um gemido angustiado antes de se deixar cair sobre o corpo morno de Christine, sucumbido. Nessa noite, faria de conta que seu destino não era igual ao dos negros penhascos que se batiam contra as ondas. Precisava desesperadamente de se sentir vivo, da ilusão de que

poderia levar uma vida normal ao lado daquela mulher linda, e amá-la até a saciedade.

— Ah, minha Christine... Deixe-me amá-la... Linda Christine!

Murmurando mais palavras incoerentes contra o pescoço da esposa, cobria-o de beijos suaves, seguindo-lhe a curva até os ombros. Com dedos febris, baixou as alças da camisola e parou, prendendo a respiração, quando os seios de Christine ficaram livres, prontos para receber carícias. Gemendo de prazer, enterrou a cabeça no vale entre os seios, beijando-o com volúpia. O perfume de rosas entontecia-o, despertava seus instintos masculinos em cada fibra dos músculos tensos. Mordiscou docemente os mamilos rosados e firmes, sugou-os com frenesi, rodeou-os com a língua, passando de um para outro com sofreguidão.

Sua mão buscou a curva da cintura fina, o ventre liso e macio, as coxas. E foi pousar no pêlo sedoso do púbis, com infinitos cuidados apaixonados, acariciando devagar. Sentiu sob os dedos os músculos firmes e tensos da mulher, vibrando consoantes com os dele. E seu coração se encheu de vitoriosa alegria quando ela, instintivamente, abriu as pernas para recebê-lo.

Christine afundou a cabeça no travesseiro, jogando-a de um lado para o outro, o desejo se apoderando de todo o seu ser de forma avassaladora. A idéia de fugir de Escarpa Negra sumira por completo de sua cabeça; só conseguia se concentrar naquele momento supremo que lhe trazia ondas intoxicantes de embriaguez. Deixou-se levar por elas, mergulhando com prazer nas águas da paixão desenfreada.

Arrancou o roupão do marido e passou a acariciar com volúpia as costas morenas, sentindo a pele macia vibrar sob os dedos. Sua respiração tornava-se mais curta e ofegante, à medida que as cadeias do marido cresciam de intensidade. Não mais podendo se conter, chamou-o pelo nome uma, duas, três vezes, suplicando que aplacasse a sede que ele criara em seu corpo.

Antecipando o gozo que teria, Gareth finalmente deitou-se sobre a mulher, cobrindo-a com seu corpo vigoroso e tenso. Buscou sua boca avidamente, invadindo-a com a língua úmida, enquanto invadia o ventre morno e macio, enterrando-se em deliciosa evasão. As pernas de Christine

enlaçaram-no pela cintura, convidando-o a ir até mais fundo, num abismo vertiginoso onde mil luzes dançavam.

Acompanhando em espirais alucinantes o redemoinho da paixão renovada, ambos transpuseram juntos os limites do prazer. Em espasmos de êxtase, flutuaram no espaço e tocaram em estrelas distantes, até voltar de mansinho à terra, os corpos molhados de suor. Sem querer quebrar o maravilhoso encantamento, deixaram-se ficar enlaçados, respirando o aroma um do outro.

Quando as sombras do quarto o envolveram com o peso da realidade, Gareth se ergueu da cama e começou a se vestir, sem olhar para ela.

— Eu sinto muito, Christine, e lhe peço desculpas. Isso não podia ter acontecido de novo.

— Desculpas por quê? — perguntou ela, a voz ainda rouca pelas emoções.

Ante o silêncio de Gareth, sentou-se na cama, alerta. Aquele homem inexpressivo que se vestia não era o mesmo que a fizera conhecer um mundo de prazer, não podia ser! Cobriu-se com o lençol, contemplando-o sem entender.

— Tenho muitas razões para pedir desculpas, Christine. Fui eu o único responsável pelo que aconteceu entre nós, e assumo inteiramente minha culpa. Prometo que isso nunca mais se repetirá.

Christine piscou, esforçando-se para deter as lágrimas que queriam correr livremente. O orgulho não lhe permitia deixar Gareth ver o efeito devastador daquelas palavras. Por duas vezes se entregara ao marido, e se envergonhava duplamente agora. Arrumou os cabelos e jogou o queixo para cima.

— De acordo. Nunca mais. Agora, se tiver a bondade de se retirar, vou ver se consigo dormir um pouco.

Percebendo a dor mal disfarçada de Christine, Gareth contemplou-a com olhos torturados. Se a deixasse agora, nunca mais teriam um instante de paz e amizade.

Dirigiu-se devagar para a janela, fitando a lua derramando sua luz suave

sobre as árvores ramosas. Pela milésima vez, desejou ter poderes para mudar o terrível destino e modificar o mundo. Soltou um suspiro fundo e girou a cabeça para ela.

— Christine, precisamos conversar.

— Não. Acho que já dissemos tudo o que tínhamos que dizer.

— Está enganada. Há muita coisa que precisa ficar esclarecida entre nós. Embora nenhum de nós quisesse este casamento, somos marido e mulher e temos de nos conformar com esse fato. Temos de tentar viver juntos em bons termos.

— Mas eu tentei! Fiz o melhor que pude com relação ao casamento. E aceitei desempenhar o papel de castelã de Escarpa Negra.

— Sim, tem feito um trabalho excelente. Mas sabe muito bem que não estou falando disso.

— Muito bem, Gareth Devlin. Então de que se trata?

Ele passou a mão pelos cabelos, desconcertado. Que poderia dizer mais? Não queria contar a verdade; a idéia de ver a mulher cheia de desgosto e raiva ao saber da terrível maldição silenciava-o.

— Já que chegamos a um acordo quanto a não partilharmos a mesma cama, quero que compreenda uma coisa. Sou um homem e tenho desejos de homem. Haverá vezes em que precisarei aplacá-los. E, para isso, terei de procurar conforto nos braços de outra companhia.

Gareth falou como autômato, a voz livre de qualquer entonação. Essa fora a saída que encontrara para que Christine o rejeitasse de uma vez por todas, sem necessidade de maiores explicações.

Ela vacilou, fitando-o como se tivesse sido esbofeteada. Gareth acabara de deixar mais que claro seus sentimentos em relação a ela. Sentira necessidade de despejar a nojenta luxúria numa vagabunda e viera a seu quarto para isso, nada mais.

Lutando para controlar as dolorosas emoções que lhe dilaceravam as entranhas, ergueu os olhos brilhantes para o marido.

— Se quer minha permissão para tomar uma amante, já a tem, meu senhor.

— Então está tudo arranjado — retrucou ele, ressentido com a pronta aquiescência. — Contudo, há mais uma coisa. Quero paz entre nós, Christine. Não vejo necessidade de tratar-nos como inimigos. Podemos pôr um fim nas hostilidades e viver em amizade agora?

— De minha parte, esteja tranqüilo — disse ela, forçando a voz para não desabar em soluços.

Nunca daria a esse maldito inglês o prazer de vê-la chorar por causa dele.

— Fico satisfeito com nosso acordo. Agora, descanse e durma.

Dizendo isso, girou nos calcanhares e saiu, fechando a porta. Christine ficou só e miserável, perguntando-se como pudera imaginar, por um instante que fosse, que esse maldito casamento poderia chegar a bom termo. Céus, como pudera amar um homem desses?

— Mas nunca mais cometerei esse erro! — exclamou, brandindo os punhos para a porta fechada.

Levantando-se, vestiu a camisola e foi à janela, fitando a noite banhada em prata. Não, não iria chorar na frente dele, nem sozinha. Gareth Devlin não valia um centavo de mel coado e não merecia que derrubasse uma só lágrima. E enquanto assim pensava, grandes gotas se formavam sob suas pálpebras e desciam pelo rosto tristonho.

— Quero ir para minha casa! — gemeu, num soluço. Que saudades tinha dos pais, do brilhante castelo de Beauvais, das vinhas douradas batidas pela brisa suave da tarde! Jogou a cabeça para trás, com decisão. Aquela noite fora mais uma prova irrefutável de que não podia mais ficar em Escarpa Negra. Mesmo que não houvesse aquela revolução em seu país, o coração lhe dizia que seria impossível permanecer ali, na qualidade de mulher de Gareth. Porque não tolerava a idéia de que ele buscaria conforto nos braços de outra.

Antes hesitara em confiar os planos a Alice; agora, porém, suas dúvidas sumiram de uma vez. No dia seguinte desceria com ela à praia e tiraria a limpo toda a história dos contrabandistas de vinho.

Quando acordou, sentiu-se firme e mais decidida que nunca. Espreguiçou-se pensando na conversa que teria com a aia. Se tudo corresse

bem esperava obter, ainda naquele dia, informações precisas sobre alguém que a ajudasse a voltar para a França.

Uma leve batida na porta a fez sentar-se na cama.

— Entre! — gritou.

Alice surgiu, equilibrando a imensa bandeja cheia de coisas apetitosas.

— Bom dia, *milady*. Espero que tenha dormido bem — disse, depositando a bandeja no colo de Christine.

— Hoje o dia está lindo, Alice, lindo demais para desperdiçar. Que tal pedir ao cozinheiro que nos prepare uma bela cesta de piquenique? Vamos descer à praia.

— Que maravilha, *milady*! Adoro a praia, mas nunca acho tempo para ir até lá.

— Então está resolvido. Agora prepare meu banho, para podermos ir logo cedo.

— E o café?

— Vou comer um biscoito só, para não estragar o apetite.

Minutos depois, Alice voltava com a tina fumegante.

— Que vestido quer hoje, *milady*?

— O azul-claro, debruado de flores. Quero prestar homenagem ao céu, que está da mesma cor.

Dizendo isso, Christine pulou da cama, louca para se ver livre de Escarpa Negra por algumas horas. Logo seria para sempre, com a ajuda de Alice... e de Deus.

Tagarelando, as duas caminharam pelo extenso e bem cuidado jardim, atravessando-o até a borda escarpada. Olhando para a estreita e íngreme trilha que descia até a praia dourada, Christine ficou impressionada.

— Puxa, mas como é alto isso aqui! Até dá medo...

— A senhora deve descer com cuidado. Procure as pedras mais firmes, como eu estou fazendo. Venha atrás de mim.

Pouco depois, ambas afundavam os pés na areia fofa.

Christine voltou-se e ergueu a cabeça, admirada com a imponência do penhasco talhado na rocha viva pela natureza.

— Dá uma queda e tanto — comentou Alice.

— Dá mesmo — anuiu Christine, afastando inutilmente os cachos acobreados da testa. — Acho que não gostaria de dar um passo em falso. Viria bater com as costas direto nestas pedras pontiagudas!

— Parece que muita gente já fez isso, se as histórias que contam forem verdadeiras.

Depois de estenderem a toalha num local sombreado, as duas moças tiraram os sapatos e correram para a beira da água, rindo, em busca dos maravilhosos tesouros que eram lançados preguiçosamente pelas ondas calmas. Cataram conchinhas coloridas, de formatos caprichosos e estranhos; encontraram gravetos retorcidos e incrustados de algas e ostras; extasiaram-se com peixinhos multicores que se achavam presos em poças formadas entre os rochedos.

Ao meio dia, cansadas e famintas, decidiram que era hora de comer. Revigoradas pelo exercício e pelas correrias, atacaram com vontade as apetitosas iguarias: faisão assado, queijos, patês, pãezinhos fofos como nuvens. Esvaziaram uma garrafa de vinho francês entre risos e exclamações. Finalmente, enlanguescidas pela bebida e pelo sol, esticaram-se na areia, ouvindo o suave murmúrio das ondas que vinham lamber seus pés.

Apoiando-se num cotovelo, Christine começou a fazer desenhos na areia.

— É nesta praia que os contrabandistas desembarcam o vinho francês, não é?

O rosto sardento de Alice ficou sério.

— *Milady*, não devemos falar neles. É perigoso.

— Bobagem, estamos sozinhas. Confesso que estou curiosa e intrigada com esse contrabando. Sabe quem são?

A aia se sentou, descansando as mãos sobre o colo. Gostava de *lady* Devlin, mas tinha medo de responder perguntas desse tipo. Os contrabandistas não eram gente má; tratava-se de pescadores comuns, em busca de uns trocados extras. Mas podiam se tornar muito perigosos, se alguém ou alguma coisa ameaçasse estragar seu negócio. Alice sabia de mais de um caso de gente tagarela que fora silenciada para sempre.

— Senhora, é melhor que não saiba de nada.

— Não precisa ter medo, minha amiga. Eu sei guardar segredos.

Os olhos aguados de Alice encontraram os da ama.

— Não me interprete mal, *milady*. A senhora pode correr perigo, se eles souberem que eu lhe contei alguma coisa.

— Pode confiar em mim. Você é a única amiga que fiz em Escarpa Negra; jamais faria alguma coisa que a prejudicasse.

Um sorriso tímido iluminou o rosto corado e ingênuo. Ela, amiga de *lady* Devlin! Que recompensa maravilhosa para seus esforços!

Olhando nervosamente para os lados, arrastou-se para perto da patroa e sussurrou baixinho:

— Promete que guardará segredo?

— Dou-lhe minha palavra.

— Está bem, então eu conto tudo o que sei — respondeu a outra, vencida pelo sorriso cativante da patroa.

Mais uma vez voltou a cabeça para os dois lados, certificando-se de que estavam sozinhas. E começou:

— Conheço todos os contrabandistas, *milady*. Minha irmã Bets está namorando um deles. Costumam ir ao Bontrago para beber e fazer planos. Papai ajuda como pode, mantendo-os a par da chegada de navios e de compradores. Com isso, ganha um dinheirinho extra para engordar o cofre, que vive magro de fazer dó...

Christine mostrou-se entusiasmada.

— São homens maus?

— Que nada, são simples pescadores... Mas se alguém atrapalha o negócio, tornam-se verdadeiras feras. Porque o contrabando aqui é punido com enforcamento, sabia?

— Ouvi falar — respondeu Christine, sentindo uma pontada de remorso.

Alice confiara nela e não hesitara em lhe contar o segredo de seu povo. Contudo, a única forma de conseguir voltar à França seria abusar um pouco dessa confiança.

— Eles costumam partir daqui para a França?

— Às vezes. Sei que estão para viajar para lá dentro de alguns dias, e não deve demorar agora. O tempo parece que firmou, e devem se aproveitar disso. Esperam as noites sem lua, para evitar intrometidos.

Christine deixou cair um silêncio entre elas. Depois perguntou de chofre:

— Você me apresenta a eles, Alice? Por favor?

A moça empalideceu, as sardas sobressaindo na pele lívida como pequeninas manchas de canela escura.

— Não, *milady*. Nós duas correríamos um risco inútil.

Christine afagou as mãos crispadas da aia.

— Nada receie, minha boa Alice. Nunca trairei sua confiança. Você me mostrou que é uma boa amiga, e eu agora retribuirei contando-lhe meu segredo. Mas antes, quero que me prometa que nunca abrirá sua boca a respeito do que vou lhe dizer. Ouça com atenção: aconteça o que acontecer, você nunca, ouviu bem?, nunca contará para ninguém o que vai ouvir agora.

— Tem minha palavra de honra, senhora.

— Obrigada, Alice — sorriu Christine. — Vou lhe contar como vim parar aqui em Escarpa Negra. Você entenderá por que razão eu quero conversar com seus amigos contrabandistas.

Devagar, escolhendo bem as palavras, a castelã começou sua história, desenvolvendo-a até chegar àquele passeio na praia. Deixou de lado apenas seu envolvimento com o marido, por pudor. E por ser incapaz de explicar como chegara àquele ponto com ele; ela mesma não entendia!

— Compreendeu agora, minha amiga, por que preciso encontrar seus amigos?

— Compreendi, *milady* — respondeu a outra, solene. — Mas ainda acho que *lord* Devlin é a única pessoa que deveria levá-la de volta.

Christine soltou uma exclamação impaciente.

— Parece que você não ouviu uma só palavra do que lhe contei, Alice! *Lord* Devlin se recusou a me levar, já disse! Ele acredita que o melhor para mim é ficar aqui, bela e tranqüila, enquanto meus pais correm perigo de vida. Se estivesse em meu lugar, deixaria sua família morrer sem se importar?

— Oh, senhora! Isso nunca!

— Foi o que pensei.

A aia baixou os olhos, vencida.

— Está bem, vou ajudar a senhora. Amanhã é meu dia de folga, e eu vou passá-lo com minha família. Falarei com Bets. Ela apresentará o namorado à senhora, talvez. Se ela não quiser...

— Se ela não quiser...? — inquiriu Christine.

— Nada mais poderei fazer. Não posso me arriscar mais que isso.

— Será o suficiente, com a ajuda de Deus. Obrigada, minha boa Alice. Nunca viverei o bastante para lhe agradecer pelo que está fazendo.

A aia fitou-a com os olhos cheios de emoção.

— Mas a senhora já agradeceu! Está me honrando com sua amizade, e para mim essa é a melhor recompensa do mundo!

As duas se entreolharam, emocionadas. Por fim, Alice se levantou, sacudindo a areia da roupa engomada.

— Está ficando tarde, *milady*. Se não voltarmos logo, a maré pode nos apanhar de surpresa.

— Então vamos, que eu não sei nadar — concordou Christine, dando uma risada.

Levou algum tempo para arrumar as coisas na cesta e sacudir a toalha molhada e cheia de areia. Quando finalmente tomaram o caminho de volta e chegaram ao topo da sinuosa trilha, Christine voltou os olhos para baixo. A praia diminuía de tamanho, enquanto a maré subia devagar. Por algum tempo, seu olhar ficou perdido na pequena faixa dourada de areia.

CAPÍTULO VII

Pela décima vez, Christine largou o bordado e foi à janela, esperando ver Alice na curva do caminho. E pela décima vez se perguntou se tudo correria bem no Bontrago. Que Deus iluminasse Alice e a tornasse convincente junto aos amigos contrabandistas! Se ela falhasse, suas chances de voltar à França

seriam praticamente nulas. Os outros criados jamais a ajudariam. Mas não, devia acreditar no melhor.

Não vendo sinal da aia, voltou suspirando ao trabalho. Seus dedos ágeis formavam os contornos da asa prateada de uma gaivota que voava num fundo azul. A mente divagava, porém; a agulha pegava às vezes um ponto errado ou picava-lhe o dedo. Impaciente, deixou o bastidor de lado e afundou o queixo na palma da mão, ouvindo o tiquetaque impassível do relógio sobre a cornija de fino mármore.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, ouviu uma batida na porta e levantou-se vivamente, em ansiosa expectativa. O rosto sardento de Alice surgiu, iluminado por um sorriso malicioso.

— Entre, Alice. Não há ninguém aqui, pode falar à vontade.

A aia fechou a porta com cuidado.

— Você falou com eles?

— Falei, *milady*. O namorado de Bets ouviu com atenção e depois combinou que eu a levasse para vê-lo na minha próxima folga. Não quis me prometer nada; disse apenas que vai conversar com a senhora. Depois, se *milady* conseguir convencê-lo, então ele dará um jeito de embarcá-la para a França.

Christine soltou um grito de alegria e correu para Alice, abraçando-a.

— Meu Deus, que maravilha! Pense só, Alice... Uma semana, só uma semana... E então estarei livre, livre, livre!

A outra deu um sorriso apagado. Seu coração se confrangeu à idéia de a patroa se dispor a fazer uma viagem tão perigosa. Ajudara *lady* Devlin de bom coração, mas desconfiava que assinara a sentença de morte da castelã; ouvira conversas na cidade, e sabia que a França se achava agora banhada em sangue.

Desapontada ante o pouco entusiasmo da aia, Christine indagou:

— Que foi, Alice? Alguma coisa deu errado?

Os olhos da jovem encheram-se de lágrimas.

— *Milady*, estou preocupada porque vai para um lugar perigoso, depois de uma viagem igualmente perigosa. Eu morreria de remorso se alguma coisa

lhe acontecesse.

— A França é o meu país, Alice. Ninguém me fará mal nenhum lá. Obrigada por sua preocupação, mas é infundada, pode ter certeza.

— A senhora vai viajar durante dois dias... e sozinha!

— Isso é o de menos, posso me virar muito bem. Não se preocupe, querida.

— Por favor, *milady* — pediu a jovem, ajoelhando-se aos pés de Christine

—, leve-me também! Cuidarei da senhora e prometo que não vou atrapalhar!

Christine fez a jovem se levantar.

— Nem pense nisso, Alice. Não permitirei que me acompanhe de modo algum.

— Pelo menos peça ao namorado de Bets que arranje alguém para acompanhá-la até seu castelo! A senhora não pode ficar sozinha naquele país! Ao menos até chegar sã e salva em casa, por favor!

A castelã considerou a idéia por alguns momentos.

— Está bem, Alice, isso eu posso fazer. Uma escolta poderá me ajudar bastante.

Alice sorriu, aliviada.

— O namorado de Bets vai achar alguém de confiança, tenho certeza! Basta a senhora pagar bem.

Christine franziu a testa, pensativa. No calor do entusiasmo, nem pensara em dinheiro. Claro, os contrabandistas contavam com um régio pagamento.

— Será que eles aceitam minhas jóias?

— Não, *milady*. Eles vão querer dinheiro, estou certa disso. Moedas de ouro, para ser precisa.

— Meu Deus! Não tenho nenhum dinheiro comigo, Alice!

— Se me permite... A senhora cuida da despensa de Escarpa Negra, não é?

— Sim, mas já fiz todos os pagamentos deste mês. O cofre está vazio agora!

— Oh... Eu... eu sinto muito, *milady*...

Houve um longo momento de silêncio. Súbito, a fisionomia de Christine ganhou novo alento.

— Gareth deve ter dinheiro guardado em algum lugar, é lógico!

A mente da castelã começou a trabalhar febrilmente. Um cofre, com certeza escondido... Se conseguisse localizá-lo, o problema estaria resolvido. Gareth recebera uma fortuna em ouro do marquês, como dote do casamento. Ela não se sentiria culpada se tirasse um pouco para si. Afinal, o dinheiro era mais seu que dele!

— Quero que leve uma mensagem para sua irmã amanhã. Diga-lhe que quero me encontrar com o amigo dela o quanto antes. Na semana que vem será lua nova, e não haverá tempo de me preparar então.

— Não tenho coragem de pedir mais um dia de folga a Hilda, *milady*. Ela me esfolia viva!

— Não se aflija com isso. Afinal, quem é que manda aqui? Se eu quiser lhe dar um dia extra de folga, o problema é meu. Portanto, amanhã de manhã, depois de servir meu café, quero que vá para a cidade.

— Muito bem, senhora, vou fazer como pede.

— Ótimo. Agora está ficando tarde, e você precisa descansar para estar em boa forma amanhã.

Alice não se fez de rogada, pois tivera um dia estafante; ajudara o pai na taverna o dia todo, e agora ansiava pela calma de seu estreito quarto.

No dia seguinte, depois de ter se regalado com chocolate quente e fofos bolinhos de manteiga, Christine deixou que Alice a vestisse e penteasse, sem protestar pela demora e pelo capricho da diligente amiga. Quando esta terminou, exclamou:

— *Milady*, quando a senhora tem paciência eu consigo deixá-la mais linda ainda! Veja o resultado! Parece uma rainha!

Mas Christine mal olhou para sua imagem. Impaciente, voltou-se para a aia:

— Quando terminar de arrumar o quarto, vá para a cidade. É não precisa voltar à tarde; fique com sua família.

— Sim, senhora, obrigada.

Com um farfalhar de seda, Christine deixou o quarto, depois de piscar um olho maroto para Alice. Seus sapatinhos de cetim pisavam sem fazer ruído, e tomaram a direção do escritório de Gareth. Era ali que pretendia dar início à busca; com um pouco de sorte, talvez encontrasse logo o dinheiro. Bateu bem de leve à porta e aguardou resposta. Como não ouviu nada, lançou um olhar furtivo para os lados e entrou depressa, fechando a porta com um suspiro de alívio.

Correu os olhos pelo severo e bem decorado escritório, detendo-se para examinar a escrivaninha. Sim, começaria por ali. Caminhou nervosamente até ela e abriu a primeira gaveta, vasculhando-a. Abriu a segunda, mas nada encontrou. Quando puxou a terceira, o coração ameaçou saltar-lhe do peito. Encontrara uma caixinha de madeira, finamente marchetada.

Apanhou-a com cuidado e pousou-a sobre a superfície polida da escrivaninha, estudando a fechadura. Tentou abrir, sem resultado. Algo desapontada, mas não vencida, tornou a guardar a caixa na mesma gaveta, fechando-a. Teria de planejar um modo de abrir a caixa; achar uma ferramenta, qualquer coisa. Tão absorvida estava, que não percebeu a porta se abrir.

— Posso ajudá-la, *lady* Devlin? — perguntou uma voz seca e áspera.

Num sobressalto de pânico, Christine virou-se e deparou com Hilda, que a fitava com olhos penetrantes. Sentiu que uma onda de sangue tingia suas faces, e tratou de recuperar a pose. Jogou o queixo para cima e fitou a governanta com frieza:

— Estava procurando meu marido, Hilda. Sabe onde ele está?

— *Milord* foi a Padstow, senhora.

Os olhos da mulher não a abandonavam, e Christine precisou fazer um esforço para sustentá-los com firmeza. Procurou na mente alguma coisa para dizer, e acabou comentando:

— Ele escolheu um dia bonito para... para fazer uma visita.

— Não é problema meu, senhora — replicou a outra, deixando bem claro que Christine não estava qualificada para saber o que o marido fora fazer.

— Tem toda a razão, não é mesmo. Então, pode voltar ao seu trabalho.

Numa pose majestosa, Christine arrepanhou a saia e passou por Hilda, tomando a direção do quarto. Tinha vontade de correr, mas manteve o passo de rainha, sabendo que os olhos de Hilda acompanhavam-na pelas costas.

Quando chegou ao quarto, puxou a tranca e deixou-se afundar na poltrona. Encontrara o cofre; agora tinha de abri-lo. Isso lhe parecia relativamente fácil, com a ajuda de uma faca e alguma paciência. Procuraria não deixar muitos sinais por fora, para Gareth não perceber logo.

Quando Alice voltou do Bontrago, o sol já se punha no horizonte, tingindo-o de malva e rosa. Christine, ao vê-la chegar, não teve paciência de esperá-la no quarto e correu escada abaixo. Encontrou-a ainda no jardim, cujas rosas emprestavam uma doce fragrância ao ar límpido do poente.

— Deu o recado ao namorado de sua irmã?

— Dei, *milady*. Falei com ele pessoalmente.

— E...?

— Ele disse que espera a senhora amanhã, no Bontrago.

— Hum... Tenho que achar uma boa desculpa para ir lá com você novamente...

Franzindo o cenho, Christine lembrou-se da última vez. Gareth não ficara nada contente de encontrá-la na taverna. Se não agisse com cuidado, era capaz de o marido proibi-la de voltar ao Bontrago.

— Acho que vou jantar com Gareth hoje — murmurou — e pedir licença para levar alimentos e algumas roupas usadas para sua mãe. Será que ela ficaria ofendida com meus presentes?

— Ofendida, *milady*? Ao contrário, ela adoraria! Imagine só, comida e roupa de graça... Será uma bênção dos céus para ela!

— Então vamos para o quarto, Alice. Quero que você me ponha bem bonita para o jantar.

Gareth entregou o casaco e o chicote ao camareiro, contente de estar em casa. Depois de um dia entrevistando vários candidatos a gerente dos armazéns do estaleiro, achava-se particularmente exausto. Resolveu passar primeiro pela sala de visitas onde tomaria um trago; pretendia fazer uma breve pausa antes de ir para o escritório, onde uma montanha de papéis o

aguardava.

Foi ao bar e serviu-se de uma dose generosa, que esvaziou de uma vez. O líquido desceu quente e macio, relaxando-o um pouco.

Despejou mais uma dose, decidido a desfrutar alguns momentos de paz e sossego antes de pegar no tedioso trabalho.

Nesse momento, uma tosse discreta alertou-o da presença de alguém. Christine esperava-o, sentada confortavelmente numa poltrona de espaldar alto. Os olhos de Gareth demoraram-se alguns instantes no adorável penteado, cujos cachos tombavam com displicência sobre o decote generoso.

Forçando-se a desviar a atenção do quadro que lhe enchia os olhos, limpou a garganta e disse, não sem dificuldade:

— Boa noite, *madame*. Não esperava ter o prazer de sua companhia hoje.

Christine dirigiu-lhe um sorriso luminoso. O coração disparara em seu peito assim que o vira chegar, e isso a aborrecia mais do que queria admitir.

— Boa noite. Pensei em vir jantar com você, mas não quero atrapalhá-lo. Se preferir que eu volte amanhã...

— Em absoluto. Se me permite, vou trocar de roupa num instante e volto logo.

Gareth estava intrigado com a inesperada visita. Desde que ela chegara, essa era a primeira vez que buscava de livre vontade sua companhia, o que o desconcertava e encantava a um tempo.

Christine aquiesceu, baixando a cabeça, e seus cabelos magníficos reluziram sob o grande lustre. Quando ele a deixou, a castelã entrelaçou as mãos, apertando-as com força. Ou subjugava essas estranhas emoções que sentia quando via o marido, ou não conseguiria convencê-lo a deixá-la visitar a família de Alice.

"Nada de emoções, Christine. Use-o como ele usou você, sem nenhum escrúpulo."

Quando ouviu os passos de Gareth que voltava, de novo um arrepio a fez estremecer da cabeça aos pés. Forçou-se a erguer o queixo, convencida de que precisava se assenhorear da situação. Manteria todos os sentidos alertas e sob absoluto controle, e isso não lhe parecia difícil.

Contudo, quando o marido entrou, foi preciso usar de todas as artimanhas para que ele não percebesse sua imensa perturbação. Gareth parecia um príncipe saído de um conto de fadas, os cabelos pretos contrastando belamente com a elegante jaqueta bordada com fios de prata.

— Vamos jantar, *madame*? — perguntou ele, oferecendo-lhe o braço.

Christine se ergueu, aceitando-o com mão trêmula. Sentiu o calor da pele morena que se irradiava por sob a seda da jaqueta, e seu pensamento voou para aquele dia em que o tivera nos braços...

"Pare com isso, sua tonta!", censurou-se.

Gareth, de outro lado, sentia agudamente a pressão delicada da mão muito branca, e lutava contra a vontade insana de agarrá-la e cobri-la de beijos.

Chegando à sala de jantar, ofereceu-lhe o lugar à sua direita e tocou a campainha de prata. Momentos depois entrava o camareiro com uma garrafa de vinho.

Gareth ergueu o copo e sorriu para Christine.

— À bela castelã de Escarpa Negra. Que ela encontre felicidade aqui.

Ela baixou os olhos, enlevada, e também ergueu o copo.

Quando deu o primeiro gole, surpreendeu-se com o excelente buquê.

— Este vinho é de primeira, Gareth. Não sou muito entendida, mas parece-se bastante com os da França.

Ele se limitou a sorrir, não querendo contar que a esposa estava certa. Por enquanto, manteria essa informação consigo.

— Nós, ingleses, não somos tão bárbaros como os franceses pensam.

— Acaba de marcar um ponto, *milord* — concedeu Christine, risonha.

"O que vocês, ingleses, têm de errado é o modo desconcertante, que não consigo entender", pensou. Mas nada disse; as coisas estavam correndo bem demais, e ela não queria estragar a magia do momento. Seriam todos os ingleses iguais a esse? Se fossem, coitadas das mulheres...

— Não acho que os ingleses sejam bárbaros, mas há coisas que eles podem aprender com os franceses — disse, para quebrar o silêncio.

— Verdade, concedo. A França é um país altamente sofisticado,

principalmente no que diz respeito a mulheres, que são lindíssimas, e aos vinhos, naturalmente.

Os olhos negros pareciam acariciá-la e Christine novamente baixou a vista. A conversa começava a tocar terreno movediço, e ela achou que devia mudá-la depressa. Erguendo o copo, esvaziou-o de uma vez, buscando segurança. O camareiro encheu-o de imediato; Christine, sem saber o que fazer, bebeu tudo outra vez. O camareiro, solícito e eficiente, tornou a despejar mais. Nesse momento, chegou o primeiro prato, um assado suculento de carneiro.

Ao fim da sobremesa — um lustroso pudim caramelado — Christine já estava enxergando o mundo cor-de-rosa.

Gareth observava-a entre divertido e intrigado. Na manhã seguinte ela acordaria com uma dor de cabeça infernal... Mas ao vê-la esvaziar o enésimo copo, franziu a testa, perguntando-se o que sua mulher pretendia. Alguma coisa estava errada naquela noite. Melhor perguntar antes que ela não mais estivesse em condição de responder a coisa nenhuma.

— Christine, não acha que está na hora de me dizer o que pretende?

Sob o efeito do vinho, ela focalizou os olhos negros e brilhantes no marido.

— Como assim?

— Sei que há carne por baixo desse rico angu, minha bela. De outro modo, você não teria bebido tanto. Diga-me, encharcou-se de vinho para atenuar o aborrecimento de vir jantar comigo?

— *Milord*, estou fazendo o que me pediu. Estou desempenhando o papel de castelã... de *lady* Devlin, para ser exata.

A expressão de Gareth assumiu a frieza do gelo. Antes que o diabo esfregasse um olho, jogou o guardanapo e pôs-se de pé, girando a cadeira de Christine de forma a que ela o encarasse. Plantou vigorosamente uma mão sobre cada braço da poltrona e curvou a cabeça, aproximando-a dos olhos assustados da mulher.

— Essa inesperada amabilidade feminina não me engana. Está fazendo um joguinho inútil comigo, Christine.

Christine sacudiu a cabeça, nervosa.

— Não, Gareth, não há jogo nenhum, asseguro-lhe!

A despeito de seus esforços, Christine não conseguiu conter uma lágrima, que ficou tremeluzindo sob os cílios. O belo plano de manter firmeza e dignidade ruía a seus pés, e quanto a isso nada mais podia fazer. Contudo, agarrava-se desesperadamente à idéia de persuadir o marido quanto a deixá-la visitar a família de Alice no dia seguinte. Numa súbita inspiração, limpou a lágrima com o pulso e fungou:

— Eu... eu... sei que você não me quer como esposa, mas... mas pensei que me aceitaria como... como sua amante.

— Pensou, é? — redargüiu o marido, cheio de sarcasmo.

— E por causa dessa linda idéia, intoxicou-se de álcool a fim de tolerar minha companhia!

Ela apenas continuou sacudindo a cabeça, fitando os olhos implacáveis do marido. Como contar-lhe que se embriagara para diminuir a tremedeira causada pela simples presença dele? Como explicar a esse homem que, depois de ele ter-lhe dito friamente que tomaria uma amante, um pedaço de seu coração morria a cada vez que o imaginava nos braços de outra? Achava-se diante de alguém que devia odiar e de quem devia fugir, mas seu coração pedia somente algumas migalhas de carinho. Por que, Deus do céu, sentia-se assim?

Finalmente subjugada pela própria razão, Christine foi obrigada a se render diante da aterradora verdade. Amava Gareth! "Não, meu Deus, tudo menos isso!"

Baixou a cabeça, tentando ordenar os confusos pensamentos. Negou-se a acreditar no que sua razão — e seu coração — gritavam em altas vozes. Não amava aquele maldito inglês; o que estava sentindo era o efeito anestesiante do vinho, nada mais. Empurrou-o com veemência e conseguiu ficar de pé, embora visse a sala rodando perigosamente à sua volta.

— Não vou tolerar que me questione desse modo, Gareth.

Dizendo isso, aprumou-se, assumindo um porte de rainha — meio decadente, tinha de admitir, pois oscilava de um lado a outro. E deixou a sala

com passos trôpegos, rezando para não se estatelar no chão.

Quando chegou na escada, fitou-a com olhos embaçados e achou-a intransponível. Respirou fundo e segurou-se no corrimão. Deu o primeiro passo. A escada começou a rodar...

— Sua louquinha! — exclamou Gareth, enquanto corria para impedi-la de desmontar de uma vez. — Mais um pouco e esse lindo pescoço de cisne estaria quebrado! Mas é teimosa como um padre velho. Preferiria morrer a pedir minha ajuda, não é?

— Pode deixar, eu estou muito bem — engrolou ela.

— Sim, claro. Depois que a puser na cama. E depois que eu der umas boas palmadas nesse traseiro de seda.

Agilmente, Gareth suspendeu-a nos braços e carregou-a escada acima, subindo de dois em dois degraus.

Christine instalou-se confortavelmente no colo quente do marido. O coração dele batia forte, e ela soltou uma exclamação de puro prazer, achando o mundo maravilhoso.

Gareth depositou-a na cama e ordenou a Alice que se retirasse. Depois, com cuidados quase paternais, desatou os inúmeros colchetes do vestido, despiu-a e praguejou baixinho. Por que diabos mandara Alice sair dali? Agora estava ali como um rapazinho, a ereção começando a importuná-lo. Trincando os dentes, acabou de livrá-la da roupa de baixo, esforçando-se para não devorar com os olhos a perturbadora nudez de Christine. Relutante, desviou a vista em busca de uma camisola. Abriu o armário e revirou laços, rendas e lenços, sentindo o perfume de rosas inebriá-lo suavemente. Finalmente, encontrou uma peça pequena e sedosa, que lhe pareceu apropriada para dormir, e voltou-se para a mulher, que se achava estirada na cama com ar beatífico.

Sentou-se à cabeceira e obrigou-a a sentar-se. Não foi fácil; ela ria e voltava para o travesseiro, o corpo mole, macio, bom de pegar. Com dificuldade, Gareth conseguiu enfiá-la dentro da camisola, que se amoldou como luva às curvas tentadoras. Na realidade, o corpo de Christine ficava ainda mais atraente sob aquela coisinha fina e delicada, que escondia um

pouco da exuberância de suas formas.

— Tenho que sair daqui o quanto antes — disse ele a si mesmo.

Tentou erguer-se, mas Christine enlaçou-o pelo pescoço, puxando-o para si. Atônito, encarou-a. Os olhos de esmeralda fitavam-no em súplica.

— Não me deixe agora, Gareth — pediu com voz doce. — Abrace-me um pouco.

— Você precisa dormir, Christine — respondeu ele, mal conseguindo se dominar.

— Não estou pedindo para fazermos amor. Só quero ser abraçada um pouquinho. Estava tão gostoso o seu colo...

Em sua embriaguez, Christine dava livre vazão ao que sentia.

Percebendo o tom de melancolia e solidão na voz de Christine, Gareth se rendeu. A voluntariosa pantera, solta pela bebida, agora se mostrava carente e só. Afinal, tinham almas muito parecidas!

Gentilmente, tomou-a no colo e embalou-a ternamente, enquanto ela afundava o rosto contra sua camisa, aquecendo-lhe o peito e a alma. Pouco a pouco, a respiração foi se tornando regular e suave; em breve, Christine dormia profundamente.

Com mil cuidados, afastou-a de si, ajeitando-a nos lençóis. Resolveu que ficaria ali naquela noite, pois o perigo já não era tão iminente, e ela lhe pedira com tanto carinho que ficasse... Firmou-se num cotovelo e deixou-se ficar um longo tempo perdido em muda contemplação. Finalmente, incapaz de resistir, curvou-se para afastar um cacho rebelde e depositou um beijo quente e terno na face rosada pelo vinho.

Exalando fundo, dobrou o braço e colocou-o sob a nuca, sentindo-se mais relaxado. Suas virilhas ainda doíam e reclamavam a aproximação de Christine, mas ainda assim Gareth achou que podia cantar vitória. Pela primeira vez, conseguira deitar-se ao lado daquela feiticeira e controlar o terrível desejo que pensara nunca vencer. Sorriu na semi-escuridão.

— Esta noite marca novo começo para nós, Christine — falou baixinho. E fechou os olhos.

CAPITULO VIII

O frio da madrugada cinzenta entrou numa rajada mais forte pela janela aberta, enfunando as cortinas. Christine virou-se na cama, puxando o lençol. Em meio ao sono, teve a vaga sensação de que havia uma fonte de calor ao lado, e aconchegou-se a ela. Amoldou-se junto ao corpo quente e macio e aninhou o rosto nos braços vigorosos, suspirando de prazer.

Mas o choque desse contato inesperado espantou o sono, varrendo-o como um furacão, fazendo-a arregalar os olhos na escuridão da madrugada. Sentou-se depressa e puxou o lençol até o queixo, atarantada com a novidade. Mas que diabos... Sonhara de novo ou...? Fitou o marido com ar abobalhado. Este abriu os olhos, meio aturdido.

— Que está fazendo aqui? — perguntou, já com medo da resposta.

Gareth espreguiçou-se e abriu um sorriso indolente.

— Você me pediu para ficar, lembra-se?

Ela dobrou os joelhos, pousando a cabeça sobre eles. Sua cabeça parecia perfurada por mil agulhas e latejava horrivelmente. Com dificuldade, seu cérebro começou a reconstituir a memória da véspera. O vinho, a escada... e depois um branco. Devagar sacudiu a cabeça.

— Não.

Percebendo o mal estar de Christine, Gareth sentiu pena e esticou os braços para ela.

— Venha cá, minha querida. Você não fez nada para se envergonhar.

As palavras, ditas em voz baixa e meiga, deixaram-na mais desconfortável ainda. Grandes lágrimas se formaram em seus olhos.

— Eu não queria que nada disso acontecesse, juro. Tudo o que eu buscava era seu consentimento para levar roupa e alimento à família de Alice.

— Então era isso! — murmurou Gareth, sorrindo. — Ora, poderia ter poupado uma bela dor de cabeça se tivesse sido honesta, Christine.

Ela ergueu a cabeça, com dificuldade, piscando.

— Quer dizer que não se importa se eu for? Mesmo?

— Claro que não, ora! Tem total liberdade de fazer o que quiser neste castelo, e além disso eu acho muito generoso de sua parte preocupar-se com essa gente. Gosto de saber que *lady* Devlin é uma castelã que pensa nos necessitados.

— Verdade?

— Claro! Não sou um carcereiro, *madame!* Agora venha cá e aproveite as últimas horas de sono. Tenho um dia cheio hoje; preciso entrevistar mais de uma dúzia de homens.

— Para quê? — perguntou ela, esfregando as têmporas.

— Preciso de um administrador de armazéns. Se não encontrar em Padstow quem procuro, serei obrigado a ir até Londres... Maçada!

Christine sentiu o pulso se acelerar. Se ele tivesse de viajar para Londres, sua fuga seria bastante facilitada. E esta seria provavelmente a última noite que passaria com o marido.

Teve a impressão que seu coração lhe era arrancado do peito e atirado numa touceira de espinhos. Como poderia deixar esse homem para sempre? Aflita, aconchegou-se no peito moreno. Alma e corpo diziam-lhe que aproveitasse bastante aquele momento, que podia ser o último.

E antes que Gareth pudesse oferecer qualquer resistência, soergueu o corpo e capturou-lhe os lábios com ardor, sugando-os como se quisesse esgotar toda a alma do marido. Este, atordoado pela carícia inesperada, envolveu-a nos braços com paixão, colando-se ao corpo macio e fresco. As coxas moveram-se levemente sobre as dele, deixando-o em louca agonia. Todas as boas intenções foram postas de lado mais uma vez, e um gemido de angústia mesclada de prazer escapou-lhe da boca, enquanto se rendia às exigências do corpo. Livrou-se das calças rapidamente, jogando-as longe. Depois afundou-se no corpo de Christine, exclamando frases incoerentes e roucas. Ergueu-se um pouco e mergulhou nos olhos dela, um par de oceanos em ressaca.

— Por Deus, Christine, como preciso de você!

Enterrando o rosto nos cabelos dela, aspirou-lhes o perfume com prazer voluptuoso. E começou a beijar-lhe o pescoço, os ombros, o vale entre os

seios, num misto de desespero e adoração.

Christine sentia-se perdida. O simples toque daqueles beijos incendiavam as brasas adormecidas de sua paixão. Abandonou-se ao sabor das mãos e da língua de Gareth, com dócil e apaixonada submissão. E quando deram início ao longo ritual do amor, acompanhou-o com a mesma paixão até alcançarem o êxtase.

A respiração entrecortada, o coração batendo forte, juntos desceram do paraíso reservado aos amantes e retornaram à terra vagorosamente, com relutância.

Defrontando-se mais uma vez ante sua total inabilidade em controlar o desejo avassalador que sentia por Christine, Gareth sentiu alma e corpo mergulhados em tristeza. Quanto mais fazia amor com ela, mais sua cobiça era despertada. Entendia agora porque seus ancestrais jamais haviam conseguido deter a maldição, terminando de vez com a linhagem Devlin. Era muito mais fácil condenar uma criança ainda não nascida que dizer não ao próprio corpo.

Afastou-se da mulher e sentou-se na beirada da cama. Começava a achar que era ele o louco, não Adam. Pois não era capaz de controlar as próprias emoções, agindo tal e qual Adam nos momentos de acesso furioso. Estava cansado de saber as conseqüências funestas que suas relações com Christine poderiam trazer, mas ainda assim teimava em esquecê-las nos momentos de paixão desenfreada. A única saída seria manter alguma distância entre os dois.

Virou-se para contemplá-la. Fez-lhe uma carícia terna no rosto e começou:

— Christine, eu...

Mas Christine colocou um dedo em seus lábios, negando-lhe a palavra. Não queria mais ouvir aquelas desculpas descabidas, que ouvira por duas vezes. Essa talvez fosse a última noite que passavam juntos, e estava decidida a não arruiná-la. Fizeram amor como se fosse um dia brilhante de céu azul, e agora estavam em pleno poente, rico de tons esmaecidos. Ainda era cedo para a noite descer.

— Não, Gareth, não diga nada. Sei como se sente. Vamos saborear o momento que passou, apenas.

Perdido na intensidade dos olhos verdes, ele concordou em silêncio. Nada neste mundo poderia mudar o que acontecera entre eles; só tempo e distância talvez viessem a salvá-los. Sem dizer palavra, deitou-se devagarinho e puxou Christine para seu abraço. Tentaria cochilar mais um pouco, e depois seguiria direto para Londres. Resolvera isso minutos atrás; seria uma boa forma de se distanciar do paraíso proibido.

Quando acordou, Christine se viu só. A cabeça ainda lhe doía como se alguém martelasse seu crânio, metódica e compassadamente. Forçou-se a sentar e só então compreendeu a extensão do erro que cometera. Seu estômago contorcia-se em náuseas. Deslizou mansamente da cama, pondo-se de pé com esforço, e piscou contra a luz cinzenta da manhã. Nuvens escuras acumulavam-se no céu, como que para combinar com seu estado de alma.

Os acontecimentos da noite vieram-lhe à mente, enchendo-a de vergonha e recriminação. Levou as mãos à cabeça, num gesto de desespero. Onde estava seu auto-respeito? Seu orgulho? Então não tinha forças para resistir aos encantos do maldito inglês?

Caminhou com esforço até a bacia, onde tentou aliviar a náusea. Como nada conseguisse, arrastou-se de volta para a cama, sentindo corpo e alma em frangalhos. Desde o começo sentira uma atração irresistível por Gareth, mas não esperava que essa atração se transformasse em amor.

— Não, amor não! — gritou, sofrida. — Isso não pode acontecer!

Mas não adiantava; sabia que não havia escapatória. Estava irremediável e irreversivelmente apaixonada por Gareth Devlin, seu todo poderoso marido. Ele não sabia, mas tinha seu coração nas mãos.

Mordeu os lábios ao sentir nova pontada na cabeça, fininha e dolorosa. O que não daria para também ter o coração dele em suas mãos! Mas isso jamais aconteceria. Voltaria para a França logo que os contrabandistas providenciassem a travessia do canal, e Gareth encontraria outra mulher para substituí-la. Já começava a invejar essa outra, pois ela seria livremente escolhida por Gareth, e não imposta. E se Gareth era capaz de proporcionar tanto prazer a

alguém que despertava apenas seus instintos masculinos, como seria então com alguém a quem amasse de verdade?

Uma batida brusca na porta arrancou-a dos devaneios. Mal teve tempo de se cobrir, e já a fisionomia severa de Hilda surgia na porta. A governanta entrou sem grandes cerimônias e depositou a bandeja no colo de Christine. Seus olhos inexpressivos correram pelas roupas espalhadas no chão e um breve sorriso flutuou na boca fina.

— Espero que goste do café, *milady*. O cozinheiro fez um bom trabalho, ao que parece.

— Onde está Alice? — indagou Christine, sentindo-se mal com o cheiro do chocolate.

— Está muito ocupada lavando sua roupa pessoal, *milady*.

— Minha roupa? Mas isso não é função dela!

— Tem razão, não é. Mas a menina tirou dois dias de folga, coisa que não posso admitir. Por isso, está cumprindo castigo agora. Se os criados começam a fazer o que querem, acabará a disciplina neste castelo.

Christine sentiu nova pontada na base do crânio. Sem se preocupar com gentilezas, que no momento lhe pareciam inúteis, extravasou a imensa irritação:

— Como ousa castigar minha criada pessoal? — gritou, vermelha de cólera, empurrando a bandeja para longe. — Ordeno-lhe que peça desculpas a Alice por essa atitude totalmente imprudente!

Hilda piscou, mas se empertigou logo.

— *Milady*, é de minha responsabilidade castigar os criados quando necessário.

— E a minha, como dona deste castelo, é desautorizar instruções injustas! Também tenho autoridade para dispensar os serviços de quem desafiar minhas ordens, e isso inclui você, Hilda!

A outra recuou, assustada com a explosão da patroa.

— *Milady*, creio que não fui informada de nada disso.

— Talvez não, mas considere-se informada a partir deste instante. Agora, faça-me o favor de enviar Alice para cá. Ela tem me servido muito bem, desde

a partida de Babette.

Hilda baixou os olhos, a fim de esconder a raiva incontrollável, que não saberia disfarçar de outra forma.

— Peço-lhe perdão, *milady*, por ter abusado de minha autoridade.

— Aceito suas desculpas. Mas da próxima vez, queira me consultar antes de punir quem quer que seja, especialmente minha aia particular. Eu dei permissão a Alice para visitar a família ontem; você teria sabido disso se tivesse vindo me consultar.

— Desculpe, senhora, minha total ignorância do assunto. Vou pedir a Alice que suba imediatamente.

Quando a porta se fechou, Christine respirou fundo, fechando os olhos. Levantou-se e pegou a bandeja, que colocou num canto do quarto, longe de suas vistas. Voltou tropegamente para a cama, sentindo o estômago dando voltas dolorosas.

— Nunca mais vou tomar vinho, em toda a minha vida! — resmungou, massageando o ventre.

Achava que não viveria o suficiente para cumprir a promessa, porém. Sentia-se doente, quase às portas da morte. Talvez nem tivesse forças para viajar para a França. Estava no fim, decididamente no fim!

Mergulhou a cabeça no travesseiro, tomada de novo acesso de enjôo. Quando ouviu uma leve batida na porta, nem se deu ao trabalho de virar a cabeça.

— Entre.

O travesseiro abafou sua voz, e nova batida se fez ouvir. Irritada e descontente com o mundo, Christine levantou um pouco a cabeça e disparou em francês:

— *Mon Dieu! Entrez!*

E antes que a porta se abrisse, enterrou o rosto novamente no travesseiro, sentindo-se a última das mortais. Uma carícia em seus cabelos avisou-a que não era Alice que estava no quarto. Devagar, voltou-se na cama e fixou os olhos mortícios no marido, que se curvava para ela, cheio de preocupação.

— Vim para desejar bom dia, mas estou vendo que para você isso será

difícil — disse ele, sentando-se ao lado da cama.

— Tem razão. O dia está medonho. Que droga de tempo cinzento, santos deuses!

Gareth sorriu.

— Acho que o tempo não tem culpa por seu mal estar, minha bela. Acredito que seu dia está ruim hoje por causa de ontem. Todo aquele suco de uva que tomou não lhe fez muito bem, creio.

Christine tentou se sentar, mas ele forçou-a com firme gentileza a permanecer deitada.

— Não, Christine, não se levante. Se quer se livrar dessa ressaca, trate de descansar a manhã toda.

Ela concordou, fazendo uma careta de dor.

— Estou contente porque vai seguir meu conselho. Bem, não vou incomodá-la mais. Vim para informar que resolvi não mais procurar meu homem em Padstow; estou a caminho de Londres. Não sei quanto tempo levarei para encontrar um administrador capaz, portanto acho que vou me demorar algum tempo por lá.

Por alguns momentos, Christine se esqueceu do estômago e da cabeça. Se as providências com os contrabandistas corressem bem, ela ficaria livre para partir quando desejasse. Gareth, estando em Londres, não teria condições de impedi-la.

Sentiu um punhal atravessar-lhe o peito, ao observá-lo. Contemplou-o tratando de guardar na memória cada traço desse belo homem que fora seu marido. Dentro de minutos, ele não passaria de uma simples lembrança. Viveria, contudo, alimentada pela recordação dos olhos penetrantes, capazes de incendiar-lhe o sangue, da boca que lhe dera tanto prazer.

"Deus, como eu o amo!" pensou, retraindo o desejo quase de esticar a mão e tocá-lo mais uma vez. Respirando fundo, conseguiu encontrar a voz.

— Desejo-lhe boa viagem, Gareth.

Ele se levantou abruptamente. Christine o havia olhado com tanta ternura que se sentia fraco, capaz de esquecer todos os propósitos de distanciamento. E isso era um luxo a que não podia mais se dar.

— Obrigado, *madame*. E não se preocupe com seu mal-estar — acrescentou, piscando-lhe maliciosamente. — Antes de casar sara!

Ela engoliu em seco, forçando um sorriso.

— Adeus, Gareth... Adeus — murmurou, abafando um soluço.

Mal sabia ele que era uma despedida definitiva. Deus lhe desse forças para não correr e atirar-se em seus braços!

Gareth fechou a porta atrás de si e encostou-se à parede, enxugando o suor da testa. Por sua vontade, voltaria ao quarto naquele momento e confessaria a Christine seu amor. Mas a sombra da maldição passou por sua mente atormentada, reforçando a decisão de fugir de Escarpa Negra por enquanto.

— *Milord* — chamou Hilda, baixinho. — Seu irmão está muito agitado, dizendo que quer sair da ala norte de qualquer maneira. Pode ir até lá em cima e tentar acalmá-lo?

— Claro. De qualquer modo, era mesmo minha intenção explicar a Adam que terei de viajar por algum tempo. Também preciso deixar algumas instruções com você, Hilda.

— Suponho que sejam as mesmas, *milord*?

— Sim, mas desta vez quero sua promessa de que Adam não conseguirá sair à noite enquanto eu não voltar. Isso é de extrema importância, Hilda.

— Compreendo, *milord*.

— Bem, vamos lá, enfrentar a fera — disse ele, forçando um sorriso.

Quando chegaram no grande e sombrio corredor da ala norte, contudo, ambos se admiraram com o silêncio reinante. Gareth encarou a governanta interrogativamente, enquanto abria a porta do quarto. Ao entrarem, deram com Adam sentado perto da janela, um livro nos joelhos.

Desconcertada pela mudança brusca de Adam, Hilda deu de ombros, incapaz de explicar aquela calma inesperada. O homem comportado não era o mesmo que deixara horas antes. Quando soubera que Gareth passara novamente a noite no quarto de Christine, Adam tornara-se uma fera. Lívido de ódio, ele gritara e jurara que poria fogo em Escarpa Negra. Parecia tão determinado, que Hilda, tomada de pânico, julgara de bom alvitre chamar

Gareth, na esperança de que Adam despejasse toda a fúria no irmão e se acalmasse depois.

— Como se sente, Adam? — perguntou Gareth. O outro fechou o livro e colocou-o na estante.

— Por que essa pergunta, irmãozinho? Suponho que Hilda já foi fofocar sobre meu estado, não é? Boa e velha Hilda... A perfeita guardiã de um louco!

Gareth puxou uma cadeira e sentou-se diante do irmão.

— Ela me disse que você estava aborrecido por alguma coisa, mas não sei o que é. Quer discutir comigo sobre isso?

— Não, acho que não. Você jamais compreenderia.

— Tente, Adam. Dê uma chance para mim, vamos! Não posso ajudá-lo, se não quiser se abrir comigo.

— Já me abri algumas vezes. O resultado foi zero vezes zero. Você teima em não me deixar sair daqui... Teima em não me deixar viver como um membro comum da família.

— Prometo que você deixará esta ala logo, Adam. Mas, de momento, creio que é melhor que fique por aqui.

— Vá para o inferno, Gareth! Não precisa mentir para mim. Sei muito bem que planeja manter-me aqui até o fim de meus dias!

— Não, Adam. Logo que eu voltar de Londres, você estará livre da ala norte. Só preciso de tempo para explicar tudo à minha mulher.

— Ah, chegamos lá, afinal! Sua mulher... Ela é a causa de tudo, não é? Você me prende aqui porque tem medo de vê-la bater as lindas asinhas de Escarpa Negra! E com certeza é isso que vai acontecer, quando ela souber de mim e do tratamento que recebo!

Gareth se levantou, muito sério.

— Não está sendo justo comigo, Adam.

— Olhe só quem fala em justiça! Injusto é o que você faz comigo, demônios o levem! Trancar-me nesta torre imunda enquanto se refestela na cama da princesa encantada! Suas intenções de acabar com a linhagem Devlin não duraram muito tempo, hein, irmãozinho?

Gareth sentiu que Adam o atingia, certo. Não podia negar a verdade,

doesse como doesse. Mantivera segredo a respeito do irmão por puro medo de perder Christine; certamente ela o rejeitaria, por causa da maldição.

Mas ainda havia tempo de corrigir seu erro. Assim que voltasse de Londres, contaria toda a verdade a Christine. E se ela resolvesse deixá-lo, paciência. Daria inteira liberdade à esposa, e providenciaria uma casa onde ela pudesse morar sozinha. Porque Christine não podia mais voltar para a França; o país tinha se transformado num verdadeiro inferno.

— Tem razão, Adam. Só lhe peço um pouco mais de paciência, um pouco só. Quando eu voltar de Londres, prometo arrumar as coisas. Você estará livre para fazer o que quiser em Escarpa Negra.

Adam sorriu, gostando de ver dor e tristeza nos olhos do irmão.

— Está bem, vou ter paciência... Até sua volta. Depois disso, não prometo mais nada.

— Não é preciso, mano — volveu Gareth, estendendo a mão para que ambos selassem o acordo.

Adam apertou a mão do irmão, dando-se por satisfeito por enquanto. Faria como prometera, e permaneceria na ala norte. Ganhara aquela pequena batalha, seu objetivo nesse dia. Quando ele voltasse, assestaria todas as baterias a fim de vencer a guerra.

— Adeus, meu amor — murmurou Christine baixinho através de um véu de lágrimas.

Escondida atrás da cortina, observava a partida de Gareth pela vidraça, embaçando-a com soluços abafados.

— Está tarde, *milady* — disse Alice, entrando.

Christine limpou os olhos, mas não se virou.

— Sim, eu já vou.

— Hum... Acho que vamos chegar ensopadas ao Bontrago. Olhe só aquelas nuvens!

— De fato, parece mesmo que vai chover. Então, vamos desistir de ir a cavalo. Peça ao cocheiro que prepare uma carruagem enquanto eu me visto.

Contente por não ter de enfrentar mais uma penosa cavalgada, Alice saiu.

Quando se certificou que estava sozinha, Christine se afastou da janela e foi assoar o nariz. De nada adiantava ficar triste pelos cantos, lamentando seu destino. Aprumou-se, levantando o queixo. Alice tinha razão; estava ficando tarde. Precisava agora se ocupar apenas da partida para a França, concentrar suas energias nesse único objetivo. Depois que visse os pais, depois de certifica-se de que eles estavam bem... então poderia se lamentar. Por enquanto, não.

O céu da tarde, triste e cinzento, refletia as emoções que Christine se forçava a ignorar. No meio do caminho, desabou um aguaceiro que parecia o fim do mundo; a terra ficou encharcada, dificultando a passagem do veículo. Quando finalmente chegaram, as duas moças tiritavam de frio.

Os parentes de Alice acorreram para recebê-las e conduziram-nas para uma saleta menor, mais aconchegante, onde uma lareira crepitava. A apertada sala encheu-se de alegria para receber as duas. Garrafas de vinho e cestas de pão foram colocadas numa mesa e todos rodeavam Christine em expectativa.

Quando ela desatou os grandes pacotes que trouxera, um murmúrio de encantamento percorreu a sala. Christine percebeu o interesse e a excitação de todos ao verem as belas peças de roupa fina, os objetos caros e as cestas de verduras frescas, mas ninguém se moveu. Subitamente, sentiu-se mal de estar usando aquela gente boa como desculpa para encontrar os contrabandistas. Virou-se então para a mãe de Alice e falou:

— Por favor, senhora Bibbon, desculpe se a ofendo. Não tenho essa intenção, de modo algum.

A velha enrugou as faces num sorriso compreensivo, e tomou as mãos de Christine.

— Sua caridade não nos ofende, *milady*. Ela é muito bem-vinda.

As irmãs de Alice soltaram gritos ruidosos de alegria e lançaram-se aos presentes, rindo e brincando. Christine olhou-as, entre alegre e melancólica. Até então, nunca se dera conta de como fora afortunada por ter nascido num lar rico, onde nada lhe faltava. Nunca mais se permitiria esquecer que havia muita gente pobre e faminta no mundo; sabia agora que apenas um acidente

de nascimento separava-a de Alice e suas alegres irmãs.

A porta se abriu para dar passagem a um camponês alto, de compleição forte e vigorosa, protegido por uma capa de chuva toda remendada. Uma rajada violenta molhou-o um pouco mais, e ele virou-se para fechar a porta, lutando contra o vento.

— Diabo de porta! — praguejou ele. — Mãe Bibbon, da próxima vez que eu vier aqui, lembre-me de consertá-la!

Tirou a capa, sacudiu-a e pendurou-a num gancho. Depois, algo embaraçado, abriu os braços:

— Boa tarde, pessoal! Mas que confusão está aqui hoje!

Bets adiantou-se.

— Alô, Sam. Venha cá, venha ver só o que *lady* Devlin trouxe para nós! Não acha que eu vou ficar linda dentro deste vestido?

Dizendo isso, colocou um vestido de seda lilás diante do corpo, rodopiando alegremente.

— É, minha Bets — riu ele. — Vai me deixar mais maluco ainda!

Os olhos azuis do rapaz pousaram sobre Christine.

— *Milady*, já que Bets está distraída demais com esses tesouros, vou me apresentar. Sou o homem que procura — Samuel Heath, mais conhecido por Sam.

— Prazer em conhecê-lo, Sam — falou ela, estendendo-lhe a mão. — Foi muita gentileza ter vindo me ver num tempo desses.

As mãos calosas do rapaz pareciam cheias de vida e juventude.

— Que nada, foi um prazer. Vamos nos sentar?

Christine aquiesceu e aceitou a cadeira tosca que lhe era oferecida. Sam relanceou os olhos para a namorada, que entendeu o recado.

— Ei, pessoal! — bradou ela. — Vamos levar tudo isto para a outra sala, que tal? Lá é maior e mais confortável. Poderemos tirar a sorte para ver quem fica com o quê!

— Boa idéia, Bets! — concordou uma garotinha, batendo palmas. Em instantes, a saleta ficou vazia.

— Antes de mais nada, gostaria de saber por que a senhora tem tanta

pressa de ir para a França — falou Sam, com seu modo habitual de não rodear o assunto.

— Meus pais correm perigo de vida, ao que tudo indica, e meu marido se recusa a me levar para lá.

Sam esfregou o queixo, estudando-a por algum tempo.

— A senhora tem sangue nobre e vai ter problemas por lá. Espero que já saiba disso. *Lord Devlin* tem razão de não querer levá-la.

— Sei e compreendo muito bem, mas nada me fará mudar de idéia. Se não puder me ajudar, continuarei procurando até encontrar alguém que o faça.

— Eu não disse que não a ajudaria, *milady*. Apenas achei que era meu dever preveni-la quanto aos perigos que vai enfrentar. É pôr os pés na França e zás, sua vida não valerá um tostão.

— Sei o que quer dizer, mas estou disposta a correr qualquer risco. Não posso pensar em minha segurança, sabendo que meus pais estão com a vida ameaçada.

— Vai custar caro, *milady*. Perdoe minha franqueza, mas o pessoal vai sentar a faca, e sabe por quê? Porque eles têm medo da represália de *lord Devlin*. Se ele chegar a saber como é que a senhora fugiu, meus camaradas e eu estaremos em maus lençóis. Queremos uma recompensa à altura, pois vamos nos expor a sabe-se lá o quê. Eu mesmo tremo de medo. Prefiro enfrentar o demônio em pessoa, se quer saber. Seu marido zangado... Deus me livre!

Christine não pôde deixar de sorrir. Gareth fizera estranha fama entre aquela gente boa!

— Pagarei o que me pedir, Sam. Acha que consegue alguém para me acompanhar? Eu gostaria de ter uma escolta, se possível.

— Bom, isso... — fez ele, cocando a cabeça. — *Milady*, minha missão é levar a senhora para a França. É tudo o que posso fazer.

— Nem estou lhe pedindo outra coisa, Sam. Mas se souber de alguém que se prontifique a viajar comigo até a região de Champagne, posso pagar regamente.

Ele ficou pensativo.

— É, conheço um camarada que precisa desse dinheiro. Acho que ele vai se interessar, sim senhora.

— Tomara que sim. Como já afirmei, darei a quantidade que ele quiser.

— Não estou prometendo nada, veja bem. O camarada pode não querer voltar para a França, *milady*, mesmo tendo necessidade do dinheiro. Ele estará em perigo constante, a partir do momento em que cruzar o canal. Se quer saber, o homem está aqui por verdadeiro milagre. Ele nem sabe como conseguiu escapar da guilhotina! Diz que foi por pouco.

— Bem, se ele não quiser, paciência, eu entendo. De qualquer modo, isso em nada modifica minha decisão.

— Então está feito. Se o tempo clarear, partimos amanhã de noite. Traga cinquenta peças de ouro e encontre-se comigo às nove horas na entrada da restinga de Tintagel. Alice lhe ensinará o caminho. A senhora me encontrará à sua espera, num bote.

— Combinado, Sam. E muito obrigada.

— Não há de que agradecer, senhora. Vou ajudá-la porque preciso do dinheiro. Com ele, Bets poderá se casar comigo...!

— Então aceite meus votos de felicidade, Sam.

Christine se ergueu, dando a entrevista por encerrada.

Estendeu a mão para o rapaz.

— Boa tarde, Sam.

— Boa tarde, *milady* — volveu ele, apertando a mão estendida e inclinando-se respeitosamente.

Depois de inúmeros abraços de despedida, Christine viu-se sentada na carruagem ao lado de Alice. A viagem foi feita quase que em total silêncio; uma multidão de imagens e idéias se atropelavam na cabeça de Christine, impedindo-a de tagarelar com a mesma animação demonstrada na vinda. Faltava-lhe apenas um dia para abandonar Escarpa Negra.

Quando chegaram ao sopé do grande penhasco de granito, Christine ergueu os olhos. O castelo dominava a paisagem, vigiando o vale por cima da neblina. Sobressaltada, descobriu naquele instante que já considerava Escarpa

Negra como seu lar. Não sabia quando começara a pensar assim; era mais ou menos como o amor que tinha por Gareth. O sentimento chegara de mansinho, sem avisar, e se instalara em seu coração.

O olhar de Christine se deteve no topo do penhasco, onde terminava o jardim. Imaginou Gareth de pé ali, contemplando o vale, os cabelos dançando ao vento — exatamente como o vira vezes sem conta. Podia quase esticar a mão e acariciar a imagem que formara na mente; a imagem de um homem atormentado, a camisa enfunada pelo vento, as calças de couro resistindo a cada rajada. Sim, Gareth parecia um príncipe.

Sentiu um nó na garganta e desviou os olhos. Em vão tentou pensar na próxima partida; a visão de Gareth eclipsara tudo o mais que trazia na cabeça. Agora, a idéia de nunca mais ver o marido a amargurava.

Quando chegaram, foi com mãos trêmulas que aceitou a ajuda do cocheiro para apear. Lutava bravamente para escamotear o sentimento agudo de perda e tristeza, em vão. Sem olhar para Alice, voou pelas escadas de pedra, achando o castelo mais bonito que nunca. Passou por Hilda sem vê-la, a visão turvada por lágrimas que teimava em segurar.

Quando alcançou o quarto, passou a tranca para ninguém vir incomodá-la. E, finalmente só, deixou-se afundar na cama, soluçando em desespero.

CAPÍTULO IX

Desde o momento em que acordara e vira o dia claro e brilhante, Christine foi tomada de desânimo, totalmente sem vontade de arrumar as coisas para a partida. Permitira a Alice que preparasse uma valise, mas passara o dia arrastando-se penosamente no quarto, de onde mal saíra. Aterrava-a o momento em que abandonaria Escarpa Negra e seu misterioso e enigmático dono.

O sol já declinava, cobrindo a praia e os penhascos de sombras alongadas, mas não sentia ânimo para terminar os preparativos. Na verdade,

pouco lhe faltava para ficar pronta; bastava se vestir e apanhar as moedas no cofre do marido. Sabia que estava na hora de descer, mas seu coração se recusava a deixá-la dar o primeiro passo rumo à separação definitiva de Gareth. Na verdade, conhecera naquele castelo momentos de intensa e plena felicidade.

Olhou, infeliz, para o relógio de porcelana, e suspirou. Enfim, propusera-se a ir ajudar os pais ou não? Sim, clamou seu instinto filial. Então, era hora de ir à luta. Ergueu-se e vestiu um traje simples de lã verde, que combinava às maravilhas com seus olhos, jogou uma capa escura nos ombros e apanhou a valise. Correu os olhos pelo quarto mais uma vez e soprou todas as velas, deixando-o na obscuridade triste do poente.

Caminhou furtivamente pelos corredores, desceu as escadas e entrou no gabinete de Gareth, fechando a porta sem fazer ruído. Acendeu uma vela e tirou de sob o corpete uma faca. Sem tremer, abriu a gaveta, retirou de lá a caixinha marchetada e colocou-a sobre a escrivaninha.

Nesse momento, sentiu a boca seca e um ligeiro tremor. Parou para respirar e inspirar profundamente, e tentou forçar a fechadura, mas esta resistiu. Tentou mais uma, duas vezes, sem resultado. À medida que o tempo passava a frustração aumentava, e gotinhas de suor iam se acumulando nas suas têmporas. A fechadura achava-se incrustada numa faixa de metal, o que dificultava em muito o enervante trabalho. Com impaciência, começou a aluir a madeira em volta da fechadura, já sem importar com os estragos que nela fazia. Súbito, ouviu um clique. Freneticamente, largou a faca e tentou abrir com os dedos. A fechadura cedeu como manteiga.

Mas não havia tempo para cantar vitória. Abriu depressa a caixa e prendeu a respiração. As moedas brilhavam à luz da vela, em tons de ouro velho, convidativas. Trabalhando rápido, apanhou a bolsinha de veludo que trazia presa à cintura e encheu-a até a borda. Satisfeita, recolocou a caixa na gaveta, fechou-a e pegou a valise, enquanto apagava a vela. Deslizou agilmente para o corredor, certificando-se que não havia ninguém para bisbilhotar, e de lá rumou para o jardim. A noite descera por completo, e agora a lua reinava em sua plenitude.

Ergueu a cabeça para olhar mais uma vez as imensas torres de granito, em cujas ameias a lua despejava nuances de madrepérola. Escarpa Negra parecia dormir no escuro sossego da noite; apenas numa janela da ala norte havia luz. Christine não se impressionou, nem parou para imaginar o que fariam os criados naquela ala desabitada; limitou-se a se despedir do castelo em silêncio e virou-se para Alice, que chegava.

— Por aqui, *milady*. Vamos pelo atalho mais curto.

— Conhece bem o caminho?

— Se conheço! Passei minha infância brincando nestas paragens... Eu costumava vir com minhas irmãs, para admirar de longe o castelo.

Passaram pelo descampado das charnecas, onde o vento parecia querer agredi-las, e enveredaram por um caminho apertado e meio escondido entre as rochas, que descia até o mar. Christine amparava-se no ombro de Alice, que seguia na frente, orientando-a sobre onde pisar para não escorregar.

Minutos depois, chegavam a uma restinga abrigada, onde Sam já as esperava, a bordo de um pequeno escaler. Quando ele as viu, pulou para a areia e veio pegar a valise.

— *Milady* é mais que pontual. Ainda não são nove horas.

— Melhor antes que com atraso — disse ela, forçando um sorriso.

— É verdade — concordou Sam, afastando do rosto os cabelos batidos pelo vento. — Bem, acho que está na hora de vocês se despedirem.

Christine virou os olhos brilhantes de lágrimas para Alice, e abraçou-a com carinho. Depois depositou algumas moedas na mão da aia, sem pronunciar uma palavra.

A moça olhou, sem acreditar, para o pequeno tesouro.

— Eu... eu não posso aceitar, *milady*.

— Pode e deve, Alice. Foi uma ótima amiga e companheira, e merece muito mais que isso. Mas é tudo o que posso lhe dar agora, minha amiga.

— Ah, *milady*... Eu... eu vou sentir saudades da senhora.

Lutando contra a tristeza, Christine abraçou-a de novo.

— Adeus, Alice. Que Deus proteja você e sua família.

— A... senhora... também... — soluçou a jovem.

Christine aceitou a mão de Sam e subiu no barco. Quando as amarras foram soltas, virou-se pela última vez para ver o castelo onde se tornara mulher. Estava livre daquelas pedras para sempre, mas não das lembranças. Sabia que nunca se esqueceria do homem a quem amara desde o primeiro momento em que o vira.

Uma neblina densa desceu aos poucos, envolvendo a pequena embarcação que se afastava devagar, lutando contra as ondas, rumo ao alto mar. As águas ainda se achavam revoltas devido à tempestade da véspera, atirando o escaler de um lado para o outro, como casquinha de noz. Sam, porém, era marinheiro experiente e não se preocupava com a turbulência do mar.

Quando alcançaram o navio, Christine pouco se parecia com a elegante *lady* Devlin que subira ao escaler. As ondas, batendo incessantemente contra a pequena embarcação, haviam encharcado a roupa e o belo cabelo, agora reduzido a uma touceira molhada. Os lábios dela, tão brancos quanto o rosto, tremiam de frio.

Um vento forte clareou por alguns momentos a neblina, deixando-a ver o navio onde viajaria. Sob a luz fraca e difusa de uma única lanterna, Christine divisou o rude grupo de homens que constituíam a tripulação, e, pela primeira vez, perguntou-se se não havia cometido um erro ao confiar em contrabandistas. Não conhecia Sam Heath, a não ser através de Alice; não era impossível que ele a tivesse atraído até o navio com o propósito de roubá-la e atirar seu corpo nalguma ilha... E nunca ninguém saberia de nada; quando Sam voltasse ao Bontrago com os bolsos cheios, Bets e Alice julgariam que ela já se achava sã e salva na França.

"Não seja ridícula", repreendeu-se, mas sem conter um calafrio.

Christine sempre acreditara no seu bom faro para pessoas, e quando conhecera Sam Heath, tivera a intuição que se achava diante de uma pessoa honesta. O rapaz podia burlar as leis inglesas e contrabandear mercadorias francesas, mas não tinha cara de bandido.

Consolando-se como podia, esperou pacientemente que Sam içasse o escaler e viesse ter com ela.

— Bem-vinda a bordo, *milady* — disse um homem magro e comprido, saindo das sombras. — Sou Dominique Duval, e devo acompanhá-la até Champanhe.

Antes que ela pudesse se refazer do espanto, Sam Heath irrompeu pelo tombadilho, limpando com um lenço o rosto salpicado de água salgada.

— Ah, vejo que já se apresentaram. Dom concordou em ser seu guarda-costas na França.

— Obrigada, Sam, pela ajuda prestada — falou Christine, algo admirada porque tudo estava saindo melhor que o esperado.

— Foi um prazer, *milady*. Agora, a melhor coisa a fazer é conhecer sua cabine, que Dom vai lhe mostrar. Eu tenho que ficar vigiando por aqui, pois ainda estamos em águas inglesas. Essas malditas guardas costeiras andam por aí como mariscos.

— Mas não temos que acertar seu pagamento?

— Deixe isso para quando estivermos perto da França. Agora, por favor, vá para sua cabine e fique quietinha lá. Os guardas têm ouvidos de cego, e são capazes de detectar qualquer ruído de vozes na noite. Ei, Harry! Apague essa lanterna, homem! Temos de ficar no escuro por enquanto.

Christine voltou-se graciosamente para Dominique Duval:

— Enquanto me leva até a cabine, poderemos discutir seu pagamento.

Acostumado a fazer bom uso do bonito rosto que Deus lhe dera, Dominique dirigiu-lhe o melhor sorriso. Aceitara a oferta de Sam Heath por absoluta necessidade do dinheiro, mas desde que pusera os olhos em Christine, começava a achar que poderia auferir alguns benefícios extras. A moça estava meio castigada e desarrumada, mas levava jeito de dama — e rica, bendito fosse Deus!

— *Certainement, madame* — disse, oferecendo-lhe o braço.

Christine aceitou-o, enquanto sentia uma onda de saudade da pátria. Era a primeira vez que ouvia sua língua, e ela lhe soou melodiosa e doce.

— *Voilà, madame* — fez Dom, abrindo a porta e fazendo um floreio rebuscado.

Era uma cabine minúscula, tendo por móveis uma cama estreita e uma

mesa capenga. À guisa de cortina, um pano preto suspenso numa cordinha, escondendo a vigia. Christine não se abalou; era pouco menos do que esperava. Jogou a valise sobre a mesa e abriu a bolsinha de veludo, contando cem peças de ouro.

— *Monsieur Duval*, sou-lhe agradecida pela ajuda que vai me prestar. Acredito que isto será o suficiente para cobrir todas as suas despesas.

Dominique sentiu o coração bater mais depressa. Sim, Madame Fortuna viera bater à sua porta, afinal! Forçou-se a manter um ar negligente, e mal tirou os olhos das reluzentes moedas sobre a mesa.

— É mais que o suficiente, madame. A que parte de Champanhe pretende ir?

— Ao castelo Lion de Beauvais. É lá que moram meus pais.

Dominique precisou se conter para não sair dançando ali mesmo. Aquela mulher apetitosa era herdeira de uma das mais importantes famílias da França!

Sua mente começou a trabalhar velozmente, planejando um modo de pôr as mãos numa quantia muito maior. Quando aceitara o convite de Heath, tivera a idéia de acompanhar a mulher apenas o bastante para conseguir roubar-lhe o dinheiro, mas agora via que seria mil vezes melhor se a levasse até o fim. Se jogasse com as cartas certas, talvez voltasse rico para a Inglaterra.

— *Madame* não ignora que será uma jornada difícil a que faremos em solo francês, não é? A revolução se alastrou e há bandidos, salteadores e camponeses armados de foices...

— Sei de tudo isso, *monsieur*. Mas não tenho escolha; preciso chegar a Beauvais custe o que custar.

— Muito bem, então não direi mais nada. Vou deixá-la agora, para que possa descansar. Deveremos chegar amanhã de noite, e a senhora vai precisar de toda a sua energia para atravessar a França. Boa noite, *madame*.

— Boa noite, *monsieur*.

Dominique dirigiu-se para a área que Sam lhe havia reservado; tinha por cama um catre de madeira, suspenso em pregos enferrujados. Inteiramente

absorto nos planos, afrouxou a gravata, atirou a jaqueta sobre os caixotes cheios de mercadorias e estirou-se no catre com um sorriso nos lábios.

— É um homem de sorte, Dominique Duval! — murmurou baixinho. — Meus parabéns por ter aceitado essa missão... embora possa ser perigosa. Mas vai valer o risco, ah, se vai! Dessa vez sua sorte mudou!

Seus olhos se fecharam e o sorriso desapareceu. A vida nunca fora justa com ele; desde pequenino fora obrigado a brigar e roubar só para se manter à tona. Tinha linhagem tão antiga quanto a daquela beleza que acabara de conhecer, mas o dinheiro da família se acabara ao longo das gerações. Quando menino, passara fome e vivera de pequenos furtos, até que um dia o primo distante de sua mãe viera conhecer o arruinado castelo e se apiedara do pequeno. A princípio, Dominique se mostrara grato com o parente, mas logo compreendera o que era ser o "primo pobre".

Até os criados tinham direito de deixar os empregos, caso fossem maltratados; ele, porém, era obrigado a suportar tudo. O tal primo fazia dele o que bem entendia, impondo-lhe obrigações quase hercúleas todo o dia. Dominique agüentara calado, fingindo gratidão e submissão, e com isso fora aprendendo muita coisa.

Tornou-se desonesto e um mestre na arte de representar, fazendo o que podia para avançar na vida, sem se importar com quem encontrasse pela frente. Depois de anos e anos de árduo trabalho, conseguira, às custas de subornos e chantagens, o posto de ajudante de um dos ministros de Luiz XVI. E, aos trinta anos, julgara ter atingido uma posição, se não excelente, pelo menos estável.

— Jacobinos malditos! — exclamou baixinho, erguendo o punho cerrado.

A revolução acabara com tudo o que conseguira juntar, e ainda por cima ele se vira obrigado a fugir da França para salvar o pescoço.

Agora tudo se arranjaría, e ele poderia viver bem na Inglaterra. O sorriso voltou, enquanto planos mirabolantes se formavam em sua cabeça. Virou-se no catre duro, satisfeito com o inesperado presente que caíra do céu. Sabería fazer bom uso dele, ou não se chamava Dominique Duval!

Christine encostou-se à amurada, contemplando a cidade de Le Havre,

cujas luzes via ainda indistintamente na orla do horizonte. Deixara a França não fazia muitos meses, mas parecia-lhe que um século havia se escoado. O sangue começou a correr mais rápido em suas veias ao se sentir tão perto da pátria.

Antes de deixar Beauvais, o mundo para ela se centrava numa pessoa: Christine. Agora, porém, sentia-se mais madura, ciente de que havia muita coisa no universo além de seus problemas pessoais.

Aprendera bastante, mas tinha consciência de que entrava num mundo novo e diferente, onde lhe faltaria experiência para enfrentar o que estava para vir. O passado que conhecera estava agora definitivamente encerrado, pelas mãos de homens que odiavam a nobreza e dela queriam se livrar a qualquer preço.

Esse pensamento lhe trouxe uma dor aguda e desagradável. Esperava ardentemente não ter chegado tarde demais para ajudar a família. Se o rei aceitasse a nova constituição, seu pai não passaria de um homem comum; era uma constituição calcada nos moldes da dos Estados Unidos, a qual punha fim à nobreza e estabelecia a monarquia constitucional. Trocando em miúdos, isso queria dizer que o rei seria obrigado a aceitar ordens do povo.

— *Madame!* — chamou Dominique, fazendo-a virar-se sobressaltada. — Logo mais estaremos desembarcando. Sugiro que troque de vestido.

Sem compreender, Christine franziu a testa.

— Desculpe, *monsieur*?

— Vai ser difícil esconder sua identidade com esses trajes. Não existe mais a França que conheceu, *madame*. O tempo agora é do homem comum, do trabalhador braçal. Até os ricos burgueses, que não têm sangue azul, têm medo de andar bem vestidos.

Desolada, Christine estudou o elegante vestido azul que escolhera com tanto carinho. Como pensara ainda havia pouco: era uma ignorante total nos assuntos da França atual. Mas Dominique Duval parecia saber muito bem o que dizia.

— Acho que tem razão. Vou me trocar num instante.

Meia hora depois, voltava ao tombadilho com um sóbrio traje cinza, o

mais simples que Alice pusera na valise.

— Ah, assim está bem melhor — comentou Dominique. — E chegou bem em tempo, porque o navio acaba de atracar. Vamos desembarcar?

Christine, trêmula de excitação, aceitou o braço que Duval lhe oferecia, e juntos desceram a prancha e ganharam o cais fervilhante. Dominique guiou-a por entre vielas tortuosas, evitando os lugares muito cheios, quase obrigando-a a correr. Só parou quando chegou diante de um edifício velho, em cujas paredes descascadas uma placa enferrujada informava: "Albergue do Delfim".

Com desenvoltura e familiaridade, Duval se apresentou ao estalajadeiro:

— Boa noite, cidadão. Sou o cidadão Maribe, e esta é minha mulher. Estamos a caminho de Paris, para ver o rei assinar a nova constituição, e pretendemos passar esta noite aqui. Há vagas?

— Sim, há — respondeu o homenzinho, barrigudo e desleixado. — Assine aqui, por favor.

Atônita, Christine observou Dominique assinar com um floreio o livro de hóspedes. Sentiu vontade de protestar, mas preferiu se calar, para não chamar a atenção.

Contudo, assim que se viu no quarto — se é que se podia chamar de quarto aquela espelunca empoeirada e mal iluminada — Christine encarou o francês com os olhos luzentes de indignação.

— Como se atreveu a pedir um único quarto? Não posso nem quero ficar aqui com o senhor!

Dominique adorou a visão dos belos olhos verdes despejando chispas de ódio em cima dele.

"Ora, ora, que oncinha bonita!" saudou, em silêncio.

— *Madame*, isso era absolutamente necessário, acredite. Passando por marido e mulher, não chamaremos a atenção de ninguém. Mas eu lhe garanto que sua honra estará a salvo comigo, porque vou dormir no chão.

— Sim, isso é o mínimo que pode fazer, *monsieur*. O chão lhe servirá.

Ela ainda fervia de indignação, mas sabia que por enquanto nada podia fazer. Do contrário, ficaria sozinha naquela região desconhecida.

— Contudo, *monsieur* — acrescentou, sentando-se na cama e erguendo o queixo — sugiro-lhe que me informe sempre sobre os passos que pretende dar, antes de dá-los. De outro modo, o senhor poderá se ver numa situação da qual talvez não goste.

Aborrecido por receber uma reprimenda de uma mulher, Dominique sentiu o rosto arder. Sua vontade era esbofetear aquele rosto de princesa, bonito e altivo; não fora uma mulher riquíssima, era exatamente o que teria feito. Contudo, a cobiça pelo dinheiro foi mais forte, e ele resolveu que seria melhor se controlar.

— Desculpe, *madame*, se a ofendi. Espero que compreenda que estou fazendo o que acho melhor para a senhora.

— Compreendo. Contudo, não sou ignorante, e se o senhor se der ao trabalho de me explicar o que pretende fazer, saberei como agir. Que teria feito o proprietário se eu tivesse protestado e negado que fôssemos casados?

Duval buscou uma resposta, disfarçando o embaraço. Suas intenções haviam sido bem menos nobres; planejava dar início a um aprofundamento das relações entre os dois. Sua idéia era que, quando chegassem a Beauvais, Christine estaria perdida de amores e não poderia mais viver sem ele.

— Mais uma vez, *madame*, perdoe meu mau jeito. Julguei que estivéssemos numa situação especial, e como tal, agi de modo precipitado. Escute, nos próximos dias teremos de conviver, e creio ser apropriado agirmos de forma a não chamar a atenção de ninguém. Se alguém desconfiar que não somos o casal Maribe, isso pode significar a morte para nós dois. Contudo, *lady* Devlin, se minha presença lhe é incômoda, estou pronto para ir embora.

Christine sacudiu a cabeça, envergonhada pela explosão, sentindo-se levemente ridícula. Dominique conhecia a situação do país muito melhor que ela. Precisava confiar nele, uma vez que o francês pusera a própria vida em perigo quando aceitara vir. Se fosse preso, Dominique certamente estaria em maus lençóis.

— Peço-lhe desculpas, *monsieur* Duval. Eu poderia ter falado de outro modo, e creio que o julguei de maneira precipitada.

Dominique sorriu enquanto estirava sua capa no assoalho. Deitou-se na cama improvisada, virando respeitosamente as costas para Christine.

— Aceitarei suas desculpas — falou ele, adoçando a voz —, se passar a me chamar de Dominique.

Ela sorriu, aliviada.

— Então boa noite, Dominique — disse, assoprando a vela.

Cautelosamente, cuidando para que a saia lhe cobrisse bem as pernas, Christine se esticou no colchão e pousou a cabeça no travesseiro empelotado, achando que não conseguiria dormir. Contudo, minutos depois sua respiração tornou-se regular e compassada.

Dominique deixou escapar um risinho e girou o corpo, em busca de uma posição mais confortável. Preferiria estar ao lado da princesa, mas agora não era hora de assustá-la. Tinha certeza de que sua paciência seria regamente recompensada assim que chegassem a Beauvais.

Em breve, sonhava com jóias e castelos. E seu ronco misturou-se à suave respiração de Christine.

CAPITULO X

Dominique fixou os olhos em Christine, impressionado com a beleza de suas feições. À luz suave da vela, os cabelos longos e espalhados sobre o colo alvo refletiam reflexos acobreados. Era o quadro vivo da Bela Adormecida, igualzinho ao que sempre imaginara quando pequeno. Faltava só um príncipe para acordá-la com um beijo... Mas o mundo que Christine conhecera antes da revolução nunca mais voltaria. Quando ela acordasse, despertaria para uma realidade dolorosa, e não havia fadas boas que modificassem a correnteza que a França agora seguia. O que ouvira contar no saguão do albergue fizera-o decidir que devia dar início a outro tipo de ataque.

Achava-se num impasse, sem saber que caminho tomar. Não era homem de jogos de azar e jamais aceitava uma aposta, a menos que tivesse absoluta certeza do resultado. E acabara de ouvir comentários sobre os jacobinos terem assumido o controle de todas as províncias; ao que parecia, eles estavam confiscando todas as propriedades da nobreza, uma por uma. Agora, Dominique não tinha mais certeza se valeria a pena acompanhar Christine até Champagne. Se o belo castelo de Beauvais já estivesse nas mãos dos jacobinos, adeus belos sonhos! Ficaria mais pobre que rato de campo depois da colheita.

Pensativo, colocou a vela sobre a tosca mesinha e foi à janela. Através do vidro encardido olhou para o negrume da rua, que o luar não conseguia vencer, e rememorou a conversa que entreouvira havia pouco. Sentira um calafrio quando o estalajadeiro comentara rindo sobre os esforçados nobres que tentavam em vão arregimentar mercenários para defender suas terras.

— A revolução pegou como peste — dissera o homem, balançando a pança — e já saiu de Paris ao encalço desses baronetes de meia pataca. Ouvi dizer que matam até os criados, quando alguns se metem a se mostrar fiéis demais aos patrões. É como eu digo, amigos, eu me gabo de não conhecer nenhum nobre. Quero distância dessa turma de vagabundos, que só faz sugar gente pobre como eu.

Duval sentiu um arrepio de medo. Como poderia arriscar a pele, saindo por aí em busca de um odiado casal de nobres? No instante em que indagasse onde poderia encontrar o marquês de Beauvais, seria um homem morto. Sua intuição lhe ordenava que se mandasse dali o quanto antes, se quisesse manter a cabeça presa ao pescoço. E quanto mais tempo ficasse num lugar, maiores as possibilidades de ser reconhecido. Estava jogando com a vida, em troca de uma vaga possibilidade de encontrar o marquês de Beauvais. Mais vago ainda era contar com a generosidade do pai de Christine; e se o homem fosse um avarento?

Precisava se decidir de uma vez. Ou aceitava o risco de viajar até Beauvais, na esperança de que os jacobinos ainda não tivessem se apossado do castelo, ou fugia. Afinal, tinha consigo cem moedas de ouro, e isso não era

pouco.

Sim, mas para voltar à Inglaterra teria que subornar muita gente, pois não poderia dar seu nome verdadeiro. E isso significava gastar pelo menos metade de sua pequena fortuna. Pior: seria obrigado a confiar em gente que não conhecia. E poderia ser denunciado; hoje em dia, todo o mundo denunciava todo o mundo naquele maldito país.

Deu de ombros. Os dois caminhos ofereciam riscos; era como pular do fogo para a frigideira. Já que era assim, então o melhor seria tentar o caminho mais convidativo. Ou seja, levar a linda filha do marquês para os braços do amoroso papai. Se a sorte o ajudasse, lucraria bastante — o suficiente para poder voltar à Inglaterra e levar uma vida tranqüila nos braços das inglesinhas.

Depois de tomar a decisão, Duval inclinou-se e sacudiu Christine levemente pelo ombro. Ela despertou assustada, abafando um grito.

— Sou eu, madame, calma! É hora de partirmos; devemos nos adiantar o mais que pudermos. Já aluguei um coche para nós.

Christine espreguiçou-se e esfregou os olhos.

— Mas ainda nem amanheceu!

— Por isso mesmo. Teremos o dia inteiro pela frente. Quanto mais perto chegarmos, melhor.

Christine não replicou. Sentou-se na beira da cama e calçou os sapatos, sentindo o estômago roncar. Gostaria de comer alguma coisa antes de sair, mas Dominique parecia estar com pressa. Correu os dedos pelos cabelos, pensando em se pentear, mas Duval já se adiantava com o capote nas mãos.

— Desculpe, mas devemos nos apressar. Receio que nosso amiguinho barrigudo esteja com caraminholas na cabeça a nosso respeito.

Christine deixou-o colocar o capote em seus ombros e apanhou a valise, enquanto Dominique abria a porta.

— Você já pagou a conta?

— Já. Vamos!

Sem saber como, Christine viu-se fora do albergue, mas não na rua da frente, e sim na de trás, que dava para um beco estreito, cheio de lixo e

sujeira. O cheiro de esgoto e comida estragada feriu-lhe as narinas, obrigando-a a tapá-las. Por vezes, sentia que seus pés pisavam em algo pegajoso, mas recusava-se a olhar para baixo.

Nauseada, seguia quase correndo as grandes passadas de Dominique, até atingirem uma rua mais larga, parcamente iluminada, onde um coche de rodas enlameadas e janelas quebradas os aguardava.

De estômago revirado, Christine relanceou a vista no cocheiro, um urubu magro e encurvado empoleirado no topo do veículo.

— Suba, *milady*, não temos tempo a perder — apressou-a Dominique.

Dentro do coche, a impressão era ainda mais devastadora. A madeira das paredes estava roída por ratos, cujos dentes haviam deixado marcas também no velho estofamento ensebado, cheio de buracos por onde saíam tufos de palha e crina.

Christine desabou no assento, enjoada demais para se preocupar com a triste aparência do veículo. Fechou os olhos, aproximando-se o mais possível da janela, numa tentativa de acalmar as terríveis ânsias.

O cocheiro estalou a manopla, e o veículo começou a rodar, chiando e gemendo sobre as pedras da rua, parecendo que se desmantelaria a qualquer momento. Os sacolejos só faziam piorar a situação de Christine, que se apavorou com a idéia de lançar todo o jantar da véspera nas engraxadas botinas de Duval.

Logo o claqueclaque das rodas nas pedras foi substituído por um rodar mais ligeiro e macio, e Christine viu que já haviam ganhado a estrada. Deus, que aventura!

— *Madame*, não se sente bem? — perguntou Dominique, só então percebendo que o rosto dela estava cinzento e desfigurado.

— Logo estarei melhor, obrigada.

— Mas a senhora está suando frio! — exclamou ele, sentindo-lhe a testa com o dorso da mão. — Deve estar doente!

— Não é nada, passa logo.

Ele não replicou, mas sentiu intenso aborrecimento. Era só o que lhe faltava agora. Imagine só se essa marquesinha resolvesse morrer antes de

chegar a Beauvais! Todos os seus castelos dourados virariam fumaça.

— Está melhor agora?

— Sim, obrigada. Aquele beco tinha um cheiro pavoroso e eu fiquei enjoada. Depois, com este coche sacudindo, piorei um pouco. Mas já estou bem melhor.

— A senhora está acostumada com carruagens bem mais confortáveis, e por isso peço desculpas. Não havia nada melhor para alugar, sinto muito.

— Então a situação da França está pior do que pensei. Se não é possível alugar nada melhor...

— É verdade. Nosso país está perdido, *madame*. Os jacobinos se apossam de tudo, queimam, roubam... Todos os nobres estão fugindo.

Christine estremeceu e virou o rosto para a janela para ocultar o medo. O sol começava a nascer, tingindo a paisagem de tons róseos, mas ela nada via. Sabia que o pai não fugira da França; era teimoso e orgulhoso, jamais entregaria a propriedade de mão beijada aos jacobinos. Ficaria em casa e lutaria. Até a morte.

— Meu Deus, tenho de chegar a Beauvais antes que seja tarde demais. Preciso convencer papai que a vida dele é mais importante que um monte de pedras!

— Procure não se preocupar demais antes da hora. Seus pais certamente saberão achar um lugar seguro, caso a situação em Champagné esteja muito má. Ainda não consegui notícias precisas de lá; só ouvi um diz-que-diz no albergue. Nenhum boato é confiável.

— É, acho que tem razão — respondeu ela, fingindo acreditar.

Encostou a cabeça na vidraça, enquanto um pressentimento ruim ensombrecia os alegres raios de sol que vinham brincar em seu rosto.

Por seu lado, Dominique calou-se, perdido em pensamentos. Suas dúvidas haviam voltado de repente.

À medida que as horas passavam e os cascos do cavalo passavam estrada após estrada, os receios de Christine iam aumentando. Nada do que vira durante a viagem lhe acalmara o espírito; os campos pareciam abandonados, cheios de ervas daninhas. No fim da tarde, quando pararam

numa modesta pensão para comer alguma coisa, a sensação de abandono foi ainda mais aguda. Dominique, assim que terminou a frugal refeição, perguntou à dona:

— Tem visto soldados por aqui, cidadã?

— Claro, filho — respondeu ela, limpando as mãos num avental que evidentemente não era lavado havia meses. — Estamos em plena guerra agora!

A mulher falara com indisfarçável orgulho, como se gostasse da situação. Christine pensou que fosse desmaiar, e seu apetite, que já quase não existia, desapareceu por completo. Forçou-se a engolir o pedaço de queijo que tinha na boca e pôs-se de pé.

— Quero sair daqui, Dominique, por favor.

Ele esvaziou de um trago o copo de vinho e acompanhou-a sentindo que suas esperanças desmoronavam. Decididamente, fizera mal em vir até tão longe.

— *Madame*, talvez devamos voltar a Le Havre.

— Não — cortou ela, subindo no coche. — Agora, mais que nunca, pretendo chegar a Beauvais.

— Mas a senhora acaba de ouvir a mulher dizer que a França está em guerra. Se tivermos algum juízo, devemos voltar a Le Havre e tentar embarcar para a Inglaterra!

— Creio que o senhor não me ouviu bem. Eu vou seguir caminho; se quiser voltar sozinho, sintase livre para isso. Contudo, terá de encontrar outra condução, porque pretendo ficar com este coche.

— Muito bem, *madame*. Se deseja arriscar a vida, que seja por sua culpa exclusiva. De qualquer modo, não pretendo deixá-la. Estou metido até o pescoço nesta aventura e não vejo razão para desertar agora. Mas gostaria de deixar bem claro que não considero sua idéia muito sensata.

Por dentro, Dominique xingava e blasfemava. Mas agora arriscara demais; deixar tudo e sair de mãos abanando parecia-lhe pior.

— Obrigada, *monsieur*. Pedirei a papai que seja generoso na hora de lhe agradecer.

Sentindo-se reanimado, Dominique ordenou ao cocheiro que parasse quando atingissem Compiègne. E, solícito, colocou a própria capa nos joelhos de Christine.

Horas depois, exausta, ela se viu apresentada novamente como a cidadã Maribe. Desta vez, nem pensou em protestar; só queria era descansar numa cama, nem que fosse de ferro.

Porém, quando finalmente conseguiu encostar a cabeça num malcheiroso travesseiro, o sono tão esperado não veio. A cabeça doía terrivelmente, cheia de imagens tristes.

"Que aconteceu com a minha França, a minha querida França?" perguntava-se, angustiada. Pela primeira vez, apercebia-se da tremenda mudança que seu país sofrera; agora mostrava-se para ela um lugar estranho e hostil. Bem que Gareth tentara explicar, mas não lhe dera ouvidos. Pensara que poderia impedir os pais de ir até Paris; em sua ingenuidade, nunca tinha considerado a possibilidade de que a revolução se espalhasse e chegasse até Beauvais.

Apavorada com o que fizera, Christine escondeu o rosto entre as mãos. Que louca fora abandonando a segurança de Escarpa Negra para vir dar neste país virado do avesso! Sempre se achara valente, mas agora tremia de medo, sem coragem de enfrentar mais um dia como esse.

Lágrimas quentes e silenciosas começaram a escorrer pelas têmporas latejantes, pingando no travesseiro. Antes de abandonar o marido, ficara sabendo que o amava; e agora, o que ganhara com a fuga? Um quarto úmido e mofado, com teias de aranha no teto e um francês cobiçoso roncando no chão. Ah, por que não confessara a Gareth seu amor? A pergunta a atormentava sem cessar. Corria sério perigo de vida, sabia-o agora. E morreria sem ter revelado seu mais precioso segredo ao homem que amava.

Nos dias que se seguiram, Christine viu de perto os revolucionários em ação. Nos subúrbios de Reims, um grupo deles atacou o coche, e se não fosse a pronta intervenção de Dominique, ambos teriam sido arrancados do veículo e mortos a estocadas de chuços. Quando ele percebeu o que estava para acontecer, virou-se para Christine e ordenou:

— Não abra a boca enquanto eu falo.

Em seguida, abotoou a jaqueta preta até o pescoço e desceu do coche, a fim de dialogar com os camponeses enraivecidos.

— *Vive la révolution!* — bradou.

O bando parou de gritar, surpreso, dando-lhe tempo de assumir uma postura dramática de orador.

— Abaixo a nobreza que só sabe tirar e nunca dar! — gritou mais alto.

A turba se adiantou, murmurando entre si. Sentindo que ganhava terreno, Dominique prosseguiu a peroração com veemência:

— Cidadãos de Reims, vocês que são leais à nossa França, ousariam atacar alguém como vocês? Um pobre mercador sem eira nem beira, incapaz de alimentar os filhos por causa dos malditos impostos? Estamos todos unidos nesta luta contra a corrupção que grassa em nosso país! Nada queremos além de um pedaço de pão e um teto decente. Estamos cansados de ouvir nossos filhos chorar de fome, não estamos? Vocês não devem se desviar de sua honrosa causa, cidadãos! Vão procurar os nobres, os aristocratas! Esses sim, merecem ser atacados e roubados, por causa das atrocidades que cometem diariamente contra nós... E por favor, desejem boa viagem a este humilde mercador que tenta levar a esposa doente ao hospital mais próximo. Assim que a deixar lá, também eu pegarei em armas para lutar pela nossa causa!

Houve um silêncio pesado, enquanto os camponeses se entreolhavam. Súbito, um deles ergueu o chuço:

— *Vive la révolution!*

Foi o quanto bastou para os outros se entusiasmarem. Brandindo os chuços, soltavam vivas enquanto alguns se adiantavam para abrir a portinhola do coche, oferecendo entrada a Duval. Este agradeceu, subiu os degraus e lá de cima atirou-lhes uma garrafa de vinho, um queijo e um belo pão — coisas que havia comprado para comer à noite.

Quando se viu livre da turba, transpirava abundantemente. Sentou-se em frente a Christine, que tremia. Acreditando que fosse por causa do medo dos bandidos, ele afagou as mãos brancas e crispadas.

— Agora entende por que não podia usar aquele lindo vestido no dia em que chegamos?

Mas os olhos de Christine brilhavam de ardente indignação.

— Como ousou dizer aquelas coisas horríveis? Não vê que os incitou a matar e a roubar?

Mortificado, o francês se empertigou e se afastou o quanto pôde. Ninguém falava desse jeito com Dominique Duval, especialmente aquele pudinzinho fofo que não tinha miolos suficientes para perceber que a vida de ambos estivera por um fio.

— Se eu não tivesse dito o que disse, madame — respondeu, com voz cortante — a senhora estaria espetada como churrasco. Cada um se defende como pode, e eu fiz o que pude para salvar nossa pele.

— Mas o senhor se salva atacando os de sua classe? Não se incomoda com a vida de seus próprios companheiros?

— Sim, tanto que salvei a sua, madame — replicou ele, endurecendo as feições. — E acho que mereço sua gratidão, não sua censura.

— Sou grata e compreendo o que disse. Contudo, não posso concordar com o fato de ter incitado esse bando a matar e a roubar a nobreza. O que acontecerá se eles encontrarem o que certamente já começaram a procurar?

Dominique suspirou, erguendo os olhos para o céu. A vida de Christine nada significava para ele, mas a sua sim; e teria atirado aquele corpinho bonito para os camponeses caso tivesse sido necessário. De momento, porém, seria mais prudente manter a pose de cavalheiro e tratar de acalmar aquela fera aborrecida.

— Pensa que gostei do que fiz, *madame*? O que me moveu foi uma razão única: a senhora. Sei que não devia ter falado daquele modo, mas era uma boa maneira de eles me tomarem por mercador. Desculpe, *lady* Devlin. Creio que o meu discurso foi mais inflamado do que devia.

Christine baixou a cabeça, confusa e contrita. Dominique arriscara a vida para protegê-la, e ela retribuía com repreensões que talvez nem tivessem fundamento. Afinal, ele dissera coisas que a turba queria ouvir, nada mais. Não concordava com os métodos do francês, mas o fato irretorquível é que

ele os salvara de morte certa.

— Sou eu quem lhe deve desculpas, *monsieur*. Fez o que era necessário. Creio que os nervos e o cansaço prejudicaram novamente meu julgamento.

Exultante, ele se inclinou para a frente e tomou-lhe a mão, assumindo um ar compreensivo e gentil.

— Compreendo, *madame*, e acho que se estivesse em seu lugar minha reação não seria muito diferente. Vamos pôr uma pedra nisso tudo, está bem? Temos apenas algumas horas de viagem antes de chegar a Beauvais. Verá que está nervosa à toa, tenho fé nisso.

— Deus o ouça — suspirou ela, retirando delicadamente a mão e lutando contra a aversão que sentira no instante em que ele a tocara.

Dominique tinha um rosto bem feito, tipicamente gaulês, e era elegante. Mas havia alguma coisa nele que despertava sua belicosidade, e na verdade ela ansiava para se livrar dessa companhia importuna.

Percebendo a rejeição, Duval voltou a se empertigar no assento. Cruzou os braços e encostou a cabeça, fingindo dormir. Essa princesa metida ainda iria se arrepender amargamente por esnobá-lo daquele modo. Toda a sua vida acontecera a mesma coisa; duquesas, marquesas e baronesas viravam os delicados narizinhos quando o viam. Bem, ele agüentaria até que o ouro do marquês estivesse em suas mãos. Aí então, mostraria àquela boboca quem era o verdadeiro Dominique Duval. E ela sofreria tanto quanto ele sofria agora.

A ansiedade de Christine crescia à medida que se aproximava de Beauvais. Quando enxergou os primeiros campos conhecidos, sentiu-se acometida de novo e violento acesso de náusea. Os pastos verdejantes se reduziram a campos negros cobertos de gravetos retorcidos, e as colinas suaves que costumava percorrer a cavalo com o pai formavam montes pontiagudos e agressivos, forrados de mato seco.

O mundo que conhecera e amara havia sido tragado por voragem infernal no curto espaço de alguns meses.

Ao ver as queridas torres pela primeira vez, Christine prendeu a respiração e inclinou o corpo para a frente, tensa. O castelo parecia intato, e a visão teve o efeito de um bálsamo em sua alma. Louca para abraçar os pais,

pouco se incomodou com a desolação do jardim, cujas flores haviam sido substituídas por galhos secos e sem vida.

Quando finalmente o coche deu a última volta e parou, ela não esperou que Dominique a ajudasse. Apeou e precipitou-se para a entrada, subindo os degraus de dois em dois. Bateu com toda a força que tinha na grande e maciça porta, mas por resposta só obteve um silêncio sepulcral. Tentou forçar a pesada maçaneta, e para sua surpresa esta cedeu com um gemido enferrujado.

Ao ver o que restara daquilo que antes era um lar feliz e iluminado, Christine cambaleou. Encostou-se à parede, não querendo acreditar ainda no que via. As ricas tapeçarias pendiam em farrapos pretos e retorcidos, como bandeiras vencidas. Poeira se acumulava sobre o chão vazio, e os vitrais coloridos já não existiam, deixando as enegrecidas paredes com buracos semelhante olhos vazados. Aterrada, tentou dar alguns passos, mas sentiu tudo rodar à volta, num torvelinho que foi se tornando cada vez mais escuro. Antes de cair, conseguiu balbuciar:

— Queimaram minha casa...

Tentou lutar contra os enervantes tapinhas que alguém lhe dava no rosto, ansiando para continuar na abençoada inconsciência em que havia caído. Não queria voltar para enfrentar a realidade.

— *Madame! Acorde, madame!*

Ela piscou e a assustadora visão de Beauvais invadiu sua mente. Desatou a soluçar, agarrando-se ao casaco de Dominique:

— *Mon Dieu! Onde estão meus pais?*

Duval lançou um olhar desgostoso em volta.

— Não sei, mas temos de ir embora o quanto antes. É perigoso demais ficar aqui, *madame!*

Ainda soluçando, Christine se afastou de Dominique e correu os olhos tristes em volta. A custo, conseguiu levantar o queixo e limpar as lágrimas.

— Não, *monsieur*. Não sairei enquanto não tiver notícias de meus pais.

— Isso é uma loucura! — gritou ele, impaciente, pondo-se de pé e olhando para a frágil figura sentada no chão. — Não há ninguém aqui, não

está vendo?

Mas Christine sacudiu a cabeça, obstinada.

— Já disse que não sairei daqui, *monsieur*. Este é o meu lar, e aqui ficarei até saber o que aconteceu com minha família.

Dominique varreu o triste cenário com os olhos, sentindo as últimas esperanças se esfumarem irremediavelmente. Olhou para Christine com desdém e desprezo. Como gostaria de mostrar àquela esnobe toda a raiva e despeito que sentia! Mas o cocheiro começava a dar sinais de impaciência e poderia falhar com ele; o mais certo seria ir agora, ou poderia se meter em encrenca. Restava-lhe o consolo de que deixaria aquela princesa de porcelana à mercê dos enfurecidos jacobinos. Essa seria sua vingança.

Virou-se para deixá-la, mas nesse momento sua bota esmagou a bolsinha de veludo de Christine. Curvou-se e apanhou-a, examinando cuidadosamente o conteúdo. Um sorriso curvou-lhe a boca. Afinal, seus esforços não haviam sido perdidos de todo. Furtivamente, enfiou o achado no bolso da calça e, sem se virar, falou:

— Bem, se insiste, nada posso fazer, *madame*. Cumpri minha obrigação até o fim, mas agora creio que é o momento de nos separar.

Sucumbida pela intensidade do choque que levava, Christine mal entendeu o que ele dizia. Ergueu os olhos tristes e murmurou:

— Obrigada por tudo, *monsieur*.

O patife se curvou profundamente.

— Boa sorte, *madame*.

Girando nos calcanhares, deixou o castelo e sua linda dona. Quando subiu no coche, sentiu um lampejo de remorso ao ver a valise sobre o assento. Apanhou-a e jogou-a na grama murcha, gritando:

— Vamos embora daqui! O mais depressa que puder!

Depois deixou escapar uma risada. Pelo menos devolvera a valise, oras. Ainda sorrindo, encostou a cabeça na madeira roída de ratos.

Christine viu o coche passar velozmente, mas mal se apercebeu de que estava só e indefesa num país que agora se dedicava a devorar os próprios filhos. A única coisa em que conseguia pensar era no castelo e nos pais.

Lágrimas borravam-lhe a visão e a fraqueza se apoderava de todo o seu corpo. Tristemente, juntou os joelhos para perto do queixo e espiou os feios escombros.

Depois enterrou a cabeça nos joelhos e chorou por longo tempo, até se sentir vazia. Finalmente, com soluços secos e agitados, os olhos vermelhos, os ombros frágeis curvados, ergueu a vista mais uma vez.

Reunindo como podia os restos de força que ainda tinha, obrigou-se a focalizar o presente. De nada adiantava ficar chorando ali sentada.

Conseguiu pôr-se de pé a custo; seu corpo reclamava como se tivesse levado uma surra. Arrastou-se para cima e começou a inspecionar os quartos, um por um, recebendo de todos a mesma resposta de desolação e silêncio. Já estava quase desistindo de procurar mais, quando percebeu que o fogo havia sido contido milagrosamente a partir de um certo ponto. A ala leste não fora destruída! Com um grito de esperança, atirou-se pelos corredores, chamando:

— Mamãe! Papai!

Mas não havia resposta. Quando chegou no quarto principal, sabia que o encontraria vazio. E foi realmente o que aconteceu; o colchão havia sido cortado em tiras, e o rico dossel jazia no chão rasgado e pisado. As plumas de ganso que recheavam o colchão voavam ao menor movimento que fazia, indo pousar logo adiante. As pesadas cortinas onde costumava se esconder quando pequena balançavam em frangalhos, e as portas do armário pendiam tristemente dos gonzos quebrados.

— Mamãe, papai... Onde vocês estão? — sussurrou baixinho.

Curvada sob a pesada carga de mágoa, desceu para o salão, onde os últimos raios de sol pareciam se despedir mansamente. A noite desceu, e com ela chegou o frio. Christine sentiu um arrepio na espinha quando se deu conta de que estava absolutamente sozinha. Sentou-se num resto de cadeira e cruzou os braços, tentando se aquecer. Novas lágrimas ameaçaram seus belos olhos, mas reprimiu-as com decisão. Precisava manter o controle, se pretendia sobreviver.

Suspirando, olhou pela janela as parreiras secas e os telhados vermelhos dos colonos. Nesse momento, um raio de esperança veio aquecer o coração de

Christine. Por uma das chaminés saía um rolo tênue de fumaça, rumo ao céu tinto de sangue.

Sem pensar no perigo, correu como louca em direção do primeiro sinal de vida que encontrara desde que havia chegado a Beauvais.

No meio do caminho tropeçou numa touceira e caiu, mas pouco se importou com os arranhões. Levantou-se de novo e continuou a correr freneticamente, gritando a plenos pulmões:

— Mamãe! Papai!

Quando chegou ofegante na casinha, bateu com os punhos na porta, repetindo:

— Mamãe! Papai!

A porta se abriu e das sombras emergiram os dentes brilhantes e pontiagudos de uma grande forquilha. Sem ver a pessoa que a ameaçava com tanta brutalidade, Christine recuou.

— Por favor, eu não quero fazer nada de mal. Sou eu, Christine de Beauvais!

— *Mademoiselle!* É mesmo a senhora? — gritou Babette, jogando longe a forquilha.

— Babette! — exclamou Christine, rindo e chorando. As duas se abraçaram longamente, comovidas, incapazes de falar. Foi a criada que se recuperou primeiro.

— Como veio parar aqui, *mademoiselle*? *Mon Dieu*, mas o que é que estou fazendo? A senhora não pode ficar aqui fora! Se alguém a pega... Entre, entre!

Dizendo isso, empurrou-a porta a dentro e depois trancou-a cuidadosamente. Christine sentou-se num tamborete de três pernas, em frente ao magro fogo.

— Onde estão meus pais? Por que o castelo foi queimado?

— Foram os camponeses do outro lado, *mademoiselle*. Formaram um bando e vieram atacar nosso lindo castelo... Ah, eu fiquei arrasada!

— E mamãe e papai? Pelo amor de Deus, não me esconda nada! Eles...

— Não sei onde eles estão — atalhou Babette, sabendo o que Christine ia perguntar —, mas ouvi dizer que haviam partido para Paris.

— Então não estão mortos! — gritou, aliviada.

— Não. Foram expulsos do castelo, mas ninguém os atacou. O incêndio começou depois que eles saíram.

Christine fechou os olhos, saboreando o intenso alívio que sentia. Vivos, estavam vivos! Mas onde? Como faria para encontrá-los? Teriam ido a Paris, mesmo sabendo como era perigoso? Sim, talvez. O pai tinha muitos amigos lá, e certamente fora em busca de ajuda. Teimoso como era, não abandonaria de todo Beauvais. Ficaria escondido enquanto precisasse, mas acabaria voltando para reclamar suas terras.

— Você me disse que os camponeses queimaram o castelo, mas não havia ninguém lá. Para onde foram eles?

— Fugiram, com medo dos austríacos.

— Austríacos? Aqui na França?

— É, dizem que eles já atravessaram a fronteira e estão bem perto daqui. O bando ficou com medo porque os boatos correm soltos. Parece que eles estão a caminho de Champagne. O exército da França também está chegando, e quando os dois exércitos se encontrarem... É a guerra, *mademoiselle*, que logo vai chegar a Beauvais.

— Meu Deus!

— Meu Jacques diz que nosso exército vai esmagar os austríacos. Aí então o mundo vai reconhecer nossa força e vai saber que os franceses têm liberdade de escolher o próprio destino, em vez de obedecer cegamente a um reizinho fraco e presunçoso.

— Babette! — sussurrou Christine, incrédula. — Fala como se estivesse de acordo com os revolucionários!

A criada ergueu a cabeça, altiva.

— Estou mesmo! Jacques me mostrou como eu era boba em acreditar que os nobres têm mesmo sangue azul... Somos todos feitos de carne e osso, e seu sangue, *mademoiselle*, não é melhor que o meu.

— Entendo — fez Christine, pondo-se de pé.

Julgara-se a salvo com Babette, mas agora não tinha mais certeza de nada. Olhando de esguelha para a porta, perguntou:

— E onde está Jacques agora?

— Foi para o exército, onde mais? Quando os austríacos chegarem, ele estará pronto para a luta, e eu estou muito orgulhosa.

Christine sentiu-se mais sossegada. Sabia que Babette não lhe faria mal, mas tinha dúvidas quanto a Jacques Benoir. Súbito, teve a suspeita de que ele se envolvera no ataque ao castelo.

— Preciso ir embora antes que ele volte, Babette.

— É, também acho. Infelizmente, meu Jacques não gosta tanto da senhora e de sua família como eu gosto.

— Mas vai me ajudar, não é? Preciso encontrar meus pais! Por favor!

Babette sacudiu a cabeça com tristeza.

— Não, desculpe. Não posso ajudá-la. Estou apaixonada e encontrei minha felicidade ao lado de Jacques; não a estragaria por nada neste mundo, nem pela senhora. Ele é minha luz, minha vida. Se o perder, eu morro.

— Entendo — disse Christine, num fio de voz. Doía-lhe perder a amizade de Babette, mas de alguma estranha maneira chegava a invejá-la. Aquela moça não permitira nem permitiria que ninguém a afastasse do homem que possuía seu coração. Mantinha-se leal a ele e a mais ninguém. Com um suspiro, levantou-se e abriu a porta.

— Que Deus a proteja, Babette.

— E a senhora também. Adeus!

Christine saiu para a noite escura, novamente sozinha. Avistou o brilho trêmulo de fogueiras espalhadas na floresta, a distância, e sentiu um calafrio de medo. Breve aqueles prados calmos e pacíficos se transformariam num campo de batalha. Mosquetes e canhões ensopariam de sangue os ricos vinhedos de sua infância.

Exalando fundo, olhou para o esqueleto sinistro do outrora encantado castelo. Dormiria aquela noite ali, pois teria de partir pela manhã. Apanharia sua bolsinha de moedas e seguiria para Paris.

CAPÍTULO XI

Através da vidraça, ela via a febril atividade nos vinhedos. Que diferença, meu Deus! Onde antes os camponeses com trajes coloridos semeavam e cultivavam, agora soldados marchavam em linha; em vez de sementes e mudas, portavam mosquetes e baionetas. Os pés descalços dos colonos foram substituídos por pesados coturnos, que pisoteavam indiferentes os pobres galhos remanescentes.

Desde a madrugada Christine acordara com o ruído do regimento se reunindo para partir. Reconhecera também Jacques, o namorado de Babette, na liderança de um grupo de voluntários civis, que marchava logo atrás dos soldados.

Cuidando para não se deixar ver, Christine não despregava os olhos da cena, perguntando-se como fora parar no meio de uma guerra. Sabia que não podia mais ficar em Beauvais por muito tempo sem ser notada. Suas esperanças repousavam na bolsinha de dinheiro; com ele tentaria comprar refúgio e segurança.

Uma hora depois, amargurada e abatida, o rosto e as mãos cheias de fuligem, Christine sentiu-se perdida e vulnerável pela primeira vez na vida. Revirara o castelo de alto a baixo, mas não achara sua bolsinha. Não tinha dinheiro nem comida; não havia onde ou como se esconder, e não tinha nenhum amigo a quem recorrer.

O estrondo ensurdecador de um tiro de canhão sacudiu-a do torpor e fez as paredes estremecerem. Aterrorizada, Christine voou para fora do castelo, sem pensar mais no dinheiro. Ouviu uma terrível explosão assim que se viu no jardim, e fez uma pausa apenas para constatar que parte do castelo ruía fragorosamente. Tivesse ficado um minuto a mais lá dentro e estaria soterrada sob as pesadas pedras que rolavam da alta torre.

Olhou em volta, desesperada. Aonde ir? Novo estrondo levou-a a bater em disparada para a floresta. Lá ao menos poderia se esconder.

Os galhos nus e retorcidos pareciam querer pegá-la, e feriam-lhe o rosto e as mãos, arranhando-os impiedosamente. Mas assustada como se achava,

Christine só fazia correr, tratando de se embrenhar o mais possível. Seus pés, desacostumados a esse tipo de tratamento, reclamavam e doíam. No meio da correria, ela não viu um tronco enegrecido, meio caído numa valeta, e tropeçou, indo se estatelar na terra. Respirando ruidosamente, Christine se ergueu e tentou retomar a corrida, mas suas pernas se recusaram a obedecê-la. Um lamento escapou-lhe dos lábios rachados de fome e sede. Sem forças, deixou-se cair num tufo de grama, sentindo a umidade do orvalho refrescá-la. Não conseguiria dar nem mais um passo. Estava em suas terras, em seu país, e contudo sabia estar perdida. Pensou em Gareth e no que ele lhe dissera sobre os perigos de vir à França. Tinha toda a razão quando não quisera trazê-la!

Começou a chorar, lembrando-se do marido. Ah, se ao menos ele a amasse, como sua vida poderia ter sido diferente! Nem precisava amar, bastava gostar dela um pouquinho só... Nesse caso, ela nem sonharia em fugir de Escarpa Negra. Não que a culpa fosse de Gareth, isso nunca. Mas se tivesse havido amor e compreensão, talvez tivessem encontrado juntos um modo de ajudar o marquês e a marquesa de Beauvais, mesmo lá da longínqua Inglaterra.

— *Mademoiselle* — falou uma voz suave. — Está doente? Ferida?

Christine prendeu a respiração. Queria fazer alguma coisa, levantar a cabeça, mexer-se... mas não conseguia.

— Está doente, *mademoiselle*!

Desta vez a pergunta foi acompanhada por uma sacudidela nos ombros de Christine.

Esta conseguiu emergir lentamente da letargia e erguer os olhos sofridos para uma moça gorducha e simpática, que se ajoelhou a seu lado.

— Não consegue se levantar?

Christine fez que sim com a cabeça. A moça segurou-a pelas axilas e amparou-a como pôde, até ver a outra se pôr de pé a duras custas. Delicadamente, a camponesa catou folhas e gravetos do cabelo de Christine.

— Qual é seu nome? É de Champagne?

— Eu... eu... — balbuciou, penosamente — eu sou...

Súbito, teve medo de dizer o nome. Depois do que sucedera com Babette, seu instinto lhe dizia que seria melhor guardar segredo quanto à verdadeira identidade. Essa camponesa aparentemente simpática poderia ser uma inimiga!

— Meu nome é Marie — disse, por fim. — Já tive casa aqui, há algum tempo.

A jovem sorriu, compreensiva.

— Eu sou Colette Dubois, muito prazer. Ouça, esta floresta está cheia de soldados; você não deve ficar aqui. Só venho de vez em quando procurar cogumelos, quando sinto fome. Não tem onde ficar?

— Eu... não, para dizer a verdade não tenho.

— Então venha comigo. Minha cabana fica perto, na margem da floresta. Tive sorte hoje, porque consegui apanhar uma lebre na armadilha que preparei, veja!

Dizendo isso, abriu uma sacola e mostrou-lhe, triunfante, o corpo do animalzinho, ainda sujo de terra e folhas.

— Vamos comer bem hoje! Venha, eu mostro o caminho.

Com passos incertos, Christine a seguiu, dando graças aos céus pela ajuda providencial.

A cabana era mínima, com telhado de palha e paredes de adobe. Christine pensou com amargura que os cães de Beauvais viviam muito melhor que essa pobre e generosa camponesa. Um amontoado de trapos servia-lhe de cama; por fogão, tinha um caldeirão pendurado num tripé; e por louça, um recipiente de madeira. Ainda assim, Colette não hesitava em repartir o pouco que tinha com uma desconhecida!

Conteve as lágrimas que ameaçavam cair de novo. É fácil ser generoso quando se é rico, mas tendo tão pouco, um gesto como o da nova amiga revelava um tesouro que não poderia ser comprado jamais: um coração do mais puro ouro.

Vendo os olhos brilhantes de Christine, Colette conduziu-a para a pilha de trapos, ajeitando-os.

— Deite-se aqui. Menina, você não me parece nada bem!

— Não, não preciso deitar. Mas vou me sentar, obrigada.

Dizendo isso, acomodou-se como pôde entre as coloridas tiras de pano e esfregou os olhos.

— Não estou doente, não. É só cansaço e fome, nada mais. Não como nada desde ontem!

— Ah, então a lebre veio bem a calhar. Fique aí descansando, enquanto eu descarno e limpo o bichinho. Você vai se sentir melhor logo logo.

— Obrigada, Colette. Não sabia o que fazer de minha vida quando você me encontrou.

— Deus cuida dos filhos, Marie — respondeu a outra risonha ao sair pela "porta", que nada mais era senão um velho cobertor esburacado pendente na abertura da cabana.

Vencida pelo cansaço, Christine se estirou de costas, fixando os olhos no teto de palha. Colette achava que Deus cuidava dela, que ironia! Por tudo o que vira e sofrera, achava que Deus se esquecera da França. Agora quem reinava ali era o diabo, com toda a sua medonha crueldade.

Os franceses, um povo tão gentil e alegre, agora não passavam de um bando de loucos, matando, queimando, roubando... E tudo por conta da liberdade! Se bem que a culpa não cabia a eles, mas a quem detinha o poder. O terror chegara e se instalara no novo governo, abrindo suas asas negras sobre o povo enlouquecido.

Uma hora depois, Colette entrava com a vasilha de madeira nas mãos, de onde se desprendia um aroma que lhe pareceu celestial. E, vendo a exuberante alegria daquela pobre camponesa, o espírito de Christine se reanimou. No momento achava-se vencida, mas não se deixaria abater por ter perdido apenas uma batalha; não se deixaria esfolar e descarnar como aquela lebre. Ao contrário, usaria de toda a astúcia de uma raposa e sairia vencedora de sua própria guerra. Começaria indo a Paris, em busca dos pais, e depois os convenceria a acompanhá-la à Inglaterra. O problema de não ser bem recebida em Escarpa Negra seria deixado para mais tarde, do contrário não teria forças nem para começar a agir.

Reconfortada por essas decisões e bem alimentada, dividiu o humilde

catre com a amiga e dormiu profundamente a noite toda.

Foi despertada na manhã seguinte pelo ruído estrepitoso de um trovão. Esfregou os olhos, tentando ajustá-los à claridade que se introduzia na cabana através das paredes rachadas. Ainda não tinha compreendido bem o que se passava, quando novo estrondo sacudiu os frágeis alicerces da cabana, fazendo-a saltar do catre como mola. Eram tiros de canhão!

Nervosa, sacudiu a camponesa pelos ombros.

— Acorde, Colette!

— Hã? Que foi? — perguntou a outra, indolente.

— Não podemos ficar aqui. É...

Outro tiro ribombou, engolindo suas palavras.

— Ai, minha alma! — gritou Colette, levantando-se assustada. — Vamos para a floresta já. As árvores nos protegerão! Ajude-me a carregar as coisas, por favor!

Rapidamente juntaram os poucos cacarecos da cabana e correram para a saída. Qual não foi a surpresa e o susto que as duas levaram quando depararam com dois brutamontes, que se preparavam para entrar na cabana!

— Que significa isso? — indagou Christine, assumindo os antigos ares de castelã ofendida. — Eu sou...

Mas Colette, mais experiente e rápida, atirou a gamela no chão e puxou de uma faca, brandindo-a ferozmente contra os dois homens.

— Sou Colette Dubois e esta é minha irmã Marie. Que querem de nós, cidadãos?

Só então Christine percebeu que ia cometendo um erro fatal. Apanhada desprevenida, quase se esquecera da revolução e do papel de camponesa que estava representando. Lançou um olhar rápido para a amiga, que piscou um olho. Colette soubera desde o começo que ela mentira! E mesmo assim ainda a ajudava... Pequena e brava Colette!

Os dois homens mal viram o belo par de moças, entreolharam-se significativamente e entraram, quase batendo com a cabeça no teto do minúsculo abrigo. Os corpos largos e maciços bloqueavam a saída e impediam qualquer idéia de fuga.

— Ora, ora, mas que prazer encontrar vocês! — disse o mais alto. — Meu nome é Pierre, e este é meu amigo Gage.

— Pois não temos prazer nenhum em conhecê-los — retrucou Colette, a faca firmemente segura na mão. — Vão andando, já! Esta é nossa casa, e vocês nada têm a fazer aqui.

Gage não se intimidou e avançou, rindo.

— Isso são modos de tratar dois bravos soldados da França?

— Ha! Dois bravos soldados da França... Pois sim! Vocês cheiram a deserção, isso é que é! Sumam daqui antes que eu ponha a boca no mundo! Sei gritar bem, fiquem sabendo. Vocês serão encontrados e acabarão pendurados na forca como dois gordos presuntos... e será muito bem feito!

Christine estava assombrada com a firmeza de Colette. Apavorada, assistia à cena com olhos arregalados. Quando Gage soltou uma gargalhada estrepitosa, estremeceu tanto quanto as frágeis e rachadas paredes.

— Êpa, temos uma pombinha bravia por aqui... Uma bela e roliça pomba, boa de comer!

— Não se aproxime!

— Ora, calma, minha rolinha! Seja boazinha conosco, que não lhe faremos mal!

De um jato, a mãozorra de Gage agarrou Colette pelo pescoço, cravando-se como garra na pele fina.

— Mas se resistir, poderá se machucar. Há muito tempo não tenho mulher, e meu amigo aqui pensa o mesmo que eu!

— Patife! — gritou Colette, erguendo a faca.

Gage, ainda rindo, agarrou-lhe o pulso e torceu-o. A faca pulou para o chão com um tinido estridente.

— De nada adianta lutar, belezinha! Hum... Vejamos esses peitinhos!

Dizendo isso, puxou a blusa de Colette, rasgando-a de alto a baixo. A camponesa soltou um grito raivoso e investiu contra ele, distribuindo socos e pontapés.

— Largue-a! — gritou Christine, atirando-se como leoa sobre o homenzarrão, arranhando e batendo.

Gage empurrou-a com o braço livre.

— Cuide desta magricela, Pierre! — gritou.

O mais alto obedeceu e agarrou Christine pela cintura, erguendo-a do chão com facilidade e levando-a para fora, sem se abalar com os inúteis esperneios da presa.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou uma voz masculina.

Pierre se virou, algo assustado, para o oficial que se aproximara a cavalo, certamente atraído pelos gritos. Sem saber o que fazer com Christine, que continuava a espernear, atirou-a com força numa poça de lama e ensaiou uma continência desajeitada.

— Meu coronel, acabamos de encontrar uma traidora da França.

O oficial desmontou calmamente e se aproximou, estudando a cena com olhos argutos. Contemplou Christine que se esforçava para se levantar, salpicada de lama e gravetos.

— Uma traidora... Deveras, e das mais perigosas, ao que parece! — comentou, com ironia.

— É uma aristocrata fingindo-se de camponesa. Logo, é traidora!

Christine sentiu um baque surdo no coração enquanto o coronel a examinava detidamente. Nesse momento, um grito abafado vindo da cabana atraiu a atenção do oficial, que encarou Pierre com dureza.

Este mudou de posição, inquieto. Aquele coronel estava com cara de poucos amigos, e provavelmente não se mostraria muito compreensivo com Gage e ele, se soubesse o que estava acontecendo lá dentro.

— O senhor precisa acreditar em mim. Conheço aristocratas pelo cheiro, e esta é uma delas, tão certo como dois e dois são quatro!

O coronel não se deu ao trabalho de responder. Afastando-o com desdém, ergueu o esburacado cobertor da entrada e desapareceu no interior do casebre. Segundos depois, ouviu-se um tiro.

— Colette! — gritou Christine desesperada, correndo para a cabana.

Mas quem saiu foi o coronel, muito pálido. Segurou-a pelo braço com firmeza e murmurou:

— Não entre, *mademoiselle*. Não é um quadro bonito para olhar.

— Me largue, seu... seu... Quero ver Colette!

Ele sacudiu a cabeça.

— Sinto muito. Ela está morta!

Apavorada, sentindo um frio mortalhando-lhe a alma, Christine encarou o oficial com os olhos esbugalhados.

— Não... não! — urrou, presa de histeria. — Como foi...?!

— O bastardo quebrou o pescoço da moça. Maldito! Mas esse, pelo menos, não poderá mais fazer mal a ninguém!

Christine cambaleou, pálida como a morte. Colette, a exuberante Colette, tão cheia de vida e bondade, que ainda via rindo com uma vasilha fumegante nos braços!

Soltou um grito lancinante e cobriu o rosto com as mãos enlameadas, enquanto Pierre recuava devagar:

— Eu não queria fazer mal a ninguém, coronel, juro!

O coronel apontou a pistola para ele, desdenhoso.

— Sargento, considere-se preso.

— Nós só queríamos levar as duas ao quartel, nada mais. Mas elas lutaram, por isso tivemos que forçar um pouco a situação... Nada mais fizemos, juro!

— Sim, eu percebi, principalmente porque seu companheiro estava de braguilha aberta. Pode contar sua história na corte marcial; de minha parte, estou pronto para depor e contar tudo o que vi.

Pierre começou a se lamuriar abjetamente.

— Mas eu não fiz nada... não fiz nada...

— *Mademoiselle* — falou o oficial, virando-se para Christine — terá de nos acompanhar até o quartel. Lá decidiremos o que fazer com a senhorita.

Ela balançou a cabeça com tristeza. Pelo menos escapara, por enquanto, de ser violentada.

— Tenho sua permissão para enterrar Colette antes? — perguntou, num fio de voz.

— Meus homens se encarregarão disso. Agora, monte — disse ele, oferecendo-lhe a mão para ajudá-la.

Minutos depois, os três rumavam para o quartel.

Gareth apeou da carruagem e inspirou profundamente, sentindo com prazer o ar salino penetrar-lhe as narinas. Era bom voltar para a calma do castelo, depois dos dias corridos e difíceis que tivera. Londres cansara-o mais que de costume dessa vez; já no segundo dia, sentira falta da quietude de Escarpa Negra. A capital parecera-lhe mais cinzenta que nunca, malcheirosa e aborrecida, com suas imensas chaminés vomitando fumaça preta e seus odores de lixo e esgoto.

Os olhos negros tornaram-se sombrios quando Gareth fixou o pensamento em Christine. Teria de contar-lhe a respeito da maldição e de Adam, quisesse ou não quisesse. E isso poria um fim em suas esperanças de manter com ela qualquer relação amistosa.

Encheu os pulmões mais uma vez, exalando devagar. Por fim, subiu resolutamente a escadaria e entrou. Sim, talvez a perdesse, mas não lhe seria mais possível continuar vivendo nas sombras do engano e da mentira. Christine merecia mais que isso; fora honesta e sincera com ele, e agora era hora de receber igual tratamento.

— Onde está minha mulher? — perguntou ao camareiro, entregando-lhe a capa e o chapéu.

O homem gaguejou, aflito:

— *Milord...* hã... ela não está. Acho que Hilda... Hilda pode explicar melhor.

Gareth franziu a testa.

— Pois chame-a imediatamente.

Aborrecido e intrigado, dirigiu-se ao escritório. Ganhara algum dinheiro na viagem, e tinha a intenção de guardá-lo no cofre.

Ao apanhá-lo descuidadamente, porém, sua expressão se tornou mais sombria. Alguém mexera no cofre! Quem quer que fosse, porém, pagaria caro pelo atrevimento.

Irritado, abriu-o com um golpe seco, contemplando com desgosto as moedas, cujo nível baixara consideravelmente.

— *Milord!* — chamou Hilda, entrando silenciosamente.

Gareth se voltou, os olhos flamejantes de raiva, a tez trigueira mais escura que de costume. Seu punho se fechou e bateu com violência na escrivaninha:

— Fui roubado!

Hilda fechou a porta. Esperara ansiosamente por aquele momento, embora também o temesse. Passou a língua pelos lábios secos e limpou a garganta várias vezes antes de conseguir falar, aparentando calma:

— *Milord*, acho que sei quem é o culpado.

Ele a encarou, carrancudo. Sua voz estava cheia de ameaças veladas quando perguntou:

— Quem?

— Foi... foi *lady* Devlin, *milord*.

— Ora, não seja ridícula! — cortou ele com rispidez. — Sei que não aprecia muito minha mulher, mas...

— Posso parecer ridícula, mas é a pura verdade.

— Mas isso não faz sentido, Hilda! Por que ela roubaria, se para ela bastaria me pedir o que quisesse?

— Bem, isso é uma coisa que só *lady* Devlin poderia responder.

— Então vá chamá-la. Diga-lhe que venha imediatamente ao meu gabinete.

— Sinto muito, mas não posso.

— Hilda, não estou com humor para charadas. Faça como mandei.

— Eu faria, *milord*, se pudesse.

Gareth ergueu os braços e olhou para cima, sentindo a irritação crescer.

— Posso saber o que está acontecendo nesta casa?

— *Lady* Devlin não está em Escarpa Negra, *milord*.

— Pois muito bem, não está. E daí? Quando ela voltar, dê-lhe meu recado.

Embora estivesse gozando intimamente o momento e quisesse prolongá-lo, Hilda não conseguia controlar o temor de ver o patrão explodir em fúria. Remexeu-se inquieta, apertando as mãos uma na outra, procurando as palavras certas que não vinham.

— Pare de dançar na minha frente! Se tem mais alguma coisa para dizer, diga de uma vez!

— Creio que Lady Devlin não voltará, *milord*. Ela partiu há quase quinze dias.

— O... quê!?

Gareth teve de se sentar, sem acreditar no que ouvia.

— Ela saiu à noite, um dia depois que *milord* foi para Londres. Ninguém sabia de nada, ninguém notou nada. Só no dia seguinte, de manhã, é que fui encontrar este bilhete sobre a escrivaninha do quarto. Está endereçado para o senhor.

Dizendo isso, Hilda entregou-lhe um envelope cor-de-rosa cuidadosamente dobrado.

Gareth apanhou-o, sentindo-se gelar.

— É tudo por enquanto, Hilda. Pode ir.

— Sim, *milord* — anuiu a governanta, mais que depressa. — Eu... sinto muito.

Já no corredor, Hilda limpou o suor das mãos. Adam não era o único Devlin temperamental, e quando o castelão terminasse de ler o bilhete certamente ficaria possesso. O mais prudente seria manter distância do patrão nessa hora.

Ajeitou o cabelo dentro da touca engomada e sorriu, triunfante. Tudo estava caminhando como previra; Christine voltara para a França, e o bilhete forjado surtiria o efeito desejado. Quando *lady* Devlin não fora encontrada naquela manhã, Hilda não tivera dificuldade em extrair de Alice toda a história; redigira então o bilhete, esperando que Gareth, humilhado e ofendido, nunca mais quisesse saber da francesa. O plano era excelente e pouco perigoso para ela, Hilda, pois *lord* Devlin, orgulhoso como era, jamais procuraria Christine para confrontar os fatos.

Esfregando as mãos, a governante se dirigiu para a ala norte. Adam esperava por notícias frescas, e ela já antecipava o prazer de estar perto do homem que amava.

Sem a menor vontade de abrir o bilhete, Gareth afundou na poltrona,

fitando o papel cor-de-rosa com olhos esgazeados. Ansiava para ler o conteúdo, mas ao mesmo tempo hesitava, prolongando o próprio martírio. Uma vez lido o bilhete, seria forçado a admitir que Christine o abandonara, e essa idéia lhe era simplesmente intolerável. Por enquanto, podia se dar ao luxo de duvidar. Imaginou-a bordando no quarto, ou colhendo flores no jardim, ou montada na bela égua castanha... Sentiu uma pontada no peito.

Encostou a cabeça no alto espaldar de couro e fechou os olhos, perdido em angústia. Como ela conseguira entrar facilmente em seu coração! Como aquele general romano; viera, vira e vencera. Gareth assestara todas as baterias contra a recém-chegada, mas Christine havia conseguido derrubá-las uma a uma, com suas mãos delicadas, finas e brancas. Ah, o toque aveludado daquelas mãos havia-lhe roubado a paz, o sono, a própria alma. Os olhos verdes e profundos tinham-no feito se apaixonar loucamente. E agora ela se fora, sem saber o rastro de destruição que deixara atrás de si.

Destroçado, Gareth contemplou o envelope por um longo momento, e por fim abriu-o. A caligrafia, errante e apressada, chamou-lhe a atenção. Não conhecia a letra de Christine, mas julgara-a mais bonita e elegante. Enfim, devia ser a pressa. Pressa de deixá-lo...

Por fim, não podendo mais prolongar a agonia, leu:

"Caro Gareth,

Nosso casamento foi um erro do começo ao fim.

Estou voltando para a França, porque só lá poderei ser feliz. Não tente me seguir. Nunca mais voltarei a Escarpa Negra.

Christine"

Gareth soltou uma exclamação irada, enquanto sua expressão se endurecia até ganhar contornos pétreos. Amassou com violência o seco bilhete, os olhos negros transformados em duas fendas estreitas, os lábios comprimidos e brancos. Se Christine pensava que podia pôr um fim no casamento com duas linhas curtas e grossas, enganava-se redondamente. Ele, *lord* Devlin, merecia mais que isso, e não aceitaria jamais ser tratado desse jeito por uma menina mimada. Não se consideraria mais *lord* Devlin se a deixasse escapar sem maiores explicações! Sim, talvez o casamento tivesse

sido um erro no começo, mas os momentos que haviam partilhado juntos eram algo de muito sério, que não podiam ser tratados com negligência. Christine era agora uma Devlin, ora! Se pensava que ele não a seguiria até o fim do mundo, o problema dela.

Lembrando-se, porém, do que ouvira a respeito da situação da França, Gareth sentiu a raiva evaporar de repente. Pela primeira vez na vida, teve medo. Christine estava no meio de uma revolução!

— Deus todo-poderoso! — sussurrou, lívido.

Nervoso, apanhou uma folha de papel encimada pelo elegante timbre de Escarpa Negra, e rabiscou uma nota desesperada ao primo Robert, suplicando-lhe que viesse assumir seus negócios. Surgira um problema importante e inesperado, que o obrigava a deixar Escarpa Negra por algum tempo.

Depois de enviar a mensagem, Gareth se permitiu apenas trocar de roupa e jogar alguns pertences numa maleta. Pouco depois, galopava velozmente para Londres. Para poder viajar para a França, necessitaria da permissão do rei e da proteção do governo britânico.

CAPÍTULO XII

O regimento achava-se acampado nos prados em que Christine costumava brincar quando criança, mas, como acontecia em toda a parte da França, os campos estavam destruídos. O chão, pisoteado sem dó pelos pesados coturnos e pelos cascos dos cavalos, reduzira-se a uma massa compacta de terra ressequida, onde se abriam fendas produzidas pelo sol. Toda a área formigava em atividade febril, os soldados atarantados correndo de lá para cá, preparando-se para a batalha iminente.

Christine sentiu-se gelar até os ossos no momento em que o coronel entrou no acampamento militar, conduzindo a montaria entre fileiras de barracas até chegar na tenda principal, situada no centro do campo. Embora

se achasse no país em que nascera, cercada de compatriotas, tinha a impressão de estar entre terríveis inimigos. Todos ali gostariam de vê-la enforcada, caso tivessem conhecimento de seu sangue azul.

O coronel desmontou e ajudou Christine a fazer o mesmo. Diante da grande tenda, dois mosqueteiros de casaco vermelho montavam guarda, respeitosamente perfilados.

— Diga ao general que gostaria de falar com ele — disse o oficial, depois da habitual troca de continência. — Diga-lhe que encontrei uma aristocrata escondida na floresta. A espera foi pequena. Minutos depois, o coronel e Christine eram introduzidos na tenda úmida e mal iluminada. — Meu general, um de meus homens encontrou esta moça uma cabana aqui perto, e diz que ela é aristocrata.

O general se levantou e rodeou a escrivainha, cravando os olhos em Christine, cuja aparência não era das melhores.

— E qual é sua opinião, coronel?

— Tudo o que posso dizer é que a moça nega, senhor.

— Muito bem, então está dispensado por enquanto. Deixe-a comigo.

O coronel bateu continência e saiu, deixando Christine sozinha com o homem, cujos bigodes negros escondiam uma boca carnuda.

Cruzando os braços, o general fixou os olhos argutos na frágil figurinha, que obviamente parecia assustada, percorrendo-a de alto a baixo. O vestido, embora sujo e rasgado, era de fina lã; e os cabelos, desalinhados, tinham reflexos brilhantes que denotavam anos de cuidados. Não lhe foi difícil reconhecer instantaneamente a nobreza de Christine; ele próprio era nobre, e acostumara-se ao melhor que o dinheiro podia comprar.

— Sente-se, *mademoiselle* — disse com delicadeza, indicando-lhe uma cadeira de lona.

Christine agradeceu e obedeceu, molhando os lábios secos com a ponta da língua.

— Primeiro, devo me apresentar. Sou o marquês de Lafayette, oficial em comando deste regimento. Também sou chefe da Guarda Nacional Francesa.

Apesar de espantada, Christine nada respondeu. Limitou-se a baixar a

cabeça e fitar as mãos, ainda salpicadas de lama.

— Qual é seu nome, *mademoiselle*?

Ela se endireitou na cadeira, aflita. Já ouvira falar inúmeras vezes no marquês de Lafayette, mas não sabia se podia confiar nele ou não. Raciocinou depressa, e por fim se decidiu pela mentira.

— Chamo-me Marie Dubois.

O homem pigarreou, escondendo um sorriso com a mão.

— *Mademoiselle*, entendo suas razões. Mas não precisa ter medo de me dizer a verdade.

— Eu estou dizendo a verdade — insistiu ela, os olhos baixos.

Mas, quando o general se adiantou para pegar-lhe a mão, Christine sentiu a coragem fraquejar e se pôs de pé, em instintiva defesa. Encarou com medo o belo e elegante homem, que ainda sorria galante. De um golpe, ele virou-lhe a mão, examinando a palma por um breve instante.

— Desculpe, *mademoiselle*, mas tem mãos macias demais. Elas me contam que a senhorita não está falando a verdade.

Christine inspirou profundamente, aprumou os ombros e jogou o queixo para a frente. Chega de disfarces mal alinhavados; fosse o que Deus quisesse. Trataria de enfrentar a força com coragem e orgulho.

— *Monsieur*, meu nome é Christine de Beauvais.

Lafayette soltou um assobio de admiração.

— Ah, de Beauvais, é claro. Lembro-me muito bem do marquês, seu pai. Ele está aqui?

— Não, *monsieur*. Foi expulso por um bando que atacou o castelo. Mamãe estava com ele.

— Como, e você? Por que se escondeu na floresta? Por que não fugiu com eles?

— Estive fora da França por alguns meses. Nem sabia o que estava acontecendo em meu país... Quero dizer, eu acreditava que havia alguns tumultos em Paris, apenas. Quando cheguei, encontrei o castelo queimado e saqueado. Não cheguei a ver meus pais.

Christine falava devagar, engolindo o nó que se formava em sua

garganta.

Lafayette voltou para a escrivaninha e sentou-se, percebendo a luta que a moça travava consigo mesma para não desatar em prantos. Compreendia muito bem a extensão de seu sofrimento, e ultimamente vinha se convencendo que não conseguiria se manter vivo por muito tempo. A França começava a dar sinais de insanidade e a devorar indiscriminadamente os próprios filhos, mesmo os mais leais.

— Sabe onde eles estão?

— Não, General. Acho que foram para Paris, em busca da ajuda de amigos.

— E o que pretende fazer?

— Achar meus pais, antes de mais nada.

— Mas certamente não pretende ir para a capital?! — perguntou Lafayette, incrédulo.

— Pretendo, general.

— Impossível. Paris se transformou num caldeirão, especialmente perigoso para mocinhas... ainda por cima nobres. Além disso, devo lembrá-la que está sob minhas ordens.

Christine ergueu a cabeça vivamente. Esquecera-se por um momento da posição do marquês, que era um general a serviço da França. Engolindo em seco, conseguiu perguntar com voz quase inaudível:

— Que quer dizer, General? Estou presa, então?

— Céus, não! — protestou o homem, agitando a mão elegante. — Você não está presa; a única preocupação é achar um modo de encobrir a verdade. Que você é aristocrata, quero dizer. O problema é que, neste momento, não estou em condição de proteger ninguém, por causa da guerra. Este acampamento não é lugar para alguém de sua posição social.

— Então por que não me deixa ir embora?

O sorriso de Lafayette era compreensivo e cativante.

— Sinto muito, mas não posso.

Ele a estudou por alguns minutos em calmo silêncio. Apanhou uma caixinha de rape, tomou uma pitada e depois espirrou elegantemente sobre

um lenço bordado. Enervada com a demora, Christine fechou os olhos e apertou os lábios.

— Acho que já sei o que fazer com você. Talvez não seja muito agradável, aviso-a desde já.

Ela relanceou a vista pelo vestido rasgado.

— Acho que estou aprendendo a conviver com coisas desagradáveis, *monsieur*.

Lafayette soltou uma risada, atirando a cabeça para trás.

— Acredito, *mademoiselle*! Na realidade, minha intenção vai contra meus princípios; sinto que devia mandá-la para direção totalmente oposta. Contudo, vou satisfazer sua vontade e mandá-la para Paris. Um carroção de carga vai partir de madrugada para lá, e você pode aproveitar a viagem. Direi ao meu auxiliar que você deverá ser julgada na capital.

Christine se ergueu, fazendo uma reverência graciosa e natural.

— Sou-lhe grata até o fim de minha vida, *monsieur*.

Lafayette levantou-se.

— Não diga isso, *mademoiselle*; poderá se arrepender no instante em que chegar a Paris... Contudo, darei uma carta de recomendação, que você deverá entregar a um amigo meu. Ele a ajudará a localizar seus pais, caso estejam mesmo em Paris.

— Não sei como lhe agradecer, *monsieur* — murmurou Christine, os olhos marejados de água.

— Não agradeça antes da hora, já disse. É loucura rematada ir para lá agora, *mademoiselle*. Até o próprio rei corre perigo, como deve saber. Enfim, creio que essa é a única saída que tenho. Caso contrário, você teria de ficar no acampamento, e só Deus sabe o que lhe aconteceria quando eu partisse em campanha.

Galante, o general curvou-se e beijou a mão de Christine, sem se importar com os salpicos secos de lama.

— Vou pedir a um mosqueteiro que a acompanhe até sua tenda. Esse homem é de inteira confiança; ele será o único a saber sua verdadeira identidade. Descanse o mais que puder, *mademoiselle*. Porque precisará de

muita força e energia nos próximos dias.

Dizendo isso, chamou um dos guardas e explicou em qual barraca ela deveria ser hospedada, ordenando-lhe que a mantivesse sob constante vigilância e proteção. Christine agradeceu mais uma vez e saiu.

O general voltou para a escrivaninha e apanhou o mapa que estivera examinando antes da chegada da bela prisioneira. A França contava com mais de cem mil soldados, mas grande parte constituía-se de voluntários, cuja boa vontade não bastava para substituir a habilidade. Desse modo, seria muito difícil enfrentar a Áustria, cujo exército tinha larga experiência em campos de batalha. Lafayette não alimentava ilusões; sabia que o embate custaria milhões de vidas francesas. O equipamento de seu exército era tão pobre quanto o das tropas americanas, que comandara havia tempos. Tomando uma resolução, mergulhou a pena no tinteiro e começou a escrever para o rei da Áustria. Talvez conseguisse deter a matança antes de começar.

Pela madrugada, Christine despertou descansada e enérgica. Espreguiçou-se e fixou os olhos no teto de lona, sorrindo. Iria para Paris com a proteção dos soldados! Que melhor segurança podia haver? Além disso, teria uma carta de recomendação endereçada a um amigo do general Lafayette. Com tantos trunfos na mão, Christine só podia considerar aquela manhã como luminosa, embora o sol estivesse apenas se erguendo no horizonte.

Lembrando-se de Colette, porém, sua alegria arrefeceu. Não conseguia tirar da cabeça a alegre camponesa que lhe oferecera a mais preciosa lição de vida.

— Mas eu vou viver, Colette — murmurou, baixinho. — Vou viver para honrar sua memória. E saberei ser tão corajosa quanto você, minha querida amiga.

Sim, não era hora de pensar em coisas tristes. Tinha a obrigação de concentrar todas as energias no objetivo de encontrar os pais, a qualquer custo. Fora apanhada num mar agitado de inquietação e desassossego, e embora se esforçasse desesperadamente para se manter na tona das águas do terror, ondas gigantescas ameaçavam tragá-la para sempre. Sabia, por essa

razão, que necessitava manter bom humor e disposição de espírito. Não podia, de forma alguma, entregar-se a lembranças dolorosas. Como Gareth, por exemplo.

— Nada disso, Christine de Beauvais! — censurou-se brandindo os punhos fechados. — Levante-se e ponha seu vestido, vamos!

Olhou desgostosa para a roupa, que lavara e esfregara o melhor que pudera na véspera. Como estava distante daquela elegante e perfumada marquesa de Beauvais, céus!

Resoluta, atirou longe o cobertor, saltou da cama de campanha e enfiou-se no vestido, alisando-o com as mãos inutilmente. Bem, ele serviria de qualquer modo. Era o único que possuía!

Quando saiu da barraca, o fiel guarda, que a vigiara a noite toda, se adiantou.

— *Mademoiselle*, o general Lafayette pensa que talvez isto lhe seja útil — disse, apontando para uma maleta que repousava no chão, suja e escanchada.

Ela soltou uma exclamação de alegre surpresa.

— Minha valise! Era o que eu mais queria para completar este dia lindo! Mas como foi que a encontrou?

— O general pediu-me que fosse a Beauvais e procurasse alguma coisa para *mademoiselle* usar. Garimpei por onde pude, no meio das paredes caídas, mas só achei coisas queimadas, mais parecendo pedaços de carvão. Já vinha voltando de mãos vazias quando topei com essa maleta caída no jardim... Foi uma sorte!

— Muita, mesmo — respondeu ela, entristecida com a despreocupada descrição do seu querido castelo. — Queira transmitir meus melhores agradecimentos ao general.

— Sim, quando ele voltar. O general já está a caminho do fronte.

O mosqueteiro apanhou um balde cheio de água fresca e colocou-o na entrada da tenda, completando:

— O carroção sairá daqui a pouco. Achei que *mademoiselle* gostaria de fazer uma pequena toalete com esta água. Como sabe, água é artigo raro por aqui.

— Obrigada, vou aproveitá-la com muito gosto — disse Christine, dirigindo-lhe um sorriso luminoso.

— Então esteja à vontade. Enquanto isso, vou preparar alguma coisa para *mademoiselle* comer. Não deve viajar de estômago vazio!

— Obrigada de novo. É muito gentil.

O moço limpou a garganta, meio aéreo diante do sorriso estonteante, fez uma cortesia desajeitada e saiu, não sem antes tropeçar num graveto e depois numa pedra.

Christine sorriu, divertida com o embaraço do homem. Com revolução ou sem revolução, certo tipo de comportamento continuava igual ao de antes. Mais animada, apanhou os tesouros — a valise e o balde — e voltou para dentro da tenda.

Menos de uma hora depois, com o estômago forrado de bolachas secas e dentro de um gracioso vestido de musselina, os cabelos soltos e penteados dançando até a cintura, Christine achava-se outra pessoa. O mosqueteiro esperava-a do lado de fora, distraído-se com duas galinhas que brigavam e ciscavam inutilmente na terra dura e seca. Quando viu Christine, o rapaz ficou de tal maneira embasbacado que ela precisou se conter para não cair na risada.

— *Mademoiselle*, eu... hã, tenho comigo uma carta que o general escreveu... e...

— Ah, sim, eu sei do que se trata.

Atarantado, o mosqueteiro revirou os bolsos, sem conseguir despregar os olhos de Christine. Finalmente, entregou-lhe um envelope lacrado com o brasão de Lafayette.

Quando leu o nome do destinatário, a boa disposição de Christine aumentou. *Monsieur* Talleyrand-Périgord! Muito ouvira seus pais falarem nesse homem ilustre. Se existia alguém em Paris capaz de ajudá-la, seria Talleyrand.

Depois de guardar o envelope num escaninho da valise, estendeu a mão para o guarda:

— Mais uma vez, obrigada por tudo.

— Foi um prazer, *mademoiselle*. Agora, se quiser me acompanhar, vou deixá-la na carroça.

Minutos depois, Christine viu-se instalada numa pilha de panos, caixas e lonas, numa carroça cargueira. Dois soldados de expressão rude, que serviriam de cocheiros e acompanhantes, olhavam-na com indisfarçada curiosidade. Sabiam que ela era uma prisioneira a caminho de Paris, onde seria julgada; contudo, as ordens que haviam recebido não se coadunavam com o tratamento dispensado a uma prisioneira. Ambos tinham instruções precisas para protegê-la e tratá-la com o máximo respeito e consideração durante toda a viagem; quando chegassem à capital, deveriam deixá-la livre. Os dois já haviam comentado entre si que alguma coisa não se ajustava naquela história; porém, decidiram não especular muito e simplesmente obedecer.

No fim de oito dias horrorosos, Christine viu finalmente os portões de Paris. A profecia do general cumprira-se integralmente: seu corpo estava moído, cheio de hematomas causadas pelo sacolejar incessante do duro carroção. As estradas, em estado deplorável, tinham mais buracos que uma peneira, e o veículo vagara como barquinho no mar bravio, deslizando, atolando e caindo em barrancos. Fora um suplício quase intolerável para Christine, que passara mal e enjoara o tempo todo.

Os dois soldados haviam cumprido ao pé da letra as instruções; trataram-na com polidez e cuidaram de sua proteção, mas nada fizeram para minorar-lhe o desconforto. Mantiveram-se o tempo inteiro calados e indiferentes, parecendo mesmo irritados com a inesperada passageira. Ao longo da penosa jornada, feita em pleno verão, Christine tivera tempo de sobra para examinar seu passado e pensar no futuro. Sob o opressivo calor, a cobertura de lona transformara a carroça numa verdadeira estufa, e ela se lembrara constantemente dos dias frescos e nebulosos de Escarpa Negra — e, naturalmente, do rosto viril e bem talhado do castelão. Nesses momentos, perguntara-se angustiada, se Gareth ficara aliviado com sua fuga.

A noite descia sobre a capital quando o pesado carroção penetrou num labirinto de prédios novos, construídos às pressas na periferia, fora dos

muros de Paris. Christine espiava pelas frestas da lona a numerosa massa de soldados, o coração aos saltos. Se fosse descoberta ali, não teria como escapar de um julgamento, e provavelmente da guilhotina; só podia rezar para não ser denunciada pelo antipático par de acompanhantes.

A certa altura, Christine julgou ouvir um nome conhecido, Marie Dubois, pronunciado baixinho por um deles; o outro acenou com a cabeça e cochichou alguma coisa de volta. Assustada, percebeu que seus receios não eram infundados. Eles iam entregá-la! Bem que notara os olhares enviesados, o silêncio obstinado e a fria polidez com que fora tratada. Instintivamente, e sem pensar duas vezes, agarrou a valise e engatinhou para o fundo do carroção. Quando achou que os dois estavam distraídos, pulou para a estrada poeirenta. Por sorte, o carroção, muito pesado, avançava devagar. Ainda assim, Christine custou a recuperar o equilíbrio, oscilando como bêbada no meio da via. Ao avistar um beco mais escuro, enveredou por ele, costurando-se nas sombras. Seu coração batia furiosamente, presa de medo e insegurança. Quieta, forçando-se a prender a respiração, acompanhou com os olhos o carroção, que parou logo mais adiante, em frente os portões de Paris.

Momentos depois, suas suspeitas foram confirmadas. Ouviu distintamente os dois soldados falarem que transportavam uma prisioneira, sob as ordens do general Lafayette, e que deviam soltá-la assim que transpusessem os portões de Paris — ordem que achavam bem estranha. Christine, apesar do medo e do cansaço, não pôde deixar de se divertir com o choque dos dois quando não a encontraram no carroção.

— Mas ela estava aqui agora mesmo! — queixou-se um, esfregando o queixo. — Bem que eu estava desconfiado de alguma coisa! Lá no acampamento diziam que ela era aristocrata.

— Bem, eu ficarei de olho — respondeu o guarda do portão. — Talvez seja uma espiã a serviço do maldito rei. Hoje em dia não se pode confiar em mais ninguém, meu caro. Vocês sabiam que até oficiais nossos estão nos traindo agora?

— Não, não sabemos de nada. Estamos viajando há dias.

— Pois é isso aí. Quando nosso exército teve ordem de atacar os

inimigos, imaginem que uma porção de oficiais renunciou ao posto. Três destacamentos de cavalaria se bandearam para o outro lado!

— Minha nossa!

— Essa nobreza não tem jeito. Só na guilhotina mesmo, estou dizendo.

— Então fique de sobreaviso. A moça era amiga de Lafayette, e você sabe que ele simpatiza com o rei.

— Sim, o bastardo é um nobre. Não sei como é que ainda aceitam gente desse tipo para comandar nossas forças! Bem, vão andando. De minha parte, cuidarei que nenhuma moça desconhecida transponha estes portões.

Os dois, ainda incrédulos, vasculharam o carroção mais uma vez. Por fim, balançaram a cabeça e partiram.

Vendo o veículo sumir, Christine se indagou como conseguiria entrar na cidade. Um vento frio soprou do Sena, fazendo-a esfregar os braços, enquanto pensava num modo de passar pelos guardas sem ser notada.

Um cão vadio latiu, sobressaltando-a.

— Shh! Vá embora, saia daqui! — sussurrou.

Mas o cachorro pôs-se a ladrar furiosamente, arreganhando os dentes. Christine lançou um olhar desesperado para os guardas, o coração querendo saltar pela boca.

— Animalzinho estúpido, caia fora daqui! — murmurou, abaixando-se para apanhar uma pedra. — Suma!

Vendo aquilo, o cão ganiu, meteu o rabo entre as pernas e obedeceu.

Ansiosa, Christine esticou o pescoço para ver se não chamara a atenção. Nesse momento, um bando alegre de soldados passou por ela, cada um abraçado a uma jovem. Rindo e cantando ruidosamente, o bando atravessou os portões sem ser molestado pelos guardas.

— Já sei como você vai passar, Christine! — ciciou.

Era um plano simples. Esperaria outro bando como aquele, e no momento que julgasse oportuno, daria um jeito de se juntar a ele. Vira algumas moças sem par no meio dos casais; não lhe seria difícil passar por uma delas. Ninguém notaria a desconhecida, tinha certeza.

Mas para isso, teria de abandonar a valise. Suspirando, abaixou-se para

abri-la. Apanhou a carta e enfiou-a por baixo da blusa, mas o esconderijo não a satisfazia. Se fosse revistada, a carta seria encontrada. E ela seria presa na mesma hora! Olhou em volta, desesperada. Que fazer com aquela carta, santos deuses?

Finalmente, resignou-se em deixar o precioso documento para trás. Colocou-o novamente no escaninho da valise, fechou-a e escondeu no quintal da casinhola mais próxima que encontrou, entre dois arbustos. Depois cobriu-a o melhor que pôde com terra e folhas. A valise ficou quase invisível. Limpou a terra das mãos, pensando com tristeza nos únicos tesouros que ali jaziam. Contudo, por enquanto não havia escolha. O remédio era rezar para ninguém encontrar a valise antes que ela pudesse vir apanhá-la de volta.

Cautelosamente, procurando se esconder nas sombras, foi caminhando pela estrada por que viera. A noite, escura como breu, ajudava-a a caminhar depressa. Precisava encontrar outro bando de soldados o quanto antes!

Mas muitas horas se passaram, e ela já começava a duvidar da eficiência do plano, quando divisou um grupo de bêbados avançando pela estrada. As mulheres davam gargalhadas e proferiam obscenidades, fazendo os homens, já alcoolizados, rir desbragadamente.

Christine deixou o esconderijo e seguiu-os a meia distância, sem se deixar notar. Quando o grupo chegou perto dos portões, apertou o passo e juntou-se às mulheres, fingindo estar tão bêbada quanto elas.

— Ei, amigos! Estão contentes, hein? — gritou um guarda, risonho.

— É a noite, cidadão! — engrolou uma moça, pendurada no pescoço de um rapaz de nariz vermelho. — Uma linda noite para vinho e amor!

— Quer ver nossos passes, cidadão? — perguntou outro, esticando um documento para o guarda.

Nesse momento, o coração de Christine parou. "Não, meu Deus, fazei com que ele não exija documentos! Não agora, não agora!" O guarda olhou sem interesse para o pedaço de papel.

— Não é preciso — disse, soltando uma risada. — Vocês não estão em condição de fazer mal nenhum à nossa França! Passem!

Assim que ultrapassou os temidos portões, Christine se separou do

grupo e enveredou pela primeira ruela estreita que encontrou.

Ainda de joelhos trêmulos, fez uma pausa para respirar. Cansada, teve vontade de se esticar ali mesmo no chão. Mas forçou-se a caminhar devagar, semi-escondida, pensando no que faria dali para a frente. Nesse momento, um vozerio vindo da outra rua chamou-lhe a atenção. Avançando furtivamente, conseguiu se aproximar de uma pequena multidão aglomerada em volta de um homem de cabelos pretos e revoltos, encarapitado numa carroça aberta. Ele falava com fervor, sua voz ressoando forte sobre os camponeses:

— Lafayette recuou, cidadãos! Agora a armada austríaca se prepara para rios destruir, enquanto o rei Luís aguarda calmamente a libertação, sentado em seu luxuoso trono! Mas os tempos de escravidão e servidão acabaram. Vamos ficar de braços cruzados esperando que os nobres nos esmaguem como vermes na ponta de suas botinas engraxadas? Não, mil vezes não! Nós, cidadãos da França, temos que pegar em armas e proteger aquilo que conseguimos com nosso suor!

Um clamor surdo se ergueu do povo, que começou a gritar, entusiasmado:

— *Vive la nation! Vive la liberté! Vive Marat!*

Nas sombras, Christine assistia a tudo pálida como a morte, conhecedora do tremendo perigo que a cercava de todos os lados. A turba começou a se dispersar, vociferando:

— Abaixo o rei! Viva a liberdade!

Em pânico, ela voou pelas ruas mais silenciosas, até parar num beco malcheiroso. Aflita, olhou em volta, procurando um esconderijo seguro. Mas não achou nada satisfatório, e seu terror cresceu. O peito doía-lhe terrivelmente da corrida e do medo. Aonde ir, meu Deus!?

Tropeçou numa pedra solta e caiu sobre os joelhos, esfolando-os. Trincando os dentes para não gemer, forçou-se a ficar de pé, sentindo o sangue latejando nas têmporas. Mas percebeu que não conseguiria andar mais. Tropegamente, conseguiu se arrastar até os degraus da entrada de uma casa, onde se sentou, enovelando-se contra o frio.

Circunvagou um olhar exausto pela rua, alerta ao menor sinal de perigo. Vendo-se só e relativamente segura, permitiu-se relaxar um pouco. Sabia que não poderia ficar ali muito tempo; era preciso encontrar Talleyrand.

Uma luzinha fraca brilhava no fim da rua. Christine recolheu o pouco de força que ainda lhe restava e ergueu-se, dirigindo-se para lá. Não sabia como encontrar a casa de Talleyrand naquela cidade enorme, cheia de homens sedentos de sangue, mas sabia que ao menos tinha de tentar. Não dispunha de nenhum centavo para conseguir acomodação nem comida. Pior ainda, não sabia de nenhum amigo ou conhecido da família que ainda estivesse em Paris.

Os sinos da catedral de Notre Dame tangeram tristemente, acompanhando os passos errantes de Christine, que maldizia a própria impetuosidade. Que louca fora em vir para Paris! Cada mínimo barulho que ouvia sobressaltava-a, deixando seus nervos em frangalhos.

Vira inúmeras casas de luz acesa, mas não tivera coragem de bater à porta de nenhuma. O medo de descobrirem sua identidade impelia-a a caminhar sem rumo.

Finalmente, exausta e faminta, deixou-se escorregar junto à porta de uma residência. Tencionava descansar um pouco e recuperar o fôlego, mas o cansaço venceu-a. Minutos depois, dormia profundamente no chão duro da rua.

CAPITULO XIII

— Ora, ora! O que temos aqui?

A voz de baixo profundo acordou Christine, que soergueu o corpo dolorido, piscando até conseguir focalizar um jovem oficial. Desesperada por ter sido apanhada, lançou um olhar aflito para os lados, procurando por onde escapar.

O oficial ofereceu-lhe a mão, intrigado com aquela bela moça perdida e tão assustada.

— Precisa de ajuda, *mademoiselle*?

Christine ergueu-se sem poder falar, aterrorizada.

— *Mademoiselle*? — interpelou ele, os olhos azuis examinando-a de alto a baixo.

Sentindo-se subitamente mal, ela fechou os olhos e cambaleou, enquanto suas pernas se dobravam perigosamente. O belo rosto passou de pálido a cinzento, e gotas de suor surgiram sobre o lábio superior. Christine apoiou-se na parede, lutando contra a sensação de desmaio.

— Está doente, *mademoiselle*? — exclamou o moço, amparando-a.

Agindo com rapidez, o oficial suspendeu-a nos braços e entrou pela porta, carregando-a escada acima até seu minúsculo apartamento. Com um pontapé, abriu a porta e acomodou-a numa cadeira. Sem dizer palavra, abriu uma cristaleira e tirou uma garrafa de conhaque, despejando um pouco num copo.

— Tome, isto ajudará você.

Ela balbuciou um agradecimento e levou o copo aos lábios, sorvendo um gole. A bebida desceu como fogo, tirando-lhe a respiração e produzindo efeito imediato assim que bateu no estômago vazio. Ela tossiu e sentiu o sangue correr rápido nas veias. O oficial contemplou-a, parado com as mãos nas costas.

— Beba tudo, moça. Vai se sentir muito melhor. Pelo menos já está corada de novo.

— O senhor é muito gentil — falou ela, quando encontrou um fio de voz.

— Mas não posso mais abusar de sua bondade.

Levantou-se, rezando para que ele não a segurasse ali, mas o chão começou a girar loucamente à sua volta. Tão abruptamente quanto havia se levantado, voltou para a cadeira.

— *Mademoiselle* não está em condições de andar, sinto muito. Será que está com febre?

Juntando ato à pergunta, ele encostou a mão na testa fria de Christine.

— Não, febre não. Acho que basta descansar um pouco.

— Não posso ficar aqui! — gemeu ela, buscando uma desculpa qualquer

para escapar antes que ele começasse com perguntas embaraçosas. — Nós... nós nem nos conhecemos!

— Não seja por isso. Meu nome é René Valdis, e sou da província do Loire. Quem é você?

— Eu? Eu sou... eu sou...

Christine não sabia o que fazer. Tremia e estava sem coragem de revelar seu verdadeiro nome; por outro lado, temia mentir, pois podia ser descoberta, e aí seria pior.

— Não se preocupe, eu compreendo. Mesmo porque, não vejo razão para saber seu nome; você ficará aqui apenas o suficiente para se sentir melhor.

— Obrigada pela sua hospitalidade, mas não posso ficar — obstinou-se ela, fazendo nova e vã tentativa de se levantar.

— Parece que não tem muita escolha. Por favor, fique onde está. Asseguro-lhe que não precisa ter medo de nada.

René serviu-se de conhaque e sentou-se em outra cadeira, estudando Christine com o canto dos olhos.

— Você me lembra minha irmã Thérèse. Ela é assim, bonita e teimosa. Também é inteligente e sabe reconhecer as pessoas em quem pode confiar.

Christine mexeu-se na cadeira, inquieta, baixando os olhos. Não sentia forças nem coragem para nada. Ah, como gostaria de comer alguma coisa, dormir um pouco... Esquecer!

— Bem, paciência. Seus segredos não são de minha conta. Mas diga, dormiu na porta de minha casa a noite toda?

Ela balançou a cabeça, mantendo-a baixa.

— Sim.

— Mais... meu Deus! Não sabe que é muito perigoso uma mocinha andar pelas ruas de Paris? Quanto mais à noite, *mademoiselle*? Por que não foi para sua casa?

A resposta foi um profundo silêncio.

— Ah, desculpe. Já estou de novo fazendo perguntas indiscretas, não é? Descanse, não farei mais nenhuma. Contudo, acho que tenho uma coisa aqui

que poderá lhe ajudar.

Dizendo isso, foi para um canto e correu uma cortina axadrezada, soltando um risinho meio envergonhado.

— Esta é minha cozinha, *mademoiselle*. Um simples armário com alguns víveres... Mas é o quanto me basta. Vejamos o que temos aqui. Hum... pão amanhecido... queijo. Este queijo está ótimo, ganhei-o ontem... vinho. Acho que está bom, por enquanto.

Enquanto falava, ia colocando tudo sobre a tosca mesinha de madeira crua. Apanhou um facão e cortou generosas fatias do pão e queijo, depositando-as num prato de estanho. Despejou vinho numa xícara sem asa e depois fez uma reverência para Christine:

— Está servida, *mademoiselle*! Não é muito, reconheço, mas estamos atravessando tempos difíceis. Por favor, sente-se comigo e coma um pouco. Tenho certeza que vai se sentir outra!

À vista daquelas iguarias, Christine sentiu o estômago roncar. Sabia que não devia aceitar nada e sair correndo, pois o rapaz era oficial do exército francês. Contudo, não pôde resistir aos apelos doloridos do estômago, e aceitou com um sorriso.

René mal beliscou um pedaço de queijo. Limitou-se a bebericar o vinho, observando de esguelha a bonita desconhecida que devorava o pão e o queijo com apetite. Quem seria ela? Apesar de faminta, comia com modos de dama, sem pressa e sem se sujar. Bem, de uma coisa tinha certeza: não estava diante de uma camponesa, como supusera no princípio. Uma aristocrata, talvez, com medo do tribunal. Sim, devia ser isso.

Soltou um suspiro desgostoso. Não estava contente com os rumos que a revolução vinha tomando. Que loucura estava tomando conta da França? Embora fosse um oficial leal, não aprovava o modo como Robespierre e seus sequazes estavam dirigindo o país. Acreditava na causa da justiça e da igualdade, mas tinha a convicção de que nada seria alcançado à custa de morte e violência.

Desde o começo da revolução, esperara que a França viesse a ser governada pela monarquia constitucional, mas agora suas esperanças se

esfumavam. Os colegas comentavam que em breve o rei seria guilhotinado, seguindo o caminho de quase todos os ministros e membros da nobreza.

Aborrecido, René deu um soco na mesa, fazendo-a saltar os pés desconjuntados. Christine parou de mastigar e encarou-o assustada.

— Já lhe disse, *mademoiselle*, que não precisa ter medo de mim. Sou homem de palavra, ora!

Christine quase enfiou o nariz no prato.

— Desculpe.

— Não, sou eu que devo me desculpar — retrucou ele, esfregando os olhos.

René trabalhara a noite inteira e estava cansado até os ossos. Seu esquadrão tivera de acompanhar a interminável entrega de farinha nas padarias, a fim de evitar mais saques e assaltos. A farinha se tornara tão preciosa que existiam quadrilhas especializadas no roubo desse produto. O pão já começava a escassear, e se as coisas não melhorassem depressa, as greves eclodiriam por toda Paris.

— Não se preocupe comigo, moça — falou, com um sorriso cansado. — Dei um murro na mesa por causa de meus pensamentos, que não andam lá muito otimistas.

Levantou-se e foi para a janela, olhando os passantes. Pareciam pessoas normais indo para o trabalho, mas em cada rosto calmo fermentava a sede de sangue que Robespierre sabia manejar com talento de mestre.

Encostou-se ao parapeito, entristecido. Desde adolescente sonhara em servir no exército, e não poucas vezes assistira ao triste espetáculo da morte. Contudo, desde que fora transferido para Paris, achava que a guerra era duas vezes menos sanguinária que a revolução. As pessoas ensandecidas matavam-se umas às outras, delatavam e roubavam sem qualquer traço de escrúpulo. Para ele, isso estava longe de ser igualdade. Ou liberdade. Muito menos fraternidade!

Voltou-se para a desconhecida. Se não soubesse quem era, não teria como ajudá-la.

Cruzando os braços, fez nova tentativa:

— *Mademoiselle*, sente-se melhor agora?

— Sim, obrigada.

— Então talvez possa me dizer quem é e o que está fazendo em Paris.

Christine fixou os olhos no prato, em silêncio.

— Bem, já que se recusa a confiar em mim, não vejo outra alternativa. Terei de levá-la para meu quartel.

— Não! — exclamou ela, erguendo a cabeça. — Por favor, não!

— Mas não posso deixá-la vagando pela cidade à toa. É perigoso, como já lhe disse.

— Deixe-me sair daqui, eu lhe suplico. Só isso!

— Desculpe, mas não posso. Tenho minha consciência, e ela não ficaria em paz se alguma coisa lhe acontecesse.

Christine fitou o rapaz, indecisa. Ele a tratara bem; dividira a magra comida do mesmo modo que Colette e agora oferecia-lhe proteção. Contudo, hesitava em contar seu segredo, embora a intuição lhe dissesse que ele não lhe faria mal. E se sua intuição estivesse errada, o que faria então?

— Não sei mais o que fazer ou dizer para ganhar sua confiança, *mademoiselle*. De minha parte, acho que é aristocrata. Nesse caso, pode confiar em mim. Não estou muito contente com os rumos da revolução e não concordo com toda essa violência. Talvez eu possa ajudá-la.

As defesas de Christine ruíram. Precisava desesperadamente de alguém em quem confiar, e parecia-lhe que estava diante desse alguém. Suspirou fundo antes de dizer:

— Está bem, *monsieur*, vou-lhe contar quem sou.

Ele se sentou, inclinando o corpo para a moça, em expectativa.

— Sou Christine de Beauvais, da província de Champagne — disse ela, tomando um largo gole de vinho — e meu pai é o marquês de Beauvais.

O tenente arregalou os olhos azuis e soltou um assobio. Desde o começo desconfiara que ela fosse da nobreza, mas nunca imaginara que viesse de família tão importante. Os melhores vinhos da França vinham do castelo de Beauvais.

— Conheço sua família, *mademoiselle*. É das mais ilustres da França.

A expressão de assombro de René cedeu lugar à preocupação, quando compreendeu o terrível destino de Christine caso fosse descoberta em Paris. Aos olhos do tribunal do povo, o nome de Beauvais bastaria para enviá-la ao calabouço sumariamente. Ou à guilhotina.

— Você nunca deveria ter vindo para a capital. Precisamos arranjar sua volta à Champagne de qualquer maneira, e depressa.

Comovida com a bondade do tenente, Christine levantou os olhos marejados de lágrimas e sacudiu a cabeça.

— Não, *monsieur*, isso é impossível. Não tenho mais onde ficar lá, e se vim para cá foi para procurar meus pais.

René cobriu a mão trêmula de Christine com as suas.

— Que tal me contar tudo o que aconteceu?

— Sim, talvez seja melhor — anuiu ela, cansada de tantos subterfúgios.
— Tudo começou quando meu pai arranjou meu casamento com um inglês, *lord* Gareth Devlin...

Quando a história terminou, René balançou a cabeça, incrédulo.

— Você devia ter ficado na Inglaterra, *madame* Devlin — disse ele, usando o nome inglês meio sem jeito. — A tarefa que se propôs está fadada ao fracasso. Não há como encontrar seus pais neste caos; só com a ajuda das autoridades. Mesmo assim, duvido que alguém quisesse correr o risco de ajudá-la.

— Julgo que seria suficiente encontrar *monsieur* Talleyrand. Ele me ajudará.

— Talleyrand? — repetiu René, aparvalhado. — É um velhaco, *madame*, sentado à direita do todo-poderoso Robespierre!

— Me disseram que é a única pessoa que pode me ajudar.

— Até que posso concordar. De fato, talvez ele a ajude, mas estará arriscando sua vida. O homem é um aproveitador inescrupuloso, um camaleão. Muda de bandeira e de partido de acordo com os ventos, *madame*.

— Mas Talleyrand é um bispo! Talvez estejamos falando de pessoas diferentes? — aventou ela, esperançosa.

— Não, senhora. Talleyrand é o único responsável pelo fato de a

Assembléia Nacional ter se apossado dos bens da igreja.

— Sinto muito, René, mas não mudei de idéia. Pouco me importa se Talleyrand é um mau-caráter; se ele puder me ajudar a encontrar meus pais, é com ele que falarei.

— Mas não vê o risco que corre?

— Vejo, mas nada posso fazer. Quero encontrar meus pais.

René levantou os braços, exasperado.

— Mesmo que consiga encontrar Talleyrand, ninguém garante que poderá falar com ele. Sem uma carta de recomendação...

— Eu a tenho.

Perplexo, René baixou os braços.

— Posso vê-la?

— Não está comigo. Escondi-a na minha valise antes de entrar na cidade.

Ele passou os dedos nos cabelos, caminhando de cá para lá.

— Então a primeira coisa a fazer é achar essa carta. Francamente, não sei por que estou me envolvendo nessa aventura, mas... enfim, acho que estou obedecendo à minha consciência. Assim que acharmos a carta, veremos o que podemos fazer para falar com Talleyrand.

Christine se levantou, reanimada, e sorriu pela primeira vez.

— Se vier comigo, eu lhe mostrarei onde escondi a valise.

— Não, *madame*. Isso é impossível. Deve ficar aqui, enquanto eu vou procurá-la.

— Mas...

— É para sua própria segurança. Você não tem documentos, tem?

— Não.

— Então! Se alguém a detiver, nem eu nem ninguém poderá fazer nada para salvá-la. Seu nome é ilustre demais, *madame*.

Christine não pôde deixar de concordar. Sentando-se novamente, deu minuciosas instruções ao tenente sobre o lugar onde escondera sua valise. Quando terminou, estendeu-lhe a mão com um sorriso:

— Não sabe como lhe sou grata, René. Nem quero pensar no que poderia ter me acontecido se não o tivesse encontrado.

Corando de prazer, René beijou-lhe a mão.

— Alguma coisa me diz que você teria conseguido o que quer, de um modo ou de outro. Agora trate de descansar; não devo me demorar muito.

Mas a terrível tensão impediu-a de descansar. Para ocupar-se, varreu, lavou e limpou o modesto apartamento, até vê-lo reluzente. Depois encheu uma bacia e fez a própria toaleta, ajeitando os emaranhados cabelos com um pente que encontrou entre os objetos de René. Como este ainda não tivesse chegado, apanhou um livro e tentou lê-lo. Mas as letras dançavam diante de seus olhos, obrigando-a a reler o mesmo parágrafo uma porção de vezes.

Os raios vermelhos do poente já começavam a tingir as chaminés de Paris quando René voltou, exausto, pois não havia dormido desde a véspera. De olhos vermelhos, ombros curvados, desabou penosamente sobre a cadeira e sacudiu a cabeça.

— Más notícias, *madame*. Não encontrei a carta.

Christine emudeceu, lívida.

— Segui direitinho suas instruções, mas no local onde estava a valise só achei um buraco. Interpelei o pessoal das redondezas, e uma velha me disse que um garotinho havia encontrado a maleta. Parece que ele foi entregá-la aos guardas dos portões; a velha não estava muito segura disso.

Christine baixou a cabeça, arrasada.

— É, *madame*, acho que vai ser difícil conseguir uma audiência com Talleyrand. A esta altura os guardas já terão encontrado a carta, e sem dúvida a levarão para a Assembléia. Talleyrand vai ficar em maus lençóis, caso a carta seja explicativa... Resumindo, *madame*: garanto que já há gente à sua procura nas ruas de Paris.

Grossas lágrimas rolaram dos olhos de Christine, cujas esperanças se evaporavam na noite fria.

— Que faço agora? — murmurou, desesperada.

— Sugiro que aceite minha hospitalidade por enquanto, até sentirmos que é seguro ir até Talleyrand. Durante algum tempo ele ficará sob a vigilância da Assembléia, mas isso há de passar. Quanto à sua segurança, não há o que temer; aqui será um ótimo esconderijo. Quem viria procurá-la na

casa de um tenente revolucionário?

— E os vizinhos, o que vão dizer?

Ele coçou a cabeça, escolhendo com cuidado as palavras para não chocá-la.

— Bem, muitos soldados costumam levar... hã, mulheres... para suas casas. Ninguém se espantará se eu fizer isso também.

Christine arregalou os olhos quando compreendeu o que ele queria dizer. Encarou-o com indisfarçada suspeita e depois desviou a vista, embaraçada.

René sorriu. *Madame* Christine Devlin podia ser estonteantemente bonita, mas não o atraía como mulher. Ele preferia as camponesas gorduchas, de seios fartos e bochechas macias. A marquesa diante de si era refinada demais para seu gosto; além disso, parecia-se mesmo com sua irmã. E René não tinha a menor vontade de se deitar com Thérèse.

— *Madame*, fique tranqüila. É minha hóspede de honra, e será tratada com toda a amizade que eu puder lhe dar. Nada mais.

— Obrigada, René — respondeu ela, corando intensamente de vergonha por tê-lo julgado mal.

Ele se ergueu, colocando as mãos nas costas e arqueando-as para trás.

— Puxa, que cansaço! Como eu gostaria de dormir agora!

— Sua cama está arrumada, René — falou ela, timidamente.

— Obrigado, mas não posso. Tenho de voltar para o trabalho. Só tenho tempo de lavar o rosto e as mãos.

CAPITULO XIV

Um vento suave balançava as cortinas de algodãozinho barato quando Christine foi à janela, em busca de ar fresco. Já era hóspede de René havia duas semanas, e o apertado apartamento costumava tornar-se um forno sob o sol poente. O suor escorria-lhe pelas costas, fazendo com que a grosseira

fazenda do vestido se grudasse desconfortavelmente em seu corpo.

Fez uma careta quando olhou para a rua, onde os pessoas iam e vinham alegremente, conversando e rindo. Ainda havia pouco, essas mesmas pessoas tinham invadido uma padaria armados de foices e rastelos! Daquela janela, Christine havia assistido à invasão, liderada por um bando de mulheres de rosto transfigurado pela raiva, clamando por pão. E quando o padeiro tentara explicar que não era o pão que faltava, e sim farinha, as mulheres investiram como loucas, quebrando o que encontravam pela frente. Mais tarde, o corpo do pobre homem fora recolhido por alguns soldados, impassíveis diante da viúva que urrava e se descabelava na rua.

Não era o primeiro espetáculo dessa natureza que via do alto do segundo andar. Vira maridos delatando as próprias mulheres, crianças delatando os pais. Ouvira as pessoas enlouquecidas gritando por liberdade, igualdade e fraternidade, enquanto gendarmes invadiam residências onde havia denúncias de esconderem membros da aristocracia.

Balançando a cabeça, Christine voltou para a cadeira, limpando o suor da testa. Impaciente, soltou um colchete da cintura, onde o calor provocara uma coceira irritante, e olhou-se no espelho. Trajava um vestido azul com um pequeno laço vermelho e branco na gola — as cores da revolução. René comprara-lhe o vestido, insistindo que o usasse, para não despertar a atenção de ninguém.

Ao ouvir o som de botas subindo as escadas, Christine esperou, fremente de expectativa. Todos os dias isso acontecia, mas não conseguia controlar o medo que a assaltava sempre. Só relaxou quando René entrou, exibindo um largo sorriso.

— Novidades, Christine! — disse, fechando depressa porta. — Fui visitar meu irmão hoje no Hotel de Ville e perguntei-lhe se eu podia ter uma audiência com Talleyrand.

— E...?

— E deu certo! A audiência foi marcada para amanhã!

Christine soltou um grito de alegria e voou para René, cobrindo-o de beijos.

— Obrigada, mil vezes obrigada!

Ele ficou rígido por alguns momentos, mas depois colou seu corpo ao dela, abraçando-a com fervor. Durante quinze dias conseguira manter-se a distância, mas ao sentir o toque de fogo de Christine, seu desejo cresceu antes que ele pudesse fazer qualquer coisa.

Apanhada de surpresa pelo ardoroso abraço, Christine endureceu o corpo como estátua. René, sensível e bem-educado, percebeu a rejeição da amiga e rapidamente se controlou, largando-a. Limpou a garganta e deu-lhe as costas, servindo-se de vinho. Esvaziou de um trago o copo e depois falou com sua voz grossa, que ela aprendera a apreciar:

— Desculpe.

Christine rodeou a mesa e postou-se diante do amigo, sorridente.

— Não há o que desculpar, René. Amigos gostam de compartilhar as alegrias.

Ele acariciou de leve o rosto de Christine.

— Você sabe do que estou falando. Minha reação foi instantânea, não tive como escondê-la, e é por isso que lhe peço desculpas. Mas você é tão bonita, tão encantadora... É difícil, Christine. Nenhum homem pode resistir a você.

Os olhos verdes se encheram de tristeza.

— Está enganado, René. Nem sempre é assim.

Incapaz de resistir, ele tomou-a entre os braços de novo, mas com cuidado para manter certa distância.

— Você nunca fala de seu marido inglês. Gosta dele?

— Eu... muito.

— Então por que fugiu? Ele poderia tê-la ajudado a encontrar seus pais!

Christine baixou a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

— Meu amor nunca foi correspondido — sussurrou, envergonhada.

René deixou-a chorar, afagando-lhe os cabelos com ternura. Aprendera a admirar a coragem e a determinação de Christine, cujas lágrimas agora o comoviam mais do que queria admitir.

— Shh. Vamos esquecer o passado e pensar no futuro, está bem?

Enxugando os olhos, Christine forçou-se a sorrir.

— Tem razão. Nada de pensar em coisas que não podem ser mudadas. Escolhi meu caminho, e é por ele que devo seguir.

— *Oui, chérie* — murmurou ele, sabendo que nada que dissesse poderia aliviar a dor daquele coração maltratado.

O sol do meio-dia despejava sua luz implacável e brilhante sobre as ruas de Paris. Christine corria; molhada de suor, procurando acompanhar as largas passadas de René. À medida que se aproximavam do centro, porém, as ruas iam ficando cada vez mais apinhadas de gente. Christine tinha a impressão que todos os habitantes de Paris tinham o mesmo objetivo: ir ao palácio das Tulherias. Um pressentimento sombrio apossou-se dela quando viu o cenho franzido e preocupado do amigo.

— Que foi, René? Parece que todo o mundo está indo para as Tulherias!

— Enquanto vínhamos, ouvi uns pedaços de conversa aqui e ali. Parece que essas pessoas estão descontentes com o rei e querem falar com ele. Estão todos inflamados com os últimos discursos de Robespierre e Marat.

Inquieta, Christine relanceou um olhar pela multidão que se adensava a cada momento. Pelas expressões ferozes, não teve dúvida que algo de muito grave estava para acontecer.

Repentinamente, alguém a empurrou. Depois outro, e mais outro. Levada pela massa de gente, Christine tentava resistir em vão; via-se carregada como uma folha de papel, boiando sobre um mar enfurecido.

Em pânico, olhou para os lados, e não avistou mais René. A multidão continuava a avançar, murmurando frases de descontentamento. Sem ter mais como fugir, Christine deixou-se levar, tentando manter o equilíbrio. Viu-se literalmente carregada para os portões do jardim do palácio, ouvindo os clamores enfurecidos da turba.

De repente, sentiu uma mão puxá-la firmemente pelo pulso. Apavorada, tentou se soltar.

— Sou eu, Christine! — gritou René. — Segure-se em mim, senão seremos esmagados!

Com lágrimas de alívio, ela se agarrou à mão salvadora. René dava

encontrões e cotoveladas violentas para abrir caminho entre a multidão, até que finalmente conseguiram escapar para fora da onda.

— Ufa, por pouco! — suspirou René, enxugando a testa com um lenço.

— Ali perto há o Café de Foy; vamos para lá.

Christine obedeceu com prazer e acompanhou-o docilmente até acharem uma mesa vazia num canto mais sossegado, onde ele a fez sentar. Chamou o garçom e pediu vinho, puxando para si outra cadeira. Depois que o vinho foi servido, ele sorriu para Christine:

— Calma, que tudo dará certo. Vou mandar uma mensagem a Talleyrand, pedindo-lhe que venha ter com você aqui. É mais seguro, Christine.

Ela abriu muito os olhos cheios de medo.

— Você não vai ficar comigo?

— Não. Pelo que acabo de ver, creio que precisam de mim nas Tulherias.

Christine segurou-o pelo braço, aflita.

— Não pode voltar para o palácio, meu amigo! Aquela multidão está louca!

— Sou um soldado da França, esqueceu-se? É meu dever proteger o rei, goste ou não goste.

Levantando-se, acariciou o queixo de Christine, dirigindo-lhe um sorriso confortador.

— Não vá, por favor! Estou com um mau pressentimento... Alguma coisa me diz que você não deve ir!

— Sinto muito, mas não tenho escolha.

— Mas...

— Esteja tranqüila, minha amiga. Onde está a valente Christine que conheço?

Dizendo isso, inclinou-se e deu-lhe um sonoro beijo nas faces. Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, René já se virará e a deixara. Christine observou-o parar na porta do café e conversar com o rapaz do balcão. Depois ele se virou para olhá-la mais uma vez, à guisa de despedida, e tomou a direção do palácio.

Ela se levantou, para logo depois deixar-se cair de volta na cadeira, vencida. Queria correr para René e trazê-lo de volta, mas sabia que não seria atendida. Como ela própria, o amigo escolhera o próprio caminho, e dele não se afastaria. Lágrimas subiram-lhe aos olhos quando René sumiu de vista.

Não sabia dizer quanto tempo ficou esperando no café, diante do copo de vinho ainda cheio. A tarde já ia alta quando um jovem se aproximou da mesa e bateu de leve no quepe.

— Cidadã, estou aqui para escoltá-la até o Hotel de Ville.

Christine ergueu-se a duras penas. Seus piores pressentimentos tinham se realizado; ela estava sendo presa. Quase caiu em prantos diante do moço, mas lembrou-se do velho orgulho dos Beauvais a tempo. Ergueu a cabeça, engoliu o medo e caminhou majestosamente, enquanto por dentro seu coração se partia.

Mesmo quando se viu diante do enorme edifício onde Robespierre costumava se reunir com os companheiros da revolução, manteve a fisionomia impassível e altiva, embora precisasse esconder as mãos nas dobras do vestido, uma vez que tremiam incontrolavelmente.

Ao fim de intermináveis e longos corredores, Christine se viu introduzida num salão espaçoso e mal iluminado. Assim que ela entrou, o guarda fechou a larga porta de madeira maciça, deixando-a só.

— Cidadã Beauvais, queira se sentar — ordenou um homem.

Ela avançou um pouco para identificar o misterioso interlocutor. Não tardou em divisar um vulto alto recortado contra a janela.

— Esteja à vontade, cidadã — repetiu o homem, estudando a linda moça.

Christine assentiu de boa vontade; mais alguns momentos e sua pose de rainha ruiria por terra. Ainda assim, conseguiu canalizar as poucas forças que ainda lhe restavam para se sentar com graça e dignidade.

Só então o vulto se dignou a se aproximar da enorme escrivaninha, onde ardiam velas num candelabro de prata. Hipnotizada, Christine não conseguia desprender os olhos do desconhecido. Era um homem impressionante, cujos vivos olhos azuis denotavam inteligência excepcional. O nariz reto e a boca firme indicavam determinação e capacidade de liderança.

— Pelo que entendi, você queria uma entrevista comigo, não é assim? — perguntou ele, fazendo uso de seu mais devastador sorriso.

Com trinta e oito anos, Talleyrand já conhecia o efeito que seu rosto bem feito produzia nas mulheres, e dele sabia tirar proveito. Era manco, devido a um acidente sofrido na infância, mas costumava acentuar o defeito para despertar o instinto maternal nas mulheres. E quase sempre atingia seu objetivo principal, que era levá-las para a cama.

Apoiando-se no castão de ouro da bengala, o homem avaliou as aptidões e qualificações da jovem beldade e esperou.

Christine, sob o efeito daquele olhar devastador, precisou de vários minutos para coordenar as idéias. Irritada com a própria timidez, forçou-se a ganhar algum tempo, a fim de não gaguejar — pelo menos, essa era sua intenção.

— *Monsieur* — começou, e parou, furiosa consigo mesma. — Cidadão Talleyrand — retomou — meu nome é Christine de Beauvais. Meu pedido é simples; gostaria que me ajudasse a localizar meus pais, o marquês e a marquesa de Beauvais.

Devagar, o homem tirou uma caixinha de ouro do bolso, tomou uma pitada de rapé e espirrou diversas vezes sobre um lenço com suas iniciais. Com enervante fleuma, guardou a caixinha e o lenço, para depois ajeitar as mangas da elegante jaqueta de veludo.

— Não a conheço, cidadã. Nada sei a seu respeito, exceto por uma carta que o comitê me mostrou há alguns dias. Por que espera que eu a ajude?

— Seu amigo, o marquês de Lafayette, me disse que só o senhor teria o poder necessário para isso.

— Ah, sim, meu caro amigo Lafayette — comentou ele, sentando-se diante de Christine. — Bem, não posso dizer que ele está errado. Espero que o marquês também tenha lhe falado sobre minha especial predileção em atender mulheres bonitas.

— Eu... não entendo — mentiu ela, e gaguejando pela primeira vez.

Rezava para ter compreendido mal as insinuações de Talleyrand. Talvez não passasse de um galanteio inofensivo.

Contudo, seu rosto pegava fogo de vergonha, e ela achou melhor escondê-lo. Baixou a cabeça e estudou as mãos, sem saber o que fazer.

— Estamos atravessando tempos difíceis, *chérie* — replicou Talleyrand, esbanjando charme no sorriso. — O que você me pede pode me sair muito caro. Nada mais justo que saber o que vou receber em troca de meus favores.

— *Monsieur* Talleyrand, nada tenho para lhe oferecer. Tudo o que eu tinha foi destruído junto com meu castelo. Contudo, assim que meus pais forem encontrados, tenho absoluta certeza de que eles se mostrarão gratos ao senhor. E saberão retribuir com generosidade a ajuda que me der agora.

Talleyrand sorriu enquanto seus olhos passeavam prazerosamente pelo corpo bem feito de Christine.

— *Mademoiselle*, é dona de uma beleza rara. Não quero o ouro de seu pai; meu preço é um só. Você.

Vermelha como um pimentão, ela levou as mãos ao pescoço, a fim de acalmar a veia que ali pulsava furiosamente. Sua voz saiu rouca e entrecortada:

— *Monsieur* eu... tenho certeza que está brincando.

— *Non, mademoiselle*. Nunca brinco quando a aposta é alta.

Aflita, Christine desviou o assunto para terreno menos perigoso.

— Se o senhor está pensando em me ajudar a achar meus pais, como está aqui no Hotel de Ville?

— Simples. Por enquanto estou nas boas graças do governo, pois passei os bens da Igreja para o Estado. Lá em Roma, porém, meu gesto não foi bem compreendido... e eu fui excomungado.

A expressão escandalizada de Christine provocou-lhe uma risada gostosa.

— Não fique tão espantada, *chérie*. A decisão do Papa não me aborreceu; na realidade, estou feliz por me ver livre dos maçantes dogmas católicos... De qualquer modo, nossa conversa pouco tem que ver com minha permanência na Igreja ou no reduto jacobino. Estou esperando resposta, galante senhora.

Christine ergueu a cabeça, ativa.

— Não posso aceitar sua proposta, *monsieur*. Sou casada. E mesmo que

não fosse, como poderia ter certeza de que o senhor cumpriria sua parte, uma vez cumprida a minha?

— *Mademoiselle...* ou *madame*, tanto faz... Você me surpreende. Procure usar essa bela cabecinha por um momento. Se eu não estivesse em posição de cumprir minha parte do trato, não a teria chamado para conversar. Porque eu já sabia o que você me pediria, é lógico; pode não parecer, mas sou perspicaz. Por outro lado, mais fácil para mim seria possuí-la à força aqui e agora, e depois mandá-la para Robespierre, com um belo cartão de cumprimentos.

O simples nome do terrível líder da Assembléia a fez estremecer. Robespierre! Se caísse nas garras daquele sanguinário, nunca mais veria a luz do dia.

— Então, *mademoiselle*, qual é sua resposta?

Muito ereta na cadeira, as mãos cruzadas no colo, Christine sentia um gosto amargo na boca e uma tristeza sepulcral no coração. Mas foi de cabeça erguida e olhos chamejantes que fitou Talleyrand:

— Se eu fosse homem, *monsieur*, saberia como dar uma resposta à altura desse insulto.

Ele deu uma gargalhada.

— Se você fosse homem, minha flor, jamais teria recebido semelhante proposta, posso lhe garantir. E talvez o insulto não lhe pareça tão grande quando estiver em meus braços. Posso ser um amante muito carinhoso e generoso.

Ah, que vontade de esganar aquele homem bonito até ver seus olhos fora das órbitas! Louca da vida, Christine procurava um meio de não externar o desdém e a raiva. Sabia que não devia — não podia — enfurecê-lo, e no entanto precisava achar um modo de recusar a proposta indecorosa.

— Já lhe disse, *monsieur*, que sou casada. Não sou livre para decidir, mesmo que quisesse aceitar sua proposta.

Astuto como uma raposa, Talleyrand se levantou e rodeou a escrivanhinha, fitando-a do alto:

— E se estivesse livre, *madame*! Concordaria com o que estou propondo?

Christine nem hesitou. Podia dizer que sim sem o menor perigo, uma

vez que estava legalmente casada pelas leis francesas. Nada no mundo poderia mudar sua situação, a não ser uma anulação papal. Foi com calma e segurança que respondeu:

— Sim, *monsieur*. Eu faria qualquer coisa para achar meus pais.

— Então, *chérie*, temos de cuidar de seu divórcio.

— Divórcio? — repetiu, aparvalhada, começando a se inquietar. — O senhor sabe melhor que eu que as leis da França proíbem o divórcio. Estou ligada a meu marido até que a morte nos separe. Como homem da Igreja, o senhor devia se lembrar que esses votos são feitos diante do altar.

Talleyrand voltou para seu lugar, sentando-se negligentemente. Estava satisfeito com o rumo da conversa; a vítima dizia exatamente o que ele esperava, e já se achava com o laço no pescoço, pronta para a execução.

— Contudo, se esse divórcio fosse possível, você não hesitaria, não é mesmo? E depois de se divorciar, você se tornaria minha amante?

— Mas, *monsieur* — fez Christine, algo impaciente — esta discussão é absurda. Estou casada com outro, e não há possibilidade de divórcio, pelas leis de meu país. Mas dou-lhe minha palavra de que saberei lhe dar uma justa recompensa, caso me auxilie a procurar meus pais.

— Não foi isso que perguntei, *madame*. Concordaria em se tornar minha amante, caso fique livre dos laços do casamento?

— Sim, *monsieur*. Aceitaria esse... esse ajuste entre nós, caso fosse o único meio de achar meus pais.

Christine estava consciente da promessa descabida que fazia; mas tinha absoluta certeza de que nem o poderoso Talleyrand conseguiria mudar leis que permaneciam as mesmas havia séculos.

Os dentes dele brilharam à luz do candelabro.

— Então farei uma petição agora mesmo à Assembléia. Seu divórcio se dará em pouquíssimo tempo, acredite.

Petrificada, Christine encarou o homem sorridente que naquele momento lhe pareceu um animal pronto a dar o bote. Ondas de náusea começaram a subir-lhe pela garganta.

— *Monsieur*, o divórcio é ilegal na França!

O brilhante sorriso se alargou.

— Não, *madame*. A Assembléia tornou-o tão legal quanto o casamento. E igualmente rápido, para nossa felicidade.

A armadilha se fechara. Christine se debatia para encontrar saída, mas só via barras de ferro à sua volta. Deixara-se enleiar pelas perguntas de Talleyrand e fora construindo a própria armadilha sem perceber.

Ele se ergueu, apoiando-se na bengala.

— Venha comigo. Vou levá-la pessoalmente para minha casa.

— *Monsieur*, eu disse que concordaria com sua proposta desde que meu divórcio fosse concedido e desde que o senhor me ajudasse a procurar meus pais. Não pretendo cumprir minha parte do trato sem antes ter uma prova cabal de que o senhor está cumprindo a sua.

Talleyrand riu baixinho. Aquela mocinha bonita instigava-o e atiçava-lhe a cobiça. Bem diferente das mulheres que conhecera ao longo da vida, que não regateavam para ter a honra de dormir com ele! Christine de Beauvais não era nada boba. Mas ele estava resolvido a tê-la, a qualquer preço. Não à força, mas dócil e submissa.

— Ora, eu não esperava me tornar seu amante com tanta facilidade, *madame*. Estou simplesmente oferecendo o conforto e a segurança que merece, hospedando-a em minha casa. Ficará comigo até eu poder provar que pretendo honrar nosso acordo ao pé da letra.

— Sinto muito, *monsieur*, mas minha resposta é não. Vou ficar com meu amigo até ter as provas em mãos. Só então permitirei que tome a liberdade que quiser comigo.

Christine falara rápido, cuspiendo as palavras como bolinhas de ferro. Agüentara até onde pudera, mas agora estava indignada, e naquele instante pouco se lhe importava se tinha posto tudo a perder. Além do mais, sabia que só lhe restava a única escapatória de ganhar tempo; este seria seu grande aliado por enquanto.

Antes que ele pudesse retrucar, um homem entrou esbaforido no gabinete, limpando o suor do rosto vermelho. Sem prestar atenção na visitante, desandou a metralhar:

— Rossignol matou o marquês de Mandat. O levante nas Tulherias acabou em chacina total, *monsieur*. A guarda suíça do rei foi toda esquartejada, como porcos no mercado! Até alguns soldados de Brest foram assassinados por causa do uniforme vermelho, que é da mesma cor da guarda suíça. Uma verdadeira carnificina!

Talleyrand empalideceu. Sabia, havia dias, o que estava se preparando para aquela tarde; tudo fora muito bem planejado. Contudo, não esperara aquele grau de violência.

— O rei e a rainha?

— Estão bem; nada lhes aconteceu.

Talleyrand disfarçou um suspiro de alívio. Pelo menos o rei continuava vivo. Mas os acontecimentos se sucediam e pareciam escapar de seu controle; alguma coisa lhe dizia que a vida do rei estava por um fio.

Coxeou para a escrivaninha e rabiscou algumas linhas, dobrou o papel e lacrou-o.

— Leve isto para Danton. A Comuna deverá proteger os reis a qualquer custo!

Quando o assessor os deixou, Talleyrand voltou-se para Christine com o mesmo sorriso brilhante. Parecia que nada de extraordinário acontecera fora daquelas quatro paredes.

— Onde estávamos mesmo, gentil senhora?

— Eu... eu preciso ir — murmurou Christine, agoniada, pondo-se de pé.

Seu pensamento agora estava concentrado em René. Seu amigo René, sorridente e generoso. O uniforme dele era vermelho.

— Não terminamos nosso trato, *madame*.

— Agora não posso mais falar nisso, *monsieur*. Preciso correr ao palácio; meu amigo foi para lá esta tarde.

Talleyrand bloqueou-lhe o caminho.

— Está doida? Não pode ir ao palácio agora! Não ouviu o que meu assistente contou? Aquilo lá está um carnaval!

— Preciso achar René!

Ele agarrou-a pelo braço, indiferente às tentativas que Christine fazia

para se livrar.

— Olhe para mim, *madame*.

Ela ergueu seus olhos límpidos, um par de esmeraldas transparentes.

— Acha que vai ajudar seus pais obedecendo a esse impulso infantil?

Desanimada, Christine deixou a cabeça pender.

— Mas ele é meu amigo... Se não fosse por ele eu não estaria aqui agora!

Talleyrand soltou-a.

— Muito bem, espere aqui. Vou mandar alguém procurá-lo. Depois irá comigo para minha casa.

Christine abriu a boca para protestar, mas ele sacudiu a cabeça com firmeza.

— Não, *madame*. Não permitirei que vá para a casa de seu amigo, como sugeriu. Ficaré na segurança de minha residência até que eu lhe prove que estou cumprindo minha parte do trato. E quando esse momento chegar, espero que *madame* também honre sua palavra.

— *Monsieur* cuidará de meu amigo?

— Se concordar em me esperar aqui quietinha.

Christine anuiu, com a morte na alma. Voltou para a cadeira e ouviu, tensa, as ordens que Talleyrand distribuía para encontrarem René Valdis nas Tulherias o quanto antes. Quinze minutos depois, achava-se na elegante carruagem de um dos homens mais poderosos da França.

Quando chegaram na suntuosa morada, cujos cristais e pratarias reverberavam à luz de pesados candelabros, Christine lançou um olhar reprovativo para o anfitrião, que entendeu o recado.

— Sei o que está pensando — fez ele, com um sorrisinho cínico. — Tanta riqueza na casa de um revolucionário... Tanta gente passando fome, e esse homem se servindo do que há de mais fino e melhor... É isso, não é? Mas acontece que eu me regalo com esta vida, e dela não me queixo. Tenho um trabalho duro na assembléia, e creio que isso me basta para acalmar minha consciência, se é que tenho uma. Deve-se aproveitar a vida como se pode, *madame*.

Chocada, ela apertou os lábios para não despejar todo o seu desprezo.

Esse comentário era exatamente o que esperava de um homem como Charles Maurice de Talleyrand-Périgord; pois não ouvira de seus próprios lábios que ele fora excomungado? Qualquer outra pessoa teria um mínimo de vergonha, menos ele.

Subiu a escadaria em silêncio, e em silêncio acompanhou-o pelos corredores atapetados. Talleyrand parou diante de uma porta ricamente entalhada, abrindo-a.

— *Voilà, madame*. Seu quarto — disse, dando-lhe passagem com um floreio.

Christine não pôde deixar de apreciar o bom gosto da delicada decoração. O quarto era todo branco e ouro, com fofos tapetes amarelos combinando com as cortinas de veludo, em tom mais claro. Duas mesinhas graciosas, brancas com volutas douradas, tinham tampos de fino mármore esculpido, onde repousavam vasos cheios de flores recém-colhidas, cujo aroma suave se mesclava ao de lavanda proveniente dos lençóis de cetim.

Quando se viu diante da imensa penteadeira, onde um espelho de três faces refletia sua imagem por inteiro, Christine parou, pensativa. Distraidamente pegou numa escova de cabo de prata, revirando-a entre os dedos. Há quanto tempo não cuidava de seu cabelo? Há quanto tempo não se deitava num colchão de plumas, sem problemas insolúveis na cabeça?

Talleyrand se aproximou e colocou as mãos longas nos ombros da jovem, contemplando-a pelo espelho.

— Quando a vi, *madame*, soube no mesmo instante que este quarto tinha sido criado por sua causa.

O encanto momentâneo que Christine sentiu pelo rico aposento quebrou-se. Virou-se para encará-lo, os olhos faiscando de ódio.

— Permita-me lembrá-la que está aqui por sua livre e espontânea vontade. Suas próprias palavras o confirmaram.

— Está querendo me dizer que não fui forçada a vir?

— Precisamente, *madame*.

— Nesse caso, o senhor me ajudará de qualquer modo. Mesmo que eu me recuse a ficar aqui.

— É muito esperta, *madame*. Acontece que eu também sou. E espero que cumpra sua parte do trato. Quero que avalie suas opções com muito cuidado, para não tomar a decisão errada. Muita coisa depende de sua palavra; sua vida, a de seus pais, e agora a de René Valdis. Vou deixá-la para que considere bem a situação, e resolva sobre nosso trato. Dou-lhe minha palavra de que aceitarei sua escolha final, seja ela qual for.

Dizendo isso, apoiou-se na bengala e caminhou mancando até a porta. Com a mão na maçaneta, voltou-se mais uma vez.

— Minha governanta chamará uma costureira para que você se livre desse vestido ridículo. Você, Christine, nasceu para usar cores vibrantes, não esse andrajo escuro.

— São as cores da revolução, *monsieur*. Não seria perigoso para mim usar roupas mais fúteis que esta?

Christine falara com voz suave, mas Talleyrand detectou o veneno que se escondia na pergunta.

— Em minha casa você se vestirá de acordo com meu gosto. E essa roupa não me agrada; você parece mais uma peixeira de mercado. Agora, descanse em paz.

Depois que ele saiu, Christine deixou-se afundar numa poltrona, murmurando baixinho:

— Gareth... Oh, Gareth! Eu queria tanto fugir de você... E agora sou tão infeliz por isso!

Uma raiva impotente assaltou-a. Agitada, levantou-se e foi à janela, encostando a testa na vidraça da grande janela francesa. O jardim, grande e muito bem cuidado, exibia rosais magnificamente floridos. Parecia-lhe quase impossível que aquela paz e tranquilidade estivessem tão perto e tão inacessíveis.

Triste, olhou para a tarde que ia morrendo devagar, numa agonia de tons arroxeados. Deixara o homem que amava, em busca dos pais. Agora, a idéia de que tudo o que fizera fora em vão destroçava seu coração.

— Vou perder marido, pais e... e minha honra! — murmurou, desesperada.

Sabia que o pai jamais aceitaria trocar sua liberdade pela honra da própria filha, e com certeza a reprovava por aceitar preço tão alto. Mas Christine também sabia que não tinha escolha.

Grossas lágrimas começaram a descer pelo seu rosto transtornado. Soluçando, desabou na cama, deixando-se levar pela tristeza que a invadia.

— Papai, paizinho! Perdoe sua filha, mas é a única coisa que posso fazer!
— gemeu, entre soluços entrecortados.

Onde estaria Gareth agora? Ah, como gostaria de estar em seus braços! Como gostaria de pedir-lhe perdão não uma, mas mil vezes! Mas Gareth, provavelmente, pouco se importava com seus sentimentos. A esta hora certamente estaria saboreando sua inesperada liberdade de solteiro...

A dor se fez mais aguda, ferindo-a fundo. Christine rolou na cama, enovelando-se como uma criança perdida. Mas nada a ajudava a minorar a agonia no coração e na alma. Chorou desconsoladamente até que adormeceu sem perceber.

Horas depois, Talleyrand, carregado de caixas e pacotes, encontrou-a dormindo. Fitou-a, notando os profundos sulcos deixados pelas lágrimas, e sentiu uma pontada de culpa.

Desacostumado a esse tipo de sentimento, sacudiu os ombros, como que para se livrar da incômoda carga. Estava habituado a obter seus objetivos sem se importar com os outros, e não seria agora que começaria a amolecer. Sentira-se atraído por Christine de Beauvais justamente por causa das recusas e reticências da jovem, mas atração não era amor nem afeto. Manteria Christine por algum tempo ao seu lado, até se cansar. Aí, então, daria um jeito de se livrar dela. Como sempre fizera.

Depositou as caixas sobre a mesa e sacudiu-a levemente pelo ombro.

— *Madame*, acorde. Veja as coisas bonitas que lhe trouxe!

Christine virou o corpo e abriu os olhos devagar. Quando identificou o anfitrião, sentou-se depressa.

— Desculpe, *monsieur*. Não tinha a intenção de dormir.

— Não há que se desculpar, *chérie*. Veja, eu comprei alguns vestidos novos para você. Não tive paciência de esperar por costureiras.

Ela obedeceu, com ar ausente. Abriu as caixas uma por uma, mas não foi capaz de demonstrar entusiasmo pelos belíssimos cetins, sedas e rendas. Ensaçou um agradecimento qualquer e começou a embrulhar de novo os presentes.

Aquela fria indiferença irritou Talleyrand. Puxou-lhe o queixo, forçando-a a encará-lo; seus olhos azuis estavam frios como aço.

— *Madame*, quanto ao nosso trato, há um pequeno item que me esqueci de mencionar.

Christine olhou-o com frieza, sem dar-lhe o prazer de perguntar que mais ele queria. Conhecia-o o suficiente para imaginar o que seria.

Ele apertou o pequeno queixo entre os dedos, com raiva.

— Já que não quis me perguntar, vou lhe dizer qual é esse pequeno item. Quando estivermos juntos, espero que se porte com civilidade e demonstre um mínimo de afeição por mim, mesmo que sinta o oposto. Está entendido?

Christine virou o rosto abruptamente, livrando-se dos dedos de Talleyrand, cujas marcas deixaram pequenas estrias vermelhas sob seu queixo.

— Concordei em me tornar sua amante quando encontrar meus pais, *monsieur*, Mas não aceito qualquer outra condição; muito menos fazer-lhe festinhas e mostrar um entusiasmo que em absoluto eu não sinto. Não gosto de fingir, *monsieur*.

Ele não pôde deixar de sorrir. Aquela mulher parecia uma leoa bravia! Afastando-se um pouco da cama, tirou um lenço bordado da manga e levou-o ao nariz, fitando-a com afetação.

— Parece que sou obrigado a comprar seus favores com pequenas amostras de meu progresso. Você me daria um beijo se eu, por exemplo, lhe dissesse o que sei sobre seus pais?

Christine ergueu os olhos cheia de hostilidade. Talleyrand não ficara fora mais que algumas horas; como teria conseguido informações tão depressa?

— Basta um breve beijo. Você saberá então se estou mentindo ou não.

Ela baixou a cabeça. Que mais podia fazer? Levantou-se devagar, e ergueu-se na ponta dos pés, plantando um beijo fraternal no rosto bem

escanhado. Como ele permanecesse impassível, Christine se exasperou.

— Já lhe dei o beijo. Agora quero sua informação.

— Minha cara, eu não estava falando em beijos de freira.

Dizendo isso, capturou-a nos braços e beijou-a na boca, apossando-se dos lábios dela com sofreguidão. Quando a largou, Christine ofegava, indignada.

— *Monsieur* — começou.

Mas ele ergueu a mão espalmada.

— Já que estamos vivendo sob o mesmo teto, creio que já é hora de me chamar de Charles. É muito mais... íntimo, não acha?

Christine soltou um suspiro, sofrendo a vontade de esbofeteá-lo.

— Charles — disse, depois de hesitar. — Agora, por favor, quero a informação. Disse que tem notícias de meus pais.

— Ah, sim, tenho. Fui fazer uma visitinha à minha cara amiga, *madame* de Staël, na embaixada sueca. Conversamos um pouco sobre banalidades, e por fim mencionei que sabia que os Beauvais tinham vindo a Paris, mas não tivera a felicidade de encontrá-los... *Madame* de Staël contou-me que seu pai era amigo da família e costumava visitar sua casa sempre que vinha à capital. Dessa vez, contudo, os Beauvais não tinham feito a visita costumeira.

— É essa a informação que tem para me dar? — interpelou Christine, furiosa.

— Calma, minha leozinha. Informações como essa levam tempo. Já plantei algumas sementes; agora temos de esperar para vê-las frutificar. *Madame* de Staël é uma fofoqueira curiosa, e certamente vai procurar se informar sobre os Beauvais. Ficou intrigada quando soube que eles vieram a Paris e não foram visitá-la. Conheço-a bem; em breve ela me dará notícias de seu pai, caso ele esteja mesmo em Paris. Minha cara, já considerou a possibilidade de seus pais terem fugido da França?

Christine baixou os olhos, não querendo que Talleyrand lesse a incerteza que a pergunta causara. Mas ele a puxou pelo queixo novamente.

— *Ma chérie*, se descobrirmos que eles fugiram, nosso trato continua de pé, porque de minha parte terei cumprido o prometido. De acordo?

Ela anuiu, em silêncio.

— Muito bom. Agora, em troca de outro beijo, vou lhe contar o que consegui esta noite.

Christine nem tentou resistir. Deixou-se beijar, mas não correspondeu à suave pressão dos lábios de Talleyrand sobre os seus.

— O que foi, Christine? Meu defeito na perna causa-lhe repulsa? É isso, não é?

Talleyrand jogava desonestamente, fazendo descarada chantagem emocional. Era uma arma que considerava infalível.

— Não. Você só me pediu um beijo, e foi o que eu lhe dei.

Ele fingiu aceitar a resposta.

— Estive com Danton também. Ele me garantiu que você será uma cidadã livre na semana que vem. Ou seja, seu divórcio será concedido pela assembleia. Claro, isso terá um preço bastante salgado para mim, pois ele vai ter de arranjar as coisas de forma a não revelar seu nome, minha leoa. Cobrou-me caro, o bastardo...

Talleyrand soltou um risinho, levando o lenço ao nariz.

— De qualquer forma, Danton acredita que está prestando um favor à pátria. Porque ele acha que nenhuma francesa de boa formação deve se casar com ingleses.

Christine deu-lhe as costas.

— Estou cansada. Gostaria de dormir agora.

— Como queira, como queira. Mas lembre-se que estou cumprindo minha parte do trato.

— Também cumprirei a minha.

— Muito bem, então vou deixá-la. Tenho muito o que fazer no Hotel de Ville. Boa noite, *madame*.

Quando ele ia saindo, Christine perguntou:

— Teve notícias de René Valdis?

— Infelizmente não, *madame*. Meus homens não encontraram nem rastro de seu amigo. Não estava nas Tulherias, nem no quartel.

— Será que ele está... está...

— Morto? Não faço idéia — atalhou Talleyrand, dando de ombros. — Mas é o mais provável. Boa noite.

Christine esperou-o fechar a porta, para só então jogar-se na cama, perdida num mar de tristeza. Tirou o vestido que René lhe dera com tanto carinho, abraçando-se a ele entre soluços silenciosos. Ficou com a roupa de baixo, não querendo pôr nenhuma das ricas peças de seda que ganhara de Talleyrand.

Contudo, o sono não veio. Rolou na cama a noite toda, apesar de estar sobre um colchão inacreditavelmente macio. De madrugada, conseguiu mergulhar num torpor anesthesiado, e sonhou com um diabo negro e manco, cujo único olho azul se escancarava de repente e se transformava numa bocarra para engoli-la.

CAPITULO XV

Dilacerado até a alma, Gareth contemplava as ruínas enegrecidas do castelo. Quando deixara a Inglaterra, convencera-se de que encontraria Christine sã e salva em Beauvais. Agora, diante dos escombros, suas esperanças se desfaziam em cinzas.

— Ah, Christine, Christine! — murmurou. — Por que não esperou só mais alguns dias?

Desdobrou pela milésima vez a carta que havia chegado em Escarpa Negra no dia seguinte à sua partida para Londres. Lera-a tantas vezes, que as dobras gastas já quase se rasgavam.

Numa escrita elegante e firme, o marquês explicava a Christine tudo o que estava acontecendo na França, informando-a que decidira se refugiar na Áustria em casa de amigos. Encontrava-se muito bem e esperava encontrá-la assim que lhe fosse possível viajar para a Inglaterra, onde pretendia conhecer o genro e rever a filha.

— Com mil demônios, marquês! — murmurou Gareth, entre dentes — Por que não escreveu antes? Sua carta chegou tarde demais. Christine fugiu, e

eu não tenho como encontrá-la.

Dobrou de novo a carta e guardou-a, furioso com o marquês, furioso com Christine e furioso consigo mesmo. Porque não fora honesto com ela e não lhe contara a verdade.

Cansado, correu os dedos pelos cabelos chicoteados pelo vento e afastou-se das ruínas, arrastando-se sem vontade até o cavalo. Afagou-o e montou, sem saber o que faria. Seria quase impossível rastrear Christine no meio daquele caos destruído em que a França se transformara.

Com um vazio no peito, tomou a estrada principal, onde as sombras da tarde já se alongavam num silêncio enganosamente calmo. Súbito, um movimento estranho chamou-lhe a atenção. E suas esperanças ganharam novo alento quando viu uma mulher largar o ancinho e entrar correndo para dentro de uma pequena cabana.

Estalando o chicote, incitou o animal a galopar depressa em direção à cabana. Em menos de um minuto batia à porta com força, rezando para não ter se enganado. Na afobação, nem percebeu que a porta, por enferrujada e maltratada, não estava fechada. Sob a força de seus murros desesperados, os gonzos rangeram e um deles soltou-se da parede. A porta se abriu, para revelar-lhe que não se enganara. Diante de seus olhos, uma Babette quase irreconhecível, encolhida num canto, fitava-o cheia de pavor.

— Vá embora daqui, demônio negro. Jesus, Nossa Senhora, valei-me! Desapareça, Satanás! Já sei o que é o inferno, não preciso de mais!

Gareth se aproximou, perplexo. A risonha criada estava reduzida a um esqueleto, os olhos muito grandes e febris brilhando estranhamente dentro de duas covas fundas.

— Sou eu, Babette, *lord* Devlin. Vim procurar sua patroa, minha mulher.

— Já disse, vá embora. Chega de me castigar! Já tirou meu Jacques, que mais quer de mim?

Gareth entrou devagar, enquanto ela recuava de cócoras, como bicho acuado.

— Escute, Babette, eu não sou demônio nenhum, sou *lord* Devlin. Vim procurar Christine. Está me entendendo?

Um grunhido retorceu a boca da criada.

— Claro que compreendo. Nossa vida era boa e tranqüila, até que *mademoiselle* se casou com você. Tudo o que nos aconteceu foi por sua causa! Você e seu castelo mal-assombrado acabaram com nossa vida... Lá mora o diabo! E você é o pior de todos, é Lúcifer, porque é bonito e engana todo o mundo, até minha querida *mademoiselle*... Mas eu não me enganei! E agora estou pagando caro por isso! Diante daquele discurso sem sentido, Gareth perdeu a paciência. Agachou-se e fez Babette ficar de pé, sacudindo-a pelos ombros.

— Ouça, por todos os deuses! Onde está minha mulher? Ela esteve aqui? Você falou com ela?

Ela soltou uma risada estridente e mergulhou os olhos insanos em Gareth.

— *Mademoiselle* fugiu de você, foi para longe. Você jamais a encontrará em Paris! Ela não sofrerá a danação eterna que você deu para meu pobre Jacques. Oh, por que você o matou? Ele era tudo o que eu tinha! Tudo o que eu tinha!

Gareth largou-a, penalizado. Devagar, Babette escorregou para o chão.

— Era tudo o que eu tinha...

Sem saber o que fazer para ajudar a pobre infeliz, Gareth afagou os cabelos duros e emaranhados. Depois jogou um saquinho cheio de moedas de ouro no colo de Babette, que não se moveu.

— Você não devia ter matado meu Jacques... meu único tesouro... Não devia...

Ele deu-lhe as costas e saiu, o coração partido de dó. Nada mais podia fazer por enquanto; as moedas poderiam ajudá-la durante algum tempo. Mais tarde mandaria socorro, mas por ora seu pensamento estava todo dirigido para Christine.

Estalou o relho e partiu a galope, vencendo as estradas empoeiradas. Pretendia avançar o mais possível no caminho; se preciso, nem pararia para dormir. A julgar pela conversa de Babette, Christine estava viva, e em Paris.

O leve cortinado drapejava graciosamente sob a brisa fresca que entrava

pelas janelas francesas. Para além das portas envidraçadas, as grades do terraço se debruçavam sobre o jardim alegrado pelo canto dos pássaros. Christine, porém, não se comovia com a beleza da tarde. Alheia a tudo que a cercava, só fazia andar de um lado para o outro do quarto, tomada de profundo desespero.

Havia já quase uma semana que se mudara para a mansão de Talleyrand, e ainda não descobrira um meio de desenredar o intrincado novelo em que se transformara sua vida. Vivia em constante estado de alerta, sem saber nunca o que esperar do anfitrião. Ele a bombardeava com presentes e elogios hábeis, minando-lhe as frágeis defesas metodicamente. Nunca tentara levá-la para a cama, mas todos os dias aparecia com uma informação de pouca importância, pela qual cobrava um beijo.

Parou um pouco, perdida em meditação, as mãos acariciando o espaldar da elegante poltrona Luiz XIV. Com ar ausente, enterrou as unhas no macio estofamento, pensando na enormidade da estupidez que cometera. Como se permitira sequer admitir a idéia de se tornar amante daquele homem inescrupuloso?

— Que louca fui! Mil vezes imbecil, Christine de Beauvais! — sussurrou no silêncio do quarto. — Pensou que poderia enganar Talleyrand, logo você, sua tonta? Pois aí está o resultado. A raposa velha ganhou longe no jogo de astúcia!

Talleyrand trouxera na véspera os papéis do divórcio e os apresentara com ar triunfante. Sentindo-se miserável, Christine assinara com mão trêmula, lutando para não sair correndo e gritando. Quando os papéis voltassem à Assembléia, ela estaria livre do único homem que amara em toda a sua vida.

Cheia de angústia, correu os olhos pela linda prisão de seda e veludo. Ainda não compreendia como o tribunal poderia conceder-lhe o divórcio; ela era uma pessoa procurada pelos revolucionários. Talleyrand lhe garantira que, apesar do divórcio, ninguém sabia onde ela se encontrava, a não ser Danton. Mas essa história lhe parecia estranha demais, embora ele lhe assegurasse que algumas gorjetas gordas e bem dirigidas seriam capazes de

resolver qualquer assunto complicado.

Outro acesso de choro ameaçou-lhe os olhos cansados, mas ela não queria mais derramar lágrimas inúteis. Havia dias que não fazia mais nada além de chorar e se lamentar, o que a desgostava profundamente. Mas que outro modo tinha para desabafar a dor pungente que lhe dilacerava as entranhas? Quando se lembrava de Gareth e dos pais, as lágrimas desciam quase que automaticamente.

Esfregou os olhos com raiva. Precisava ser forte! Empenhava-se em não dar sinal de fraqueza diante do elegante carcereiro, que era esperto demais, e saberia usar essa fraqueza em proveito próprio. Como, de resto, vinha fazendo desde que a trouxera; manipulava habilmente a solidão e a carência afetiva de Christine com mimos e agrados.

Consumida em sombrios pensamentos, nem percebeu quando seu belo carrasco entrou.

Ela se virou, sobressaltada.

— Christine?

— *Monsieur!* Não sabia que estava aqui.

— É, eu percebi — respondeu ele, com um sorriso cheio de charme, entregando-lhe um buquê de rosas vermelhas. — Que pensamentos andam passeando por essa encantadora cabecinha?

Christine mirou-o bem nos olhos, sabendo que precisava acabar com aquele tratado de uma vez por todas. Inspirou fundo, engolindo em seco. Pelo menos, tentaria.

— *Monsieur...*

— Charles, por favor.

— Charles, quero que saiba que sou muito grata pela ajuda que vem me prestando, mas não posso mais ficar em sua casa. Nunca deveria ter concordado com sua proposta; foi um erro meu. Desculpe, mas não posso cumprir minha parte do trato.

O sorriso sumiu do rosto de Talleyrand, e seus olhos ganharam a dureza do granito.

— Depois de ter feito tudo o que podia para honrar minha palavra? Só

agora você me vem com essa?

— Desculpe, eu... eu jamais deveria ter concordado. A princípio, pensei que não seria difícil para mim. Mas vejo que me enganei redondamente, Charles. Você me pede algo que está além de minhas forças. Por causa de sua bela revolução, perdi tudo o que possuía, menos minha dignidade, e não pretendo abrir mão dela, mesmo que isso me custe a vida.

Sempre sensível aos pontos vulneráveis do inimigo, Talleyrand sorriu. Começava a conhecer melhor a leoa, e sabia que teria de mudar de tática. Sua voz soou macia como seda quando perguntou:

— É assim que se sente? Por quê, *chérie*?

Christine recuou, sentindo no ar que ele lhe preparava uma teia enganosamente suave. Largou as rosas sobre a mesa e limpou a garganta.

— Não posso lhe entregar a única coisa que me resta, Charles, uma vez que não sente nada por mim. Estaríamos ambos usando um ao outro, para atingir nossos objetivos. Isso está errado, não vê? Sinto muito, mas não posso continuar com esse trato. Você fala em eu honrar minha palavra... É irônico, não é? Porque, se eu honrar minha palavra, estarei jogando minha honra pela janela.

Talleyrand atravessou mancando a sala e pousou as mãos nos ombros de Christine. Mel escorria de seus olhos quando ele sussurrou brandamente:

— Está enganada, *chérie*. Eu sinto muita coisa por você. Acha que eu arriscaria minha vida se não fosse assim?

— Mas você concordou em me ajudar no dia em que me conheceu. E não sentia nada por mim.

— É verdade, não nego. Fiz um trato com você sem nenhuma emoção; tudo o que eu cobiçava era possuí-la. Porém, você foi ganhando meu coração devagar, Christine, como nenhuma outra mulher que conheci. Fique comigo, por favor. Vou ajudá-la a encontrar seus pais. Você agora é livre e não tem laços com mais ninguém, a não ser comigo; não há de que se envergonhar. Deixe-me amá-la como quero, e eu cuidarei para que nunca ninguém lhe faça mal.

Enquanto falava, Talleyrand puxava-a para si. Diplomata experiente,

media as palavras como ninguém, sabendo dosá-las na medida justa para manipular as coisas a seu inteiro proveito. Conseguira sobreviver à revolução com esse talento, e com ele se tornara um mestre na arte dos jogos amorosos. E raramente saía vencido.

— Não posso — murmurou Christine, sacudindo a cabeça.

Charles rilhou os dentes de frustração. Desde que essa mulher entrara em sua vida, resolvera que a teria na cama de qualquer modo, e chegara a extremos desconfortáveis, tal como fazê-la acreditar que realmente arriscava a própria segurança. Na verdade, nada arriscara; o papel do divórcio que trazia no bolso fora forjado por mãos peritas, e poucas pessoas seriam capazes de detectar a fraude. A falsificação, custara-lhe bom dinheiro, mas ele achava que valia o preço, pois só assim conseguiria que Christine se entregasse. Talleyrand era orgulhoso demais para forçá-la. A leoa tinha de vir lambar em sua mão por vontade própria, jamais obrigada.

Por outro lado, percebera que nada conseguiria se ela não se julgasse legalmente divorciada do inglês. Ora, o divórcio legal era impossível, principalmente depois daquela maldita carta de Lafayette; ninguém se atreveria a ligar-se publicamente com a encantadora Christine de Beauvais, procurada por toda a gendarmaria nos quatro cantos de Paris. Mesmo ele, que se sentava no tribunal, corria o risco de subir à guilhotina caso descobrissem que Christine vivia em sua casa.

Há pouco tempo, uma solene proclamação inglesa, assinada pelo duque de Brunswick, suscitara nova onda de antimonarquismo e reforçara a força da Assembléia Popular. O duque procurava defender o rei, tachando a revolução de criminosa e arbitrária. Em revide, todas as casas eram vasculhadas de alto a baixo, em busca de nobres escondidos. Mansões eram saqueadas, mocinhas aristocratas eram presas e estupradas, e os filhos varões herdeiros de títulos vinham sendo decapitados metodicamente, numa chacina jamais vista na história do mundo. Um passo em falso que desse, e a vida de Talleyrand não valeria mais nada.

O elegante francês pegou um cacho de cabelos de Christine, longo e sedoso, enrolando-o entre os dedos. Sua vontade era estrangulá-la ali mesmo,

a fim de aliviar a profunda frustração que sentia. Mas não fez nada; o tempo corria a seu favor. Se de todo ela se recusasse definitivamente, restava-lhe ainda o grandioso recurso de entregá-la ao tribunal, cumprindo assim seu papel de zeloso revolucionário francês.

Curvou-se com elegância e beijou a mão de Christine.

— Tentarei ser mais paciente, *chérie*. Não tenho intenção de forçá-la a nada; não é do meu feitio.

— Obrigada, Charles — murmurou ela.

Ao menos conseguira adiar o terrível problema. Mas por quanto tempo, santo Deus?

— Isto é para você, *chérie* — fez ele com displicência, jogando o documento falsificado no colo de Christine. — Agora, se me der licença, tenho muito o que fazer.

Fazendo uma reverência dentro do melhor estilo da corte, Talleyrand saiu.

As mãos de Christine tremiam a ponto de impedir-lhe a leitura do temido documento. Ali estava, com todas as letras, sua sentença de morte. O divórcio.

Repentinamente, sentiu-se tonta e enjoada. Voltou o rosto para a janela, aspirando com força a suave fragrância de rosas, numa tentativa de controlar a sensação de ânsia. O futuro agora parecia-lhe uma imensidão branca e árida, sem árvores, sem cores, sem nada. Apenas o vazio. Porque sua vida seria assim de agora em diante, sem Gareth.

— Oh, meu Deus! — soluçou, cobrindo o rosto com as mãos. — Eu não devia chorar... Mas quando penso que acabei de perder você, Gareth, meu adorador Gareth...

Pela primeira vez na vida — e sem saber que não seria a última — entregou-se por completo ao desespero, incapaz de lutar contra a cruciante amargura que assolava sua alma. Para piorar a situação, nas últimas semanas vinha sofrendo de estranho e contínuo mal-estar, que não sabia diagnosticar. Ah, se ao menos essa misteriosa doença a livrasse para sempre dessa angústia intolerável!

A madrugada chegou de mansinho e encontrou Christine mergulhada num sono inquieto, cortado de soluços.

Uma algazarra de vozes e gritos acordou-a. Christine saltou da cama ainda semi-adormecida e correu descalça para a varanda, mas o jardim embaixo sorria-lhe em cores tranqüilas. Nesse instante, outro grito lamentoso cortou os ares, vindo da casa em frente, do outro lado da rua. Um punhado de terroristas empurrava brutalmente os moradores para dentro de uma carroça, do mesmo modo como faziam os camponeses quando juntavam gado para vender no mercado.

Sem disposição para olhar a cena, Christine ia voltando para dentro quando viu Talleyrand a poucos centímetros dali. Também ele saíra para a varanda, atraído pelos gritos. De pé, encostado na janela francesa de seu quarto, assistia de braços cruzados àquele brutal abuso.

Sua expressão impassível desencadeou em Christine uma onda de indignação. Era esse homem frio e calculista que iria ajudá-la a achar os pais? Era com ele que teria de conviver sabia-se lá quanto tempo ainda? Nesses últimos dias, Christine tentara manter-se afastada da vida política do anfitrião, escondendo-se covardemente. Mas agora a verdade saltava-lhe à vista; o véu diáfano dos presentes e dos agrados caiu, para deixar à mostra o verdadeiro caráter de Talleyrand, o homem que ajudava a França a sujar as mãos de sangue.

Quase sufocando de repulsa, mirou-o com frio desdém quando ele lhe sorriu como se nada houvesse.

— Bom dia, *chérie*. Esperava que essa gritaria incômoda não a acordasse. Dormiu bem?

— Dormir! — explodiu ela, vermelha de raiva. — Como dormir, se o mundo todo está virado de pernas para o ar?

— Por isso mesmo, minha cara. Você acordaria mais tarde, sem saber o que se passou. Não seria muito melhor para sua paz de consciência?

— Não gosto de bancar o avestruz, *monsieur*. Prefiro saber o que acontece à minha volta.

— Ah, vejo que ficou aborrecida com o que viu.

— Aborrecida?! Por quem me toma, *monsieur*! Eu estou chocada, escandalizada, estarrecida! E mais ainda com sua frieza diante dessa atrocidade.

Ele deu de ombros e tomou uma pitada de rape.

— Não posso modificar uma decisão da Comuna. Desde a prisão do rei, mais de mil pessoas foram levadas em custódia. Até eu, minha cara, ando preocupado com meu pescoço... e com o seu, naturalmente. Agora entre e descanse. Está muito pálida hoje.

Talleyrand cruzou a ensolarada varanda e pegou-a pelo braço, a fim de escoltá-la, mas Christine puxou o braço com violência. Cheia de aversão, viu-o pela primeira vez em toda a nudez de caráter; vazio, arrogante e mau. Uma cobra, enfim, e das mais traiçoeiras. Não sabia como se permitira até beijá-lo!

À nojenta lembrança, instintivamente limpou os lábios com as costas da mão.

— Só agora me dei conta de que você é, realmente, um deles.

— Ora vamos, minha flor. Não me compare com essa ralé, por todos os deuses! Apenas ajo conforme é de meu interesse, nada mais.

— Você é aristocrata. Contudo, foi conivente com a prisão do rei sem sequer ter movido um dedo em protesto! Não tente jogar poeira dourada em meus olhos, Charles, com seus presentes e mimos. Não pode negar o papel que desempenha nisto tudo, inclusive no triste espetáculo que acabamos de assistir. É culpado, porque permite que Robespierre e Marat arrastem multidões ignorantes a praticar atos cruéis.

— Obedeço a ordens, *madame* — replicou Talleyrand, esforçando-se para aparentar indiferença, mas fervendo por dentro.

— É uma desculpa triste e patética — sentenciou Christine com desdém, entrando no quarto.

À vista dos ricos cetins e dos delicados ornamentos dourados, parou. Tudo lhe pareceu vergonhoso e distorcido. Que diferença entre aquele luxo ostensivo e o quarto discreto e acanhado de René! Que dignidade havia naquelas cortinas de tecido grosseiro, nas canecas desbeijadas, na mobília pobre!

Sem pensar mais, correu para o armário e de lá retirou seu velho vestido.

— Que está fazendo?

— Vou-me embora daqui, *monsieur*.

Talleyrand aproximou-se coxeando, os olhos frios como gelo.

— Não me toque. Suas mãos delicadas, *monsieur*, estão manchadas de sangue.

— *Chérie*, não posso deixá-la sair. É perigoso demais para você.

Por baixo da peruca empoada, grandes bagas de suor começaram a descer pela testa de Talleyrand. Se Christine fosse presa, muita coisa desagradável viria à tona.

— Mais perigoso para minha sanidade mental é continuar aqui, com você.

Ele a agarrou com raiva, fazendo-a encará-lo.

— Pequena idiota! Arrisquei minha vida para lhe oferecer proteção, e essa é o pagamento que recebo? Se você for presa, minha reputação estará arruinada. Não posso permitir que isso aconteça!

— Não tenha medo, sossegue — respondeu Christine, livrando-se com desdém. — Nada direi que possa prejudicá-lo.

— Espero que mantenha sua palavra, *madame*. Ou providenciarei para que aqueles que você mais ama sofram e paguem em seu lugar.

— O que quer dizer? — perguntou ela, já assustada.

— Apenas o que eu disse, minha cara. Por exemplo, aquele seu amigo... como se chama mesmo? Ah, sim, René Valdis. Acho que o tribunal ficaria mais que interessado, quando soubesse que você se escondeu na casa dele.

— Você me disse que René estava morto!

— Não — respondeu ele, ajeitando as rendas do punho com um sorriso confiante. — Eu nunca afirmei nada parecido. Soube que seu amigo, na verdade, sofreu alguns arranhões naquele dia, mas agora está muito bem. Até já voltou a servir no quartel.

— Por que não me disse antes? — gritou, indignada. — Oh, não precisa responder. Você sabia que eu voaria para a casa de René assim que soubesse que ele estava bem, não é? Meu Deus, como fui cega! Você é maquiavélico!

— *Chérie*, tudo isso não tem importância. O que importa é que nos separemos como bons amigos. Como já lhe disse algumas vezes, eu faço apenas o que acho que devo fazer. É assim que se vence na vida.

— Depende do ponto de vista — rebateu ela, erguendo o queixo. — De minha parte, você não é um vencedor, mas um perdedor.

A expressão de Talleyrand endureceu.

— *Madame*, está livre para deixar minha casa. Sugiro-lhe que não abuse de sua sorte. Se eu quiser agora, posso chamar meus criados para mantê-la presa na cama o tempo suficiente para possuir esse belo corpo... e depois de satisfazer meu apetite, posso entregá-la ao tribunal sem piscar um olho.

Talleyrand blefava. Se os criados dessem com a língua nos dentes, breve o tribunal ficaria sabendo que Christine de Beauvais estivera hospedada em sua casa. E isso, decididamente, não estava em seus planos. Por enquanto, conseguira manter segredo; inventara uma história complicada para justificar a presença da jovem, a quem dera um nome fictício, e o mordomo parecera acreditar. Não poderia, jamais, correr o risco de ser descoberto. Como excelente diplomata que era, Talleyrand sabia quando devia bater em retirada.

Sem olhá-la mais, girou nos calcanhares e saiu coxeando.

Mas para Christine a ameaça surtiu efeito. Apavorada, enfiou o vestido grosseiro no corpo e desceu a escadaria, ganhando a porta e a rua em menos de dois minutos.

Correu sem destino, até se ver bem longe da elegante mansão, a um tempo aliviada e desesperada. Sabia muito bem o quanto lhe custaria a separação de Talleyrand; estava novamente sozinha e sem amigos. Voltar para a casa de René? Não. O amigo já fizera demais por ela, e não podia ficar se arriscando mais. Restava-lhe tentar escapar com vida de Paris.

Viera com a finalidade de encontrar os pais, mas nada do que vira ou ouvira lhe dera qualquer esperança. Era tempo de encarar a realidade, a realidade que evitara enfrentar desde que chegara à França. Nada poderia fazer por eles, mesmo que os encontrasse com vida. Ninguém a ajudaria.

Aceitando finalmente esse fato, Christine parou de correr e fez uma

pausa, ofegando. Seu coração clamava que voltasse para a Inglaterra, para os braços do único homem que a compreendera, e a quem dera as costas. Gareth.

Olhou em volta, procurando se situar. Com um pouco de sorte, estaria chegando aos portões de Paris no final do dia.

CAPÍTULO XVI

— Seus papéis, *mademoiselle*!

Christine estacou, o coração batendo furiosamente. Passara o dia se escondendo, andando com cuidado, procurando os caminhos mais escuros, as vielas menos movimentadas. Custara-lhe um trabalho insano chegar até os portões de Paris; seus ossos estavam moídos, a garganta seca e o estômago revirado. Assim que divisara os portões de saída, contivera-se para não correr; ao contrário, mantivera-se quieta e esperara juntar-se a um grupo de camponeses que deixava a cidade empurrando seus carrinhos vazios. E, apesar de todos esses cuidados, fora apanhada.

Fingiu procurar nos bolsos, revirando-os durante alguns instantes. E depois, com expressão aflita, murmurou:

— Eu... eu acho que perdi meus documentos...

O guarda fez um gesto de desdém e disse, cheio de sarcasmo:

— *Ah, oui, bien sûr...* Exatamente como todo mundo que tenta passar pelos portões sem ser notado. E exatamente como essa gente, você não tem documento nenhum, *c'est pas vrai?*

— Não, não, eu tenho todos os documentos, está tudo em ordem, asseguro-lhe...

— Pois então deixe-me vê-los, ora essa!

— Acho que fui roubada, *monsieur*. Ainda esta manhã, estava com eles e até os mostrei para o outro guarda, ao entrar em Paris... Eu vinha vender alguns nabos que costumo plantar no quintal de minha casa!

— Nada de truques, *mademoiselle*! Nabos, hein? Pois sim! Ande, comece a

dizer a verdade. Mas não aqui. Vamos andando!

— Espere, eu posso explicar...

— Sim, sim, vai explicar tudo. Mas não aqui, já disse.

Assim falando, o guarda empurrou-a sem nenhuma cerimônia, forçando-a a caminhar.

— Eu não minto, *monsieur*. Sou apenas uma órfã que vem todos os dias à cidade para vender meus pobres pertences.

O gendarme estudou Christine com olho crítico.

— Seus pertences... Sim, entendo. E olhe que eles não são poucos, não é?

— comentou, pousando os olhos nos seios de Christine. — Se eu não estivesse a serviço, garanto-lhe que pagaria bom preço por eles!

Ela corou até a raiz dos cabelos.

— *Monsieur*, vendo apenas nabos e cenouras.

— Acredito, acredito... De qualquer forma, o que *mademoiselle* vende não está em discussão agora, e sim sua documentação. Sem ela, o único lugar para onde poderá ir é o Hotel de Ville.

Ouvindo o terrível nome, Christine parou e se agarrou no braço do gendarme, os olhos desmesuradamente abertos, os lábios trêmulos:

— Não, *monsieur*, não... Por favor, não me prenda! Minha tia está doente, e espera que eu lhe sirva o jantar daqui a pouco! Tenha piedade, eu lhe imploro!

— É uma pena, mesmo — murmurou o guarda, balançando a cabeça e estalando a língua levemente. — Você sabe falar com os homens, hein? Contudo, sou um gendarme decente, *mademoiselle*, e meu dever é levá-la à Comuna. Tenho ordens de levar todo mundo, compreendeu? Todos sem documentos. Mesmo que seja uma mocinha linda e apetitosa como você. Não insista, e me acompanhe.

Percebendo que daquele homem não conseguiria nada, Christine se resignou a acompanhá-lo pelas ruas apinhadas até o temido Hotel de Ville. Ao chegarem, Christine foi conduzida não para o gabinete luxuoso e escuro de Talleyrand, mas para uma saleta apertada, de paredes nuas, ao longo das quais se alinhavam bancos de madeira. Neles, homens e mulheres esperavam

sentados, de ombros curvados e cabeça baixa, em silêncio humilde e descorçoado. Consumidos pelos próprios contratempos, pouco se interessaram quando o zeloso gendarme ordenou à recém-chegada que esperasse junto com os outros.

Christine correu os olhos pelo triste grupo e sentiu enorme desalento. Era sua segunda visita ao Hotel de Ville, e desta vez suas esperanças de sair livre dali diminuíram consideravelmente.

Escondeu as mãos trêmulas entre as dobras da saia. O mesmo medo que lia nos rostos cansados e deprimidos apertava-lhe o peito; irmanada com aquela pobre gente, sentia a mesma vontade de gritar, bater, arranhar, fugir. E, como os outros, sabia que esse tipo de rebeldia só faria piorar a situação.

O silêncio mortal era quebrado apenas pela respiração opressa e entrecortada de um homem grisalho, que se remexia inquieto no banco em frente, os olhos assustados movendo-se incessantemente nas órbitas empapuçadas e envelhecidas. Por um momento, o olhar de Christine cruzou com o dele; não durou mais que uma fração de segundo, o suficiente para ela detectar angústia, terror e resignação. Eram os olhos de alguém que já conhecera os horrores de um interrogatório hábil e cruelmente dirigido. De alguém que não sabia mais o significado da palavra esperança.

As horas foram se arrastando, até que Christine se viu só na acanhada saleta, em meio aos bancos vazios e desalinhados. Que acontecera com toda aquela gente? Uma a uma, as pessoas haviam sido chamadas, porém nenhuma voltara; era como se tivessem sido tragadas para um mundo invisível e ameaçador.

Finalmente, um gendarme entrou e fez-lhe sinal que o seguisse. Exaurida por um dia inteiro de ininterrupta caminhada, sem ter ingerido nem mesmo um pedaço de pão, Christine se ergueu nas pernas bambas e voltou a cair pesadamente no banco. Irritado, o guarda vociferou:

— Nada de truques, sua cadela. De pé, vamos! Já estou cansado desse jogo que todas as mulheres fazem... Desmaiam, têm chiliques, choram... E minutos depois estão dançando o minueto, assim que conhecem o peso de meu braço. Não me obrigue a usar de violência, que minha cota de paciência

diária está esgotada.

Christine trincou os dentes e, refugiando-se na anestesia da indiferença, conseguiu pôr-se de pé. Foi empurrada para um cômodo escuro e sombrio, em cujo centro havia uma cadeira parcamente iluminada.

— Sente-se aí — ordenou-lhe o guarda, com rudeza.

Enquanto ela obedecia, o homem começou a acender várias lamparinas à sua volta, deixando-a num círculo de luz ofuscante.

— Pode me ver daí, moça?

Christine levou a mão em pala à testa, procurando enxergar o guarda. Mas a luz intensa impedia-a de ver qualquer coisa, a não ser ela e a cadeira.

— Não, *monsieur*. Não posso vê-lo.

— Ótimo. Fique aí mesmo e não se mexa. E abaixe essa mão; nada de tentar enxergar. Se não me obedecer, serei obrigado a amarrar seus braços na cadeira.

Houve um breve silêncio, seguido de passos. Christine compreendeu que algumas pessoas entravam e se sentavam em silêncio; pareceu-lhe que formavam um círculo à sua volta. Quantos seriam? Impossível dizer. A imagem do inferno veio-lhe à mente. Ali estavam, mergulhados nas sombras, os demônios que a condenariam sem apelação.

A luz intensa, além de cegá-la, fazia-a suar abundantemente. Quis baixar a cabeça para proteger os olhos, mas seu orgulho falou mais alto. Preferiu manter-se ereta, o queixo muito erguido, os olhos piscando sem cessar.

Apesar de estar esperando alguma surpresa desagradável, Christine não pôde deixar de estremecer quando uma voz masculina, rascante e forte, se ergueu por trás da luz brilhante:

— Cidadã, você foi trazida para cá porque tentou deixar a cidade sem documentos. É nosso dever descobrir por que razão fez isso.

— Perdi meus papéis no mercado.

— Qual é seu nome?

— Marie Dubois.

O nome saiu hesitante, num fio de voz.

Ouviu-se o ruído de uma cadeira arrastada e, em seguida, Christine

divisou o vulto de um homem que se aproximava. Era gordo, e quando ele chegou mais perto, exibiu um rosto balofo, fundamente marcado de varíola. Uma peruca branca, com rolos empoados sobre as têmporas, encimava-lhe a testa grande. O homem examinou-a por trás dos óculos e sentenciou:

— Ela mente.

A voz rascante ecoou novamente das sombras:

— Costuma mentir, cidadã?

Involuntariamente, ela se virou para o lado da voz, a tempo de entrever rapidamente um rosto severo, de linhas marcantes e maçãs proeminentes. Tinha nariz curto e arrebitado e lábios grossos, mas o que mais chamou a atenção de Christine foi a cicatriz. Aérea, ela se perguntou que terrível acidente o desfigurara daquele modo. Como se isso importasse agora!

O rosto mergulhou novamente na escuridão. Ela limpou a garganta e endireitou os ombros, forçando-se a manter a voz clara.

— Não, eu não costumo mentir.

— Cidadão Danton, eu insisto que essa mulher mente — interveio o bexiguento. — Esta é quem temos procurado em vão nos últimos dias. Seu nome é Christine Devlin, e pouco me interessam as mentiras que ela disser aqui. A descrição que os soldados de Lafayette me deram combinam. Sem dúvida, estamos diante de uma aristocrata traidora de nossa causa.

Christine sacudiu a cabeça com veemência, mas foi em vão. O homem estava convencido, e nada o demoveria de sua conclusão — aliás, acertada.

Sentiu-se perdida. As veias das têmporas começaram a latejar, martelando-lhe o cérebro entorpecido.

Mas um movimento familiar despertou-lhe a atenção. Apertando os olhos, conseguiu reconhecer Talleyrand calmamente sentado, enquanto seus companheiros discutiam o que deviam fazer com a prisioneira. Christine arquejou e abafou uma exclamação. Impassível, Talleyrand inclinou-se deliberadamente para a frente, deixando-a ver os olhos azuis, frios e distantes, que a fitavam como se olhassem para uma parede. Ela sustentou o olhar, perguntando-se em desespero por que razão o francês não a denunciava de uma vez.

Após calorosa discussão, na qual Talleyrand não tomou parte, o bexiguento falou:

— Cidadã, em minha opinião você é uma traidora da França. E como tal, deverá ser julgada perante nossos tribunais. Quando for executada, servirá de excelente exemplo àqueles que renegam nossa causa.

— Cidadão Robespierre — interveio a voz de Danton —, concordo que ela seja julgada, mas primeiro precisamos encontrar amigos ou familiares da cidadã; só assim teremos absoluta certeza de sua identidade. Se ela está envolvida num complô contra a revolução, como pensamos, certamente é peixe pequeno. Temos de jogar a rede, a fim de apanhar os maiores.

— Não estou envolvida em nenhum complô, *monsieur* Danton — rebateu Christine, inesperadamente calma.

Robespierre inclinou-se de novo e examinou-a por trás dos óculos. Chegou tão perto que Christine pôde ver em seus olhos um repulsivo muco amarelo.

— Se é verdadeiramente inocente, então diga-nos seu nome. E o nome de quem a manteve escondida durante o tempo em que nossos melhores homens vasculhavam Paris.

Ela volveu os olhos para Talleyrand, mas logo os desviou. Dera sua palavra de que nada diria, e pretendia honrá-la. De mais a mais, temia pela segurança de René; o ex-clérigo fora bem claro em suas ameaças.

Robespierre sorriu, triunfante.

— Seu silêncio condena-a mais que mil palavras, cidadã. Guarda, leve-a para La Force. Talvez os ratos e os vermes a façam destravar a língua.

— Sou inocente! Nada fiz contra meu país! — bradou Christine, lutando ferozmente contra o guarda.

Mas o homem era bem mais forte e acostumado a tratar com prisioneiros rebeldes. Arrastou-a com relativa facilidade para fora do quarto, enquanto as brilhantes lamparinas eram apagadas por outro assistente.

Robespierre esfregou as mãos.

— Bem, companheiros, hoje nosso dia não foi de todo improdutivo, principalmente agora, com esse precioso achado. Encontraremos todos os

conspiradores ligados a *madame* Devlin, e eles não de pagar com a vida.

Ninguém notou a expressão calada e taciturna de Talleyrand, em cuja cabeça fervilhavam planos de fugir da França. Tencionava viajar dentro de alguns meses, mas os acontecimentos daquela noite fizeram-no antecipar a fuga. Decidiu que partiria para a Inglaterra o quanto antes.

O gendarme subjugou Christine pelo pescoço, aplicando-lhe sufocante gravata, e arrastou-a pelos corredores até a rua, onde uma carroça capenga, abarrotada de gente, aguardava a última prisioneira. Empurrou-a brutalmente para dentro, gritando para o outro guarda que vigiava o gado humano:

— Cuidado com essa, é uma bruxa! Uma gata brava, é o que ela é!

E limpava raivosamente os inúmeros arranhões com um lenço, enquanto o colega ria, a boca sem dentes escancarada.

A carroça pôs-se em movimento. Mergulhada em estupor indiferente, Christine mal se apercebeu que grupos de patriotas passantes atirava lixo, ovos podres e tomates estragados no veículo, praguejando contra os presos. A violência popular voltava-se contra todo aquele que fosse preso e julgado suspeito pela temível Comuna.

Nenhuma luz iluminava a espessa noite quando a carroça adentrou o pátio da prisão. Os prisioneiros foram espremidos em cubículos estreitos, onde encontraram uma sopa rala e pedaços de pão duro para comer. Tiritando de frio, Christine escorregou para um canto de sua cela, dobrada sobre si mesma. As migalhas do pão que roera eram disputadas por ratos. Um deles, mais corpulento, derrubou a gamela de sopa, que se esparramou no chão de terra batida.

Christine escondeu o rosto entre as mãos emagrecidas e sujas, imaginando se sua sentença já não estava sendo cumprida. Porque se achava, desde já, em pleno inferno.

Quase morto de cansaço pela jornada estafante, Gareth atravessou os portões de Paris, identificou-se e tomou o rumo da residência, do embaixador inglês. A viagem de Beauvais à capital fora cheia de imprevistos desagradáveis; inúmeras vezes fora detido por soldados austríacos e fran-

ceses. Felizmente, Gareth viera prevenido, possuindo documentos que lhe davam imunidade diplomática. Mesmo assim, atravessara momentos aborrecidos, pois os soldados, em sua maioria, não sabiam ler, e olhavam desconfiados para os papéis, estudando-os e discutindo-os entre si.

Na estrada, presenciara espetáculos dantescos. Para onde se voltasse, só vira miséria e desolação. Seu espírito se voltara o tempo todo para a única mulher que amara, e que no momento se achava perdida em algum canto da capital francesa. Tomado de intenso sentimento de culpa e remorso, mal conseguira dormir durante a longa jornada. Arrependia-se profundamente de não ter sido honesto com Christine desde o começo; talvez as coisas tivessem sido muito diferentes, não fora sua falta de coragem para contar tudo sobre a maldição, sobre Adam, e principalmente sobre a real situação da França.

Agora que a perdera, percebia que fizera mal em não lhe confessar seu amor, em não se deixar embalar pelas ondas de paixão e de confiança que ela lhe oferecera com tanta generosidade. Que imbecil fora! E quanta ironia havia na peça que o destino lhe pregara! Porque Christine, ao fugir de Escarpa Negra, ajudara-o a manter seu juramento de interromper o curso da maldição.

Defronte da elegante mansão do embaixador britânico, Gareth puxou as rédeas e saltou para o chão. Desafivelou da sela o pacote que o rei George lhe confiara e correu os olhos fatigados pela rua orlada de ricas mansões, imaginando que logo tudo aquilo seria destruído pela ganância de homens como Robespierre e Marat. Nos últimos dias, passara a detestar a França revolucionária com seus enlouquecidos governantes.

Um criado de libre veio atender à porta e o fez entrar, conduzindo-o para uma pequena e sóbria antecâmara.

— Aceita um chá, *milord*? Sua Excelência vai descer num instante.

— Por enquanto não, obrigado.

Gareth sentou-se no elegante sofá, louco por um banho e algumas horas de sono. Mas mal começara a cochilar, quando Henry Stafford entrou apressado, a mão estendida e um largo sorriso no rosto.

— Meu caro Devlin, é um prazer revê-lo. O que o trouxe a este infeliz

país?

— O rei pediu-me que lhe entregasse este pacote. Há uma carta dele aí dentro.

— Obrigado. Venha, vamos para meu estúdio. Poderemos conversar à vontade lá.

O estúdio era amplo, bem arejado e decorado no mais puro estilo inglês. O embaixador correu a porta cuidadosamente e afastou as cortinas das janelas, por onde o sol jorrou radiante.

— Ah, gosto deste escritório. É aqui que consigo me isolar dos problemas lá fora.

— Não deixa de ser estranho — comentou Gareth, melancólico — que haja tanta confusão a poucos metros daqui. Esta sala é mesmo uma ilha de tranqüilidade.

— É meu pedacinho da Inglaterra, meu caro. Aceita um conhaque?

— Sim, obrigado.

Stafford despejou a bebida em dois cálices esguios e ofereceu um ao visitante. Brindaram em silêncio e beberam. Após alguns instantes, o embaixador mais afirmou que perguntou:

— Sem dúvida já está a par que o rei Luís foi preso?

— Já. Soube por intermédio de nossos agentes de Le Havre. Se o rei sofrer qualquer ato de violência, a Inglaterra romperá relações diplomáticas com a França, isso é ponto pacífico. O rei George acha que não podemos permitir esse tipo de violência. Pode vir a ser perigoso até para nosso país!

— Já suspeitava disso, Devlin — respondeu o embaixador, rodando o copo entre os dedos. — Se a Inglaterra insistir nessa tecla, teremos guerra. A assembléia legislativa agora está nas mãos dos radicais. Nada, ninguém salvará mais a família real.

Gareth permitiu-se relaxar os músculos na poltrona de couro macio e estirou as pernas esguias para a frente.

— Os prussianos estão a caminho para libertar o rei e sua família. Longwy e Verdun já caíram em mãos da Prússia, e perto de Champagne vi centenas de soldados franceses batendo em retirada.

O embaixador serviu mais duas generosas doses antes de falar, em tom cético:

— Pode ser, mas aqui em Paris a coisa será diferente. Nosso Duque de Brunswick retardou demais a invasão, e agora creio que não há mais esperança. Há dezenas de execuções diariamente, e as prisões estão lotadas de condenados aguardando a decapitação.

Gareth lançou um olhar angustiado ao amigo.

— Devlin, você não me engana. Á encomenda do rei não foi a única razão dessa sua estranha viagem, não é assim?

Gareth passou uma mão cansada pelo rosto barbudo. Seus olhos negros cravaram-se no embaixador, cheios de dor e apreensão.

— Acertou, Henry. Vim à França na esperança de encontrar minha mulher, mas até agora nada consegui. Nem sequer uma pista!

O embaixador suspirou e depositou o copo sobre a mesinha.

— Oh, que contratempo, meu amigo! Ela veio para Paris?

— Acho que agora está aqui. Mas primeiro passou pela casa dos pais, o castelo Le Lion de Beauvais.

Stafford pareceu surpreendido.

— Então Christine de Beauvais é sua mulher?!

— Exatamente. Tem alguma notícia dela?

— Sei que está em Paris. Parece que foi presa há algum tempo.

Gareth endireitou-se na cadeira, subitamente alerta. Havia apreensão e alívio em sua voz quando indagou:

— Christine está aqui? Por Deus, Henry, onde? Onde?

— Desculpe, mas não faço a mínima idéia.

— Alguém poderia me ajudar?

— Dificilmente. Ela é considerada "persona non grata" pelo tribunal. Sendo assim, ninguém vai admitir que a conhece ou que a viu. Que enrascada, meu velho!

— Mas não há nenhuma pista? Qualquer coisa servirá, Henry. Estou desesperado!

O embaixador cofiou os bigodes por algum tempo.

— Há apenas um lugar neste mundo onde poderá obter alguma informação sobre sua mulher. É o Clube dos Jacobinos. Advirto, porém, que será perigoso se os jacobinos descobrirem suas relações com a família Beauvais. Pior ainda será se eles souberem a razão que o trouxe a Paris.

Gareth ergueu-se, agitado.

— Onde fica esse Clube Jacobino?

— Calma, homem. Sente-se de novo — disse o embaixador, empurrando-o com delicadeza para a poltrona. — Não é simples como pensa. Em primeiro lugar, você precisa conhecer pelo menos um dos líderes da assembléia.

— Não conheço nenhum — retorquiu Gareth, desalentado. — Que frustração, santo Deus!

— Bem, minha sugestão é irmos visitar o salão de madame de Staël. Danton costuma freqüentá-lo, e eu mesmo já estive lá um par de vezes. Madame protege os girondilhos, mas alguns jacobinos aceitam sua amizade com prazer, porque é uma senhora de grande inteligência e cultura. A melhor coisa que pode fazer, meu amigo, é descansar em minha casa por alguns dias. Enquanto isso, mexerei usarei de alguns trunfos para ajudar sua Christine. Assim que eu souber que Danton irá visitar o salão de madame de Staël, levo-o comigo até lá.

Gareth encostou a cabeça e fechou os olhos. Saber que Christine estava perto dali fazia-lhe o sangue ferver. Como ansiava vê-la de novo!

O embaixador sorriu, como se tivesse lido o pensamento do amigo.

— Calma, ela sobreviverá. Se quer sair vivo daqui com Christine, terá de ter toda a paciência do mundo.

O som da chave girando na enferrujada fechadura despertou Christine de um sono. Já se achava naquela cela havia dois dias, e tudo o que fizera fora andar de cá para lá, a fim de não deixar as pernas adormecerem, e encolher-se como um feto contra as paredes de pedra, em busca de seu próprio calor. Mantinha-se constantemente em guarda contra os nojentos e peludos roedores que com ela dividiam as honras da refeição. Enfraquecida e cansada, passava horas em vigília atormentada intercaladas por breves minutos de

abençoada sonolência.

Uma lanterna ofuscou-lhe a vista, fazendo-a piscar.

— Venha comigo, cidadã — falou o guarda, a fisionomia tão neutra e assustadora quanto um odre vazio.

A sombra da guilhotina passou como relâmpago na mente de Christine. Chegara a tão temida hora! Com dificuldade, ergueu-se do chão úmido, sentindo um frio de morte gelar-lhe as entranhas. Suas pernas bambas, todavia, recusaram-se a obedecer, e ela tombou como fardo de volta ao chão. Seria o medo? Ou seria o cansaço e a fome? Talvez as três razões juntas, associadas à imensa melancolia que vinha sentindo há séculos? Christine não sabia, e também pouco se interessava em saber. Deixou-se ficar no chão, encostando o rosto ardente na terra fria.

Bufando de impaciência, o gendarme esticou a mão calosa e agarrou-a pelo pescoço, sacudindo-a com irritação incontida.

— Trate de ficar de pé, sua metida fiteira! Não tenho tempo para cuidar de histéricas lânguidas! De pé, de pé!

Christine conseguiu se manter a duras penas sobre as pernas, depois de reunir as poucas forças que lhe restavam. Sem resistir, deixou-se empurrar e arrastar pelos corredores e escadas. Uma ou duas vezes viu-se quase desmaiando, mas o orgulho obrigou-a a manter a cabeça alta, a despeito do zumbido nos ouvidos e dos pontos pretos na vista. Depois de muito andarem e descerem, o guarda abriu uma porta e atirou-a rudemente para a frente, fazendo-a entrar numa sala.

Sem o apoio da mão maciça e calosa do gendarme, Christine caiu de joelhos. Tremendo de humilhação, mordendo os lábios até sangrar, conseguiu ficar de pé e encostar-se à parede, a respiração opressa e entrecortada. Depois de alguns instantes, afastou os cabelos desgrehados dos olhos e encontrou-se diante de Robespierre. À vista daquele rosto odioso, o velho orgulho Beauvais se acendeu. Christine ergueu a cabeça e endireitou os ombros. Jamais deixaria aquele homem saber o quanto sofria. Jamais lhe daria esse gosto!

Ao vê-la, Robespierre franziu o nariz com desgosto, levando um lenço

perfumado ao nariz. Sentia-se insultado pelo mau cheiro da prisioneira, pelos cabelos sujos, pela roupa imunda.

— Bem, cidadã, espero que agora tenha aprendido a lição. Pretende ser honesta comigo desta vez?

Christine estava doente demais, cansada demais para insistir na mentira. Nesse momento, a morte lhe parecia uma dádiva preciosa.

— Meu nome é Christine de Beauvais.

Ele assentiu com ar triunfante.

— O que eu já sabia desde o começo. Está pronta para me contar quem mais está envolvido na conspiração contra a república?

Christine fitou-o altivamente por trás dos olhos brilhantes de febre:

— Já disse que sou inocente nesse ponto. Vim a Paris com o único objetivo de encontrar meus pais. Nada sei sobre conspirações.

Robespierre sentou-se e cruzou as pernas, exibindo um par de longas meias imaculadamente brancas, e tamborilou de leve sobre os joelhos, escondidos sob um calção justo de cetim.

— Sim, você disse, mas isso não quer dizer que não está mentindo. Espera que eu acredite nesse conto da carochinha?

Balançou a cabeça diante da ridícula idéia e disfarçou um bocejo enfadado.

— Você trouxe uma carta do traidor Lafayette, dirigida a Talleyrand. Todo o mundo conhece a simpatia de Lafayette pela aristocracia; aliás, ele mesmo faz parte dessa corja. Quanto a Talleyrand, ele nega conhecê-la, mas o modo como você reagiu quando o viu no interrogatório me leva a pensar de maneira diversa. Vou lhe perguntar novamente, cidadã Beauvais. Por que veio para Paris? Talleyrand e Lafayette estão tramando a libertação do rei?

— Já respondi o que sei. Desconheço qualquer conspiração.

Era uma tortura permanecer de pé. Christine sentia a pele arder de febre, a cabeça girar e a boca seca. Umedeceu os lábios com a língua, rezando para não desmaiar na frente do homem mais poderoso da França.

— Está arriscando sua vida para proteger gente que não moverá o dedo mindinho para ajudá-la, cidadã. Não acha que é uma loucura que está

cometendo?

— Não. Ninguém comete loucura falando a verdade.

— Veremos então até que ponto é sincera — replicou Robespierre, levantando-se. — Guarda! Leve essa cidadã de volta para a cela. Não lhe dê água nem comida de espécie alguma, entendeu?

Desta vez, Christine não agüentou a penosa subida até a prisão. O guarda, bufando e praguejando, viu-se obrigado a carregá-la nos ombros. Assim que chegaram, largou-a no chão sem qualquer traço de piedade.

— Bons sonhos, duquesa. Que os ratos a devorem!

Christine mal teve forças para se enrolar num pedaço de pano roído de traças, pomposamente chamado de cobertor. Deitou-se no chão úmido, tremendo de febre, enquanto se indagava em desespero se algum dia teria fim todo aquele sofrimento. Ansiava pela libertação, mas sabia que suas esperanças eram nulas; nenhum amigo, nenhum parente sabia de seu paradeiro, e mesmo que soubessem, nada poderiam fazer. Restava-lhe a suprema libertação da morte.

Sentado num canto discreto do grande e iluminado salão, Gareth bebericava seu vinho, tentando aplacar o desespero que o torturava desde o instante em que acordara naquele dia. A imagem de Christine perseguira-o o dia inteiro. Era a imagem de uma pobre mulher sofrida, muito diferente da orgulhosa francesinha que conhecera em Escarpa Negra. Ela estava perto, mas onde? O embaixador não conseguira descobrir o paradeiro de Christine, apesar de toda a boa vontade que demonstrara em ajudá-lo.

Esvaziou a taça e colocou-a de lado, admirado de ver que suas mãos tremiam. Achava-se no salão de madame de Staël havia quase três horas, e até aquele momento só fizera escutar futilidades. Henry Stafford já o apresentara a madame de Staël, mas esta parecia por demais ocupada para lhe dar atenção. E ninguém o apresentara a Danton, que bebia e conversava, alheio a seu sofrimento. Odiava estar ali, odiava a companhia daquela gente responsável pelo terror que testemunhara ao atravessar a França.

Seus olhos negros percorreram os convidados com supremo desprezo. A elite da mais nova sociedade francesa achava-se reunida ali, discutindo as

últimas fofocas da revolução como se fosse algo de banal e rotineiro. As pessoas desfilavam seus trajes luxuosos, orgulhosas de terem o privilégio de freqüentar o salão mais afamado da capital. A revolução pregara a igualdade dos homens, mas Gareth não via igualdade entre as ruas esburacadas e as paredes forradas de seda, os candelabros de prata, as iguarias servidas. Muito menos entre o sofrido povo e os convidados, todos pertencentes aos mais altos escalões do governo.

Irritado até o âmago da alma, serviu-se de mais um corpo. Queria encontrar Christine e deixar a França o quanto antes. Parecia tão pouco, tão fácil!

Uma voz suave e feminina chegou-lhe aos ouvidos.

— *Monsieur* Devlin, Henry me disse que veio até aqui para falar com Danton?

Gareth voltou-se devagar e encontrou os olhos risonhos de madame de Staël examinando-o. Embora fosse alta e elegante, sua cabeça mal batia nos ombros dele.

— *Oui, madame*. Vim expressamente para falar com *monsieur* Danton.

— Alguma razão especial, *milord*? Sou curiosa, como toda a mulher deve ser.

— Desculpe, *madame*. O assunto é estritamente particular.

Madame de Staël escondeu o rosto atrás do leque e fez um ar coquete. Depois sussurrou baixinho e depressa:

— Ontem fiquei sabendo que uma linda senhora está presa em La Force. Seria essa a razão de sua visita ao meu salão?

Gareth empalideceu. Finas linhas de tensão marcaram-lhe o rosto, quando finalmente percebeu que *madame* de Staël procurava disfarçar sob o véu da coqueteria uma informação a um tempo perigosa e preciosa.

— *Madame* parece extremamente bem informada. Por acaso sabe a identidade dessa senhora presa?

A elegante francesa continuou a se abanar com a tranqüilidade e a pose de uma rainha. Depois de olhar para os lados, ela ensaiou um risinho frívolo, escondendo a boca atrás dos dedos finos.

— Está vendo alguém suspeito? — perguntou, como se estivesse fazendo uma declaração de amor.

Devlin aceitou o jogo e deu uma gargalhada, atirando a cabeça para trás.

— Não, ninguém. Seu marido está rodeado de homens que o ouvem com atenção. Há um bando de mulheres discutindo o último penteado da moda, e mesmo essas estão longe. Pode falar, minha cara *madame* de Staël. E aceite, desde já, minha eterna admiração por sua coragem e presença de espírito.

— Não sei muita coisa, infelizmente. Hoje Talleyrand fugiu do país, e há suspeitas de que ele andou com essa moça durante algum tempo. Dizem que ela conspira com Talleyrand e Lafayette para devolver o trono ao rei.

Ele riu, charmoso, aproximando os lábios do ouvido de *madame* de Staël, como quem cochicha palavras ardentes.

— Obrigado por tudo. Nem sabe como lhe sou devedor, de hoje em diante.

— Essa moça tem sorte. É um homem bonito e inteligente, e esses olhos negros falam de angústia e tristeza iguais às minhas. Também eu amo alguém que foi considerado traidor, e isso me faz sofrer o inferno na terra. Por enquanto, consegui escondê-lo dos jacobinos, mas não sei por quanto tempo poderei manter essa situação.

— Sim, eu sei — comentou Gareth, levando ao nariz o lençinho bordado que ela lhe entregava, com expressão derretida. — Stafford já havia me contado sua história.

— Gosta muito da prisioneira, não é assim?

— Sim, *madame*. Ela é minha vida.

— Espero que tenha sorte. Mas cuidado, *milord*. Vá devagar, se quer reaver sua bela mulher. Danton não é fácil.

— Germaine! — retumbou uma voz forte. — Quero mais champanhe!

Madame de Staël disfarçou um gesto de aborrecimento.

— Mas, *monsieur* Danton, parece que hoje já bebeu o suficiente para todo um regimento!

Danton avançou com passos meio incertos e apoiou um braço pesado nos ombros da anfitriã.

— Não o bastante para aplacar minha sede, Germaine!

— Hum... — brincou ela, maliciosa. — A coisa me parece grave! Sente-se aqui, *monsieur*. É mais confortável.

Delicadamente, *madame* de Staël conseguiu se livrar do incômodo peso, enquanto ajudava o homenzarrão a se esparramar na poltrona. Discreto, Gareth se afastou para perto da janela, procurando uma posição de onde pudesse escutar sem ser notado.

— Ora esta, Georges! Não estou acostumada a vê-lo beber desse jeito!

— *Non!* — murmurou Danton, sem prestar atenção no inglês. — Mas hoje é diferente, Germaine. Quero me esquecer do que está para acontecer amanhã.

— E o que está para acontecer amanhã?

— Meus companheiros estão aprontando outra. Querem guilhotinar todos os encarcerados que infestam nossas prisões.

— O quê!? — exclamou *madame* de Staël, aterrada.

— É isso aí, minha amiga — suspirou Danton, com a expressão carregada.

O revolucionário fingia uma contrição que estava longe de sentir. Na verdade, pouco se importava com o massacre iminente, embora a idéia não lhe fosse de todo agradável. Mas concordava com os colegas que as prisões se achavam abarrotadas, e não havia como alimentar tanta gente. Sua primeira idéia fora cortar a comida dos prisioneiros, o que, no frigir dos ovos, seria o mesmo que matá-los aos poucos. Sabia que *madame* de Staël nunca compreenderia, porém; era sempre melhor jogar a culpa nos ombros da Comuna. Principalmente porque gostava de freqüentar o elegante salão.

— A Comuna receia enviar os soldados para o fronte, porque não haverá mais quem vigie tantos prisioneiros. Ora, se por acaso os presos conseguirem fugir de La Force, a revolução correrá perigo. Como sabe, há muitos aristocratas encarcerados, que pegariam de bom grado em armas para tentar nos derrubar... Eis aí, em poucas linhas, a razão dessa abominável decisão. Matar todos os prisioneiros de uma vez.

— Deus do céu! — murmurou Gareth, lívido. — Christine...

Madame de Staël cortou a frase inoportuna com rapidez, e antes que o inglês pusesse tudo a perder, bateu de leve com o leque no ombro de Danton:

— Georges, vamos esquecer essas coisas tristes por enquanto. Tenho aqui um ilustre visitante que quer conhecê-lo.

Com um gesto gracioso e desenvolto, puxou Gareth pelo braço, pressionando-o significativamente:

— Aqui está nosso convidado da noite. *Monsieur* Devlin, enviado da embaixada britânica!

Danton levantou a cabeleira maciça para examinar Gareth, com ar suspeito. Estava bêbado, mas conservava lucidez suficiente para poder avaliar com exatidão aquele inglês alto e elegante. E os vapores do champanhe não o haviam impedido de ouvir as palavras aflitas que ele acabara de pronunciar.

— *Alors, monsieur*, parece que conhece Christine de Beauvais?

— É claro que ele conhece, Georges — interpôs *madame* de Staël, jogando com todo o charme que possuía, embora tremesse por dentro. — Gareth Devlin é marido dela. Sua prisioneira é inocente de qualquer tipo de conspiração, garanto-lhe. O único crime que cometeu foi o de vir a Paris em busca dos pais.

Danton fitou-a com olhos oblíquos e repentinamente sóbrios.

— Temos uma carta de Lafayette recomendando-a a Talleyrand. Meu camarada Robespierre tem absoluta certeza de que essa senhora está envolvida numa conspiração para libertar o rei.

— Então Robespierre está enganado — atalhou Gareth, adiantando-se. — A grande culpa de minha mulher é ser jovem demais e não entender os meandros da política. Foi loucura de sua parte vir à França num momento como este. Contudo, acha que ela deve morrer somente porque é inocente em relação ao que se passa no mundo?

— Além disso — interveio novamente *madame* de Staël, com a mesma desenvoltura e naturalidade —, *monsieur* Devlin está disposto a recompensar com grande generosidade quem quer que o ajude a encontrá-la.

Apesar de enojado, Gareth assentiu em silêncio. Já ouvira falar que

Danton não ficava indiferente diante de ouro. Notícias corriam que ele andara salvando gente da guilhotina, mediante gordas propinas.

— Bem, talvez vocês consigam me convencer de que ela seja inocente — disse o revolucionário, num simulacro de sorriso que aprofundou a grande e feia cicatriz.

— Se conseguirmos, você ajudará meu amigo? Assim que a pergunta saiu de seus lábios, *madame* de Staël se arrependeu. Conhecia Danton; a insistência talvez o fizesse recuar. Mas manteve a aparência tão calma e indiferente como se a libertação de Christine nada lhe significasse.

Danton mergulhou os olhos perspicazes em Gareth e assentiu.

— É, acho que sim. Não compactuo com a injustiça, como sabe. E não gostaria de ver uma mulher inocente executada apenas porque é estúpida.

Gareth enfiou a mão no bolso e tirou uma carteira recheada, que entregou a Danton.

— Receberá muito mais assim que Christine estiver livre.

O revolucionário esticou preguiçosamente a mão para receber a carteira. Sopesou-a pensativamente, um sorriso bailando nos lábios marcados.

— Amanhã de manhã irei buscá-lo na embaixada. De lá seguiremos diretamente a La Force.

Imersa num torpor febril, Christine nem percebeu o que acontecia a poucos metros de sua cela. Os presos eram conduzidos como gado, aos trancos e trambolhões, até a sala do tribunal. Lá, eram submetidos a um breve e ridículo simulacro de julgamento e seguiam diretamente para o patíbulo. Para não chamar muita atenção sobre a encenação, soltavam de vez em quando um ou outro infeliz mais, depois que ele rastejava e implorava, dando roucos vivas a Marat, Robespierre e Danton. Mas a grande maioria era julgada culpada, sem apelação. O barulho sinistro da guilhotina ouvia-se agora de modo compassado e metódico. As cabeças cortadas, ainda esguichando sangue, eram atiradas para os populares, que, enlouquecidos, espetavam-nas em chuços e portavam-nas como infaustas bandeiras pelas ruas. Os corpos mutilados empilhavam-se macabramente no pátio da prisão; sangue tingia de rubro as pedras, corria pelas valetas e misturava-se ao

esgoto.

À medida que o dia foi passando e o calor subindo, os açougueiros começaram a se cansar do nefasto esporte. Mas o zeloso prefeito enviou-lhes alguns tonéis de vinho, ao mesmo tempo em que pronunciou eloqüente discurso, incentivando-os a prosseguir em sua "corajosa luta pelo bem da revolução".

Gareth e Danton chegaram em tempo de ouvir as últimas frases do inacreditável discurso.

Nauseado e revoltado, Gareth recusou-se a ficar ali, apesar dos protestos de Danton.

— Tudo isso é balela, inglês. Mas é disso que o povo gosta. Nosso esperto prefeito está conduzindo bem a situação!

— Sim, mas tenho pressa de encontrar minha mulher — retrucou Devlin, cuidando para não ser ríspido demais.

— Bem, vamos então — suspirou Danton. — A entrada fica naqueles portões. Não temos remédio senão atravessar esse pátio fedorento.

À medida que andavam, Danton era abraçado e aplaudido freneticamente, e ele acenava de braços erguidos, distribuindo largos sorrisos. Quando alcançaram a entrada, toparam com um vigia bêbado, escarranchado sob as grades. Danton cutucou-o com a ponta das botas:

— Levante-se, cidadão!

Reconhecendo-o, o vigia se ergueu tropegamente e ensaiou uma continência.

— É uma honra, *mozzieur Zanton* — engrolou.

Danton soltou uma gargalhada.

— Está se divertindo, hein?

— Ssó... ssó unss golinhos...

— Bem, vá curtir sua bebedeira em outro lugar. Mas antes, quero saber se uma tal de Christine de Beauvais está em La Force.

O homem coçou a cabeça, mal focalizando Danton. Finalmente falou, a voz entrecortada de soluços cadenciados:

— É... uma franguinha danada de bonita... Ela é uma gata brava

também... e está aqui, assim senhor.

— Afaste sua cabeça, homem de Deus! — berrou Danton, irritado. — Que bafo infernal!

— Onde está a prisioneira? — perguntou Gareth, ansioso.

— Ah, isso não sei dizer não... Muita gente aqui, sabe como é? Mas ajudo, eu ajudo a achar...

— Nada disso, você vai dormir agora — respondeu Danton, mal-humorado, dando-lhe as costas. — Vamos, inglês. Temos de nos virar sozinhos.

— Eu ajudo! — murmurou o vigia, escorregando novamente para o chão.

— Pegue as chaves desse infeliz — comandou Danton, com repugnância.

Gareth abaixou-se e apanhou o molho da cintura do bêbado. Suas mãos tremiam de pressa, ansiedade e expectativa. Os dois entraram na temível e lendária prisão, detendo-se em cada cela para examiná-la cuidadosamente. Abriam caminho entre os enfurecidos patriotas que arrastavam os prisioneiros pelos cabelos, forçando a passagem em meio a gritos e gemidos desesperados. Sabendo que o tempo se escoava depressa, Gareth sentia os nervos dolorosamente tensos. Ou achavam Christine antes dos patriotas, ou nem mesmo o poderoso Danton seria capaz de aplacar a sanha assassina.

Quando chegaram ao último corredor do último andar, mais escuro e úmido que os outros, Gareth curvou os ombros, vencido. Sua vontade era agarrar Danton pelo pescoço e estrangulá-lo ali mesmo, tamanha a frustração e a dor que sentia.

Danton enxugou o suor com um lenço e encostou-se com ar cansado na parede fria.

— É, inglês, parece que chegamos tarde demais. Temos que dar o fora daqui, antes que essa turba maluca nos confunda com os presos.

Gareth encarou-o com frieza, os punhos cerrados, as narinas frementes:

— Não enquanto eu não desmontar pedra por pedra esta maldita babilônia. E trate de me seguir, se não quiser que o estrangule neste momento!

Danton deu de ombros e obedeceu, sabendo que aquele possante inglês não estava brincando, e poderia subjugar-lo facilmente.

No escuro corredor, porém, Gareth não viu uma porta menor, escondida num desvão da parede, e passou por ela diretamente. Correu os olhos aflitos pelo que julgava ser a última cela e seu espírito mergulhou num atoleiro de opressão e angústia. Perdera Christine, sua bela e encantadora mulher. Todas as esperanças se esvaíram e cederam lugar à amargura da derrota.

— Christine, minha Christine! — bradou, agarrando desesperadamente as grades da cela deserta.

E, pela primeira vez na vida, enterrou a cabeça nas mãos e chorou.

Danton observou-o com desinteresse. Que inglês aborrecido era aquele! Enfim, lá se fora uma boa oportunidade de ganhar algumas moedas de ouro... Bem, haveria outras.

Agora era tempo de cuidar de coisas mais importantes. Assim pensando, o revolucionário virou-se para voltar. Mas nesse momento, ouviu um gemido muito fraco e indistinto. Colou a orelha na parede e chamou Gareth:

— Acho que há alguém do outro lado... Mas onde, diabos?

Devlin apanhou a única tocha que ardia lúgubre na parede e passou como uma flecha por Danton. Seu coração se encheu de esperança renovada quando divisou a porta escondida.

— Aqui, Danton! Depressa!

O francês destrancou a fechadura, também esperançado. Talvez não tivesse perdido a manhã, afinal!

Gareth entrou, iluminando freneticamente o vulto enovelado no chão. Embora secos e sem vida, os cabelos de Christine pareceram-lhe uma massa sedosa de cobre reluzente.

— Deus me ajude! — murmurou, os olhos cheios de água. — Christine!

Caiu de joelhos ao lado dela, tomando-a delicadamente entre os braços. Christine deixou escapar um queixume, enquanto abria os olhos, os cílios espessos palpitando à luz da tocha. Fitou-o com expressão ausente, a princípio. Depois, os olhos verdes pareceram ganhar uma chama, um breve lampejo de compreensão. Seus lábios se entreabriram num sorriso quase

extasiado. Devagar, com dificuldade, ela ergueu a mão e acariciou o rosto de Gareth. E quase imediatamente sua mão tombou. Christine voltara para a inconsciência.

— Ela está queimando de febre! — exclamou Gareth, erguendo-a como uma pluma. — Temos de correr, senão ela não sobreviverá!

— Pode carregá-la sozinho?

— Posso. Siga, que eu vou atrás.

Danton desceu correndo, aliviado por não ter que pôr as mãos em Christine. Não entendia como aquele inglês elegante perdia tempo com um trapo esfarrapado e fedorento.

— Abram caminho! Sou Danton! — berrava. — Em nome da revolução, abram passagem!

Minutos depois, Gareth depositava o precioso fardo na carruagem do francês e atirava-lhe uma bolsa cheia de moedas de ouro. Danton, cujos olhos brilharam momentaneamente, sorriu.

— Foi um prazer fazer negócio com você, inglês. Já dei um documento ao cocheiro; com ele, vocês poderão chegar a Le Havre sem ser molestados. Boa viagem!

— Obrigado, *monsieur* Danton. Esse ouro nunca poderá pagar o que acaba de me dar — volveu Gareth, subindo no coche.

Danton acenou e virou-se, a mente já começando a planejar o discurso ardente que teria de proferir ainda naquele dia. O inglês e a prisioneira malcheirosa já eram passado para ele.

CAPITULO XVII

— Gareth, Gareth — murmurou Christine baixinho, agitando a cabeça de um lado para o outro contra o travesseiro de seda.

Gareth emergiu morosamente do breve cochilo, sem saber com certeza o que o acordara. Esfregou os olhos a fim de espantar o resto de sono e esticou

os braços entorpecidos, pousando um olhar fatigado na mulher.

— Gareth — chamou ela, nervosa.

— Estou aqui, querida. — Deixou a poltrona e curvou-se com expressão preocupada.

— Ajude-me, Gareth. Preciso de você... Não deixe que ele me faça mal, não deixe!

As mãos magras de Christine agitavam-se no ar e uma expressão de pavor se desenhava em seu rosto.

Ternamente, ele afastou uma mecha de cabelos da testa escaldante.

— Estou aqui, amor. Ninguém lhe fará mal nenhum, nunca mais. Prometo.

Ela relaxou o corpo, embalada pela voz suave do marido. Sua respiração voltou ao ritmo compassado e regular e mergulhou de novo no mundo misterioso e branco da inconsciência.

Gareth endireitou o corpo dolorido, fazendo uma careta. Desde o dia em que a encontrara em La Force, Christine só saía daquele estado para gritar de dor ou de medo. Ainda não sabia que se achava em segurança, em Escarpa Negra, sob constante vigilância do marido, que se desvelava em cercá-la de carinhos e cuidados.

Suspirando fundo, ele voltou a se sentar, apoiando os cotovelos nos joelhos e enterrando o rosto nas mãos. Pela milésima vez, pediu aos céus que curassem sua pequena francesinha. Semanas já se haviam passado desde que a trouxera a Escarpa Negra, mas a febre se instalara como sanguessuga, minando-lhe a pouca resistência que ainda tinha. O médico já o alertara; se essa febre alta persistisse, as chances de Christine escapar com vida diminuiriam bastante.

— Lute, minha pequena valente — sussurrou. — Lute, por favor. Por mim!

Uma mão confortante pousou em seu ombro. Gareth ergueu a cabeça e se levantou para cumprimentar o médico, John Connors.

— Precisa descansar, *lord* Devlin. Está-se desgastando inutilmente, e isso em nada ajudará sua mulher. Ela precisará de você quando voltar a si.

— Não quero deixá-la — teimou Gareth, cujos olhos vermelhos denunciavam fadiga e tensão.

O médico colocou a maleta sobre a mesa, abrindo-a.

— Ela nem sabe que você está aqui, meu amigo!

— É, eu sei. Mesmo assim, não tenho coragem de sair deste quarto. É como se... se a vida dela se sentisse livre para deixá-la no minuto em que eu saísse daqui. Não sei explicar, mas de alguma maneira estranha, é minha presença que a mantém viva. Oh, sei que tudo isso parece bobagem para um médico experiente. Mesmo para mim não faz sentido o que estou dizendo... Contudo, é o que sinto. E não vou arriscar. Não, meu caro, prefiro ficar até essa maldita febre ceder.

— Bem, eu tenho tentado convencê-lo a descansar desde que chegou da França. Você não arreda pé dessa cama nem para comer... Não confia nos empregados, quer dar você mesmo a comida para ela... Meu amigo, você está se matando aos poucos. E *lady* Devlin precisa de um marido vivo.

— Alice também cuida de Christine, doutor.

— Sim, ora viva! Uma vez por dia? Duas? O resto fica por sua conta, não é? Como médico e como amigo, Devlin, aconselho-o a tomar um calmante e ir se deitar em seu quarto por algumas horas. Caso contrário, terá um colapso igual ao de sua mulher, se não pior.

— Não posso.

Connors pegou um frasco de láudano e lançou um olhar reprovativo ao castelão. Que homem teimoso! Bem, se ele não cuidava de si mesmo, alguém teria de fazê-lo. Despejaria uma boa dose de láudano no chá de *lord* Devlin; ele seria obrigado a dormir, quisesse ou não.

Satisfeito com a idéia, o médico voltou a atenção para a doente e passou a examiná-la minuciosamente. Quando colocou a mão na testa de Christine, surpreendeu-se ao encontrá-la úmida e fresca.

— Ora, ora, temos uma ótima notícia agora! A febre cedeu, Devlin. Finalmente! Sua mulher agora está dormindo bem pela primeira vez. Posso lhe garantir, com muita satisfação, que ela está a caminho da cura.

Incrédulo, Gareth aproximou a mão espalmada da testa de Christine,

para se sentar em seguida, os joelhos bambos.

— Graças a Deus! — murmurou, engolindo o nó que se formara em sua garganta. — Inacreditável... há minutos a testa dela escaldava!

— É assim mesmo, meu amigo. Agora, suma daqui e trate de descansar. Um doente neste castelo já é mais que suficiente; não quero cuidar de mais um.

Gareth passou a mão no rosto barbudo, sentindo-se subitamente exausto. Assentiu em silêncio, beijou Christine e deixou o quarto. Dormiria algumas horas, a fim de recuperar o velho vigor. Christine precisaria dele quando finalmente acordasse para a vida.

— O médico ainda está lá — disse Hilda, brincando nervosamente com o molho de chaves que pendia de sua cintura.

Quando vira a expressão cadavérica do castelão no momento em que este deixara o quarto de *lady* Devlin, a governante tivera um lampejo de esperança de que, afinal, a febre a tinha matado. Contudo, logo percebera que Gareth havia ido apenas descansar, deixando o médico vigiando a doente.

— Então a febre continua? — perguntou Adam, dando-lhe as costas para esconder a própria preocupação.

— Tudo indica que sim. Seu irmão não deixa ninguém entrar lá, exceto Alice. Seria muito melhor para nós se a francesa morresse.

Adam conteve um gesto irritado.

— Não concordo, querida — disse, com voz macia. — Nosso plano caminharia muito melhor com a cooperação de Christine.

— Que espécie de cooperação espera dessa mulher? Ela só significa problema para nós, Adam. Mil vezes melhor seria se ela nunca tivesse vindo para Escarpa Negra.

Os raios oblíquos da tarde lançavam sombras no rosto de Adam, que sorriu.

— Minha cara Hilda, essa moça é muito mais valiosa viva que morta.

— Mas...

— Quem melhor para confirmar a identidade de *lord* Devlin que a própria esposa?

Hilda fitou-o, pensativa, considerando a pergunta. Finalmente, seu rosto se abriu num sorriso maligno.

— Tem razão. Ninguém jamais se atreveria a questionar a viúva. Ora, as mulheres costumam conhecer os maridos muito bem. Brilhante, Adam!

O riso dos dois se misturou no silêncio da tarde.

— É isso aí, Hilda. A volta de Christine será de muito proveito para nós!

Fazendo uso de seu sorriso irresistível, Adam colheu a seca mulher nos braços e beijou-a na testa.

— Sugiro que faça todo o possível para manter minha doce cunhada viva. É por intermédio dela que conseguiremos levar adiante nosso plano.

Depois do banho quente e prolongado, Gareth meteu-se nos pijamas e serviu-se de uma generosa dose de conhaque, antes de se entregar ao sono. Quando bateram à porta, vestiu apressadamente um roupão e colocou o copo sobre a mesinha lateral.

— Entre.

Ao ver surgir o rosto do médico, o coração dele parou.

— Que foi? — perguntou, quase gritando. — Christine piorou?

— Ei, calma! — sorriu Connors, fechando a porta. — Ela está muito bem. Acabo de examiná-la, e quero informar-lhe que tanto ela como o bebê sobreviverão.

Gareth deixou-se cair na poltrona, aparvalhado.

— Bebê... Bebê? Mas ela... ela não está grávida!

Connors fitou-o com malícia.

— Ah, então eu estava certo. Ela ainda não lhe havia contado, como pensei. Certamente para fazer-lhe uma surpresa... Bem, espero que não diga a ela que eu acabei de estragar o lindo segredo. Contudo, dadas as circunstâncias de saúde, achei que era meu dever falar sobre isso.

— Mas... mas... Não é possível!

— *Lord Devlin*, é forte e viril o bastante para engravidar não uma, mas dúzias de mulheres. Garanto-lhe que não só é possível, como já é fato consumado. Quando saiu do quarto, achei melhor fazer um exame mais completo, porque já andava meio desconfiado. Tenho muita experiência, e

geralmente meu olho clínico não falha. Notei alguns sinais no corpo de *lady* Devlin, sinais que para vocês, leigos, nada querem dizer. Claro que guardei minhas suspeitas para mim porque não queria dar esperanças enquanto ela não estivesse fora de perigo.

Notando a fisionomia tensa do amigo, o médico se assustou.

— Está se sentindo bem, *lord* Devlin?

— Sim, sim — murmurou Gareth. — Estou apenas surpreso com a idéia de ser pai. É um choque e tanto!

— Entendo. Eu também fiquei assim quando Maggie me avisou a primeira vez que eu seria pai.

Gareth se ergueu penosamente. Gerara uma criança, apesar de todos os juramentos que fizera. Uma criança!

Tratando de recompor-se, avançou titubeando para o copo.

— Vamos comemorar, então. Aceita um trago?

O nervosismo de Gareth confirmou as suspeitas do médico. Esse homem estava precisando urgentemente de algumas boas horas de sono profundo.

— Com prazer, mas imponho uma condição. Deixe que eu faça as honras! A ocasião é muito especial.

Grato, Gareth afundou de novo na poltrona. O choque da notícia privara-o do resto de forças, deixando-o sem ação. Fechou os olhos, agoniado. Um filho! O que mais temia acontecera, afinal.

Discretamente, o doutor despejou uma pequena dose de láudano no copo de Gareth. Não era muito; apenas o suficiente para fazê-lo dormir umas boas horas. O castelão poderia comemorar a gravidez da mulher mais tarde, quando estivesse mais forte e revigorado.

— Meus parabéns, *lord* Devim. Que seu filho seja feliz!

Gareth ergueu o copo para tocá-lo de leve no do médico, forçando um sorriso. Engoliu a bebida de um só gole, sentindo-a descer quente e reconfortante.

— Bem, meu caro, agora vou deixá-lo para que descanse como merece. Passou muitos dias cuidando de sua mulher, e deve estar exausto.

Gareth apressou-se em acompanhá-lo, aliviado por poder ficar sozinho.

Precisava reordenar seus pensamentos, acalmar o tumulto que lhe ia na alma.

A gravidez de Christine não cessava de torturá-lo. Levou as mãos à nuca, pressionando-a, numa tentativa de diminuir a dorzinha aguda e incômoda. A maldição seguira seu curso, e achava-se agora prestes a se realizar. E tudo por sua culpa!

Olhou-se ao espelho, em desesperada agonia. Estava diante de um covarde, fraco e egoísta. Um homem que cedera aos impulsos da carne, que não tivera força suficiente para deter os passos inexoráveis da maldição. Agora seu filho, que saíra de suas entranhas, iria pagar pela luxúria do pai.

Profundamente envergonhado consigo mesmo, Gareth serviu-se de mais uma dose de conhaque, que esvaziou depressa. Precisava dormir e esquecer o que fizera, ainda que fosse por apenas algumas horas.

Sem ter sentido nenhum alívio, encheu novamente o copo. Condenara mais uma geração Devlin a viver sob o estigma do escárnio dos outros, da demência e da infelicidade. Por que fizera isso, em nome de todos os deuses?

De repente, uma tontura estranha levou-o a cambalear. Tropegamente, arrastou-se até a cama, onde caiu pesadamente. O copo tombou silenciosamente no tapete, enquanto o conhaque, o láudano e a exaustão carregavam Gareth para o mundo do esquecimento.

Sentada e recostada nos macios travesseiros, Christine escovava distraidamente os cabelos que cascadeavam sobre seus ombros, numa mistura de alívio e alegria. Estava em casa, finalmente. Aquele sim, era seu lar. Ainda se sentia fraca, mas feliz por estar livre do terror que conhecera no minuto em que decidira partir de Escarpa Negra.

Um longo suspiro escapou-se dos lábios. Que loucura a levara a cometer tamanha infantilidade? Tudo redundara em nada.

Logo que voltara a si, encontrara o rosto risonho e carinhoso de Alice, que a informara que seus pais estavam na Áustria, são e salvos. E Gareth soubera disso logo depois que ela fugira... Que ironia! Se ao menos tivesse esperado mais um pouco, se ao menos tivesse se sentado para conversar melhor com Gareth... Mas não. Fora precipitada e ingênua, e isso quase lhe custara a vida. Não fora por Gareth, que também arriscara a vida, certamente

teria morrido naquela cela imunda. Ou na guilhotina.

Revirou a escova nas mãos, pensativa, a testa enrugada de preocupação. Já fazia uma semana que recobrava a consciência, mas Gareth não viera visitá-la nenhuma vez. Enviara vários recados ao marido através de Alice, pedindo-lhe que fosse falar com ela. E todas as vezes a criada voltava com a mesma desculpa:

— *Milord* diz que pede desculpas, mas está ocupado demais. Virá vê-la assim que tiver um tempinho livre.

Alice juntava sempre algumas palavras de consolo:

— *Lord* Devlin ficou muito tempo viajando, sabe como é. Os negócios estão muito atrasados; ele não pára um minuto. Tenha um pouco de paciência.

Mas uma semana inteira? Gareth não poderia dispor de uns míseros minutos para visitá-la? Não, a desculpa não convencia. A verdade, aflitiva e melancólica, era que o marido não queria mais saber dela.

Contudo, por que então ele se dera ao trabalho de ir buscá-la tão longe, num lugar tão perigoso como a França revolucionária? Quando pensava assim, Christine ainda alimentava uma pequena esperança quanto aos sentimentos do marido. Por outro lado, logo essa chama se apagava quando se lembrava de que ele não a procurara sequer uma única vez.

— Se não me ama, Gareth, por que não me deixou morrer lá? — perguntou-se, pela centésima vez.

— Bom dia! — falou Connors, entrando cheio de bom humor. — Estava falando sozinha?

Ela sorriu afetuosamente. Gostava daquele médico simpático, sempre solícito e dedicado, que a tratara com extrema competência durante a prolongada moléstia. Aprendera a apreciar aquele par de olhos claros, cheios de sinceridade, por trás dos quais havia um cérebro privilegiado e aberto.

— É um costume que adquiri quando cheguei aqui. Acabei me habituando de tal maneira que passo horas conversando comigo mesma.

— Pois é um hábito saudável, ao contrário do que muita gente pensa. Desabafar faz bem.

— Quando me deixará sair da cama, doutor?

Ele sorriu, pousando a maleta ao lado da cabeceira e sentou-se, afagando-lhe a mão.

— Por enquanto é melhor que permaneça aí. Você precisa recuperar a saúde de maneira completa, minha querida.

— Mas...

— Não, *lady* Devlin. Afinal, o médico sou eu. Sei o que é melhor, para a senhora e para o bebê. Não vai querer perdê-lo agora, depois de ter passado por tanto sofrimento, não é? Por sorte, a criança deve ser excepcionalmente robusta. Agüentou firme aí dentro, ora graças!

Christine arregalou os olhos.

— Bebê?!

Connors balançou a cabeça, surpreso.

— Mas que diabo! Você e Gareth parecem agir como se nunca tivessem vivido juntos como marido e mulher...

De repente, ele piscou os olhos, assustado com a idéia que lhe atravessara a mente.

— *Milady*... eu espero que... Meu Deus, será que cometi uma indiscrição profissional? O bebê que traz em seu ventre é de seu marido, não é?

Vermelho e sem jeito, ele afrouxou o colarinho, em busca de ar. Em toda a sua carreira, jamais cometera um engano daquele tipo, e fora insultar justamente sua mais querida paciente!

— Claro que é — replicou Christine, sorrindo da ingênua suspeita do médico. — Mas para mim foi um choque essa notícia. Na França comecei a sentir enjôo e mal-estar, mas nunca imaginei que estivesse grávida.

O bom velhote soltou um suspiro de alívio e enxugou o suor da testa, pigarreando.

— Queira me desculpar, por favor. Não tive nenhuma intenção de ofendê-la, mas em minha profissão às vezes acontece cada surpresa! Um médico não julga, mas tem obrigação de discutir honestamente os problemas dos pacientes. Esteja certa que se eu tivesse a menor dúvida quanto à... hã, a paternidade de seu bebê... eu jamais teria mencionado sua gravidez a *lord*

Devlin.

As faces pálidas de Christine ganharam um tom acinzentado.

— Gareth sabe que estou grávida? — perguntou, num fio de voz.

O médico rolou os olhos para cima, aborrecido consigo mesmo. Deixara escapar a informação num momento de confusão. Agora, o melhor seria encarar a própria estupidez.

— É, contei a ele na noite em que a febre baixou — murmurou, fitando-a com ar culpado. — Sei que planejava fazer-lhe uma surpresa, e desde já me penitencio. Na verdade, minha intenção era levantar o ânimo de seu marido. Ele estava exausto e muito solitário naquele dia.

Christine sentiu um peso oprimindo-a. Agora entendia por que razão Gareth não vinha visitá-la. Ciente da gravidez, queria deixar bem claro que não queria saber nem da mãe nem do filho.

Lágrimas quentes ameaçaram subir-lhe aos olhos tristes e doloridos. Engolindo-as, conseguiu falar baixinho:

— Eu gostaria de descansar um pouco agora, se não se importa.

— Bravo! Assim se fala! Nada melhor que um bom descanso para essa valente criancinha. Nem preciso examiná-la hoje; tudo indica que está melhorando bastante. Mas por favor, fique na cama mais uns dias, até minha próxima visita. Se eu a encontrar bem, prometo que ficará livre deste quarto. Combinado?

Ela concordou, forçando um sorriso.

— E se precisar de mim, não deixe de mandar me chamar.

— Obrigada, doutor — murmurou ela, esforçando-se para não demonstrar a terrível dor que apertava seu coração.

— Tenha um bom dia, *lady* Devlin.

CAPITULO XVIII

O clarão cortou a noite, rasgou a escuridão e iluminou por breves instantes o quarto. Christine acordou com o rugido ensurdecido do trovão.

Novo relâmpago ofuscante penetrou as trevas, revelando o vulto de Gareth sentado em silêncio na beira da cama.

Então ele se levantou e acendeu a lamparina sobre a mesinha de cabeceira. A claridade alaranjada envolveu-os num manto de sombras misteriosas, enquanto os dois se entrefitavam sem proferir palavra. Christine mal continha a vontade de estender-lhe os braços amorosamente, de tocá-lo para ter certeza de não mais se tratar de um daqueles sonhos malucos que a assustavam em Escarpa Negra. Mas ficou parada, receosa de ver o orgulho ferido. Embora esperasse havia tempos por esse momento, sabia que Gareth não a queria. Nem ao bebê que carregava no ventre.

Devagar, Christine sentou-se na cama e jogou os cabelos brilhantes para trás, num gesto nervoso.

— Que está fazendo aqui?

Ele arqueou uma sobrancelha, mergulhando os olhos negros nos dela, e acariciou-a ternamente no pescoço.

— Só queria ficar perto de você por uns instantes. Será muito pedir isso a minha mulher?

Christine fechou os olhos, saboreando a delicada carícia. Desejava beijar aquelas mãos de veludo, de se aconchegar naquele corpo viril. Mas afastou-lhe a mão, fingindo calma indiferença.

— Julgava que você não quisesse mais nada comigo, Gareth, uma vez que trago seu filho no ventre.

Os olhos escuros tornaram-se duas frias pedras de gelo.

— O que você está dizendo?!

Christine fitou-o com hostilidade. No passado, suportara as bruscas mudanças de gênio do marido, mas agora não tinha mais paciência para isso. Seu filho dava-lhe forças para enfrentá-lo com determinação e orgulho. Gareth nunca mais brincaria de esconde-esconde com ela; estava resolvida que não o permitiria mais. Nem bancaria o tirano, indicando como ela devia agir. Ela lutaria com unhas e dentes para proteger o orgulho ferido. E a pequenina vida que haviam gerado juntos.

Assim pensando, ergueu o queixo e disparou, com voz altiva:

— Pode não me querer, eu não me importo. Mas não permitirei que trate nosso filho como um peso que lhe foi atirado nos ombros contra sua vontade. Você é o pai de meu filho, queira ou não queira. E participou nisso tanto quanto eu.

Adam empalideceu. A revelação acabava com a possibilidade de retardar seus planos um pouco mais, como pensara. E obrigava-o a livrar-se da cunhada também. Porque não tinha a menor intenção de deixar que um filho de Gareth viesse um dia a herdar Escarpa Negra. Só crianças geradas por ele perpetuariam a raça Devlin, de ninguém mais. E seus filhos jamais seriam segundos na linha de sucessão, como ele próprio sempre fora.

— Você me traiu, sua cadela! — rugiu, empurrando-a para o travesseiro.

— Eu poderia ter dado tudo para você, tudo!

— Gareth! Está louco? — gritou ela, arrastando-se para o outro lado da cama.

Adam jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada gutural, irreconhecível, que provocou calafrios em Christine. Ela se encolheu, apavorada, quando os olhos muito negros e ensandecidos fixaram-se nos seus:

— Ele ainda não lhe contou sobre mim, não é assim?

Christine sacudiu a cabeça, engolindo o nó de pânico que se formava em sua garganta. Lançou um olhar desesperado para a porta, perguntando-se se conseguiria fugir antes que aquele louco a estrangulasse. Nova gargalhada a fez estremecer.

— Não, minha bela, você não vai conseguir fugir — disse ele, prendendo-a com força entre os braços. — Não sou seu precioso marido. Não foi a mim que você se entregou com tanta paixão. E não fui eu que enchi sua linda barriguinha... infelizmente.

— Gareth, não fale assim! Eu... você me assusta!

Ela não compreendia aquele súbito e inesperado acesso.

Gareth lhe parecia totalmente fora de si, completamente estranho. Como pudera amá-lo?

Adam correu um dedo sob o queixo da cunhada e soltou um riso áspero.

— Formaríamos um belo par, Christine, se você não estivesse esperando o herdeiro de Gareth. Viveríamos juntos até eu me faltar de você. Aí então, você também sofreria um acidente fatal... E eu ficaria livre e sozinho.

— Gareth! — sussurrou Christine, em angustiosa tristeza, incapaz de compreender. — Que deu em você, Gareth?

Ele ergueu a sobrancelha, contemplando-a com zombaria, e desdém.

— Ainda pensa que sou Gareth? É muito boba, a minha bela cunhada! Entenda de uma vez: sou Adam, gêmeo de Gareth. Somos idênticos... pelo menos por fora. Os médicos chamam a isso de irmãos homozigóticos. Palavrinha feia, hein! Quase tão feia quanto a alma de meu valente irmãozinho...

Finalmente, a realidade caiu como um raio na mente confusa de Christine, que empalideceu. Olhando sob outra ótica, notou que havia pequenos traços que o diferiam de Gareth. Pequenos, mas o suficiente para saber que estava diante de um louco varrido. Em seus olhos brilhava uma chama quase macabra, intensa, cujas voltas lembravam as de um rodamoinho demoníaco. E a boca retorcida, constantemente exibindo um sorriso mau. Pensando bem, a diferença entre os dois era agora gritante. Eram como água e vinho, esse estranho e Gareth.

Num átimo, reconheceu nele o homem que viera a seu quarto havia meses. Até aquele momento, tentara se convencer de que sonhara com aquelas visitas noturnas. Agora, sabia que fora o irmão de Gareth quem viera ter com ela noites e noites seguidas.

Com as faces em fogo, cheia de vergonha e frustração, Christine baixou os olhos.

— Então era você... Era você que vinha de noite me fazer carinhos... Era você que me falava coisas de amor...?

Nova gargalhada reboou.

— Acertou, minha bela. Eu até que estava começando a me apaixonar... Mas agora, chega de besteira!

Dizendo isso, agarrou-a pelo pescoço, puxando-a com violência para perto. Seu hálito era ruim e cheirava forte.

— Por favor, me solte! — exclamou ela, sentindo o medo se espalhar em seu corpo ainda enfraquecido pela doença. — Eu lhe imploro, vá embora!

— Não, não posso fazer isso, minha doce cunhada. Veja, quando Gareth morrer, seu filho será uma barreira entre mim e Escarpa Negra, entre mim e a fortuna da família. Agora você terá o mesmo destino que teve a mulher que amaldiçoou a casa de Devlin. Ela também concebeu dois bastardinhos muito inconvenientes. E quando mãe e filhos morreram, a avó jogou uma maldição em nossa família... a bruxa má! Meu ancestral mandou que atirassem a velha ao mar, mas a maldição continuou durante séculos atormentando os homens de minha família. Pessoalmente, acho tudo isso uma grossa bobagem. Mas meu irmão é muito estúpido e crente.

Christine tentava compreender, mas só entendia fragmentos daquele discurso descosturado. Debatia-se, tentando se livrar das garras férreas de Adam, inutilmente.

— É, aposto como meu imbecil irmão não lhe contou sobre essa maldição. É por isso que ele me mantém trancado na ala norte. Não quer que você saiba sobre a herança maldita que recebi de meus ancestrais. Uma pena você não ter tempo para passar um belo sermão em Gareth! Bem que ele merecia levar uma descompostura por não ter contado toda a verdade à própria mulher!

— Mas — cortou Christine, a voz mal saindo por causa do aperto brutal —, por que quer me matar? Eu nunca lhe fiz nenhum mal!

— Mas carrega o filho dele no ventre. É por isso que sou forçado a matá-la. E quando ele morrer, quero apagar todas as suas lembranças. Todas.

As mãos de Adam apertaram-se um pouco mais, sentindo a veia de Christine pulsar sob seu polegar. Ele sorriu. O medo da cunhada revigorava-o, dava-lhe uma força descomunal. Logo teria o gosto doce da vitória final; logo saberia o que era dirigir Escarpa Negra a seu modo. Gareth já não existiria, e ele nunca mais ouviria ordens de ninguém. Seu único pesar residia no fato de que a encantadora Christine não poderia viver para se tornar sua mulher de fato e de direito. Coisa que, não tinha dúvida, ela adoraria.

— Planeja matar seu próprio irmão? — perguntou ela, ofegando sob a

pressão dos dedos de ferro.

— Minha bobinha! Não entendeu ainda? Eu apenas quero me apossar daquilo que me pertence, nada mais. E só com a morte de meu irmão vou poder alcançar o que desejo. Meu plano é bem simples, na verdade, mas é bonito e infernalmente inteligente. Como, aliás, é tudo o que eu faço. Depois que você morrer, o corpo de Gareth será encontrado no fundo do penhasco. Todo o mundo acreditará que o pobre Adam, num acesso de loucura, matou a cunhada e depois se atirou do precipício.

Adam deu uma risada lúgubre.

— E ninguém descobrirá que eu não sou Gareth. Haverá muita lamentação por um pobre infeliz que perdeu a mulher e o irmão numa única noite... Ah, como eu vou me divertir!

— Você está doido. Seu plano nunca poderá dar certo, porque todos reconhecerão que você não é Gareth.

— Ha! Até você, que é a mulher dele, não notou a diferença que há entre nós! E, para seu governo, eu estou longe de ser doido ou louco, tanto faz como prefere me chamar. O pobre do Gareth sempre acreditou que eu era vítima da maldição. Santa ingenuidade! O que eu fiz foi fazer uso da crença dele e fingir-me de louco durante anos a fio, esperando uma chance de me apossar do castelo sem levantar suspeitas. Como vê, planejei tudo com muito carinho e cuidado. Ninguém, nada poderá me deter agora.

Um trovão retumbou, encobrendo as últimas palavras de Adam. Ele atirou fora os lençóis e arrancou-a da cama, tomando-a nos braços. O barulho dos trovões e da chuva abafavam os gritos frenéticos de Christine. Cansada e enfraquecida, ainda sob o efeito dos sedativos que tomava, ela finalmente se deixou subjugar. Novo relâmpago recortou brevemente a silhueta de Adam que deixava o quarto, tendo nos braços a indefesa castelã.

— Não vê que é loucura rematada? — protestava ela, debatendo-se em vão.

Os braços de Adam prendiam-na em algemas de aço, imobilizando-a.

— Sei que tem esperança de que Gareth venha libertá-la, como nos contos de fada, mas advirto-a que seus sonhos são inúteis — o rosto de Adam

se contorcia num esgar medonho, mescla de riso e loucura. — Meu caro irmão, como sempre, está no jardim, perto das escarpas, pensando nos problemas da vida. É um imbecil... Em vez de aproveitar a bela mulherzinha, fica por aí se lamentando como alma penada. Para mim, tanto melhor. Facilita bastante meu trabalho.

— Ele ouvirá meus gritos.

— Com essa tempestade? Não tem perigo, minha bela. Gareth nem perceberá que você sumiu do quarto. É tão tonto que nem vai visitá-la à noite, como faria qualquer marido com a cabeça no lugar.

Adam desceu as escadas levando-a nos braços com a mesma facilidade com que carregaria uma boneca de pano. Hilda esperava-o em baixo. Ao ver Christine, franziu o cenho, mas não fez nenhuma pergunta.

— Tive de antecipar um pouco nossos planos — disse Adam, à guisa de explicação. — Não podemos esperar mais. Ela está grávida.

Assombrada, Christine encarou Hilda, que sustentou seu olhar placidamente. A governante, sem proferir palavra, vestiu uma capa pesada de chuva e puxou o capuz sobre a cabeça. Quando ela abriu o maciço portão do castelo, Christine finalmente encontrou sua voz e gritou:

— Hilda, por favor, me ajude! Você não pode deixar que Adam cometa essa loucura!

A mulher pousou um olhar frio e desdenhoso sobre Christine, afastando-se para dar passagem a Adam e seu fardo, que se retorcia e debatia desesperadamente.

— Quando você morrer, minha senhora toda poderosa, eu serei a patroa do castelo — sentenciou Hilda, fechando a porta atrás de si.

A governanta guardou as chaves e, sob a chuva, seguiu-os de perto pelo pátio pedregoso, rumo às grandes escarpas que deram o nome ao castelo.

Quando chegaram à borda do penhasco, Christine logo se deu conta de que Adam dissera a verdade; ninguém poderia ouvir seus gritos. Apenas o bramido raivoso das ondas batendo contra o granito negro e os uivos lancinantes do vento podiam ser escutados naquele local tenebroso. Quando Adam a depositou no chão, sem largá-la, Christine virou-se para o vulto

encapuçado que os seguia. Freneticamente, pensou num modo de convencer Hilda que Adam não se casaria com ela, uma vez que se apossasse de Escarpa Negra. Era sua única e tênue esperança. Mas agarrou-se a ela desesperadamente.

Ensopada de chuva, Christine sentia a camisola colando-se ao corpo. Tiritava de frio e medo, e seu ventre parecia querer estourar, revolvendo-se em espasmos dolorosos.

— Hilda, eu lhe imploro, não faça isso!

Adam deu uma risadinha cínica.

— Não adianta apelar para o coração feminino de Hilda. Ela vai fazer exatamente como eu mandar, porque quer o mesmo que eu.

— Sua francesa pedante! — disparou a mulher, despejando todo o fel que acumulara durante meses de servil submissão. — Serei uma *lady* Devlin de verdade, de sangue inglês e orgulho inglês. E suas belas jóias irão enfeitar meu pescoço, não o seu.

Havia triunfo e vitória no gesto da mulher, quando ela abarcou Escarpa Negra com a mão:

— Tudo isso será de meus filhos!

— Não se deixe enganar, Hilda! — bradou Christine, contorcendo-se entre as mãos de Adam. — Este homem está apenas usando você, não vê? Nunca se casará com você! Ele não vai querer casar-se com a governanta! Manterá você como amante, mas vai escolher uma moça da sociedade, uma que tenha um dote bem gordo para esposa. Você não tem nada para oferecer a Adam!

— Cale essa boca maldita! — berrou Hilda, nervosa. — Ou eu mesma atiro você desse precipício!

Ela, porém, fora atingida em cheio no peito. Christine tocara num ponto que sempre a afligira e vivia corroendo-a por dentro.

Percebendo que acertara no alvo, Christine gritou:

— Então siga as ordens dele, sua louca! Quando for tarde demais, saberá que eu estou com a razão. Você nunca será *lady* Devlin, Hilda. Pode ajudá-lo a assassinar quanta gente quiser, mas Adam não se casará com você!

— Feche esse bico, cadela! — rugiu Adam, com impaciência. — Hilda, não lhe dê ouvidos. Essa mulher não sabe o que está dizendo!

Christine parou de se debater e voltou-se para Adam. A escuridão e o véu de chuva impediam-na de enxergá-lo bem, mas ela falou com voz cortante e subitamente calma:

— Está com medo de contar-lhe a verdade, Adam? Por que não diz de uma vez a ela, já que se mostra tão valente? Diga, vamos! Diga que nunca a pedirá em casamento!

— Não tenho medo de nada, sua idiota! — vociferou Adam.

— Então diga a Hilda que ela nunca será sua mulher. Diga-lhe que ela nunca será *lady* Devlin.

Christine insistia por acreditar que aquele era um assunto proibido entre os dois.

— Adam, o que ela diz é verdade? — indagou Hilda, a voz tomada pela dúvida que a açoitava com a mesma fúria das ondas lá embaixo.

— Que lhe interessa isso? Nada mudará entre nós, exceto o fato de que serei o castelão de Escarpa Negra. Você continuará a ser minha amante.

— Mas você me prometeu que eu seria *lady* Devlin! — esganiçou Hilda, tensa.

Adam fitou-a com repugnância. Estava farto daquela mulher feia e sem vida, e estava na hora de colocá-la em seu devido lugar.

— Eu teria prometido até o universo a você, minha cara, para obter o que mereço. Agora, volte para o castelo e prepare um de seus chás para Gareth. Meu irmão precisa de um sono longo, muito longo. De preferência, que dure toda a eternidade.

O capuz de Hilda cedeu à força de uma rajada e deslizou para seu ombro, sem que ela percebesse. Sua cabeça moveu-se vagarosamente, numa negativa determinada.

— Durante anos obedeci cegamente a você, Adam, mas agora chega. Não vou aceitar receber apenas as migalhas de seus banquetes. Não vou mais esconder do mundo meu amor por você, como tenho feito desde que pus os pés em Escarpa Negra. Trabalhei duro para merecê-lo, Adam. Quero-o só

para mim.

— Deixe de ser estúpida, mulher! Agora faça como estou mandando, se não quiser se arrepender para o resto da vida.

— Não. Ou você me promete que se casa comigo, ou vou agora mesmo contar tudo a *lord* Devlin.

— Minha querida e amada Hilda — falou Adam, produzindo seu célebre sorriso enganador —, seja paciente. Levei meus planos longe demais para deixar que você os estrague com um estalar de dedos. Logo eu serei o castelão de Escarpa Negra, e quando isso acontecer, você terá tudo o que quer. Está satisfeita?

Sentindo as garras de Adam se afrouxarem repentinamente, Christine percebeu num relance as intenções dele.

Soltou-se com um repelão e gritou, desesperada:

— Corra, Hilda! Ele está mentindo!

Mas foi tarde demais. Antes que a atarantada governanta pudesse entender, Adam deu duas largas passadas e agarrou-a pelo pescoço, erguendo-a no ar com toda a brutalidade de seu físico avantajado. Sacudiu-a como uma boneca de pano no ar e, com um rugido selvagem, atirou-a da borda do abismo. As mãos de Hilda agarraram-se freneticamente no ar, e seu grito aterrorizado cortou a noite tempestuosa, misturando-se ao bramido das ondas. A capa preta agitou-se no ar como asas de morcego, enfunou-se por breves instantes e despencou nas trevas.

Afastando os cabelos escorridos que quase a cegavam, Christine começou a correr desabaladamente, chorando e ofegando. Mas Adam, mais veloz, alcançou-a com facilidade, derrubando-a sobre a lama. Christine lutou valentemente. As mãos de Adam escorregaram em seu corpo molhado; ela conseguiu se desvencilhar e engatinhar pela lama, mas a camisola a impedia de movimentar-se com rapidez. O tecido molhado enredava-se em suas pernas, prendendo-a como mosca numa teia de seda, e finalmente ela se viu bloqueada pelas pernas do louco.

— Cadela imbecil! — Adam cuspiu as palavras, erguendo-se como uma torre à sua frente, os braços cruzados, as pernas abertas. — Que tentativa

mais infantil!

Christine ergueu o rosto molhado, encarando-o por trás do espesso véu da chuva. Sabia que a morte a aguardava, mas estava determinada a não deixar que ele a matasse com a mesma facilidade com que matara Hilda. A pobre mulher, que dedicara toda uma vida àquele homem diabólico.

Ergueu-se devagar, aceitando seu destino. Morreria dali a instantes, mas faria o que estivesse ao seu alcance para impedir que Adam seguisse adiante com seus planos de matar Gareth. E quando ele a atirasse do penhasco, tentaria arrastá-lo junto a qualquer preço.

O vento e a chuva chicoteavam impiedosamente o rosto do homem solitário que, de pé na borda do jardim, contemplava o formidável espetáculo da natureza enfurecida com ar ausente e melancólico. De certo modo, Gareth gostava daquela demonstração de violência que vinha dos céus. Em dia como aquele, costumava passear devagar sob a chuva, recebendo com prazer as gotas frias que pareciam lavar também sua alma.

Voltou a cabeça e contemplou Escarpa Negra, que vez por outra era iluminado pelos relâmpagos. Teve vontade de subir até a grande torre, de onde poderia observar melhor o espetáculo que a natureza lhe oferecia. Além do mais, gostava daquele terraço bordejado de ameias, onde às vezes recebia a visita de falcões selvagens. Nesse dia não haveria visitantes, mas mesmo assim achou que seria uma boa idéia subir até lá.

Dez minutos depois, no terraço da mais alta torre, Gareth sentava-se numa das ameias, aspirando com prazer o cheiro de terra molhada que se elevava até ele. Ultimamente fizera desse lugar quase que um refúgio, onde pensava constantemente em Christine e na sua indesejada gravidez. Atormentado pelos fantasmas da culpa, costumava sofrer ali em silêncio, perguntando-se em vão sobre o que deveria fazer. Quantas vezes decidira que sairia dali diretamente para o quarto de Christine, a fim de pedir seu perdão? E quantas vezes voltara atrás em sua decisão, por causa do terrível sentimento de culpa?

Christine era sua vida, e ele a destruía. Permitira que sua luxúria prejudicasse uma relação que seria quase perfeita. Se tivesse sido honesto

desde o princípio, se tivesse contado sobre a maldição, talvez Christine compreendesse seu intuito de quebrar a linhagem Devlin. Talvez mesmo até o ajudasse a manter sua promessa — quem sabe? Teriam vivido felizes sob o mesmo teto, como dois irmãos, sem que o perigo da terrível maldição se concretizasse. Agora era tarde demais. Transformara Christine em vítima inocente de sua luxúria. Ela e a criança.

Um raio rasgou a noite, iluminando o frio e negro granito do terraço. O castelo todo parecia chorar, solidário com a imensa e sepulcral tristeza do dono, que ergueu o rosto molhado para o céu. O rugido de um trovão abafou seu grito de angústia e desespero.

Pela centésima vez, resolveu que sua única saída seria contar a Christine sobre a maldição. Ela se sentiria traída e o desdenharia para o resto da vida. Por que não a prevenira antes, deuses poderosos? Agora era tarde demais. O filho nasceria, provavelmente marcado pela maldição. E Christine o acusaria de sua infelicidade, com toda a razão.

Vencido, deixou a cabeça pender sobre o peito. Parecia-lhe já sentir o ódio de Christine perpassando sob a fúria da tempestade. A imagem chegou-lhe tão forte, que julgou até tê-la ouvido soltar um grito lancinante. O grito de uma mulher acuada e traída. Nunca conheceria o perdão da esposa, sabia-o bem. Porque fora covarde e fraco.

Resignado, Gareth decidiu que falaria com Christine naquele instante. Não importava que estivesse dormindo; ele a acordaria. Precisava falar, desabafar, contar-lhe sobre a angústia que não lhe dava paz. Voltou-se devagar, em busca da escada principal. Mas, no momento em que novo raio iluminou fugazmente a paisagem, Gareth estacou, alerta; seria capaz de jurar que vira três vultos perto dos penhascos. Mais outro raio dividiu o céu em dois, e dessa vez Gareth reconheceu instantaneamente o irmão. Antes que o clarão se apagasse, viu-o atirar alguma coisa no penhasco.

Sentindo o sangue gelar nas veias, correu para a escada dos fundos, as têmporas latejando, a respiração suspensa. Desceu os degraus, tomado de um mau pressentimento. Apesar do nervosismo e da apreensão, encontrou forças justamente em seu temor para percorrer em poucos minutos o extenso prado

que separava Escarpa Negra do temível precipício.

Já de longe, divisou a silhueta do irmão sacudindo alguma coisa suja e enlameada perto do precipício.

Adam fez uma breve pausa, contemplando com prazer a espuma prateada que orlava as águas negras sob seus pés.

— Boa viagem, Christine! — disse, largando-a.

Ela soltou um grito desesperado e agarrou-se nos ombros dele, as unhas enterrando-se em sua carne, os dedos rasgando o tecido da camisa. Adam cambaleou. Christine ouviu o ruído rascante de seda se rasgando e sentiu que ele tentava soltar-lhe os dedos. Depois, sua mente se recusou a ajudá-la. Lentamente, sentiu-se cair num vazio sem fim.

Agoniado, Gareth reconheceu o grito de Christine e partiu como raio. Chegou a ver o fim da luta entre o irmão e a esposa, antes que ela desaparecesse de seu ângulo de visão. Cego de ódio, atirou-se contra Adam. Os gêmeos engalfinharam-se num abraço mortal, lutando penosamente sobre a lama, rolando no chão, um e outro sabendo que suas vidas dependiam daquela luta insana. Adam conseguiu apanhar uma pedra pontiaguda, erguendo-a. Gareth chegou a vê-la, mas não teve como se esquivar. A pedra atingiu-o em cheio no queixo, cegando-o de dor. Ele rolou sobre si mesmo, perdendo o controle da situação. A chuva misturava-se ao sangue que corria da ferida aberta. Ainda zozzo, ele tentou se erguer, lanhando as mãos e os joelhos nas pedras.

Rápido como um raio, Adam se pôs de pé e atingiu-o no estômago com um pontapé. Gareth gemeu e escorregou de volta ao granito escorregadio, arquejando descompassadamente.

Adivinhando a vitória, Adam escolheu calmamente uma grande pedra. Seu riso enlouquecido uniu-se ao uivo do vento, enquanto suas mãos erguiam a pesada pedra sobre os ombros. Iria esmagar, de uma vez por todas, a cabeça daquele homem que representava toda a miséria de sua vida. O homem que o dominara desde o minuto de seu nascimento.

Outro relâmpago iluminou o rosto retorcido de Adam. O peso da pedra e o chão liso fizeram com que ele titubeasse por alguns instantes, rindo ainda.

Seu pé resvalou na pedra lisa, e ele tentou se equilibrar; mas o calcanhar afundou-se numa cavidade, forçando-o a recuar. O peso da pedra obrigou-o a recuar mais um passo, mais outro... No minuto seguinte, seu grito de surpresa enraivecida. E o precipício engoliu-o, bramindo sua justiça, erguendo as ondas como garras para acolhê-lo no túmulo negro das águas. O grito perdurou nos ares, morrendo aos poucos, tragado pelo uivo lamentoso do vento.

Gareth, ofegante, acompanhou a queda num misto de horror e espanto. Grossas e quentes lágrimas misturavam-se à chuva que escorria de seu rosto, quando finalmente ele se encaminhou cambaleando até o lugar onde vira Christine desaparecer. Em seu desespero, sentiu um impulso irrefreável de se atirar, ele também, no mesmo local. Talvez suas almas se encontrassem na eternidade. Talvez chegassem a ser felizes em outra vida, uma vez que isso lhes fora negado na terra.

Meio cego pela chuva e pelas lágrimas, parou em frente à borda do precipício, contemplando as águas turbulentas que haviam tragado sua pequena família. De repente, suspendeu a respiração. O coração pareceu saltar-lhe da boca, batendo com tamanha rapidez que ele pensou que fosse arrebentar seu peito. Alguns metros adiante, numa reentrância estreita do precipício, jazia o corpo sem vida de Christine.

— Deus, Deus! — bradou, chorando. — Ajudai-a, meu Deus!

Como por encanto, a chuva amainou. Gareth fechou os olhos e respirou fundo, antes de começar a traiçoeira descida pelas pedras escorregadias e enganadoramente brilhantes. Não havia tempo para estudar alternativas ou procurar ajuda. Se Christine recuperasse a consciência e se movesse, ainda que fosse alguns centímetros, despencaria para a morte no mesmo instante.

Palmo a palmo, cego pelas lágrimas, esfolando as mãos na rocha viva, Gareth foi se aproximando da estreita saliência. Movia-se devagar, e isso o exasperava. Mas, se ele caísse, não teria como ajudar Christine. Quando finalmente a alcançou, soltou um longo suspiro de alívio. Christine respirava bem e tinha o pulso firme. Rapidamente, rasgou algumas tiras da camisola e com elas atou firmemente o corpo da mulher em seus ombros. Para poder

subir de volta, Gareth precisava ter as duas mãos livres, a fim de se firmar bem nas pequenas saliências do terrível penhasco.

Uma eternidade depois, ele se viu em solo firme. A chuva havia parado e as nuvens começavam a se dispersar.

— Duas vezes quase perdi minha mulher — murmurou Gareth, baixinho. — Diante de Deus, juro que nunca mais deixarei de tomar conta de você, Christine.

Amor, fé e determinação guiaram-no de volta a Escarpa Negra, tendo nos braços o mais precioso tesouro de sua vida.

Seus olhos flutuaram no vazio durante algum tempo, para repentinamente se arregalarem de pânico diante do homem que a fitava, com ar sério.

— Não! Não, Adam!

— Christine, sou eu. Não tenha medo, querida. Adam não vive mais.

Christine enlaçou-o pelo pescoço, soluçando desconsoladamente. Gareth beijava seus cabelos docemente, acariciando-a com ternura.

— Isso, chore, chore bastante. Desabafe, que isso vai lhe fazer bem.

Quando não havia mais lágrimas para chorar, Christine balbuciou entre soluços:

— Ele... tentou me matar. Disse que era por causa... do bebê... Oh, foi horrível, Gareth! Ele queria matar você também. Dizia que não queria conservar nenhuma lembrança sua quando fosse dono de Escarpa Negra.

Christine enxugou os olhos e fitou-o.

— Por que não me contou?

Gareth se ergueu, abatido. Precisava contar a história toda, mas ainda agora sentia dificuldade em falar sobre Adam e sobre a terrível maldição. Sua família vivera sob o estigma da loucura durante séculos. Curvou os ombros, como que esmagado pelo peso do segredo que carregara durante tanto tempo, e falou, quase num sussurro:

— Tentei, mas não consegui, Christine.

— Não conseguiu me contar que tinha um irmão? Não compreendo, Gareth. Depois de tudo o que passamos...

— Se eu contasse a respeito de Adam, seria forçado a contar sobre a maldição que pesa sobre nossa família. Você se sentia infeliz com nosso casamento... Achei que nossa relação iria piorar se eu lhe revelasse meu segredo. Você teria outra razão para se sentir mais infeliz ainda.

— Não é justo. Você sabia que seu irmão vagava pela casa à noite, e ainda assim preferiu se calar. Quando a pobre Babette foi embora porque tinha visto Adam, ainda assim preferiu se calar. E quando Adam entrou em meu quarto à noite, ainda assim preferiu se calar! Sinto muito, mas não vejo como desculpá-lo. Você colocou a vida de meu filho em perigo. Tudo para esconder de mim a verdade?!

Gareth sentou-se, arrasado com as palavras de Christine. Subitamente alerta quando soube que Adam estivera no quarto da mulher, sua mente começou a trabalhar febrilmente. Escondeu o rosto entre as mãos, imaginando-a nos braços do irmão. Via-a entregar-se a Adam com a mesma paixão com que se entregara a ele, e esse pensamento simplesmente o deixou fora de si. E novo pânico, este pior que todos os outros, insinuou-se em sua mente. E se o bebê fosse filho de Adam?

Incapaz de encará-la, Gareth apertou os punhos contra as têmporas, assaltado por uma onda intolerável e dilacerante de remorso. Virou-lhe as costas e dirigiu-se para a porta, pousando a mão no trinco.

— Desculpe se não contei antes. Enfim, vejo que você está melhor, mas de qualquer maneira já mandei chamar o dr. Connors. Por enquanto, Alice poderá atendê-la.

— Nosso bebê! — murmurou Christine, preocupada, levando a mão ao ventre, num gesto instintivo de proteção.

Mas Gareth nada escutou, imerso no inferno que criara dentro de si; seus pensamentos voltavam-se obsessivamente para a criança que estava para nascer. Nos últimos dias, chegara mesmo a se afeiçoar, ainda que inadvertidamente, ao bebê gerado por ele num momento de ardente paixão, e que um dia seria herdeiro de Escarpa Negra. Agora, até mesmo isso lhe era arrancado das mãos. Pela sombra de Adam.

Presa de súbita revolta pelas cruéis peças que o destino continuamente

lhe pregava, Gareth desceu as escadas com raiva, em busca do refúgio tranqüilo do estúdio. Assim que chegou, serviu-se de conhaque e deixou-se sentar em frente à escrivaninha. Com os lábios apertados, amaldiçoou silenciosamente o dia em que havia nascido. De má vontade, puxou alguns papéis e tratou de se concentrar no trabalho.

A madrugada se insinuava cinzenta e fria pelas frestas da gelosia quando ele empurrou a cadeira e se levantou, esticando os braços dormentes. Por volta da meia-noite, o médico havia ido visitá-lo a fim de informar que Christine e a criança passavam bem. Mesmo assim, Gareth não fora capaz de subir a escada e falar com a esposa.

Durante aquela noite, que para ele fora a mais difícil de sua vida, Gareth tentara chegar a um acordo consigo mesmo. Mas tudo fora em vão. Vezes sem conta parará com a pena no ar, os olhos perdidos nas chamas dançantes da lareira, o pensamento posto na criança que poderia ser filho de Adam. Ele próprio, e mais ninguém, fora o culpado pelo relacionamento amoroso que se desenvolvera entre o irmão e a esposa. Não havia como jogar a culpa nos frágeis ombros de Christine, uma vez que ela acreditara estar nos braços de Gareth.

— Deus, meu Deus! — sussurrou, esgotado. — Por que não me ajudais?

Correu os dedos pelos cabelos desalinhados, fechando os olhos. Nunca, jamais teria certeza sobre a paternidade daquela criança. Essa situação, porém, não fora criada por Adam, nem por Christine; fora criada por ele, que não fora valente o suficiente para contar a ela sobre a existência do irmão doente.

Não lhe restava, pois, outra alternativa. Por mais que isso o fizesse sofrer, cuidaria da criança como se ela fosse sua — mesmo que Christine pudesse confirmar que o bebê era de Adam. Na realidade, essa confirmação até que seria bem-vinda — pelo menos ele não viveria na ilusão de que o filho era seu. Mas, dadas as circunstâncias e o tempo decorrido, Gareth não alimentava muitas ilusões, e tinha quase certeza de que Christine não saberia dizer de quem era o bebê.

Fosse como fosse, estava resolvido. O inocente teria de ser criado e

tratado como se fosse seu filho, carne de sua carne, uma vez que a responsabilidade era toda sua. Da mesma forma, cuidaria bem da mãe, e por ela velaria. Mais: decidiu que não mais esconderia de Christine o amor que trazia no fundo do coração. Diria, com todas as letras, que a amava, mesmo que outro homem tivesse gerado o bebê.

Os olhos de Christine, secos e ardentes, fixavam-se no teto envolvido pela penumbra. Não tinha mais lágrimas para chorar; apenas um oco enorme e assustador dentro do peito. Sentia-se entorpecida, completamente vazia de emoções, a não ser pelo frio desespero. Quando mais precisara de Gareth, ele a rechaçara com indiferença. Seu marido agira com impecável dignidade, salvando-a da morte certa; mas isso devia-se a seu cavalheirismo, ao seu senso de ética. E nunca porque a amava; isso ficara provado pelo modo distante com que a tratara, uma vez que a vira fora de perigo.

Christine permanecera acordada a noite toda, esperando inutilmente a visita do marido. Agora, sabia apenas uma coisa: não poderia mais ficar em Escarpa Negra. Sua presença, ao que parecia, era um verdadeiro peso para Gareth. E essa sensação era-lhe absolutamente intolerável. Na véspera, quando mencionara o bebê, Gareth fugira do quarto como quem foge de uma doença contagiosa! Fora essa reação que confirmara suas mais temidas suspeitas: ele não a queria, nem ao filho. Mas, cavalheiro como era, jamais a expulsaria de Escarpa Negra. Apenas, trataria com frieza e polida atenção a ambos...

Não, mil vezes não. Para Christine, seria preferível nunca mais vê-lo.

Restava-lhe apenas escolher aonde ir.

— Áustria — murmurou Christine no silêncio da manhã. — Meus pais cuidarão de mim.

Uma tábua rangeu, chamando-lhe a atenção. Ela se sentou e olhou com indiferença para o homem que parava indeciso na soleira, um sorriso incerto e cansado nos lábios. Christine permaneceu triste, sem vontade de retribuir o sorriso.

— Entre, Gareth.

— Desculpe ir entrando assim, mas a porta estava aberta.

— Não há problema.

Ele fechou a porta e se adiantou com passos titubeantes, como que hesitando, coisa que a surpreendeu. Mas Christine se manteve tão fria e distante quanto o marido, forçando-se a não pensar no estranho calor que subitamente a envolvia. Diabo de inglês! Toda a vez que o encontrava, reagia como uma adolescente: os dedos ficavam trêmulos, o coração batia acelerado e o sangue corria mais depressa nas veias.

— Estou contente por vê-la acordada, porque gostaria de conversar um pouco — falou ele, pigarreando.

Ela não respondeu. Mas, quando baixou a vista e viu as mãos tremendo, escondeu-as bem depressa sob o lençol. Sem jeito, Gareth sentou-se na beirada da cama.

— Antes de mais nada, quero lhe pedir desculpas por não ter contado sobre Adam. Meu silêncio quase lhe custou a vida.

— Tudo isso já é passado. Não precisa se desculpar.

— Em minha opinião, eu preciso. Há coisas difíceis de admitir, Christine — murmurou ele, estudando as mãos —, mas se eu lhe tivesse contado a verdade desde o começo, não teríamos um problema tão grande como essa criança que vai nascer.

— Como assim? Não estou entendendo.

Ele passou os dedos pelos cabelos e Christine desviou o olhar. Não e não! Nunca mais cederia àquela vontade quase incontrollável de cobrir de beijos os cabelos de Gareth, tão macios, tão...

— O que estou querendo dizer é que... vou me empenhar a fundo para criar muito bem o filho de Adam.

— Como é que é?! — exclamou Christine, sentando-se muito ereta na cama, os olhos verdes brilhando.

— Ninguém nem sonhará em questionar a paternidade do nenê. Tratarei dele como se fosse meu, juro-o.

Vermelha, Christine pulou da cama, os punhos fechados, avançando na direção do marido:

— Como ousa me insultar desse modo, seu... seu... seu não-sei-o-quê?!

Nunca traí você, nem com seu irmão nem com ninguém mais!

Gareth se ergueu, atarantado com a súbita e inexplicável indignação da mulher.

— Não a estou acusando de traição, Christine. Compreendo muito bem que tenha acreditado que era eu que ia ao seu quarto à noite. Você foi uma vítima, sei disso melhor que ninguém. Vítima da loucura de minha família.

Christine ergueu a mão e estalou uma sonora bofetada na face de Gareth, deixando-a com vergões vermelhos. Ele abafou uma exclamação de dor.

— É muita generosidade de sua parte, Gareth Devlin, não pôr a culpa nos ombros de uma inocente vítima. Mas não se sinta muito superior por isso, meu caro. Em primeiro lugar, não quero saber de gestos generosos. Em segundo lugar, se houvesse qualquer dúvida minha quanto à paternidade deste pobre infeliz, esteja certo de que eu seria a primeira a contar. E em terceiro, fique sabendo que nunca dormi com Adam. Nem sei por que estou me dando ao trabalho de lhe dizer isso, porque você não merece. Ora essa! Você é a pessoa mais insuportável que já conheci em toda a minha vida! Saia já daqui, antes que eu perca a cabeça!

Mas Gareth parecia pregado no chão, o olhar perdido num mar de felicidade. Sem ouvir mais nada, completamente alheio, abobalhado, murmurou:

— Então... essa criança aí que vive debaixo de seu coração... é... é minha?!

— É claro que sim! — Christine confirmou, impaciente. — Mas não se preocupe mais comigo nem com seu filho, está ouvindo? Pretendo deixar Escarpa Negra assim que o doutor Connors me dê alta.

Ele tentou segurá-la, mas teve que desviar o rosto para não receber outro tapa. Segurou-a então pelos braços, obrigando-a a ficar parada e a fitá-lo.

— Você é minha mulher e carrega meu filho. Não vou deixá-la sair desta casa nunca mais!

Christine sentiu o sangue subir-lhe à cabeça.

— Quem é você para me dar ordens? — gritou, desvencilhando-se. — Fique sabendo que não sou sua mulher, em absoluto! E agora, vá cuidar de seus negócios.

Gareth sentiu o golpe. Perguntou, atônito:

— Que está dizendo?

— Que estamos divorciados. Assinei todos os documentos na França.

— Impossível. Só o papa pode anular nosso casamento. Não me venha agora com essa história de divórcio, Christine!

Ela jogou a cabeça para trás, os olhos soltando faíscas.

— A Assembléia legalizou nosso divórcio, Gareth Devim. Você está livre deste peso — disse, apontando para si mesma. — E da criança também.

Gareth não queria acreditar no que ouvia. Christine queria abandoná-lo! E ficaria só novamente, sem ela e sem o filho. Um sentimento muito próximo da fúria brotou em seu íntimo com a violência de um vulcão. A felicidade, que julgara tão próxima, mais uma vez voltava-lhe as costas? Pois ele não permitiria. Não sem lutar com todas as forças de seu ser.

— Ah, não! — reagiu, possesso. — Você não vai, porque eu não vou deixar!

Um fogo de rebeldia brilhou nos olhos de Christine.

— Nem ouse me impedir, porque estou decidida. Vivi um inferno debaixo deste teto. Você não liga a mínima para mim, nem para meu filho... Não, Gareth, não conseguirá me manter aqui. Já tentou uma vez e falhou, lembra-se? Pois falhará de novo. Experimente para ver!

A estas palavras, o castelão compreendeu o grito angustiado e ferido de uma mulher humilhada. "Você não liga para mim", dissera ela?

Tão instantaneamente quanto viera, a raiva se dissolveu num sorriso meigo, que desanuviou o ambiente e o espírito de Christine.

— Nem mesmo meu amor consegue manter você aqui, minha Christine?

Ela piscou e uma lágrima sorradeira brilhou num cantinho de suas pálpebras.

— Porque eu te amo, Christine Devlin. Eu te amo!

— Não diga isso, Gareth. Não agora...Não me faça sofrer mais. Eu não suportaria!

Abatida, vendo suas frágeis defesas desmoronar, Christine baixou a cabeça e desatou num pranto silencioso, amargo, resignado. Gareth acabara

de dizer as palavras mágicas que tanto quisera ouvir. Mas dissera apenas para mantê-la acorrentada a Escarpa Negra, não porque fosse verdade.

— Mas eu estou dizendo a verdade. Eu te amo!

Christine ergueu os olhos temerosos para o marido, assombrada com o efeito que aquela frase produzia nela.

— Eu lhe suplico, não continue. Não vê em que estado me deixam suas palavras? Sei bem que não me ama. Quer me manter aqui para ficar perto de seu filho.

Gareth puxou-a para si suavemente, quase com reverência, e espalmou a mão sobre o ventre arredondado de Christine, sentindo um prazer indescritível ao tocá-lo. Fechou os olhos e beijou-a na testa, depositando nesse beijo toda a ternura do mundo.

— Engana-se, minha francesinha — disse, com voz rouca de emoção. — Eu te amo. Há muito tempo, creio que desde o dia em que a vi discutindo com Hilda no salão. Mas escondi de mim mesmo esse sentimento, porque não queria sofrer. Sabia que perderia você no instante em que lhe contasse sobre Adam, sobre a maldição, sobre a impossibilidade de termos filhos.

A alma de Christine viu-se carregada por ventos selvagens. Timidamente, levantou a mão e acariciou o rosto atormentado do marido.

— Não há maldição, Gareth. É o medo que o faz prisioneiro de si mesmo, não vê? A loucura de Adam residia apenas na cobiça e na inveja. Ele tinha ciúme de você, de sua posição, e fazia uso de sua superstição para manobrá-lo à vontade. Quando ficou sabendo de nosso filho, resolveu nos matar para alcançar seu objetivo, e que era um só: Escarpa Negra.

Gareth estudou cuidadosamente as palavras de Christine, mas ainda não estava totalmente convencido. Vivera muito tempo sob a sombra daquela maldição, e não se desvencilharia tão facilmente dessa crença. Mas, sendo um homem inteligente, curvou-se ante a sabedoria de sua persistente francesinha. Com o tempo, sabia que extirparia para sempre da mente a idéia da terrível maldição.

Suspirou e piscou um olho maroto para Christine.

— Pode ser, mas só há um modo de eu ter absoluta certeza de que a

maldição terminou.

Ela o enlaçou pelo pescoço, os olhos transformados num mar de promessas. Promessas de sol, de luz, de vida.

— E qual é esse modo, senhor meu?

— Uma fada me disse: "Quando palavras de amor sincero forem proferidas, a paz reinará e a honra se restabelecerá".

— Hum... E o que isso quer dizer?

— Que você precisa se casar comigo de novo. Desse modo, teremos honra no casamento. Quanto a palavras de amor sincero, eu já disse. Faltam as suas, Christine.

Ela sorriu e se aconchegou no peito do marido.

— Não sei... Ainda estou em dúvida — disse, provocante, acariciando-lhe a nuca.

— Então, minha feiticeira, sou obrigado a mantê-la prisioneira em Escarpa Negra até que se resolva a quebrar a maldição.

— Deus meu... Acho que não tenho saída! — riu, brincando com os cabelos negros de Gareth. — Então, sou forçada a dizer que te amo, Gareth Devlin. Com todas as forças de meu ser, eu te amo!

Ele riu, feliz, erguendo-a no ar e rodopiando com ela.

— E aceita se casar com o pai de seu filho?

— Aceito, claro que aceito!

EPÍLOGO

O céu espelhava todo o esplendor da manhã de outono quando Christine caminhou pela nave da pequena capela da família Devlin. Seu ventre volumoso não impedia que os passos fossem leves e graciosos, pois que eram os passos de uma mulher na plenitude da felicidade. O marquês de Beauvais assoou discretamente o nariz, enquanto a marquesa chorava, agradecida a Deus. Quando Christine chegou ao altar, Gareth acolheu-a com o sorriso de quem compartilhava a mesma felicidade.

Ajoelharam-se diante do padre, que abençoou uma união nascida do sofrimento, da fé e do amor. E no momento em que proferiram as palavras eternas, o sol jorrou pelos vitrais, inundando-os de uma festa de cores e calor. As sombras do passado foram banidas, para dar lugar ao brilhante futuro que os esperava.

Radiante, Christine ergueu o rosto para o homem que amava, pondo no olhar toda a ternura e veneração que sentia naquele momento.

— Veja, minha Christine — murmurou Gareth. — O sol veio nos trazer um sinal. Nossa vida será brilhante, cheia de cores e alegrias!

E quando o padre os declarou marido e mulher, ela entreabriu os lábios, num convite apaixonado.

FIM